



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**THAÍS FLEURY AVELAR**

**ANÁLISE DA TRADUÇÃO INTERMODAL DE TEXTO ACADÊMICO  
DO PORTUGUÊS ESCRITO PARA A LIBRAS EM VÍDEO**

**FLORIANÓPOLIS**

**2020**

**THAÍS FLEURY AVELAR**

**ANÁLISE DA TRADUÇÃO INTERMODAL DE TEXTO ACADÊMICO DO  
PORTUGUÊS ESCRITO PARA A LIBRAS EM VÍDEO.**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução – PGET, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Estudos da Tradução.

**Orientador:**

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues

**Linha de pesquisa:**

Estudos da Tradução e da Interpretação com enfoque linguístico e/ou multidisciplinar

**FLORIANÓPOLIS**

**2020**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Avelar, Thais Fleury  
Análise da Tradução Intermodal de Texto Acadêmico do  
Português Escrito para a Libras em Vídeo. / Thais Fleury  
Avelar ; orientador, Carlos Henrique Rodrigues, 2020.  
218 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução Intermodal.. 3. Norma  
de Tradução. . 4. Estratégias de Tradução. . 5. Problemas de  
Tradução.. I. Rodrigues, Carlos Henrique . II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Estudos da Tradução. III. Título.

**THAÍS FLEURY AVELAR**

**ANÁLISE DA TRADUÇÃO INTERMODAL DE TEXTO ACADÊMICO DO  
PORTUGUÊS ESCRITO PARA A LIBRAS EM VÍDEO.**

Esta dissertação, em nível de mestrado, foi avaliada e aprovada, em 18 de dezembro de 2020,  
por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues (Orientador)  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Aline Nunes de Sousa  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Regina Campello  
Instituto Nacional de Educação de Surdos

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rachel Louise Sutton-Spence  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Rodrigo Custódio da Silva  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado  
adequado para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Andreia Guerini  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

---

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues  
Orientador

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Deus pelo dom da vida e por ter me guiado em toda minha jornada, pelas suas bênçãos e ter sustentado minha fé até terminar o momento do doutorado: “O Senhor é meu pastor, nada me faltará” (Salmos, 23:1).

Aos professores e direção da Universidade Federal de Goiás (UFG), por aprovarem os três anos de licença-afastamento para que eu me dedicasse ao doutorado na Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC) em Florianópolis-SC.

Aos meus pais, por compreenderem à minha distância e ausência, apoiando-me com seu amor incondicional. Na pandemia, me hospedaram e foram suporte durante a produção final desta tese.

Aos meus amigos, tradutores e intérpretes, surdos e ouvintes, de Florianópolis, por me cativarem pela amizade, contribuindo e me apoiando nesta pesquisa de doutorado.

Aos professores doutores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Aline Nunes de Sousa, Neiva de Aquino Albres e Markus Johannes Weininger, por suas contribuições no exame de qualificação desta tese. De igual forma, agradeço aos membros da minha banca de defesa, que contou uma vez mais com a Prof. Dr. Rodrigo Custódio da Silvia trazendo ricas contribuições e mais ideias para esta pesquisa.

À Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ronice Müller Quadros e à sua equipe por emprestarem seu estúdio de videoconferência e filmadoras para a filmagem das tarefas na pesquisa e, também, gratidão aos participantes.

À orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ronice Müller Quadros, por me acompanhar até a qualificação, quando deixou a PGET, ficando minha orientação a cargo do prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues, a quem tenho muita admiração por ser uma pessoa especial e dedicada, muita gratidão por sua paciência e compreensão comigo, pela sua confiança e pelas suas ricas contribuições em meu doutorado.

*Se aprender é mais do que estudar,  
Se ensinar é mais do que explicar,  
E se é ensinando que se aprende,  
Para ensinar é preciso aprender.*

*Hurtado Albir, 2020, p. 40*

## RESUMO

Nesta tese, apresentamos o desenvolvimento de um estudo que tem como objetivo principal investigar o processo da tradução de um texto acadêmico em português escrito para a Libras em vídeo, realizado por *tradutores-atores* surdos e ouvintes (TASO). A partir da descrição do processo, de seus aspectos operacionais e cognitivos, apresentamos uma análise do modo como os tradutores atuam e das estratégias empregadas por eles. A abordagem segue uma pesquisa empírico-experimental qualitativa, descritiva e exploratória, sobre algumas características processuais relacionadas à tradução intermodal — um processo de tradução envolvendo uma língua vocal-auditiva e outra gestual-visual. Para tanto, investigamos a tradução de um texto escrito em português para a Libras em vídeo, a qual foi realizada por três duplas de TASO. Para as reflexões, contamos com a contribuição teórica de autores, tais como Hurtado Albir (2005, 2011, 2020), Nicoloso (2015), Nord (2016), Rodrigues (2013, 2018), Segala (2010), Souza (2010), Stone (2009), entre outros. As ferramentas para a coleta de dados foram a filmagem da tarefa, registro da tela do computador, protocolos verbais retrospectivos, entrevistas e o texto final com a tradução em Libras. Usamos o ELAN (*EUDICO Language Annotator*) para a transcrição dos dados e anotações favoráveis à análise dos aspectos processuais da tradução intermodal. E para análise dos dados, contamos com categorias relacionadas à estrutura do texto fonte, aos problemas de tradução e à sua solução (NORD, 2016; HURTADO ALBIR, 2011). Concluímos com algumas contribuições significativas para se pensarem as competências tradutória, comunicativa, técnica, entre outras, no par-linguístico português-Libras com relação às questões metodológicas de coleta e análise de dados intermodais e com uma visão de como se dá o processo tradutório do português escrito para a Libras em vídeo em relação aos aspectos linguísticos e extralinguísticos vinculados às especificidades da tarefa tradutória e aos marcos culturais surdos. Por fim, evidenciam-se as estratégias empregadas na realização das tarefas e na resolução de problemas pelo TASO durante a administração do processo e a resolução dos problemas da tradução encontrados.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. Português-Libras. Tradução Intermodal. Estratégias de Tradução. Problemas de Tradução. Norma da Tradução.

## ABSTRACT

In this thesis, we present the development of a study whose main objective is to investigate the process of translating an academic text written in Portuguese to Libras (Brazilian Sign Language) on video, conducted by deaf and hearing *translators-actors* (TASO). From the description of the process and its operational and cognitive aspects, we present an analysis of the mode the translators worked and the strategies which were employed by them. The approach follows a qualitative, descriptive and exploratory empirical-experimental research about some procedural characteristics related to intermodal translation - a translation process involving a visual-gestural and a vocal-auditory. Therefore, we investigated the translation of a written text in Portuguese to Libras on video, which was performed by three TASO pairs. For reflections, we count with the theoretical contribution of authors, such as Hurtado Albir (2005, 2017, 2020), Nicoloso (2015), Nord (2016), Rodrigues (2013, 2018), Segala (2010), Souza (2010), Stone (2009), among others. The tools for data collection were the footage of the task, record of the computer screen, retrospective verbal protocols, interviews and the final text with the translation in Libras. ELAN (EUDICO Language Annotator) was used for the transcription of data and notes favorable to the analysis' procedural aspects of intermodal translation. And for data analysis, we count categories related to the structure of the source text, translation problems and their solution (NORD, 2016; HURTADO ALBIR, 2017). We conclude with some significant contributions to think about the translational, communicative and technical competencies, among others, in the Portuguese-Libras linguistic pair in relation the methodological issues of collection and analysis of intermodal data and with a vision of how it goes the translation process of Portuguese written for Libras on video in relation to linguistic and extralinguistic aspects linked to the specifics of the translation task and to deaf cultural marks. In the end, become evident the strategies employed in realization out the tasks and of the resolution of the problems by TASO during the administration of the process and the resolution of the translation problems encountered.

**Keywords:** Translation Studies, Portuguese-Libras, intermodal translation, translation problems.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapeamento dos Estudos da Tradução de acordo com Holmes (1972/1998).....	31
Figura 2 – Interseção dos campos disciplinares e a localização dos ETILS.....	35
Figura 3 – Modelo holístico da competência tradutória do PACTE (2003) .....	57
Figura 4 – Esquema da noção de estratégias de Chesterman (1997) .....	65
Figura 5 – Sinal de antropomorfismo da autora Betty Lopes .....	72
Figura 6 – Etapa A .....	75
Figura 7 – Etapa B.....	76
Figura 8 – Etapa C .....	78
Figura 9 – Etapa D, primeira parte, coleta de dados TAP's .....	79
Figura 10 – Etapa D, segunda parte, entrevista .....	80
Figura 11 – Interface do ELAN .....	84
Figura 12 – Sinal para “antropomorfismo” .....	118
Figura 13 – Mapa estrutural feito por TAO6 .....	120
Figura 14 – Dupla A – TAS1: sinal INCORPORAR .....	161
Figura 15 – Dupla B – TAO3: sinal ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO .....	162
Figura 16 – Dupla C – TAS5: sinal ANTROPOMORFISMO.....	162

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças relacionadas à tradução e à interpretação .....	29
Quadro 2 – Diferenças entre a tradução intermodal e a interpretação intermodal .....	40
Quadro 3 – Normas Surdas de Tradução .....	44
Quadro 4 – Categorias de competências específicas na formação de tradutores .....	59
Quadro 5 – Problemas de tradução: Nord (2016) e Hurtado Albir (2011) .....	62
Quadro 6 – Fatores extratextuais e fatores intratextuais por Nord (2016) .....	66
Quadro 7 – Trilhas do ELAN .....	86
Quadro 8 – O questionário e suas partes .....	90
Quadro 9 – Perfil dos TASO .....	92
Quadro 10 – Estruturação do TF a partir dos elementos do seu gênero textual .....	104
Quadro 11 – Fatores extratextuais e fatores intratextuais do TF .....	105
Quadro 12 – Categorização de possíveis problemas de tradução .....	108
Quadro 13 – Dupla A: TAS1 e TAS2 .....	112
Quadro 14 – Dupla B: TAO3 e TAO4 .....	113
Quadro 15 – Dupla C: TAS5 e TAO6 .....	114
Quadro 16 – TAP 1: Dupla A: os dois tradutores-atores surdos TAS1 e TAS2 .....	127
Quadro 17 – TAP 2: Dupla B: o tradutor-ator ouvinte TAO3 e a tradutora-atriz TAO4 .....	130
Quadro 18 – TAP 3: Dupla C: a tradutora-atriz surda TAS5 e a tradutora-atriz TAO6 .....	134
Quadro 19 – A entrevista: suas questões.....	138
Quadro 20 – Respostas à questão 01 da entrevista semiestruturada .....	140
Quadro 21 – Respostas à questão 02 da entrevista semiestruturada .....	141
Quadro 22 – Respostas à questão 03 da entrevista semiestruturada .....	143
Quadro 23 – Respostas à questão 04 da entrevista semiestruturada .....	144
Quadro 24 – Respostas à questão 05 da entrevista semiestruturada .....	147
Quadro 25 – Respostas à questão 06 da entrevista semiestruturada .....	149
Quadro 26 – Respostas à questão 07 da entrevista semiestruturada .....	151
Quadro 27 – A tradução da temática e contextualização .....	155
Quadro 28 – A tradução da justificativa .....	157
Quadro 29 – A tradução da delimitação do tema .....	159

Quadro 30 – A tradução do objetivo do estudo .....	163
Quadro 31 – Tradução da metodologia e fundamentação teórica .....	165
Quadro 32 – Tradução da conclusão .....	167

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Busca de apoio externo, interno e preparação .....	123
Tabela 2 – Histórico dos tempos gastos por três duplas .....	124
Tabela 3 – TAP's por cada participante com duração .....	126
Tabela 4 – Total de sinais e duração do TA .....	168

## LISTA DE ABREVISTURAS E SIGLAS

CT – Competência Tradutória

ELAN – *Eudico Language Annotator*

EI – Estudos da Interpretação

ET – Estudos da Tradução

ETILS – Estudos e Interpretação de Língua de Sinais

ETLL – Equipe de Tradução de Letras-Libras

LA – Língua Alvo

LF – Língua Fonte

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LS – Língua de Sinais

PGET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

TA – Texto Alvo

TAP's – Protocolos Verbais (*Think-aloud Protocols*)

TASO – Tradutores-Atores Surdos e Ouvintes

TCLE – Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido

TF – Texto Fonte

TI – Tradução Intermodal

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>19</b>
2.1 A questão da pesquisa .....	19
2.2 A pesquisa e seus objetivos .....	19
2.3 Organização da tese.....	22
<b>3 O CAMPO DISCIPLINAR DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO .....</b>	<b>25</b>
3.1 Panorama dos estudos da tradução e dos estudos da interpretação.....	25
3.2 Os Estudos da Tradução e da Intepretação de Língua de Sinais – ETILS .....	33
<b>4 A TRADUÇÃO E A INTERMODALIDADE .....</b>	<b>36</b>
4.1 Norma Surda da Tradução.....	42
4.1 Noções de equivalência, adaptação e tradução cultural.....	45
<b>5 COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA, PROBLEMAS E ESTRATÉGIAS DA TRADUÇÃO .....</b>	<b>55</b>
5.1 Estudos sobre a competência tradutória .....	55
5.2 Problemas e estratégias da tradução .....	60
<b>6 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>67</b>
6.1 O planejamento da coleta de dados: definindo o desenho-experimental .....	69
<b>6.1.1 Os participantes .....</b>	<b>70</b>
<b>6.1.2 O texto fonte .....</b>	<b>72</b>
<b>6.1.3 A tarefa .....</b>	<b>74</b>
<b>6.1.4 A coleta de dados .....</b>	<b>75</b>
<b>6.1.5 A transcrição dos dados – ELAN .....</b>	<b>80</b>
6.2 A construção de instrumentos de coleta de dados .....	88
<b>6.2.1 O questionário .....</b>	<b>88</b>
<b>7 ANÁLISE DE DADOS – ATUAÇÃO DE TRADUTORES-ATORES DE PORTUGUÊS-LIBRAS .....</b>	<b>91</b>
7.1 O perfil dos participantes: três duplas de TASO de português-Libras .....	91
7.2 O texto fonte: gênero, problemas de tradução e desafios .....	104
7.3 A realização e o registro das etapas da tarefa .....	110
7.4 A gravação da tela do <i>Notebook</i> .....	115
7.5 Os protocolos verbais retrospectivos (TAP's) .....	125
7.6 Os dados da entrevista semiestruturada .....	138
7.7 Triangulação e análise de dados .....	153
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>170</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>177</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>185</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta tese, apresentamos a pesquisa de doutorado realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) com foco na descrição e análise de aspectos processuais relacionados à tradução de textos acadêmicos, por surdos e ouvintes, do português escrito para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em vídeo.

Os dados para a pesquisa são constituídos de traduções em vídeo produzidas por tradutores-atores<sup>1</sup> surdos e ouvintes (nomeados doravante como TASO), por meio de um estudo empírico-experimental. Como definem Quadros e Souza (2008, p. 172), “esse processo tradutório é completamente novo, pois, envolve um texto escrito de uma língua falada no país e um texto ‘oral’ sinalizado na Língua Brasileira de Sinais”.

Nesse caso, os TASO traduzem os textos escritos em português para Libras em vídeo, valendo-se da tecnologia de filmagem. Como a Libras é uma língua gestual-visual que precisa ser vista pelo outro, sua produção está nos movimentos do corpo do tradutor-ator no espaço: em seus braços, mãos, tronco e expressões faciais. Assim, é possível afirmar que o corpo visível do *tradutor* o leva a assumir uma *performance* também de *ator* (AVELAR, 2010; QUADROS, SOUZA, 2008; SOUZA, 2010). As investigações da tradução do português escrito para a Libras em vídeo mostram a existência de efeitos de modalidade de língua sobre a tradução, já que o tradutor se apresenta como um ator com seu corpo diretamente implicado no ato de tradução e, conseqüentemente, em seu registro.

Posicionar-se em frente à câmera e gravar a tradução pressupõem determinadas habilidades e conhecimentos específicos. Assim, os tradutores que trabalham a partir de um texto escrito em português, como língua fonte (LF), tendo como finalidade a construção de um texto em Libras, em sua versão sinalizada (“oral”), como língua alvo (LA), são também atores. Segundo Souza (2010, p. 174), o termo *tradutor-ator* é usado como referência “à impossibilidade de separar o texto de sua expressão corporal em sinais, ou, de forma ainda mais afim a essa identificação que fazemos do tradutor de Língua de Sinais (LS), *não há como separar o texto de sua encenação*”.

Ao considerar a singularidade da atividade dos TASO que atuam no par linguístico

---

<sup>1</sup> “Um ator ou uma atriz é a pessoa que cria, interpreta e representa uma ação dramática, que pode ser gravada em vídeos; o tradutor é a pessoa que desenvolve a atividade de tradução, que abrange a interpretação do significado de um texto de uma língua para outra língua, caso seja, da língua portuguesa para LIBRAS ou vice-versa” (AVELAR, 2010, p. 12-13).

português-Libras, entendemos que uma investigação empírico-experimental do processo pode contribuir muito com o entendimento dessa atividade que envolve a leitura de um texto em português escrito seguida da reformulação desse texto por meio da Libras-em-uso, em sua sinalizada. Como explica Pagano (2001, p. 9), as pesquisas empírico-experimentais em tradução tomam a noção de experimento como “uma situação controlada, em que as coisas não acontecem como na vida real do tradutor”, portanto, “a observação do fenômeno tradutório sob essa percepção do experimental aponta para uma crescente maturidade nas reflexões metodológicas nos Estudos da Tradução”.

Com essa compreensão de “situação controlada”, decidimos coletar os dados por meio, principalmente, da realização de um experimento — uma tarefa executada por diferentes duplas de TASO, a qual é devidamente registrada por meio de filmagem, gravação da tela do *notebook*, usado pelos profissionais para o seu trabalho, e coleta de protocolos verbais retrospectivos (TAP's).

Além disso, nos valem da aplicação de questionários e da realização de entrevistas semiestruturadas. Para a transcrição de dados, optamos pela utilização do *software* ELAN (EUDICO Language Annotator). E como embasamento teórico, assumimos as perspectivas dos Estudos da Tradução (ET), com o intuito de identificar os aspectos que caracterizam a tradução intermodal (TI) do português escrito para a Libras em vídeo e de definir categorias capazes de contribuir com nossa análise desse processo tradutório singular.

É importante mencionar que, durante a realização do Mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tive oportunidade de atuar como tradutora na equipe de tradução do curso de Letras-Libras. Por ser surda, contribuía no processo de discussão sobre a percepção e as estratégias adotadas por indivíduos surdos na tradução do português escrito para a Libras em vídeo. Minha experiência apontou a necessidade de aprofundamento nos estudos sobre o tema. Um primeiro estudo resultou em minha pesquisa de Mestrado, intitulada *A Questão da Padronização Linguística de Sinais nos Atores-tradutores Surdos do Curso de Letras-Libras da UFSC*.

Na pesquisa atual, aprofundamos as discussões sobre o tema com uma abordagem mais processual, seguindo uma perspectiva empírico-experimental. Essa proposta de pesquisa doutoral foi reforçada por minha atuação como docente do Ensino Superior nos cursos de

Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras da Universidade Federal de Goiás (UFG), já que em minha atividade docente tenho, mais uma vez, me deparado com a necessidade de aperfeiçoamento da formação de professores, também de tradutores e de intérpretes, bem como com a demanda por mais estudos sobre a tradução português-Libras.

Estou confiante de que esta pesquisa traz contribuições ao ensino de TI no espaço acadêmico, já que pode incentivar e aperfeiçoar métodos e práticas de ensino, assim como de pesquisas, levando discentes e docentes a pensar a respeito dos processos tradutórios intermodais, sobretudo aqueles que partem do português escrito tendo como texto final a Libras em vídeo.

Ao observar melhor o ensino de tradução e de interpretação intermodais no Brasil, notamos que a TI ainda é pouco estudada e, portanto, apresenta muitos desafios relacionados à forma de se traduzir do português escrito para a Libras em vídeo, assim como os procedimentos mais profícuos e às estratégias mais adequadas. Embora tenhamos muitos estudos e pesquisas sobre a interpretação intermodal, não são muitas as pesquisas sobre a tradução não escrita que envolve uma língua oral-auditiva escrita e uma língua de sinais.

Acredito que se deve traduzir para que o público-alvo, nesse caso o público surdo, possa compreender de forma clara e com o menor esforço possível. Para que isso ocorra, a tradução deve considerar, por exemplo, os usos e significados culturais partilhados pelos surdos. Caso contrário, alguns surdos podem não entender o que está traduzido em sua língua, já que os sinais podem ser empregados como mera reprodução de frases em português sem construírem o sentido necessário em Libras.

Algumas pesquisas no campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) têm apontando a existência de uma normativa surda no processo tradutório/interpretativo. É o que conclui Christopher Stone no livro publicado com base em seu trabalho de doutoramento, *Toward a deaf translation norm*, em 2009. Esse conjunto de normas mapeadas na *performance* de TASO parece evidenciar uma aproximação muito maior com o público-alvo e com a estrutura da LA do que comumente tem se aplicado em outras traduções do mesmo gênero. Em parte, as complementações que permitem uma aproximação com o mundo/visão do surdo são inseridas no texto traduzido. Investigar os procedimentos tradutórios aplicados por esse grupo específico e, até mesmo por ouvintes, pode permitir a formação de uma sistematização da norma que possibilite construir procedimentos de referência para tradutores e pesquisadores.

Portanto, considerando-se a singularidade do processo tradutório intermodal do português escrito para a Libras em vídeo e a existência das normas surdas, apontadas por Stone (2009), realizamos um estudo de caráter empírico-experimental capaz de nos permitir analisar o processo tradutório intermodal em busca daqueles aspectos que possam contribuir para uma melhor compreensão desse processo e para o desenvolvimento de uma tradução de melhor qualidade, capaz de atender às atuais demandas da comunidade surda e de orientar o ensino de tradução nos cursos de formação de professores e também de tradutores e de intérpretes de LS.

## **2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

### **2.1 A QUESTÃO DA PESQUISA**

Para a construção da pesquisa, partimos da seguinte questão: como os tradutores-atores de português-Libras conduzem o processo de tradução do texto escrito para o texto sinalizado? Nesse sentido, perguntamos também quais estratégias os tradutores-atores de português-Libras empregam durante esse processo de tradução intermodal e de que forma essas estratégias estabelecem um conjunto coerente de normas aplicadas por esse grupo específico de profissionais?

É importante explicar que essa questão geral, apresentada acima de duas maneiras diferentes, é apenas um ponto de partida para a descrição e análise do grande número de fatores que constituem a tradução e se mostram relevantes para o resultado esperado, os quais estão materializados no mencionado processo e, também, no produto desta prática.

### **2.2 A PESQUISA E SEUS OBJETIVOS**

A Libras foi reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira com a promulgação da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Em 2005, essa Lei de Libras foi regulamentada por meio do Decreto 5.626/2005 e inúmeras ações passaram a ser propostas em diversas esferas sociais, inclusive com vistas ao acesso dos surdos e das pessoas com deficiência auditiva, à saúde, educação, cultura e entretenimento em Libras. Essas ações têm demandado a tradução e a interpretação do português para a Libras e vice-versa. Além disso, criou-se na UFG, onde atuo, assim como em outras instituições do país, o curso de Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português: Bacharelado, onde a tradução e a interpretação da Libras passam a ser alvo sistemático de estudo e pesquisa. No entanto, é importante destacar que a Libras sempre esteve em contato com o português, por dividirem o mesmo espaço territorial e, portanto, os fenômenos da tradução e da interpretação sempre estiveram presentes.

A tradução e a interpretação são uma peça fundamental na sociedade atual que se propõe ser multicultural e inclusiva. Consequentemente, o estudo e a pesquisa em tradução são fundamentais para a garantia dessa proposta. Na prática, o papel das traduções para a Libras foi decisivo na instauração e implementação do curso de Letras-Libras da UFSC no ano de 2006.

Neste curso, vários materiais da área de Linguística e Educação foram traduzidos para a Libras. Em 2008, surgiu o primeiro curso de Bacharelado em Letras-Libras, com o objetivo de formar tradutores e intérpretes de português-Libras. Por ser uma área nova, ainda há muito a ser pesquisado e desenvolvido.

Por isso, é de extrema importância que os profissionais que trabalham com a Libras, mesmo não sendo tradutores e intérpretes, conheçam e se apropriem das teorias e técnicas da tradução que poderão ser úteis a eles para traduzir materiais do português para a Libras e, assim, usar os textos traduzidos como recurso didático para o ensino em Libras. Entretanto, sabe-se que o fato de ser bilíngue (no nosso caso, português e Libras) não significa que a pessoa está habilitada a ser tradutor(a) ou intérprete dessas línguas.

Hurtado Albir (2005, p. 19) afirma que “embora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui competência tradutória”. Portanto, há um conjunto de conhecimentos e habilidades que é especializado, formando a competência tradutória que se manifesta em tradutores e intérpretes, sendo que eles conseguem traduzir de uma maneira que outros falantes bilíngues que não são tradutores não conseguem, por falta de competência para tradução.

Outro aspecto importante é que a tradução e a interpretação envolvem bem mais que aspectos linguísticos, são fenômenos cognitivos, comunicativos, textuais e sociais que tem força política e cultural, como observa Venuti (1998, p. 176): “a tradução forma identidades culturais particulares e as mantém com um grau relativo de coerência e homogeneidade, mas também cria possibilidades de mudança, inovação e resistência cultural em qualquer momento histórico”.

No Brasil, a introdução dessa área específica, de tradução e interpretação de textos em português escrito para a Libras em vídeo, no campo disciplinar dos ETILS, é considerada recente. Além disso, poucos são os registros de estudos referentes ao papel desses profissionais, TASO de LS, no desenvolvimento e na difusão dessa língua. Por isso, é importante conhecer de maneira formal e científica o trabalho e a atuação dos TASO de LS, a fim de fazer com que essa profissão possa se desenvolver e conquistar, cada vez mais, seu espaço dentro da academia.

Essas pesquisas podem proporcionar aos TASO de LS e aos pesquisadores da área de tradução e interpretação algumas reflexões acerca da atuação e desempenho profissional do

tradutor, bem como sobre o ato de traduzir de/para LS e sobre a competência tradutória intermodal. Conforme explicado por Hurtado Albir (2005, p. 25), “a competência tradutória é pouco estudada, a maneira como se adquire esta competência é ainda menos explorada”. Portanto, é importante ao tradutor a aquisição e o desenvolvimento de competência tradutória para que ele possa traduzir satisfatoriamente um texto fonte (TF) em português, escrito ou oral, para o texto alvo (TA) em Libras.

Embora existam significativas pesquisas relacionadas à tradução e à interpretação em línguas de sinais, não há muitas que fazem um estudo do processo tradutório intermodal. Considerando-se isso, podemos ver a importância acadêmica e social de realizarmos esta pesquisa de caráter empírico-experimental sobre a TI do português escrito para Libras em vídeo feita por TASO.

Nosso intuito é melhor conhecer como os TASO: (a) lidam com a diferença de modalidade de uso das línguas (i.e., uma língua vocal-auditiva escrita e com uma língua gestual-visual sinalizada); (b) tomam decisões e usam estratégias para solucionar problemas durante o processo de TI; e (c) evidenciam uma norma de tradução do português escrito para a *performance* em Libras registrada em vídeo. Dito de outro modo, nosso objetivo principal é investigar o processo de tradução de um texto acadêmico em português escrito para a Libras em vídeo, realizado por TASO, com vistas à compreensão desse processo intermodal e dos elementos necessários a uma tradução capaz de atender às atuais demandas da comunidade surda, tais como as estratégias empregadas e uma possível norma de tradução.

Desse objetivo central, decorrem alguns outros específicos: (i) diferenciar os processos de tradução e de interpretação que são interlinguísticos-intermodais; (ii) identificar e compreender as características do processo tradutório intermodal do português escrito para a Libras; (iv) analisar elementos e aspectos gerais referentes à tradução do texto acadêmico, realizada por TASO; (v) identificar e analisar as técnicas e estratégias de tradução empregadas pelos TASO; e (vi) identificar elementos capazes de orientar o ensino de tradução nos cursos de formação de professores, de tradutores e de intérpretes de português-Libras.

Para alcançarmos esses objetivos, contamos com a contribuição teórica de autores como Aubert (1998), Alves (2001), Hurtado Albir (2005, 2011, 2017), Jakobson (1975), Nicoloso (2015), Nord (2016), Pagano (2001), Rodrigues (2013, 2018), Segala (2010), Souza (2010), Stone (2009), dentre outros teóricos dos ET e dos ETILS. As reflexões desses autores fazem parte do desenvolvimento e avanço de pesquisas no campo dos ET e dos da Interpretação (EI). Algumas delas envolvendo uma área que ainda não foi devidamente explorada, isto é, a área da

tradução não escrita para a Libras.

Portanto, acredita-se que o tema escolhido, relevante para os ETILS, contribui com o avanço da área e com a ampliação do número de pesquisas já realizadas, visto que hoje ainda há poucas pesquisas sobre a tradução de/para Libras, principalmente em relação à TI do português escrito para a Libras em vídeo.

Finalizando essa parte, acreditamos que o desenho experimental produzido, nesta pesquisa, para a coleta de dados processuais da tradução de textos escritos em português para a Libras, vai servir como orientação a futuras pesquisas. A seguir, abordamos o campo disciplinar dos ET e dos EI, assim como as pesquisas no âmbito dos ETILS.

### 2.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE

A estrutura desta tese está organizada da seguinte forma: duas seções iniciais, a saber, “Introdução” e “Caracterização da pesquisa”, como se pode ver acima, seguida das seguintes seções: “O Campo Disciplinar dos Estudos da Tradução”; “A Tradução e a Intermodalidade”; “Competência Tradutória, Problemas e Estratégias da Tradução”; “Aspectos Metodológicos da pesquisa”; “Análise de dados – Atuação de Tradutores-Atores de Português-Libras” e “Considerações Finais”, acompanhadas das “Referências” e dos “Anexos”. Esses tópicos se subdividem internamente a fim de melhor organizar a apresentação e a estruturação do texto.

Na Introdução, como se pode ler acima, apresenta-se de forma breve e objetiva, a pesquisa proposta, incluindo a apresentação geral da temática e a justificativa da pesquisa. Em seguida, a caracterização da pesquisa inclui os objetivos e a pergunta de pesquisa correspondendo ao segundo capítulo da tese.

O terceiro capítulo, denominado “O Campo Disciplinar dos Estudos da Tradução”, possui a finalidade de traçar um panorama dos campos disciplinares dos ET e dos EI, mais especificamente dos ETILS, apresentando as características desses campos e suas particularidades, como, por exemplo, demonstrando as diferenças relacionadas à tradução e à interpretação. Tendo como referência alguns mapeamentos propostos para o campo dos ETILS, apresentam-se pesquisas em tradução e em interpretação de línguas de sinais já consolidadas.

No quarto capítulo, “A Tradução e a Intermodalidade”, as discussões abarcam questões referentes à tradução e à intermodalidade, manifestando as diferenças entre a tradução intermodal e a interpretação intermodal e suas implicações com a finalidade de refletir e problematizar essa atividade quando relacionada à (inter)modalidade de diferentes línguas, no caso da língua vocal e da língua de sinais, relacionadas com a atividade tradutória intermodal, a fim de impulsionar discussões sobre a norma Surda de tradução, as noções de equivalência, adaptação e tradução cultural e entre outras.

No quinto capítulo, “Competência tradutória, Problemas e Estratégias da tradução”, partem-se das propostas descritas por Hurtado Albir (2011, 2020) e por Nord (2016) com sua aplicação à tradução para a Libras, abrangendo as principais definições que serviram de fundamento às reflexões aqui apresentadas. Assim, abordam-se os estudos sobre a competência tradutória com base no PACTE (2003), apresentando categorias de competências específicas da formação de tradutores. Da mesma forma, apresentam-se as propostas e as perspectivas teóricas de problemas e estratégias da tradução, fazendo uma análise da tradução do português escrito para a Libras em vídeo dos TASO que envolvem a reformulação entre línguas de diferentes modalidades: de uma língua vocal-auditiva escrita para outra gestual-visual em vídeo, bem como possíveis vestígios de tradução intermodal, manifestando suas contribuições a esta pesquisa.

No sexto capítulo, “Aspectos Metodológicos da Pesquisa”, tem-se a definição da metodologia empregada na pesquisa de forma mais detalhada, faz-se uma reflexão teórica para a identificação e análise dos aspectos gerais que envolvem a tradução do português escrito para a Libras em vídeo. Além da concepção de uma pesquisa empírico-experimental, apresenta-se o planejamento da coleta de dados, definindo-se o desenho-experimental, considerando a especificidade da tradução entre a escrita do português e a Libras em vídeo, a partir dos seguintes tópicos: (i) o perfil dos participantes; (ii) o TF; (iii) a tarefa e suas etapas; (iv) as formas de produção e registro dos dados (filmagem da tarefa, gravação da tela do *notebook* usado durante a tradução e coleta dos TAP's com sua filmagem); bem como (v) as formas de transcrição e análise dos dados processuais. Por fim, define-se e se analisa o *software* ELAN como opção para a transcrição dos dados.

No capítulo seguinte, “Análise de dados – Atuação de Tradutores-Atores de Português-Libras”, descreve-se qualitativamente e quantitativamente o detalhamento dos resultados através do esboço do desenho experimental com suas etapas elaboradas, analisando: a estruturação do texto fonte do resumo acadêmico como um gênero específico; os problemas de tradução e os desafios enfrentados; a realização e o registro das etapas da tarefa; gravação da

tela com seus registros; os dados de protocolos verbais TAP's; as entrevistas com as discussões; e, finalizando, a triangulação e análise dos dados especificamente com base em problemas e estratégias da tradução. Para concluir a tese, tecem-se as Considerações Finais, seguidas das Referências e dos Anexos.

### 3 O CAMPO DISCIPLINAR DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Há muito a se conceituar sobre a tradução, de várias formas e por meio de aspectos diferentes. Neste capítulo, vamos apresentar a interface dos Estudos da Tradução (ET) e dos Estudos da Interpretação (EI) em relação à TI, ou seja, aos processos tradutórios que se dão entre uma LS e uma língua vocal. Primeiramente, abordam-se os conceitos de tradução e de interpretação, bem como seus desdobramentos em um panorama histórico; em seguida, o campo dos ETILS, resumidamente.

Na seção 3.1, abordaremos conceitos de tradução e de interpretação, assim como um panorama histórico do campo disciplinar, a fim de entender o percurso realizado pela pesquisa sobre a tradução até o presente momento. Na seção seguinte (3.2), enfocaremos algumas concepções e especificidades no âmbito dos ETILS.

#### 3.1 PANORAMA DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E DOS ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO

Os ET e os EI estão correlacionados, uma vez que abordam a translação entre língua e culturas (i.e., reformulação interlingual intercultural). De modo geral, tradutores e intérpretes trabalham com processos interlinguísticos, reformulando a mensagem de uma língua com os meios de outra, de maneira que exista uma comunicação mútua entre os falantes dessas diferentes línguas, no nosso caso entre surdos sinalizantes de Libras e ouvintes não sinalizantes. Entretanto, cada um desses profissionais lida com processos distintos, se apresenta com características diferentes e, por sua vez, demandam uma formação específica.

Considerando isso, é primordial apresentar o campo disciplinar geral em que esta pesquisa se introduz nos ET e, até mesmo, nos EI, mais especificamente na área de tradução de LS. Partindo de Baker (1998), Nicoloso (2015, p. 41), afirma que os ET são “um campo de conhecimento acadêmico que procura investigar a tradução como um todo; para ela [Baker, 1998] o termo tradução refere-se à interpretação, à legendagem, à dublagem, à tradução literária e não literária”. Antes de mencionar as discussões sobre os ET e os EI, são desenvolvidas algumas reflexões referentes ao tema proposto para a pesquisa: a tradução de texto escrito em

português para a Libras em vídeo, processo que precisa ser abordado sob os aspectos que caracterizam e definem a tradução intermodal.

Pode-se considerar que a palavra tradução, de acordo com Pereira,

é o termo geral que se refere a transformar um texto a partir de uma língua fonte, por meio de vocalização escrita ou sinalização, em outra língua meta. A diferenciação é feita, em um nível posterior de especialização, quando se considera a modalidade da língua para qual está sendo transformado o texto. Se a língua meta estiver na modalidade escrita trata-se de uma tradução; se estiver na modalidade vocal (também chamada de oral) ou sinalizada (presenciais ou de interação imediata), o termo utilizado é interpretação. (PEREIRA, 2008, p. 136).

Como podemos ver no excerto acima, cada língua envolvida na tradução ocupa uma posição diferente, ou seja, se traduz algo de uma LF — língua de saída ou língua de origem — para uma LA — língua de chegada ou língua meta. É como a passagem de um texto de uma língua a outra, um processo de reformulação interlinguística. Nesse sentido, o processo de tradução interlinguística envolve a reformulação de um texto original (ou TF) em um texto meta (ou TA), como ocorre com a tradução literária de *Romeo and Juliet*, em inglês britânico, para o português brasileiro como *Romeu e Julieta*.

A visão de Ladmiral (1979, p. 15) sobre o tema revela que há uma convergência linguística pertencente à tradução, no sentido mais amplo, caracterizada pela “mediação linguística”, que translada uma informação entre pessoas falantes de línguas diferentes, pois, “a tradução faz passar uma mensagem de uma língua de partida, ou língua-fonte, para uma língua de chegada, ou língua-alvo”.

Além disso, Pereira (2008) demonstra que a tradução pode ser vista a partir de dois entendimentos: como tradução escrita, que teria a língua meta em sua modalidade escrita, ou como interpretação, que teria a língua a oral ou sinalizada como língua meta. Portanto, na visão da autora, a “tradução oral” não seria uma tradução, propriamente dita, e, sim, uma interpretação.

George Steiner (2005) conta que os primórdios da tradução são algo muito antigo, pois,

o fato de que milhares e milhares de línguas diferentes e mutuamente incompreensíveis foram e são falados em nosso pequeno planeta é uma expressão clara do enigma profundo da individualidade humana, da evidência biogenética e biossocial de que não existem dois seres humanos inteiramente iguais. O evento de Babel confirmou e externalizou a interminável tarefa do

tradutor. (GEORGE STEINER, 2005, p. 72).

Esse exemplo se aplica a atividade tradutória que aponta a necessidade de estabelecimento da interação entre distintos povos e/ ou grupos sociais não falantes de uma mesma língua. Do mesmo modo, isso ocorre com línguas de modalidades diferentes, como é o caso da tradução que se dá entre as línguas de sinais das comunidades surdas e as línguas vocais faladas pela sociedade ouvinte, de modalidades, respectivamente, gestual-visual e vocal-auditiva. Independentemente da aproximação teórica, temos que a tradução/interpretação é essencial à comunicação dos seres humanos, já que existem inúmeras pessoas em contato que são falantes de línguas diferentes.

Quanto à interpretação, podemos considerar, a exemplo do que fazem Guerini e Costa (2006), que ela teria surgido desde o primeiro contato entre povos de línguas diferentes. Essa necessidade de estabelecimento da comunicação, com base na transposição de informações entre línguas diferentes, desempenhou um papel fundamental nas trocas comerciais e culturais. De modo geral, podemos usar esse exemplo como sendo o marco de origem da tradução oral, mais conhecida como interpretação. Assim, historicamente falando, era conhecido como intérprete quem fazia a tradução oral, ou seja, a interpretação, e como tradutor quem fazia a tradução escrita.

Diante disso, fica evidente que a interação humana — ou seja, o estabelecimento da comunicação — em contextos que envolvem o contato entre falantes de línguas diferentes ocorre por meio da interpretação ou mesmo da tradução. Oustinoff (2011, p. 7) conta que “a tradução é um campo bem mais amplo, antes de se transformar em assunto para tradutores ou intérpretes, ela constitui, em seu próprio princípio, uma operação fundamental da linguagem”. Assim, Oustinoff (2011) reconhece a existência de diversas modalidades de tradução: dentre as escritas, existem a tradução literária, a jornalística e a técnica; já no grupo das traduções orais, está a interpretação simultânea e consecutiva, por exemplo, feitas por intérpretes.

Sobre a interpretação simultânea — também chamada por alguns autores de tradução simultânea — Magalhães (2007, p. 44) explica que “o intérprete vai repetindo na língua de chegada cada palavra ou ideia apresentada pelo palestrante na língua de partida”. Quanto à interpretação consecutiva — chamada por alguns de tradução consecutiva —, segundo o mesmo autor, “a pessoa que tem a palavra faz pausas periódicas em sua fala, a fim de permitir que o intérprete faça o traslado da língua original (língua-fonte ou língua de partida) à língua dos ouvintes (língua-meta ou língua de chegada)” (MAGALHÃES, 2007, p. 44).

Nicoloso (2015) afirma que atividades de tradução e de interpretação foram e têm sido tratadas como correlacionadas. De acordo com as concepções tradicionais sobre interpretação, Leite (2004, p. 44) explica que “consideram a tradução da fala como equivalente à tradução da escrita”. Diante disso, nesta pesquisa, nos dedicamos a identificar algumas diferenças entre estes dois conceitos — tradução e interpretação — para melhor entendermos os aspectos que definiriam cada uma dessas atividades cognitivas.

Apesar da existência de particularidades nas atividades dos tradutores e dos intérpretes, o que exige formação distinta e adequada às características operacionais e cognitivas de cada um dos serviços de reformulação interlinguística, diversos autores consideram e abordam a tradução e a interpretação como profissões “gêmeas”. Nessa perspectiva, Seleskovitch (1978) explica que se

essas profissões gêmeas [tradução e interpretação] têm o mesmo objetivo, atuam com base nos mesmos princípios e são — ou podem ser — baseadas na mesma teoria. [...] A Tradução converte um texto escrito em outro texto escrito, enquanto a Interpretação converte uma mensagem oral em outra mensagem oral. Essa diferença é crucial (SELESKOVITCH, 1978, p. 2).

Sobre a mesma reflexão, mencionada por Seleskovitch (1978), Rodrigues (2013) destaca o fato de que a mera dicotomia entre textos escritos, como sendo o fator de definição de tradução, e textos orais, como sendo o aspecto característico da interpretação, seria insuficiente, visto que outras características atreladas ao como o texto se apresenta ao tradutor/intérprete, ao modo de produção da tradução/ interpretação, entre outros, devem ser consideradas na definição e distinção entre processos tradutórios e interpretativos. Realmente, ambos os processos podem envolver línguas de sinais e, portanto, serem caracterizados como intermodais (i.e., que se dão entre uma língua de modalidade gestual-visual e outra de modalidade vocal-auditiva).

Rodrigues (2018b) organizou um quadro sistematizando as diferenças entre tradução e interpretação (Quadro 1), ambas vistas como processos linguísticos, comunicativos, cognitivos, culturais e textuais com uma finalidade social determinada, assim como defende Hurtado Albir (2011). As diferenças operacionais e cognitivas entre a tradução e a interpretação seriam:

**Quadro 1 – Diferenças relacionadas à tradução e à interpretação**

	<b>Tradução</b>	<b>Interpretação</b>
<b>Competências e habilidades linguísticas</b>	Priorização daquelas requeridas para lidar com a modalidade escrita: habilidades de leitura e de escrita.	Priorização daquelas requeridas para lidar com a modalidade falada: habilidades de escuta e de fala.
<b>Definição do ritmo em que se dará o trabalho</b>	O profissional define seu ritmo sem ou com pouca pressão de tempo.	O autor da fala impõe seu ritmo ao profissional que precisa ajustar-se a ele.
<b>Apresentação do texto-fonte</b>	O texto está disponível em um suporte, pode ser relido e o profissional pode circular por ele o quanto precisar.	O texto está em fluxo constante e, na maioria dos casos, não pode ser visto novamente nem repetido, ainda que o profissional necessite.
<b>Modo de realização do trabalho</b>	É possível interromper o trabalho ou mesmo organizá-lo em partes.	É quase impossível interromper, protelar ou fragmentar o trabalho.
<b>Uso de apoio externo (materiais e outros recursos)</b>	Pode-se buscar apoio externo em glossários, em dicionários, em colegas e em outras traduções.	Há pouco ou nenhum apoio externo; recorre-se basicamente ao suporte da memória ou, imediatamente, ao parceiro de trabalho, ainda que de forma limitada.
<b>Possibilidade de correção antes da entrega</b>	Há possibilidade de se revisar o texto integralmente e fazer ajustes e alterações.	Não há como realizar nenhuma alteração sem que o público a veja.
<b>Aspectos situacionais da atividade</b>	Contexto limitado centrado no local de trabalho do tradutor.	Contexto múltiplo, desde os intrassociais até os internacionais.
<b>Utilização de tecnologia</b>	Indispensável, não se pode abrir mão de ferramentas e materiais para registrar a escrita.	Dispensável; em alguns casos pode ocorrer sem nada mais que o próprio corpo.
<b>Contato com o público do trabalho</b>	Contato indireto, mínimo ou inexistente, muitas vezes, com um grande lapso temporal em relação ao momento de produção da tradução.	Contato direto, significativo e efetivo, com a presença do público no momento da realização da interpretação.

Fonte: Rodrigues (2018b, p. 303-304, tradução da autora).

As diferenças relacionadas à tradução e à interpretação, apresentadas acima (Quadro 1), são resultado da própria evolução conceitual do campo disciplinar dos ET e dos EI. No decorrer da história, vemos que as traduções escritas e as orais, com *status* de mecanismo de ligação entre indivíduos, deixaram de ser apenas atividades sociais para se tornarem objetos de investigação acadêmica. Assim, atualmente, temos o amadurecimento desses dois campos disciplinares, os quais, cada vez mais, aprofundam suas pesquisas teóricas e aplicadas sobre a tradução e a interpretação.

No entanto, é importante mencionar que não existe uma descrição teórica tão antiga da tradução em si, pois os estudos científicos no campo disciplinar dos ET e EI são bem recentes, tornando-se mais comuns e recorrentes apenas em meados do século XX. Hoje, esses campos possuem um crescente número de trabalhos acadêmicos referentes à interpretação e/ ou à tradução, inclusive aos processos tradutórios e interpretativos envolvendo LS, os quais são ainda mais recentes. Essas pesquisas sobre tradução e interpretação de/ entre/ para línguas de sinais tratam também de aspectos culturais, conceituais, teóricos e metodológicos (LUCHI, 2013, NICOLOSO, 2015; SOUZA, 2010; RIGO, 2013; VASCONCELLOS, 2010; entre outros) e, por sua vez, caracterizam e constituem o que conhecemos como os ETILS (RODRIGUES e BEER, 2015).

Vasconcellos (2010) anunciou a filiação acadêmica das pesquisas envolvendo línguas de sinais ao campo disciplinar dos ET. A autora cita o trabalho de Pagano e Vasconcellos (2003), o qual apresenta um mapeamento das pesquisas do campo dos ET no Brasil. Ela parte de Holmes (1972), que teria sido o primeiro a traçar um mapa do campo dos ET, cita também o mapeamento de pesquisas da área, apresentado por Williams e Chesterman (2002), no qual, pela primeira vez, as LS seriam mencionadas diretamente em “Tipos Especiais da Interpretação: Interpretação de Língua de Sinais”. Além disso, há uma menção à catalogação feita pela Editora St. Jerome, na qual a interpretação de línguas de sinais aparece em “Estudos da Interpretação/ Interpretação de Línguas Sinalizadas” (VASCONCELLOS, 2010, p. 121).

Souza (2010), como base no estudo bibliométrico das pesquisas sobre a interpretação de LS, seguindo Grbic (2007), considera que “ao longo da história da pesquisa no campo das línguas de sinais, tem sido comum encontrar mais pesquisas a respeito da interpretação de língua de sinais que sobre os procedimentos tradutórios envolvendo línguas de modalidades diferentes, como o português e a Libras” (SOUZA, 2010, p. 28). Diante dessa constatação, vemos que tem sido mais comum pesquisar a interpretação envolvendo línguas de sinais do que a tradução propriamente dita, mesmo porque a atividade mais comum ainda tem sido a interpretação para a LS.

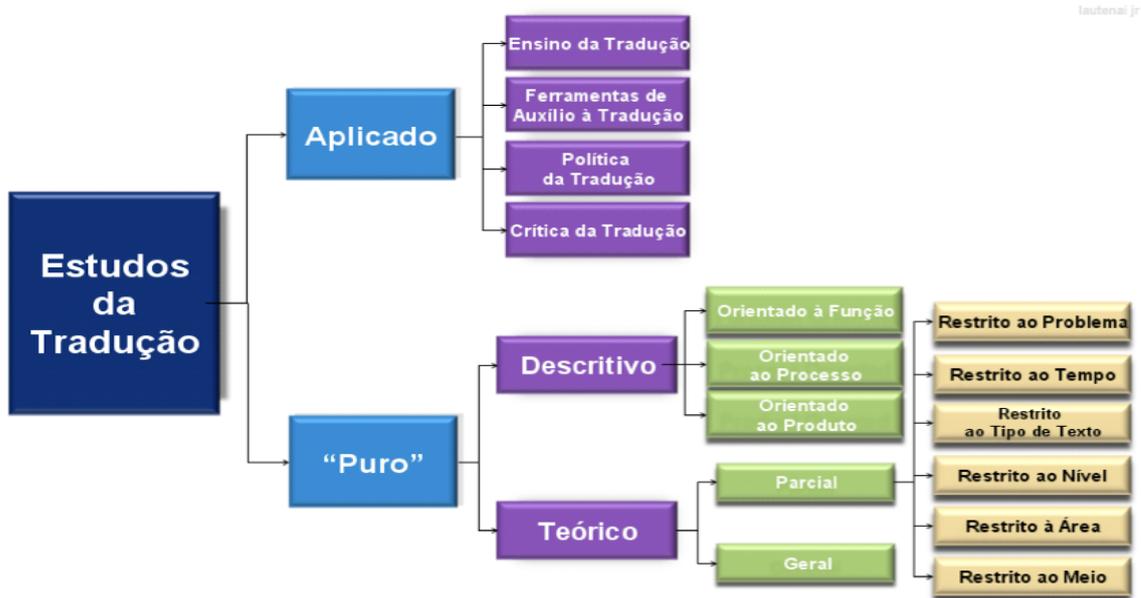
Holmes (1972) foi um dos responsáveis pela definição do campo disciplinar como ET com seu texto intitulado *The name and nature of Translation Studies*<sup>2</sup>, o qual foi apresentado

---

<sup>2</sup> Em 1972, Holmes apresentou seu trabalho oralmente em um evento com o título *The name and nature of Translation Studies* [O nome e a natureza dos Estudos da Tradução], que foi publicado somente em 1988, ou seja, 16 anos depois (NICOLOSO, 2015, p. 52).

no congresso de Linguística Aplicada em Estocolmo, no ano de 1972. Esse tem sido considerado o marco inicial dos ET, o qual apresenta o primeiro mapeamento da disciplina nascente de forma sistematizada. Holmes possibilita uma visão organizada das atividades de pesquisas sobre a tradução ao subdividir os ET por ramos: (i) estudos aplicados (voltados para a prática) e (ii) estudos puros (estudos teóricos e descritivos) (VASCONCELLOS, 2010, p. 124). A figura 1 traz a proposta de mapeamento de Holmes (1972) para o novo campo disciplinar, traduzido por Vasconcellos (2010, p.125).

Figura 1 – Mapeamento dos Estudos da Tradução de acordo com Holmes (1972/1988)



Fonte: Vasconcellos (2010).

Assim como apresentado acima (Figura 1), o campo disciplinar dos ET apresentado por Holmes (1972) se divide em dois ramos que indicam as características das pesquisas, a saber: (1) Estudos Aplicados, que se subdividem em Ensino da Tradução, Ferramentas de Auxílio à Tradução e Crítica da Tradução; e (2) Estudos Puros, que se subdividem em Descritivos – orientado à função, ao processo e ao produto; e Teóricos, subdivididos em Gerais e em Parciais – restrito ao problema, ao tempo, ao tipo de tema, ao nível, à área e ao meio.

Rodrigues (2013, p. 18-19) explica que os estudos puros — descritivos e teóricos — e aplicados são distinguidos de acordo com o seu foco, com sua proposta e com seus objetivos. Nesse sentido, os estudos puros têm o duplo objetivo de descrever como o fenômeno tradutório ocorre (estudos descritivos) e de desenvolver princípios para descrever e explicar tais fenômenos (estudos teóricos). Já os estudos aplicados compreendem aqueles que se destinam

especificamente às aplicações práticas voltadas, muitas vezes, à formação de tradutores e intérpretes e às ferramentas de auxílio à tradução.

Vasconcellos (2010, p. 128) explica, no que se refere à proposta de mapeamento dos ET segundo Williams e Chesterman (2002), que teríamos pelo menos doze diferentes áreas de pesquisa em Tradução: (1) Análise de Texto e Tradução; (2) Avaliação de qualidade da tradução; (3) Tradução de gênero; (4) Tradução multimídia; (5) Tradução e tecnologia; (6) História da Tradução; (7) Ética da tradução; (8) Terminologia e Glossários; (9) Interpretação; (10) Processo da tradução; (11) Ensino de tradução; e (12) O profissional de tradução.

Pode-se dizer que, em termos de reconhecimento de um campo disciplinar específico, primeiramente, consolidaram-se os ET e, posteriormente, os EI. Como explica Rodrigues (2013, p. 21), num primeiro momento a interpretação — tradução oral humana — foi considerada como uma subárea específica dentro dos ET e, embora as pesquisas em interpretação também fossem comuns, elas só foram aceitas como compondo o campo científico dos EI depois disso (PÖCHHACKER, 2009).

Quanto aos EI, em termos acadêmicos, um de seus mais proeminentes pesquisadores atualmente, Pöchhaker (2009), reivindica uma identidade própria, um objeto singular e uma cobertura específica. Pereira (2014, p. 49) complementa que, em diversas obras de Pöchhaker, há “considerações sobre o estatuto dos Estudos da Interpretação dentro dos Estudos da Tradução e sobre a conveniência, ou não, de serem tomados como áreas de estudos separadas”. Pöchhaker (2009), portanto, destaca a importância de um campo disciplinar específico para as pesquisas sobre a interpretação e sobre o interpretar, o qual teria seu surgimento concomitante ao dos ET. Assim, os EI, assim como os ET, teriam surgido

na segunda metade do século XX, embora seu reconhecimento só tenha ocorrido nos fins desse século, na década de 1990. Na segunda metade do século XX, os profissionais da área de interpretação passaram a refletir acerca de sua própria prática interpretativa, descrevendo-a com o objetivo de contribuir com as futuras gerações de intérpretes. Além disso, apropriaram-se de contribuições da psicologia, a partir da década de 1960, possibilitando a investigação de aspectos cognitivos do processo de interpretação e, conseqüentemente, impulsionando a consolidação e o avanço de pesquisas em interpretação. (RODRIGUES, 2013, p. 24).

No campo dos EI, tal como no dos ET, há distintas ideias e modelos teóricos que os caracterizam e os singularizam. Rodrigues (2013, p. 25), com base em Pöchhaker (2009),

pondera que no campo dos EI, assim como nos dos ET, alguns dos principais aspectos teóricos dos EI são: (1) interpretação como tradução; (2) texto e discurso; (3) processamento cognitivo; e (4) mediação intercultural. Nesse sentido, os objetivos de pesquisa, os enfoques e as teorias dos EI em relação aos ET são distintos.

Após essa apresentação dos campos disciplinares, na próxima seção, enfocaremos os ETILS, já mencionados acima.

### 3.2 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS – ETILS

A partir do apresentado nas seções anteriores, pode-se perceber as mudanças, os deslocamentos e os desdobramentos dos ET e dos EI. Para esclarecer a filiação acadêmica desta pesquisa, é necessário mencionar a presença de pesquisas sobre a interpretação e a tradução de/ entre/ para línguas de sinais nacionalmente. Esse caminho passa pelos mapeamentos de Pagano e Vasconcellos (2003), desde a sistematização de Holmes (1988), seguida pelas áreas de pesquisa de Williams e Chesterman (2002) e, na área da tradução e interpretação de línguas de sinais, pela bibliometria de Grbic (2007), pela proposta de Vasconcellos (2008) e pelos mapeamentos de Pereira (2010) e de Santos (2013).

Na visão de Vasconcellos (2008, p. 8), a descrição da área esboçada por Williams e Chesterman (2002), já apresentada a interpretação de/ para línguas de sinais, a qual aparece como um tipo especial de interpretação, a saber, a interpretação de línguas de sinais e/ ou a interpretação para surdos, como já dito antes. Souza (2010) conforme Vasconcellos (2008) continua com o seguinte pensamento:

tem-se a noção das subcategorias vinculadas à interpretação que foram propostas por William e Chesterman (2002), de forma que, segundo ela, para eles, de forma que, segundo ela, para eles, na categoria da interpretação, podem ser desenvolvidas pesquisas sobre estudos cognitivos, comportamentais, linguísticos, sociológicos, sobre ética e história, estudos sobre o treinamento de intérpretes, sobre a avaliação da qualidade e ainda pesquisas sobre *tipos especiais de interpretação*, como é o caso da interpretação de línguas de sinais (SOUZA, 2010, p. 33).

Considerando a constituição do campo disciplinar dos ETILS, Vasconcellos (2008) menciona alguns enfoques acadêmicos no campo da interpretação/ tradução envolvendo línguas

de sinais no decorrer dos anos:

- Em 1997: foi publicado um volume do periódico canadense META, especialmente dedicado à Interpretação de Língua de Sinais.
- Em 2002: foram publicados dois artigos sobre Interpretação de Línguas de Sinais na obra *Interpreting Studies Reader*, de Pöchhacker e Shlesinger.
- Em 2005: aconteceu a publicação da primeira obra inteiramente dedicada à Interpretação de Língua de Sinais da Editora John Benjamins.
- Em 2007: a Editora St. Jerome lançou o periódico *The Sign Language Translator and Interpreter – SLTI*, contribuindo assim para a localização e filiação acadêmica dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais no campo dos Estudos da Tradução.

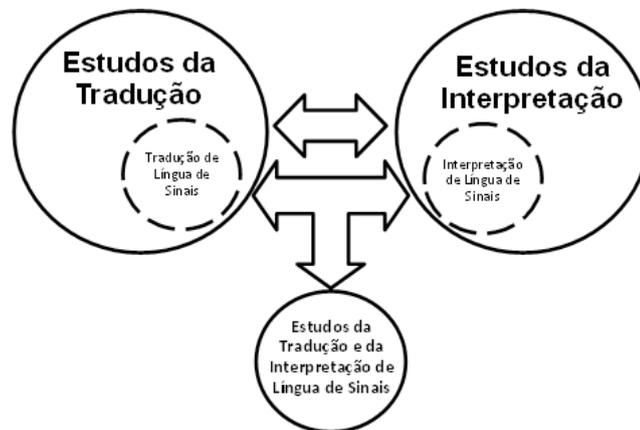
Como dito por Vasconcellos (2008) e por Rodrigues (2013, p. 21-22), a Editora St. Jerome, especializada em ET e Estudos Interculturais, qualifica suas publicações com base em 27 áreas: (1) Tradução Audiovisual e Multimídia; (2) Tradução Bíblica e de textos religiosos; (3) Bibliografias; (4) Interpretação em contextos comunitários e de prestação de serviços; (5) Interpretação Simultânea e de Conferências; (6) Estudos Contrastivos e Comparados; (7) Estudos baseados em Corpus; (8) Interpretação Legal e Jurídica; (9) Avaliação e controle de qualidade; (10) História da Tradução e Interpretação; (11) Estudos Interculturais; (12) Estudos da Interpretação; (13) Tradução Literária; (14) Tradução Automática e auxiliada pelo computador; (15) Trabalhos em categorias múltiplas; (16) Estudos do processo tradutório; (17) Metodologia de Pesquisa; (18) *Interpretação em Língua de Sinais*; (19) Tradução técnica e especializada; (20) Terminologia e Lexicografia; (21) Tradução e gênero; (22) Tradução e ensino de língua; (23) Tradução e Política; (24) Tradução e indústria de prestação de serviços linguísticos; (25) Políticas de Tradução; (26) Teoria da Tradução e (27) Formação de Tradutores e Intérpretes. Vemos que uma dessas áreas (18) menciona diretamente às línguas de sinais. Entretanto, não há, por questões sociais e históricas, menção direta às pesquisas sobre a tradução de/entre/para línguas de sinais, uma área recente e em crescente expansão.

Rodrigues e Beer (2015), no artigo intitulado *Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: novo campo disciplinar emergente?*, reforçam a filiação dos ETILS aos campos dos ET e dos EI e destacam a importância do desenvolvimento e amadurecimento desse emergente campo disciplinar. Segundo os autores,

[...] embora não haja uma referência à tradução ou à interpretação de línguas de sinais no mapeamento de Holmes, é possível localizá-las nele. Já no de Williams e Chesterman não vemos referência direta à tradução em língua de sinais. A ausência dessa referência à tradução de línguas de sinais está relacionada a aspectos históricos e teóricos já que a interpretação de línguas de sinais, socialmente demandada, logrou gradualmente seu reconhecimento social e acadêmico, e as discussões teóricas sobre a tradução de línguas de sinais são bem mais recentes, assim como sua visibilidade social. (RODRIGUES E BEER, 2015, p. 21).

Diante do exposto, temos que o campo emergente dos ETILS tem vinculação direta aos ET e aos EI. A seguir (Figura 2), temos a representação proposta por Rodrigues e Beer (2015) para a vinculação dos ETILS com os ET e os EI.

**Figura 2 – Interseção dos campos disciplinares e a localização dos ETILS**



Fonte: Rodrigues e Beer (2015, p. 23).

Nesse contexto, para além da emergência, afirmação e consolidação dos ETILS, temos: (1) o surgimento de cursos de graduação voltados à formação de tradutores e de intérpretes de português-Libras; (2) a realização de eventos acadêmicos para intercâmbio de pesquisas; (3) a criação de núcleos e grupos de pesquisas com enfoque na tradução e na interpretação envolvendo línguas de sinais; (4) a ampliação de pesquisadores na pós-graduação abordando a tradução e a interpretação de/ entre/ para línguas de sinais; (5) a promulgação de uma legislação específica; (6) a criação e consolidação de associações profissionais, dentre outras ações ligadas aos ETILS. Outro aspecto importante é o crescente número de publicações — livros, capítulos e artigos — trazendo o resultado de pesquisas sobre o tema. Tudo isso é resultado de uma grande e explícita transformação no modo de se conceber às línguas de sinais e às comunidades surdas mundialmente e no Brasil.

## 4. A TRADUÇÃO E A INTERMODALIDADE

Percebemos que o conceito de tradução tem sido abordado a partir de diferentes olhares e perspectivas teóricas. Podemos dizer que, de maneira geral, a tradução abrange a transferência/ reformulação/ re-expressão de material textual, de significados, de uma língua para outra língua como, por exemplo, do inglês para o português. Jeremy Munday explica que definir tradução é fundamental e “[...] está longe de ser simples: ela pode ser entendida como um processo de tornar um texto de uma língua para outra; um produto (um texto traduzido); ou como um assunto em si (por exemplo, ‘tradução cultural’)” (MUNDAY, 2010, p. 421).

Essa transferência textual entre línguas distintas é, portanto, um “[...] processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua e que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada” (HURTADO ALBIR, 2005, p. 41). Essa definição aborda a tradução que chamamos de interlinguística, mas temos também os processos tradutórios intralinguísticos, intersemióticos e, até mesmo, intrasemióticos.

Roman Jakobson afirma que “o nível cognitivo da linguagem não só admite, mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução” (1975, p. 70). A partir dessa compreensão, ele conceitua três tipos específicos de tradução (JAKOBSON, 1975):

- (1) a *tradução intralingual*, que também pode ser definida como *reformulação*, a qual consiste na interpretação dos signos verbais *por meio de outros signos da mesma língua*, como, por exemplo, traduzir uma palavra culta usada pelos adultos para criança que não entenderia seu significado. Nas palavras de Jakobson, “a tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa [...]” (1975, p. 65).
- (2) a *tradução interlingual*, também conhecida como *tradução propriamente dita*, consiste na interpretação dos signos verbais *por meio de alguma outra língua*, como, por exemplo, traduzir um texto estrangeiro para português, ou vice-versa. Como comenta Jakobson:

[...] ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de códigos separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. (1975, p. 65).

- (3) a *tradução intersemiótica*, também denominada de *transmutação*, a qual consiste na interpretação dos signos verbais *por meio de sistemas de signos não-verbais*, ou de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, ou para a dança, ou mesmo um texto literário para um filme ou um teatro.

Essa tipologia da tradução nos mostra bem a amplitude do conceito. Além disso, vemos que a tradução é uma atividade complexa que envolve tanto questões linguísticas como não linguísticas necessárias para se recodificar um texto de uma língua, por exemplo, com os meios de outra, no caso da tradução ou da interpretação interlinguística. Portanto, a tradução, assim como a interpretação, é um processo comunicativo, textual, cognitivo e social, como nos alerta Hurtado Albir (2005).

Embora nossa pesquisa envolva a abordagem do processo de tradução intermodal não escrita, português-Libras, e não de interpretação, consideramos importante não só diferenciar esses dois processos, como já iniciamos acima, mas também definir e caracterizar o que seria a TI do português escrito para a Libras registrada em vídeo.

Uma primeira aproximação da definição de interpretação indica que “o termo interpretação deve ser entendido como o oferecimento oral de processos comunicativos interlinguísticos, incluindo interpretação consecutiva e simultânea, enquanto o termo tradução abrange o modo escrito de oferecimento de texto interlinguístico” (ALVES, PAGURA, 2002, p. 74). Para Pagura,

[...] chamamos de tradução a conversão de um texto escrito em uma língua, denominada língua de partida, para uma outra, designada língua de chegada; consideramos interpretação a conversão de um discurso oral, de uma língua de partida para uma língua de chegada. A tradução é escrita e a interpretação é oral. (PAGURA, 2015, p. 183).

Partindo de uma compreensão semelhante, Lacerda (2009) e Quadros (2004) afirmam que as tarefas de tradução e de interpretação se diferenciam entre si. Essas autoras destacam o fato de o processo de interpretação, ou mesmo de tradução, envolver línguas de modalidade vocal-auditiva e/ ou gestual-visual. Segundo Quadros,

[...] a interpretação, sempre envolve as línguas faladas/sinalizadas, ou seja, línguas nas modalidades orais-auditivas e espaço-visuais. Dessa forma, pode haver “a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais”. (QUADROS, 2004, p. 09).

Para além das definições limitadas à dicotomia entre texto escrito e texto oral, na diferenciação de tradução e interpretação, consideramos que o “oferecimento efêmero” e a “produção imediata” podem nos ajudar na definição e singularização da interpretação em relação à tradução (PÖCHHACKER, 2004; RODRIGUES, 2013). Portanto, entendemos, assim como Pöchhacker, que a interpretação é “[...] uma forma de Tradução em que a versão inicial e final em outra língua é produzida com base no tempo de oferecimento de um enunciado na língua fonte” (2004, p. 11 apud tradução de RODRIGUES, 2013, p. 36).

Assim, temos que o intérprete trabalha com a língua em uso, com a enunciação, atuando na interpretação simultânea que é o processo de interpretação de uma língua para outra, acontecendo simultaneamente à produção do texto original, ou na interpretação consecutiva longa, que é o processo de interpretação de uma língua para outra que acontece após a produção do enunciado original, na qual o intérprete ouve/vê o enunciado em uma LF, toma notas, e depois oferece o texto na outra língua. Enquanto o processo de tradução demanda o texto já pronto em um suporte (em um papel, em um formato digital, em vídeo etc.), a interpretação lida com o texto assim que ele vai sendo produzido.

Com base nessa distinção entre a tradução e a interpretação, podemos melhor conceituar esses processos quando envolvem uma LS. Portanto, assim como explica Rodrigues (2013), temos os processos intramodais, aqueles que acontecem entre línguas de uma mesma modalidade, e os processos intermodais, aqueles que acontecem entre línguas de modalidades distintas. Assim, a interpretação/ tradução envolvendo duas línguas de modalidade vocal-auditiva (Inglês-Português, Espanhol-Português etc.) ou duas línguas de modalidade gestual-visual (ASL-Libras, Libras-BSL etc.) é considerada uma interpretação interlinguística-intramodal. Por outro lado, um processo de interpretação/ tradução envolvendo uma língua vocal-auditiva (oral ou escrita) e outra gestual-visual (Libras-Português, Espanhol-ASL, BSL-Inglês etc.) é uma interpretação interlinguística-intermodal.

É importante mencionar aqui que a modalidade de uma língua, segundo McBurney,

[...] pode ser definida como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais a fonética de uma língua se realiza. Existem sistemas diferentes de produção e percepção. Para as línguas orais a produção conta com o sistema vocal e a percepção depende do sistema auditivo. Línguas orais podem ser categorizadas, portanto, como sendo expressas na **modalidade vocal-auditiva**. Línguas de sinais, por outro lado, dependem do sistema

gestual para a produção e do sistema visual para a percepção. Portanto, línguas de sinais são expressas na **modalidade gesto-visual**. (2004, p. 351, grifos e tradução de RODRIGUES, 2013, p. 43-44).

Assim, com base no conceito de modalidade de língua, podemos concluir, portanto, que as línguas de sinais são de modalidade gestual-visual, pois são produzidas por um sistema gestual e recebidas pela visão. Vemos que a Libras, inclusive, é definida na Lei 10.436/2002, como uma forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico é de natureza visual-motora, ou seja, de modalidade gestual-visual.

Em relação às características específicas, temos que as línguas de sinais possuem seus mecanismos espaciais e corporais de produção, os quais contribuem com a simultaneidade dessas línguas, para seu caráter mais sintético, para o enriquecimento dos sinais com informações gramaticais etc. (BRITO, 2010; QUADROS, KARNOPP, 2004; RODRIGUES, 2013; entre outros).

Ao abordar a tradução entre uma língua vocal-auditiva e outra gestual-visual, Segala (2010) enquadra essa tradução no que, segundo ele, seria o campo dos efeitos de modalidade que se referem ao impacto da modalidade gestual-visual sobre às línguas de sinais ou sobre os processos tradutórios e interpretativos. Em suas palavras, “a recodificação de uma mensagem originalmente produzida em Libras (língua gestual-visual) para o Português (língua oral-auditiva), enquadra-se no que vem sendo chamado de tradução intermodal ou, mais especificamente, *efeitos de modalidade*” (SEGALA, 2010, p. 27, grifos do autor).

Considerando o processo de tradução do português escrito para a Libras registrada em vídeo, objeto de nossa reflexão e pesquisa, Quadros e Souza (2008) afirmam que nesse tipo de processo,

[...] a língua fonte (LF), portanto, é a Língua Portuguesa escrita e a língua alvo (LA), é a Língua Brasileira de Sinais na sua versão oral. Entende-se oral em como a língua na sua forma de expressão oral, no caso específico das Línguas de Sinais, expressão em sinais. Como as modalidades das línguas envolvidas são diferentes, percebem-se efeitos de modalidade. (QUADROS e SOUZA, 2008, p. 3).

Os tradutores e intérpretes, surdos ou ouvintes, que lidam com processos intermodais terão, necessariamente, que lidar com os efeitos de modalidade, não somente sobre as línguas de sinais, mas, também, sobre os processos tradutórios e interpretativos. Rodrigues destaca que “a única diferença [em relação aos tradutores e intérpretes intramodais], talvez, resida no fato

de que o tradutor e o intérprete de LS transita entre diferentes modalidades, o que traz algumas implicações, também, à atuação tradutória ou interpretativa” (2013, p. 44).

É importante que se considere algumas diferenças entre a TI e a interpretação intermodal. Vejamos o quadro 2 apresentado por Rodrigues (2018b, p.308).

**Quadro 2 – Diferenças entre a Tradução Intermodal e a Interpretação Intermodal**

<b>TRADUÇÃO INTERMODAL</b>	<b>INTERPRETAÇÃO INTERMODAL</b>
Atividade menos comum que a interpretação e que, gradativamente, tem ganhado mais espaço e destaque, principalmente, no ambiente acadêmico.	Atividade bem comum e, inclusive, responsável pela visibilidade das línguas de sinais nos Estudos da Tradução e nos Estudos da Interpretação.
Frequentemente, os materiais traduzidos de/para línguas de sinais apresentam o texto alvo junto ao texto fonte (muitas vezes, destaca-se a legendagem em sinais ou em língua oral escrita ou a dublagem ou um tipo de <i>voice-over</i> etc.).	Frequentemente, o texto alvo é apresentado diante do público sem uso de cabines ou equipamentos tecnológicos (salvo em grandes eventos que usam a projeção do intérprete em telões e, em casos, em que o produto final é na língua oral e, assim, pode-se usar as cabines e seus equipamentos).
Como a língua de sinais não possui um sistema de escrita consolidado e difundido socialmente, utiliza-se sua versão falada registrada em vídeo em diversos processos tradutórios, tornando o tradutor visível.	Como a língua de sinais é gesto-visual, o intérprete apresenta-se fisicamente diante do público, estando sempre visível.

Fonte: RODRIGUES, 2018b, tradução da autora.

Vale mencionar que os tradutores surdos brasileiros têm se dedicado bastante à TI do português escrito para a Libras, uma forma de tradução em que o TA não está escrito. Muitas vezes, esse texto traduzido para a Libras em vídeo acompanha o TF em português. Assim como apontado acima (Quadro 2), a TI tem crescido significativamente e, inclusive, tem sido, cada vez mais, desempenhada por tradutores surdos.

Se seguirmos uma perspectiva mais funcionalista da tradução, podemos entender o que o tradutor é o produtor do texto em Libras para a comunidade surda, já “que se apropria da intenção do emissor ou do iniciador para produzir um instrumento comunicativo para a cultura alvo, ou um documento para a cultura alvo a partir de uma comunicação da cultura fonte” (NORD, 2016, p. 33).

Enfim, é importante esclarecer que na tentativa de refletir sobre a tradução de LS na presente pesquisa, passo por alguns autores em suas tentativas de definição do conceito de

tradução. Entendendo a tradução em seu sentido geral, sem diferenciá-la da interpretação, podemos dizer que de maneira geral o tradutor/ intérprete trabalha com textos, ou seja, busca os sentidos e significados de textos que estão em uma língua e cultura para reconstruí-los em outra língua: uma reformulação interlinguística com vistas à comunicação.

A tradução de sentido, por exemplo, mencionada por Dolet (2006, p. 199), envolve a necessidade de se apropriar de conhecimentos que abrangem a compreensão do significado de um texto de uma língua para construí-lo em outra língua — no caso desta pesquisa, do português para a Libras. Os cinco princípios definidos por esse autor foram: (1) entender perfeitamente o sentido e a matéria do autor a ser traduzido; (2) conhecer perfeitamente a língua do autor e traduzi-la com o mesmo padrão de excelência na língua a que se propõe fazê-lo; (3) não traduzir palavra por palavra; (4) usar palavras de uso corrente; e (5) observar a harmonia do discurso.

Esses princípios demonstram a responsabilidade do tradutor tanto em seu processo de compreensão do TF quanto de retextualização do TA, como descreve Sousa (2010, p. 21),

o conceito de tradução adotado é o que consiste numa nova produção textual, vinculada a uma produção textual anterior, sendo que, em novo contexto, em uma nova língua. Isto é, compreende-se a tradução como uma retextualização, pois, um texto traduzido se relaciona, no mínimo, ao conteúdo ideacional do texto de partida textualizado anteriormente em outra língua.

Para além de abordagens mais focadas nos aspectos linguísticos e textuais, temos a importância da relação entre a língua e a cultura, a qual é mencionada por Bassnett (2005, p. 35), quando diz:

além da noção enfatizada pela abordagem estritamente linguística, esta tradução envolve a transferência do ‘significado’ contido em um conjunto de signos de linguagem em outro conjunto de signos de linguagem através do uso competente do dicionário e da gramática, o processo envolve também um conjunto completo de critérios extralinguísticos.

Nesse sentido, podemos afirmar que os autores de correntes diversas concordam quanto à importância de se considerar a tradução como um processo no qual os textos são compreendidos e reformulados com base nos meios de outra língua e cultura. Assim, como já indicamos acima, a tradução é um processo comunicativo, interpretativo, cognitivo, social e textual que trabalha com sentidos compartilhados entre textos em diferentes línguas.

Ao tratar da TI do Português para a Libras, Segala (2010) menciona estratégias tradutórias propostas por Venuti (1998): *domesticação*, *estrangeirização* e, também, *tradução minorizante*. Ao tratar da tradução domesticadora, Segala (2010, p. 46) esclarece que

há traduções em que se fazem adaptações que podem ser observadas quando se lê o original e o texto traduzido. As traduções, de certa forma, adaptam as marcas culturais e sociais do original, para que elas possam ser “lidas” em outra língua. Quem lê a tradução, se sente satisfeito porque os elementos culturais e sociais do original são adaptados para a sua língua, ou seja, os vestígios da língua original estão diluídos na tradução. E a leitura da tradução é compreensível e prazerosa.

Ainda conforme Segala, com base na proposta de Venuti (1998), a tradução domesticadora busca a invisibilidade das marcas linguísticas e culturais da língua original. E, por outro lado, a tradução estrangeirizadora conserva as características da cultura da língua-fonte. Sobre essa estratégia, Segala (2010, p. 48) explica que

qualquer texto, oral ou escrito, traduzido para outra língua sem a preocupação da domesticação vai ser percebido como traduzido. Nessas traduções, o leitor percebe que o texto foi traduzido, pois o tradutor deixa vestígios da língua (palavras, frases etc.) e da cultura originais.

A tradução estrangeirizadora favorece o acesso à cultura estrangeira. Por outro lado, a domesticadora elimina os vestígios da cultura estrangeira. Para Venuti (1998), há imperfeições nessas duas estratégias. A tradução minorizante, proposta por Venuti (1998) para atenuar as imperfeições das estratégias domesticadora e estrangeirizadora, tem o cuidado de manter as características da língua-fonte, mas é adaptada para a língua-alvo. Sobre a tradução minorizante, Segala (2010, p. 50) explica que neste tipo de tradução,

o tradutor tem de tomar muito cuidado para ler e adaptar a tradução de maneira a transmitir sutilmente características específicas da cultura, da sociedade e do momento histórico em que o original foi produzido, para que o leitor do texto traduzido apreenda essas características e sinta-se satisfeito.

#### 4.1. NORMA SURDA DE TRADUÇÃO

Souza (2010), ao abordar performances de TI, apresenta em meio às suas análises a norma Surda<sup>3</sup> de tradução assim como proposta por Stone (2009). Segundo ele, a definição da norma Surda está marcada pelas perspectivas dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos, pois,

---

<sup>3</sup> “Stone (2009) traz esse termo da norma Surda da tradução com base nos Estudos Surdos e também nos Estudos Culturais de modo que, para ele, os tradutores para a Língua de Sinais investigados durante sua pesquisa, possuem identidade surda firmemente constituída e, por isso, trazem consigo uma normatividade Surda com ‘s’ maiúsculo, isto é, uma prática normativa do trabalho influenciada por fortes marcações culturais da cultura Surda”. (SOUZA, 2010, p. 114).

a norma de tradução ser *Surda* e não *surda*, ou seja, é um procedimento normativo de trabalho reconhecido cultural, política e identitariamente como conectado à comunidade de pessoas Surdas usuárias de uma língua de sinais enquanto à língua materna, que se reconhecem social e culturalmente enquanto surdos, lutam pela garantia de seus direitos e na qual estão ativamente inseridos os respectivos tradutores investigados. (SOUZA, 2010, p. 118, grifos do autor no original).

Entendemos que a perspectiva de uma possível norma Surda da tradução pode ser relevante para a análise da tradução intermodal. Esse referencial teórico surge a partir de uma investigação do trabalho de Stone (2009) em que ele examina as diferenças entre o desempenho de tradutores e intérpretes ouvintes e surdos se concentrando em duas categorias principais: (i) consideração da língua alvo (LA) como peça autônoma em relação aos dados linguísticos; e (ii) comparação da língua fonte (LF) com a LA em nível de dados traduzidos ou interpretados. A norma Surda evidencia características de um texto direcionado ao público surdo. Além disso, considera-se o desempenho de profissionais surdos traduzindo/interpretando para sua língua de sinais. Stone leva em conta que “os surdos bilíngues sempre contribuíram com sua comunidade ao contarem para outros surdos sobre a sociedade ao redor e ao traduzirem documentos em inglês, socializados dentro de suas devidas normas” (STONE, 2009, p. 165-166, tradução de SOUZA, 2010, p.117-118). Nesse sentido, a norma Surda está ligada à língua e à identidade, as quais podem direcionar a atividade tradutória dos tradutores e intérpretes surdos e ouvintes em relação aos aspectos culturais, ideológicos, políticos e identitários em relação à LA.

Essas características supracitadas são levadas em consideração durante a análise realizada, visto que podem nos ajudar a compreender a performance tradutória, em termos de preparação, depois do estudo do texto-base, roteiros de gravação, entre outros itens, organizando para novo produto de tradução intermodal. Stone destaca a importância da língua e da identidade, declarando que “questões acerca da identidade, fluência e língua são primordiais para o entendimento das diferentes características que os tradutores e intérpretes trazem para a tradução e para a interpretação” (STONE, 2009, p. 25, tradução de SOUZA, 2010, p. 116).

Outro aspecto importante entre surdos e ouvintes acerca da norma Surda de tradução dito por Stone (2009, p. 168), é que “a escolha lexical não tem grandes mudanças entre os profissionais surdos e ouvintes”. Isso, porque, segundo Stone, “tanto os tradutores e intérpretes surdos quanto os ouvintes são capazes de trabalhar rumo ao texto alvo e de aderir a uma norma Surda de tradução”. (STONE, 2009, p. 168, tradução de SOUZA, 2010, p. 120).

Alguns fatores estão envolvidos nas próprias normas Surdas de tradução, assim como proposto por Stone (2005), os quais dividem-se em três normas: preliminares, iniciais e operacionais (STONE, 2005, p. 3-5, nossa tradução).

**Quadro 3 - Normas Surdas de Tradução**

<p><b>NORMAS PRELIMINARES</b></p>	<p>Essa norma histórica ainda persiste hoje nas associações de surdos e na comunidade de surdos, assim como também existe uma norma preliminar na legislação, especificamente leis que impõe uma obrigação às empresas de televisão em possuir língua de sinais, com um programa apresentado em língua de sinais ou programas com tradução/ interpretação, por exemplo. Portanto, argumentam evidências de que, enquanto no passado, os surdos bilíngues e surdos monolíngues teriam sido capazes de exercer algum controle sobre o que foi traduzido em sinais em sua comunidade surda, na esfera pública (especificamente da televisão), com a introdução de tradutores e intérpretes surdos e ouvintes, muito desse nível macro de controle está agora nas mãos das empresas de transmissão de televisão.</p>
<p><b>NORMAS INICIAIS</b></p>	<p>As normas iniciais determinam se o texto traduzido pelo tradutor é criado de forma que o estilo ou gênero do discurso já ocorra na língua e na cultura para a qual está sendo traduzido (a língua-alvo), neste caso, uma língua de sinais. Alternativamente, o estilo de discurso representa a língua e a cultura em que está sendo traduzido. Parte do papel histórico do surdo bilíngue, seguindo uma norma Surda de tradução, é criar um texto em língua de sinais que seja compreendido por surdos monolíngues.</p>
<p><b>NORMAS OPERACIONAIS</b></p>	<p>As normas operacionais são as decisões de tradução de nível micro relativas aos textos específicos a serem traduzidos de um idioma para outro. Essas decisões de tradução em nível micro são identificadas pelos recursos linguísticos que o texto em língua de sinais contém. Argumentam evidências para mostrar que a fluência dentro da norma Surda de tradução não está preocupada com a escolha lexical; em vez disso, a língua de sinais precisa exibir tipos específicos de marcação prosódica. Nesse caso, é diferente da língua interpretada que é marcada prosodicamente como tal com enriquecimentos e empobrecimentos pragmáticos cognitivos. Esses enriquecimentos e empobrecimentos fazem parte da norma Surda de tradução, porque reduzem o esforço cognitivo necessário para os surdos que são o público da interpretação</p>

Fonte: Stone (2005, tradução da autora).

Stone, ao ser entrevistado por Rodrigues e Sutton-Spence (2020, p. 85), relata a importância de os tradutores e intérpretes surdos obterem uma qualificação adequada, por meio de uma formação específica, para que possam trabalhar com mais qualidade em sua primeira língua, por conseguinte, realizem uma tradução direcionada à melhor compreensão das pessoas surdas.

Essa perspectiva relaciona-se à proposição de normas Surdas de Stone (2009; RODRIGUES, SUTTON-SPENCE, 2020), a qual foi influenciada por Paddy Ladd<sup>4</sup>, um surdo

<sup>4</sup> Paddy Ladd é um britânico estudioso Surdo, autor, ativista e doutor/pesquisador da Cultura Surda.

que se dedica a pensar sobre etnografia linguística e cultura Surda e pela perspectiva de normas de Toury (1995). Conforme a importância sobre a norma Surda da Tradução, Stone destaca que,

parece ser bastante seminal quando consideramos o papel dos Surdos dentro da profissão, os processos nos quais nos engajamos aos nos envolvermos com o público e como usamos a informação na tela, quando pensamos sobre a prosódia. Para mim, é sobre a marcação prosódia que vemos nos intérpretes Surdos, pessoas que são altamente fluentes em língua de sinais, a elegância das escolhas que podem fazer, consciente ou inconscientemente. Performances para uma língua não escrita ainda parece ser algo cativante para as pessoas e atrai o interesse de tradutores e intérpretes Surdos aqui na Europa (STONE entrevistado por RODRIGUES e SUTTON-SPENCE, 2020, p. 115).

Segala (2010), Souza (2010) e Rodrigues e Sutton-Spence (2020), ao abordar a tradução interlinguística-intermodal para uma LS, a questão da performance corporal e os aspectos visuais e culturais das comunidades surdas se destacam. Acreditamos que os aspectos operacionais e cognitivos que marcam o processo tradutório intermodal também se caracterizam por questões extralinguísticas que, no nosso caso, perpassam questões prosódicas atreladas à performance corporal em língua de sinais e, por sua vez, aos aspectos culturais.

Considerando que os autores citados acima trazem para a discussão da TI os aspectos linguísticos e extralinguísticos, destacando a importância de se levarem em consideração os aspectos culturais que marcam a tradução, propomos analisar o processo TI com base em seus elementos: (i) linguísticos e textuais; (ii) extralinguísticos e culturais; e (iii) cognitivos, os quais estão, segundo nossa compreensão, marcados de um lado pela modalidade escrita do TF em português e de outro pela modalidade gestual-visual do TA em Libras.

## 4.2. NOÇÕES DE EQUIVALÊNCIA, ADAPTAÇÃO E TRADUÇÃO CULTURAL

Vamos abordar, nesta subseção, a relação entre o TF e o TA, ou seja, as mudanças intrínsecas ao processo de reformulação interlinguística intermodal que, no caso desta tese, diz respeito a atuação de tradutores-atores ouvintes e tradutores-atores surdos (TASO).

Uma das formas de se abordar a relação entre os textos submetidos ao processo de tradução é a noção de equivalência, por meio da qual se estabelece que os textos podem ter valores ou funções que sejam semelhantes em ambas as línguas. O mais comum é estabelecer apenas as relações entre os valores, como é o caso de manutenção do sentido. Desse modo,

pode-se dizer que existem diferentes maneiras de se compreender qual seria a relação necessária entre o TF e o TA, a qual pode ser abordada de diversas perspectivas.

Conforme Barbosa (2004 p. 67), “a equivalência consiste em substituir um segmento de texto da LO [língua de origem] por outro segmento da LT [língua traduzida], que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente”. Alguns dos principais pensamentos abordados sobre a equivalência (PYM, 2017, p. 28) são:

- a equivalência é uma relação de mesmo valor entre um segmento de um texto de partida e um segmento de um texto-alvo;
- a equivalência pode ser estabelecida em qualquer nível linguístico, desde a forma até a função;
- supõe-se que a equivalência natural exista entre línguas e culturas previamente ao ato de traduzir; e
- a equivalência não seria afetada pela direcional idade: ela deveria ser a mesma se a tradução ocorresse de uma língua A para uma língua B ou vice-versa.

Esses tópicos resumidos explicitam modos de se conceber e abordar o conceito de equivalência. Entendemos que de certa maneira em todo processo tradutório há uma busca pela manutenção das características que aproximem a relação entre o TF e o TA. Essas características podem ser desde um nível mais lexical e estrutural até uma perspectiva mais funcional e direcionada ao sentido. Assim, no processo tradutório enfocado nesta pesquisa, do português escrito para a Libras em vídeo, os tradutores se comportaram de diferentes maneiras, ao buscar certa equivalência, adaptação ou mesmo uma tradução cultural.

A atividade tradutória e interpretativa lida não apenas com a língua, mas, também, com a os aspectos extralinguísticos, tais como a identidade do público alvo em relação aos aspectos culturais, ideológicos, políticos e identitários, ou seja, “questões acerca de identidade, fluência e língua são primordiais para o entendimento das diferenças características que os tradutores e intérpretes trazem para a tradução e a interpretação” (STONE, 2009, p. 25 apud SOUZA, 2010, p. 116). Um dos pontos interessantes acerca das relações estabelecidas entre TF e TA, no que se refere aos aspectos culturais, diz respeito ao conceito de *normas*. Segundo Pym (2017, p. 146), com base em Toury (1995, p. 63), as normas de tradução são

os valores ou ideias gerais compartilhadas por uma comunidade [...] traduzidos em instruções de desempenho adequadas e aplicáveis a situações específicas,

indicando o que é prescrito e proibido, e também o que é tolerado e permitido em uma determinada dimensão comportamental.

No que diz respeito a esse referencial teórico, traduzir é uma atividade que envolve pelo menos duas línguas e duas tradições culturais que, por sua vez, abrangem pelo menos dois conjuntos de normas. Outra perspectiva interessante é a de Toury e Chesterman (2002). Segundo esses autores, as normas profissionais incorporam “o que está relacionado ao processo de tradução, e normas de expectativa, que são o que as pessoas esperam do produto da tradução. Se em determinada sociedade é convencional que os tradutores acrescentem muitas notas explicativas, isso pode ser uma norma profissional” (PYM, 2017, p. 148).

Werner Koller, cujo livro texto um das desenvolvidas teorias da tradução chegou à quarta edição e muito reimpressões entre 1979 e 1992, propõe um quadro com cinco contextos para as relações de equivalência: (i) denotativo, baseado em fatores extralinguísticos; (ii) conotativo, baseado no modo de expressão de texto de partida; (iii) normativo-textual, respeitando ou transformando normas linguísticas e textuais; (iv) pragmático, que diz respeito ao receptor do texto de chegada; e (v) formal, sobre a qualidade, forma e estética do texto de partida (PYM, 2017, p. 47).

Sobre a noção de adaptação, Barbosa (2004, p. 76) diz que “a adaptação é o limite extremo da tradução”, ou seja, quando o TF não existe na realidade extralinguística, na cultura dos falantes da LA. A adaptação resulta de análises de elementos interlinguísticos e interculturais, a partir dos quais, por exemplo, se traduzem livros clássicos para peças de teatro, filmes e romances. Ao enunciar o que é adaptação, Hand e Krebs (2007, p. 4), citados por Pym (2017, p.17), explicam que

ao voltarmos-nos, por exemplo, para os Estudos da Tradução como uma área de pesquisa intimamente relacionada, esperamos presenciar o nascimento de uma relação construtiva que aprofundará nosso entendimento do processo de reescrita e remodelagem influenciado pela criatividade, ideologia, política e sociedade, que é a adaptação. (HAND; KREBS, 2007, p.4).

Atualmente, há muitos tradutores e intérpretes de português-Libras trabalhando na tradução ou mesmo adaptação de livros e de textos acadêmicos para a Libras em vídeo. Por exemplo, há o site<sup>5</sup> da Editora Arara Azul com adaptações de textos de contos literários e outros artigos acadêmicos para a Libras. Esse projeto foi inaugurado pela editora em janeiro de 2001. Uma das funções é a implantação do projeto Libras, cuja primeira ação foi a publicação da

<sup>5</sup> <https://www.editora-arara-azul.com.br/site/> >. Acesso em 25 de junho de 2020.

Coleção Clássicos da Literatura em CD-ROM em português-Libras, seguida da publicação de vídeos traduzidos em seu *site*. Nesse projeto, clássicos da literatura brasileira e universal têm sido traduzidos de sua língua original para a Libras por tradutores surdos, com o apoio de tradutores ouvintes (AVELAR, 2010, p. 46).

Vale mencionar como teriam surgido os tradutores surdos e ouvintes de português-Libras no Brasil. Para isso, antes de tudo, é necessário observar que, nas comunidades surdas espalhadas pelo mundo, as línguas de sinais podem ser classificadas como manifestação oral de uma língua usada, *a priori*, na comunicação face a face, sendo que as comunidades surdas se utilizam da língua escrita do país no qual estão inseridas. Dentro da cultura surda, a única língua reconhecida como própria — no sentido de ser aceita como representação legítima da identidade surda — é a LS<sup>6</sup>.

Por uma questão de falta de registros precisos, começamos nosso histórico da atuação tradutores de português-Libras a partir da fundação da Feneis em 1987 (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos)<sup>7</sup>. No Brasil, a Feneis seria o primeiro órgão nacional fundado por intérpretes de línguas de sinais e por surdos com o fim de lutar pelos direitos linguísticos, culturais e sociais das comunidades surdas, também marco histórico a partir do qual é possível resgatar com maior segurança a atuação e o papel dos intérpretes de português-Libras nas comunidades surdas. É inegável o crescimento da aceitação do surdo pela sociedade desde a criação da Feneis em 1987; visto que a instituição vem atuando como uma disseminadora da língua e cultura surda, esclarecendo as características linguísticas e culturais dos surdos.

O movimento surdo surgido, no Brasil, na década de 1980 tem relação com os estudos do linguista William Stokoe<sup>8</sup>, nos Estados Unidos, que, em 1960, publica seu trabalho provando

---

<sup>6</sup> Importante observar que a lei da Libras dispõe que a língua de sinais não substitui o português, sendo, portanto, do interesse dos surdos aprender o português escrito pela inserção que possibilita à língua majoritária e oficial do seu país. Também defendemos que o surdo pode ser multicultural e multilíngue, com suas escolhas individuais e pertencentes às múltiplas identidades possíveis.

<sup>7</sup> Feneis - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos com finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional, que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda Brasileira. É filiada à Federação Mundial dos Surdos, e suas atividades foram reconhecidas como de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal (Fonte: REVISTA DA FENEIS. Números 1 ao 7. Rio de Janeiro).

<sup>8</sup> Dr. William C. Stokoe, Jr. (1919-2000) foi um pesquisador extensivamente dedicado à Língua de Sinais Americana (ASL) enquanto trabalhava na Universidade Gallaudet.

serem as línguas de sinais línguas naturais com todas as suas propriedades (BRITO, 2010). Inicia-se um repensar sobre a questão da surdez, que dará origem, posteriormente, a proposta de Educação Bilíngue, tal qual a conhecemos hoje.

Então, com base em estudos internacionais e, posteriormente, nacionais, surdos e intérpretes de português-Libras começaram, por intermédio da Feneis, a lutar pelo reconhecimento da Libras como a língua dos surdos e pela atuação de intérpretes de português-Libras como um meio de garantir o acesso aos bens culturais e sociais. Nesse sentido, vale o que Bassnett (2005, p. 37) afirmou: “a tradução não aparece como um fenômeno isolado, mas associada a certos projetos mais importantes, de natureza nacionalista, ideológica e religiosa, que tinham, muitas vezes, o apoio de monarcas, aristocratas e instituições”. Pode-se considerar que é por meio da Feneis que se consolida a luta pelo reconhecimento do trabalho de profissionais intérpretes de português-Libras.

Outras instituições importantes a consolidação das comunidades surdas brasileiras e, por sua vez, da Libras e dos processos de tradução e de interpretação envolvendo línguas de sinais são o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)<sup>9</sup>, criado desde em junho de 1855 pelo professor surdo francês E. Huet e as Associações dos Surdos do Brasil, criadas principalmente durante o século XX. O INES, por exemplo, estabeleceu, em 24 de abril de 2013, em parceria com a Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (Acerp), a primeira webTV em Libras, com legendas e locução em português, com uma equipe composta inclusive por profissionais tradutores e intérpretes surdos e ouvintes.

A partir da segunda metade do século XX, pouco a pouco, se intensifica o reconhecimento não apenas da atuação de intérpretes de línguas de sinais no Brasil, mas, também, de tradutores, os quais passam a ser as figuras responsáveis, ao menos em parte, pelo acesso dos surdos a uma série de materiais e produtos culturais que, anteriormente, circulam apenas na língua vocal majoritária da sociedade ouvinte. É certo que, antes do reconhecimento legal da Libras como língua, em 2002, assim como do avanço da tecnologia e dos movimentos surdos, nos últimos vinte anos, a atuação de tradutores intermodais não era muito comum. Os intérpretes de português-Libras se restringiam mais às esferas cotidianas, com destaque para as escolas de alunos surdos, onde a língua usada era a Libras, sendo que nesses espaços os materiais de ensino (livros de história, geografia, ciências, matemática etc.) eram em português. Além do ambiente educacional, as igrejas, segundo o relato de Silva (2006), também

---

<sup>9</sup> <https://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>

favoreceram a atuação de muitos tradutores de português-Libras focados na tradução da Bíblia do português para a Libras em vídeo. O resultado de tal movimento, foi de um lado a constituição de tradutores na prática e o incremento da LS pelo acréscimo de novos sinais relacionados aos âmbitos educacionais e eclesiásticos, por exemplo.

A luta para que a Libras fosse reconhecida legalmente alcançou seu objetivo em 2002, com a Lei 10.436/2002. Contudo, embora a língua seja reconhecida e a Lei regulamentada pelo Decreto 5.626/2005, ainda carecemos de políticas públicas de tradução capazes de melhor contribuir com a promoção do acesso dos surdos falantes de Libras aos bens e serviços sociais. É preciso ainda que, na prática, a Libras, assim como a tradução e a interpretação português-Libras, se estenda às esferas do cotidiano, da saúde, da educação, da justiça, da ciência, da filosofia, das artes, da literatura etc.

Considerando a visão de Ramos (2004), podemos afirmar que a atuação não apenas de tradutores ouvintes é importante atualmente, visto que a atuação de tradutores surdos que atuam na direção direta, do português para a Libras (i.e., traduzindo para sua primeira língua) tem se mostrado cada vez mais importante e essencial, inclusive pelo fato de esses profissionais incorporarem a norma Surda de tradução (STONE, 2009). O tradutor surdo tem vivido a possibilidade de incrementar sua língua e cultura ao enfrentar o desafio de uma tradução linguística e cultural, que tem como finalidade não apenas dar a conhecer algo, mas, também, ser um objeto de fruição estética que procura, mesmo enquanto tradução, sua singularidade tal como afirma Mounin (1965) sobre a tradução literária. Também a tradução da literatura para a Libras se dá por meio de embates e choques culturais, como prevê Mounin (1965). Sobre tal choque cultural, Ramos (2004) observa que, quando se fala em tradução literária de uma língua vocal escrita para a Libras (que é a manifestação de uma língua sinalizada que não está na modalidade escrita, mas, sim, oral, como dito anteriormente) há que se pensar sob outros critérios que não aqueles disponíveis sobre a tradução escrita.

Mais recentemente, o papel do tradutor e das traduções de/ entre/ para línguas de sinais têm sido decisivos na instauração e implementação — primeiramente na UFSC e depois em outras regiões do Brasil — dos cursos de Letras-Libras, tanto na modalidade de licenciatura (iniciada em 2006) quanto na de bacharelado (iniciada em 2008). Isso ocorre porque os cursos objetivam a formação de profissionais surdos — em sua maioria — na área da linguagem e de

profissionais ouvintes na área da tradução/interpretação. Como os acadêmicos desses cursos seriam todos sinalizantes da Libras, demandou-se intensamente a tradução do português escrito para a Libras em vídeo dos textos usados nas aulas. Uma vez que os temas abordados são os mais variados (tradução, interpretação, educação, semântica, sintaxe, semiótica, fonologia etc.), cada área específica exigiu dos tradutores-atores surdos e, até mesmo, ouvintes o desafio de criar sinais para os novos conceitos científicos que estavam sendo inseridos na comunidade surda. Nesta época, havia uma equipe de TASO trabalhando de tradução de textos acadêmicos dos conteúdos nas disciplinas para os vídeos gravados em Libras nos hipertextos (criam vínculos com hipermídias, que contêm textos e gráficos vinculados, com animações, filmes e simulações) do AVEA<sup>10</sup> (Aquisição da Linguagem), em 2008, no curso na modalidade de educação da distância (AVELAR, 2010, p. 13).

Segundo Oliveira e Silva (2014), em 2009, surgiu à nova atividade desenvolvida pela Equipe da Tradução do Curso de Letras-Libras (ETLL), consolidada pela oferta das primeiras turmas do curso de graduação de Letras-Libras na modalidade EaD (educação à distância), produzindo materiais relevantes para a educação de surdos no Brasil nos cursos de licenciatura e bacharelado de Letras-Libras. Esses materiais foram traduzidos para Libras e disponibilizados em vídeo no AVEA do curso, que foram constituídos por “uma equipe de tradutores prioritariamente surdos, fluentes em Libras e em língua portuguesa, conhecedores das realidades culturais que permeiam os falantes dessas duas línguas.” (OLIVEIRA e SILVA, 2014, p. 93, 94). Segundo Oliveira e Silva (2014, p. 96, 97), os requisitos para integrar a equipe de tradução eram: “(i) ser proficiente em língua portuguesa escrita e fluente em Libras; (ii) conhecer as diferenças/ semelhanças entre a língua portuguesa e a Libras (linguística, cultural, gramatical etc.); (iii) organizar seu tempo para estudar os materiais (antes de gravar); (iv) pesquisar e estudar os aspectos semânticos e pragmáticos do par linguístico; (v) compreender e seguir as sugestões e recomendações da equipe; e (vi) procurar o auxílio dos colegas sempre que necessário”.

---

<sup>10</sup> AVEA – é um ambiente organizado com diversas ferramentas de comunicação digital, que possibilita interações síncronas e assíncronas, com o propósito de desenvolver um programa ou curso formalmente instituído e sustentado em determinada proposta pedagógica. No curso de Letras-Libras, o AVEA disponibiliza correio eletrônico (*e-mail*), bate-papo (*chat*), murais de recado, fórum de discussão, leituras hipertextuais e biblioteca virtual. (Fonte: Projeto Pedagógico do curso de graduação de Licenciatura em Letras – Libras) (AVELAR, 2010, p. 13)

Em relação a função de cada profissional, o que corresponde às suas responsabilidades específicas, Oliveira e Silva (2014, p. 100), detalham as seguintes diferentes funções dentro da ETLT:

- *Coordenador da ETLT*: agenda os horários e estúdios para as atividades, contata autores dos textos-base e entrega os materiais aos atores/tradutores;
- *Tradutor*: traduz e grava em vídeo o texto em Libras;
- *Cinegrafista*: prepara equipamentos para captura dos vídeos e acompanha as gravações;
- *Editor de vídeo*: edita e posta os vídeos no ambiente virtual;
- *Professor ministrante de disciplina*: faz recomendações para o tradutor e acompanha a tradução, quando necessário;
- *Revisor*: revisa os vídeos gravados comparando com o texto fonte em língua portuguesa e identifica informações relevantes que não foram contempladas ou apresentaram-se equivocadas no texto-alvo.

É interessante notar a difusão de algumas produções acadêmicas em Libras, resultantes ou não de processos de tradução. Outro exemplo importante é o *site*, instituído em setembro de 2010, para Vídeo-Registro em Libras<sup>11</sup>, com a proposta de normatização<sup>12</sup> da produção acadêmica de pessoas surdas por meio do estabelecimento da Revista Brasileira Vídeo Registro em Libras, periódico on-line desenvolvido na plataforma *WordPress* e hospedado no repositório institucional da UFSC. Além disso, há no YouTube alguns vídeos do periódico Cadernos da Tradução da PGET/UFSC<sup>13</sup>, os quais foram publicados em 2015 com resumos em Libras dos artigos científicos da edição especial v. 35, n. 2 (2015): “Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais”.

Até aqui, falamos de algumas produções e demandas específicas relacionadas à tradução para a Libras em vídeo, tanto de textos técnico-científicos quanto literários. Essas matérias em Libras em vídeo, muitas resultantes de processos de tradução, contribuem, inclusive, com a formação de identidades culturais. É preciso entender como o surdo se insere e se vê na cultura

---

<sup>11</sup> <https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>

<sup>12</sup> [http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012\\_metodologias\\_traducao\\_marquesoliveira.pdf](http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf)

<sup>13</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCP2MbnZZHjh2Zb4DUadTXkA>

que produz e/ou que o circunda. Embora ele ocupe o mesmo espaço geográfico e, às vezes, os mesmos ambientes sociais que qualquer outra pessoa, o surdo possui uma visão singular sobre o mundo. O surdo se apropria do mundo a sua volta por meio da visão e da LS, uma língua de modalidade gestual-visual, como já mencionado acima.

Nesse sentido, a atuação de tradutores surdos, assim como de intérpretes surdos, é essencial às comunidades surdas. Entendo que a atuação do tradutor surdo inclui sua cultura e a sua comunidade como parte do processo de desenvolvimento da Libras, visto que o uso da LS é característica identitária fundamental; afinal, a visualidade e a LS caracterizam e distinguem os surdos. Alguns autores, tais como Sá (2002), destacam que:

atribui-se importância ao uso da língua de sinais na construção da(s) identidade(s) do surdo, pelo valor que a língua tem como instrumento de comunicação, de troca, de reflexão, de crítica, de posicionamento, pois, como se poderia imaginar uma significativa e natural interação entre surdos que utilizassem uma língua oral ou uma língua oral sinalizada? O instrumento natural e habitual para sua interação não pode ser outro senão a língua de sinais da comunidade surda local. Não há como negar que o uso de língua de sinais é um dos principais elementos aglutinantes das comunidades surdas, sendo, assim um dos elementos importantíssimos nos processos de desenvolvimento da identidade surda/de surdo e nos de identificação dos surdos entre si. (SÁ, 2002, p. 105).

O entendimento da questão das identidades surdas está diretamente relacionado à noção de língua e, conseqüentemente, de tradução porque a constituição do sujeito se dá na e pela linguagem e, nesse caso, pelo contato entre surdos. Ao focar a identidade, aparece a questão da diferença, visto que a identidade cultural só pode ser compreendida em sua conexão com a produção da diferença, que não é outra coisa senão um processo social discursivo.

É nesse sentido que se fala de uma “cultura surda”. Sendo assim, “a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras” (VENUTI, 2002, p. 130). O problema que se coloca é como a tradução de textos do português para a Libras contribui para que os surdos construam suas representações culturais, inclusive aqueles referentes àqueles que não são surdos. Por serem minoria linguística e cultural, os surdos trazem em sua constituição a possibilidade da compreensão de dois mundos diversos. O surdo, enquanto não puder se apropriar adequadamente de uma cultura, pode não exercer plenamente seus direitos de cidadão, como circular livremente por todas as instâncias sociais — o que inclui, necessariamente, as informações que circulam socialmente de forma escrita, bem como sua tradução para a Libras.

Em relação à Libras como língua-alvo de uma tradução, uma das questões desta pesquisa é entender como os tradutores que atuam do português escrito para a Libras em vídeo, tanto surdos quanto ouvintes, organizam e realizam o processo tradutório de um texto acadêmico, no caso de um resumo, e como lidam com possíveis problemas de tradução e com o fato de traduzir de uma modalidade escrita de uma língua vocal para uma LS.

No próximo capítulo, trataremos brevemente da competência tradutória com o objetivo de evidenciar o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para lidar com os problemas de tradução e, por sua vez, empregar estratégias.

## 5 COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA, PROBLEMAS E ESTRATÉGIAS DA TRADUÇÃO

Sabe-se que a atuação dos TASO de português-Libras exige uma série de conhecimentos, habilidades e atitudes indispensáveis à tradução de textos acadêmicos para Libras em vídeo. Para realizar esse encargo de tradução, o profissional precisa ser competente, ou seja, possuir competência tradutória (CT). Entretanto, o que é CT?

As pesquisas sobre CT fazem parte dos ET. Como parte integrante desses estudos, temos o enfoque na atividade cognitiva demandada pelo ato de traduzir, que determina uma conexão entre um problema teórico — a CT — e um problema de natureza prática — a competência do tradutor (ALVES, 2005). A seguir, apresenta-se uma reflexão sobre essa questão com base na conceituação da CT.

### 5.1. ESTUDOS SOBRE A COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

A CT é diz respeito àquilo que o tradutor precisa possuir para efetuar as operações cognitivas necessárias ao processo de tradução. (HURTADO, 2011). Segundo Gonçalves (2017, p. 254), a competência tradutória pode envolver pelo menos “três níveis de conhecimentos: *saber o quê* (declarativo), *saber fazer* (procedimental) e *saber ser/ interagir* (interacional)”. Nesta pesquisa, descrevemos algumas habilidades e conhecimentos necessários ao tradutor de português-Libras. No campo disciplinar dos ET, a CT é qualitativamente diferente da

competência bilíngue; é um conhecimento experto; envolve conhecimentos declarativos e procedimentais, com predomínio dos últimos; é o sistema de conhecimentos subjacente às habilidades e atitudes necessárias para se traduzir; é um sistema interativo e hierárquico de subcompetências que intervêm no ato de traduzir; variará dependendo da direção, do par linguístico, da especialidade do texto traduzido, da experiência do tradutor e do contexto situacional. (GONÇALVES, 2017, p. 254).

Assim sendo, é importante considerar que esse tipo de competência “é uma habilidade adquirida que passa por diferentes fases, evoluindo de conhecimento novato a conhecimento experto (qualificado)” (KEY CONCEPTS; MUNDAY, 2009, p. 234-5, tradução minha). Em diversas abordagens, a CT “é claramente vista como uma *expertise* complexa em várias áreas: essas incluirão, pelo menos, conhecimento de língua, conhecimento de culturas e conhecimento

de domínio específico” (SCHÄFFNER; ADAB, 2000, p. 9, tradução minha). Diante disso, é considerado neste trabalho o desempenho dos TASO na tradução do português escrito para a Libras em vídeo.

Portanto, temos que a CT é composta por aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociointerativos, os quais dizem respeito a conhecimentos, habilidades e atitudes que serão necessários para o exercício da atividade tradutória. Ainda sobre o conceito de CT, Hurtado Albir (2005, p. 19), enfatiza que “embora qualquer falante bilíngue possua uma competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui uma competência tradutória”. Hurtado Albir (2005) investiga a modelagem da CT no âmbito do grupo PACTE<sup>14</sup> (Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação), na Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha.

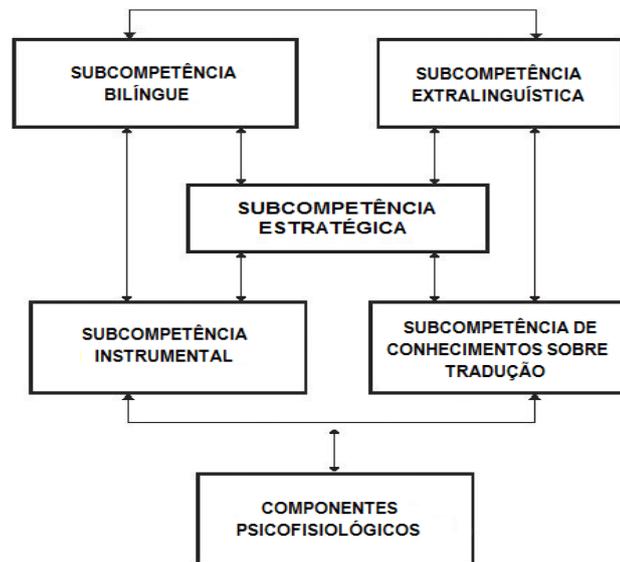
Para melhor compreender a CT, determinados grupos e pesquisadores têm se debruçado na investigação, em alguns casos empírica, sobre quais seriam os componentes dessa competência, o que alguns definem como subcompetências. Hurtado Albir (2020) nos revela alguns desses modelos, especialmente no âmbito europeu. Entretanto, neste trabalho, optamos por acompanhar o modelo atualizado proposto pelo grupo PACTE, que se fundamenta em uma perspectiva holística de natureza cognitivo-constructivista.

Gonçalves (2017, p. 255) e Hurtado Albir (2020, p. 382) apresentam os seis componentes da versão atual do modelo do grupo PACTE que constituem a CT. Vejamos o modelo representado abaixo (Figura 3).

---

<sup>14</sup> Este grupo de pesquisa, denominado *Proceso de Adquisición de la Competencia. Traductora y Evaluación*/Processo de Aquisição da Competência Tradutória (PACTE), está estabelecido na Universitat Autònoma de Barcelona e é liderado pela pesquisadora e professora Dra. Amparo Hurtado Albir.

Figura 3 – Modelo Holístico da Competência Tradutória do PACTE (2003)



Fonte: Hurtado Albir (2020)

No modelo acima, a CT é constituída de cinco subcompetências, assim como por componentes psicofisiológicos, a saber:

- 1) *Subcompetência bilíngue* – conhecimentos essencialmente operacionais, necessários para a comunicação em duas línguas. São conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos;
- 2) *Subcompetência extralinguística* – conhecimentos essencialmente declarativos, implícitos e explícitos, sobre o mundo em geral e em áreas específicas. São conhecimentos biculturais, enciclopédicos e temáticos, textuais e léxico-gramaticais;
- 3) *Subcompetência instrumental* – conhecimentos essencialmente operacionais relativos à utilização das fontes de documentação e às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) aplicadas à tradução (dicionários de todo tipo, enciclopédias, gramáticas, suportes à redação, textos paralelos, corpora eletrônicos, mecanismos de pesquisa etc.);
- 4) *Subcompetência estratégica* – conhecimentos operacionais permitindo a eficácia do processo de tradução e a resolução dos problemas encontrados. Trata-se de uma subcompetência chave que possui um impacto sobre todas as outras, relacionando-as, uma vez que ela monitora o processo de tradução. Essa subcompetência permite planejar o processo e elaborar o projeto de tradução (escolha do método exigido), avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em função do objetivo final pretendido, ativar as diferenças subcompetências a

fim de compensar certas lacunas, e identificar os problemas de tradução e aplicar os procedimentos para resolvê-los.

- 5) *Componentes psicofisiológicos* – componentes cognitivos e aspectos atitudinais de todos os tipos, e mecanismos psicomotores (memória, curiosidade, raciocínio lógico etc.). (HURTADO ALBIR, 2020, p. 380-381).

Nessa modelagem da CT, a subcompetência bilíngue alude aos conhecimentos lexicais, gramaticais, pragmáticos, sociolinguísticos e textuais das línguas envolvidas na tradução, os quais são imprescindíveis para o estabelecimento da comunicação em duas línguas, assim como para o seu domínio e uso. A subcompetência extralinguística, por sua vez, agrega os conhecimentos declarativos<sup>15</sup> referentes às duas culturas das línguas em questão e, também, a subcompetência de conhecimentos sobre tradução diz respeito aos saberes teóricos e aspectos profissionais demandados pelo processo tradutório.

Além dessas, a subcompetência instrumental, referem-se ao trato com as ferramentas e tecnologias, como apoio de recursos, materiais, tecnologias e fontes de documentação operadas em favor da tradução. A subcompetência estratégica compreende os conhecimentos operacionais para subsidiar todo o processo tradutório, integrando as demais subcompetências, avaliando todo o seu processo tradutório, identificando seus problemas de tradução para haver procedimentos para resolvê-los e obter bons resultados. Por fim, o componente psicofisiológico, abrigam as questões psíquicas e cognitivas em relação à memória, percepção, atenção e outros aspectos como a autonomia de a capacidade de trabalhar em equipe.

Relacionado ao modelo componencial e holístico do Grupo PACTE, temos uma proposta de formação de tradutores por competências específicas. Nessa perspectiva, a didática da tradução pode ser organizada por seis categorias de competências específicas, como apresentado a seguir (Quadro 3).

---

<sup>15</sup> Esses conhecimentos, na tradução, pela concepção do PACTE, são respaldados no “saber o quê”, sendo explanado verbalmente e adquirido a partir de informações e uso controlado e responsável (HURTADO, 2000, p. 380).

#### **Quadro 4 – Categorias de Competências Específicas na formação de tradutores**

---

##### **Competências Metodológicas e Estratégicas**

- Competências relacionadas aos princípios e às estratégias que devem ser aplicados para se percorrer corretamente o processo da tradução que convém conforme o caso. Servem para apreender princípios e desenvolver habilidades ligadas à prática da tradução.
- Elas desenvolvem a subcompetência estratégica, os conhecimentos sobre tradução e certos componentes psicofisiológicos da CT.

---

##### **Competências Contrastivas**

- Competências relacionadas ao conhecimento das diferenças entre as duas línguas e ao monitoramento de interferências.
- Elas desenvolvem a subcompetência bilíngue da CT.
- Elas são importantes para a Introdução à Tradução (para a língua materna e para a língua estrangeira).

---

##### **Competências Extralinguísticas**

- Competências relacionadas à mobilização de conhecimentos enciclopédicos, biculturais e temáticos.
- Elas desenvolvem a subcompetência extralinguística da CT.
- Elas são importantes sem tradução especializada (conhecimentos temáticos de áreas específicas).

---

##### **Competências Profissionais**

- Competências relacionadas ao conhecimento do mercado de trabalho.
- Elas desenvolvem a subcompetência de conhecimentos da tradução (no tocante aos aspectos profissionais).

---

##### **Competências Instrumentais**

- Competências relacionadas à utilização de fontes de documentação e de ferramentas de todo tipo, úteis ao tradutor (em suporte informático, papel, etc.).
- Elas desenvolvem a subcompetência instrumental da CT.

---

##### **Competências Textuais**

- Competências relacionadas à resolução dos diferentes problemas de tradução que surgem de acordo com os diferentes funcionamentos textuais.
  - Elas desenvolvem de forma integrada todas as subcompetências da CT e os componentes psicofisiológicos.
- 

Fonte: a autora com base em Hurtado Albir (2020, p. 388-389).

Dentre as competências relacionadas à atuação do tradutor e à sua formação, conforme Hurtado Albir (2020), destaca-se a de conhecimentos sobre tradução, a instrumental e a estratégica porque são desenvolvidas estritamente pelos profissionais tradutores, enquanto a bilíngue e a extralinguística podem ser compartilhadas a pessoas que dominam duas línguas, como no caso da Libras e do português.

É relevante mencionar que, de acordo com Hurtado Albir (2020), tais componentes e/ou saberes especializados, apesar de interligados, apresentam hierarquia em sua disposição.

Assim, a subcompetência estratégica se posiciona em um local central, regendo, portanto, as demais. Entretanto, Rodrigues (2018a, p. 303), considerando a proposta do grupo PACTE, pontua que o diálogo entre as subcompetências poderá se alterar, implicando em maior ou menor intensidade, a depender de alguns critérios como a direcionalidade<sup>16</sup> da tradução, os pares linguísticos, a temática e o gênero do material a ser traduzido, a experiência do profissional, o contexto situacional, a modalidade de uso das línguas, entre outros.

Por exemplo, partindo do texto escrito em português para a Libras em vídeo, o processo de sinalização demanda ao profissional uma compreensão e uma exploração corporal e espacial, de modo que consiga manejar, satisfatoriamente, os itens linguísticos dessa língua. Como observamos acima, ao se referir à tradução ou à interpretação envolvendo línguas de sinais, é importante considerar a demanda aos TASO, por uma competência tradutória específica para poder atuar satisfatoriamente no processo tradutório, a qual Rodrigues (2018a) chama de competência tradutória intermodal, a qual se caracteriza por uma capacidade corporal cinestésica.

## 5.2 PROBLEMAS E ESTRATÉGIAS DA TRADUÇÃO

Neste trabalho, analisamos a tradução do português escrito para a Libras em vídeo como o resultado da atividade tradutória intermodal não escrita que envolve a reformulação entre línguas de diferentes modalidades: de uma língua vocal-auditiva para outra gestual-visual, bem como da escrita de uma língua vocal para sinalização em LS. Para isso, vamos nos basear na categorização encontrada em Hurtado Albir (2011) e em Nord (2016) para os problemas de tradução.

Sobre os possíveis problemas que podem ser enfrentados no processo tradutório, Nord (2016) considera que eles

possam surgir na transferência, indicando a tarefa de tradução (quais problemas de tradução devem ser resolvidos?), a estratégia ou o método de tradução (quais técnicas de tradução e adaptação devem ser aplicadas?) e o

---

<sup>16</sup> Nesta ocasião, optamos por utilizar “direcionalidade/direção” de maneira geral, sem especificar o formato direto ou inverso, uma vez que os tradutores, em contexto de trabalho, podem ser surdos e/ou ouvintes, e atuar em ambas as direções.

próprio procedimento tradutório (por meio de qual procedimento o propósito exigido será melhor alcançado?). (NORD, 2016, p. 273).

Segundo Nord (2016), o conceito de “problema de tradução” serve como apoio para estruturar os objetivos de ensino e aprendizagem na área de competência de transferência. Deste modo, a abordagem do que são os problemas de tradução pode variar bastante a depender da vertente teórica e do autor que os aborda. Nesse sentido, optou-se por considerar o proposto por Hurtado Albir (2011), Nord (2016) e Waquil (2017) sobre possíveis problemas tradutórios, mas não excluimos a possibilidade de os tradutores enfrentarem outros problemas — considerados como dificuldades decorrentes de suas características pessoais e/ ou limitações individuais. De qualquer modo, nosso foco é verificar como os TASO lidam com problemas de tradução específicos e quais as estratégias empregam para resolver os problemas de tradução. Nesse sentido, consideramos que “[...] problemas de tradução são de enorme importância porque funcionam tanto como ponto de partida e razão para o uso de estratégias de tradução. Como consequência, as estratégias de tradução só ocorrem quando existem problemas de tradução (LÖRSCHER, 1991, p. 201)<sup>17</sup>.

Para Lörscher (1991), segundo Waquil (2017, p. 63), o processo de tradução pode ser organizado em fases — problemáticas e não problemáticas —, de acordo com o que for especificado nos segmentos do texto na LF em relação ao como os tradutores lidam com o que se apresenta como problema. Nas fases problemáticas, o tradutor tem de enfrentar situações que “impedem ou atrasam, ou apenas permitem, parcial ou inadequadamente, a transformação de segmentos do texto da língua-fonte para a língua-alvo” (LÖRSCHER, 1991, p. 204)<sup>18</sup>. As fases não problemáticas acontecem quando o tradutor efetua sua *performance* de forma automatizada, sem agir com cautela diante de desafios de compreensão de segmentos do texto da LF ou mesmo de sua reformulação para a LA.

Nesse sentido, se estabelece uma relação entre a noção de problema e a de estratégia, a qual pode ser vista como, por exemplo, os “procedimentos e/ ou as técnicas que os sujeitos empregam na solução de problemas tradutórios” (LÖRSCHER, 1991, p.99)<sup>19</sup>. Waquil (2017), apoiando-se em Nord (2016), explica que

---

<sup>17</sup> No original: “*translation problems are of eminent importance because they function as both the starting-point of and the reason for the use of translation strategies. As a consequence, translation strategies only occur when translation problems exist*”.

<sup>18</sup> No original: “*prevent or delay, or which only partially or inadequately allow the transformation of SL text segments into TL*”.

<sup>19</sup> No original: “*procedures which the subjects employ in order to solve translation problems.*”

[...] o problema é objetivo, ou seja, é considerado sempre um problema, mesmo que o tradutor já o tenha identificado anteriormente e conseguido resolvê-lo com rapidez e eficácia; a dificuldade, por outro lado, é subjetiva, já que o tradutor, ou aprendiz, identifica uma dificuldade durante o processo de tradução em função de deficiências, que podem ser linguísticas, culturais ou referentes à competência tradutória, ou ainda por causa de carência de documentação apropriada (WAQUIL, 2017, p. 65).

Em relação às dificuldades de tradução, Waquil (2017) esclarece que elas podem ser vistas a partir do seguinte: (a) as que se referem ao texto original, suas especificidades e sua compreensão; (b) as que ocorrem de acordo com o tradutor e que podem surgir para ele independentemente do seu nível de competência; (c) as pragmáticas, referentes ao fazer tradutório; e (d) as técnicas, que derivam da área especializada na qual está baseado o texto original (WAQUIL, 2017). Por outro lado, os problemas de tradução podem ser classificados de acordo com objetivos pedagógicos nesses quatro tipos de categorias, podendo ocorrer nas situações profissionais da tradução ou em qualquer tarefa da tradução.

Hurtado Albir (2011 p. 286) diz que os problemas de tradução são “dificuldades (linguísticas, extralinguísticas etc.) de caráter objetivo que o tradutor pode enfrentar ao realizar uma tarefa de tradução”. Essa autora e o grupo PACTE recomendam uma categorização de problemas prototípicos para fundamentar a análise do estudo sobre a CT. Eles estabelecem cinco categorias básicas de problemas de tradução (HURTADO, 2011, p. 288).

**Quadro 5 – Problemas de tradução: Nord (2016) e Hurtado Albir (2011)**

NORD (2016)	HURTADO ALBIR (2011)
<p><b>Problemas pragmáticos ou problemas de tradução de ordem pragmática</b></p> <p>Qualquer processo de tradução ocorre entre situações do texto-fonte e do texto-alvo, e os problemas pragmáticos derivam das diferenças entre essas situações. Para a autora, esse tipo de problema está presente em toda tarefa de tradução e é generalizável independentemente das línguas e culturas envolvidas. São identificáveis com a checagem de fatores extratextuais, como o emissor, o destinatário, o meio, o tempo, o local, a causa e a função textual.</p>	<p><b>Problemas pragmáticos</b></p> <p>Relacionados à tarefa da tradução e/ou ao leitor do texto-meta. São dificuldades que afetam a reformulação.</p> <hr/> <p><b>Problemas de intencionalidade</b></p> <p>Dificuldades no entendimento de informação contida no texto-fonte, que se manifestam na forma de intertextualidade, atos do discurso, pressuposições e implicaturas. Situam-se na compreensão.</p>

<p><b>Problemas culturais ou problemas de tradução relacionados a convenções</b></p> <p>Derivam de elementos que caracterizam as culturas, como hábitos, normas e convenções. Um problema cultural é resultado da diferença de tais elementos entre as culturas envolvidas na tradução. Para Nord, estão presentes em quase todas as tarefas tradutórias, mas como são específicos das culturas em questão na tarefa, sua relevância depende de cada caso.</p>	<p><b>Problemas extralinguísticos</b></p> <p>Problemas culturais, enciclopédicos e relacionados ao conhecimento do domínio.</p>
<p><b>Problemas linguísticos ou problemas de tradução de ordem linguística</b></p> <p>São resultado de diferenças entre as línguas em jogo na tradução, mais especificamente de aspectos como o vocabulário, a sintaxe e as características suprasegmentais. Alguns desses problemas se referem apenas ao par de línguas em questão. É o caso dos cognatos — “falsos amigos”, por exemplo — e circunstâncias de muitas opções de equivalência para uma unidade da língua do texto-fonte ou a inexistência de equivalência para uma unidade da língua do texto-fonte.</p>	<p><b>Problemas linguísticos</b></p> <p>Problemas de léxico e morfossintaxe que podem surgir tanto na compreensão como na repressão.</p>
<p><b>Problemas específicos do texto ou problemas de tradução específicos do texto</b></p> <p>São característicos do texto-fonte em questão e podem aparecer na forma de neologismos, figuras de linguagem e jogos de palavras. Exigem do tradutor, segundo Nord, criatividade, já que as soluções para esses problemas não podem ser generalizadas e nem sempre são aplicáveis a outros casos.</p>	<p><b>Problemas textuais</b></p> <p>Problemas de coerência, coesão, tipo e gênero textual e estilo, que podem ocorrer também na compreensão e na reexpressão.</p>

Fonte: a autora com base em Nord (2016) e Hurtado Albir (2011).

As pesquisas de Nord (2016), do grupo PACTE e de Hurtado Albir (2011) mostram que identificar e solucionar problemas de tradução se relaciona diretamente à noção de CT, já que esta seria responsável por guiar os tradutores na administração de estratégias, dos processos e das técnicas, por exemplo. À vista disso, Waquil (2017, p. 73) aponta que “as estratégias atuam em três contextos do processo de tradução: para a compreensão do texto original, para a resolução de problemas na repressão e para a aquisição de informação (documentação), de memória (mais frequente na interpretação)”.

Durante o processo de tradução, os profissionais buscam os principais tipos de recursos utilizados: os recursos de apoio interno, os cognitivos, que podem ser automatizados e não automatizados; e os de apoio externo, que representam todos os tipos de recursos de informação. Sobre esses recursos, temos que as principais categorias ou estratégias, segundo Waquil (2017, p. 73-74), são:

- a) Apoio interno: a solução para um problema é baseada, exclusivamente, nos recursos internos; o tradutor não faz nenhuma consulta antes de definir a solução do problema;
- b) Apoio predominantemente interno: a base da solução está no apoio interno. Consultas podem ser realizadas, desde que o tradutor não adote a solução oferecida em recursos bilíngues consultados;
- c) Apoio predominantemente externo: a base da solução está no apoio externo. Consultas em recursos bilíngues podem ser realizadas e as variantes oferecidas nos mesmos materiais podem ser adotadas; e
- d) Apoio externo: a solução para um problema é baseada, exclusivamente, na consulta a recursos externos, com consultas que incluem recursos bilíngues cujas variantes oferecidas são adotadas pelo tradutor.

Waquil (2017) afirma que é possível focar as estratégias empregadas pelos tradutores, trabalhando ao longo do processo de tradução, a partir da identificação de problemas e, por sua vez, de reconhecimento dos meios pelos quais os tradutores os solucionam. Essa é a perspectiva de Lörscher (1991, p. 76)<sup>20</sup> que entende que as estratégias são definidas “como procedimentos que os sujeitos empregam para resolver problemas de tradução”.

Além disso, com base em Lörscher (1991), Waquil (2017) entende que as estratégias podem ocorrer em diferentes fases, sendo consideradas: (a) originais, quando ocorrem em fases do processo de tradução, voltadas para a resolução de problemas; ou (b) potenciais, quando ocorrem também em fases não estratégicas do processo, isto é, na realização de tarefas (WAQUIL, 2017, p. 75).

Seguindo essa abordagem, Waquil (2017), a partir de revisão da proposta de Hurtado Albir (2011) e do Grupo PACTE (2011), de Lörscher (1991) e de Chesterman (1997), afirma que

as estratégias são operações realizadas com o objetivo de solucionar problemas constatados durante o processo de tradução, propondo que as estratégias sejam entendidas de modo flexível e relativo: seus tipos e sua aplicação dependem 1) do problema que deve ser solucionado; 2) da modalidade de tradução em questão; e 3) do tradutor que está lidando com problema – a estratégia escolhida varia de acordo com questões subjetivas do indivíduo envolvido, de modo que embora a noção de problema tenha um caráter mais objetivo, sua resolução prática, a partir da aplicação de estratégias, tem um caráter mais subjetivo. (WAQUIL, 2017, p. 80).

---

<sup>20</sup> No original: “*procedures which the subjects employ in order to solve translation problems*”.

Hurtado Albir (2011) considera que as estratégias são importantes servindo como procedimentos para resolver problemas ou atingir um objetivo tradutório. Essas estratégias/procedimentos possibilitam a correção de erros e a melhoria da *performance* em determinada tarefa, constituindo uma habilidade geral do indivíduo. A autora propõe cinco tipos de procedimentos dependendo dos objetivos perseguidos: (i) aquisição de informações; (ii) interpretação das informações; (iii) análise de informações e fazer inferências; (iv) compreensão e organização conceitual da informação e (v) comunicação de informações (HURTADO, 2011, p. 272).

**Figura 4 – Esquema da noção de estratégias de Chesterman (1997)**



Fonte: Waquil (2017), com base em Chesterman (1997).

De modo geral, o processo tradutório exige o emprego de procedimentos de aquisição, interpretação e análise de informação: observação, seleção de informação, busca de informação, decodificação de informação, aplicação de modelos para interpretar ou traduzir as situações, uso de analogias, análise e comparação de informação, inferências etc. Espera-se, portanto, que ao realizar uma tarefa da tradução, os tradutores tomem decisões e diante de problemas de tradução empreguem uma solução relacionada a uma dada estratégia.

Atualmente, é importante reiterar que existem as pesquisas que consideraram a possível existência de uma subcompetência específica, interligada a modalidade gestual-visual das LS, a qual está sendo denominada de (sub)competência intermodal (RODRIGUES, 2018a). Para Rodrigues (2018a),

uma possível competência tradutória intermodal relaciona-se ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessários tanto à exploração corporal dos dispositivos linguísticos específicos das línguas de sinais, durante a sinalização (*habilidades corporais motoras de codificação integrada de propriedades gestuais e espaciais*), quanto à capacidade visual-cognitiva de ler a totalidade das informações gestuais e espaciais, as quais estão

expressas quadridimensionalmente por meio da integração desses dispositivos linguísticos específicos, durante a vocalização (*habilidades visuais de percepção e interpretação do conjunto de informações gestual e espacialmente codificadas*), ambas vinculadas à habilidade de se administrar a possibilidade de sobreposição das línguas de maneira vantajosa”. (p. 310, grifos no original).

Nesse sentido, a tradução para a Libras em vídeo demanda habilidades corporais motoras de codificação integrada de propriedades gestuais e espaciais. Além disso, se o TF está em português escrito, serão necessárias habilidades de análise textual para compreender, além dos elementos do gênero “resumo acadêmico ou texto acadêmico” no caso de nossa pesquisa (aspectos que será mais bem abordado a seguir na seção metodológica), as dimensões extratextuais e intratextuais que formam o TF (NORD, 2016, p. 76).

**Quadro 6 – Fatores Extratextuais e Fatores Intratextuais por Nord (2016)**

<b>Os Fatores Extratextuais (ou situacionais) referem-se:</b>	<b>Os Fatores Intratextuais relacionam-se:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- ao autor ou emissor do texto (Quem?);</li> <li>- à intenção do autor (Para quê?);</li> <li>- ao público para o qual o texto é direcionado (Para quem?);</li> <li>- ao canal ou meio pelo qual o texto é comunicado (por qual meio?);</li> <li>- ao lugar (em qual lugar?);</li> <li>- ao tempo de produção e recepção do texto (quando?);</li> <li>- ao motivo da comunicação (Por quê?);</li> <li>- ao respeito à função que o texto pode alcançar (Com qual função textual?).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- à tema de que o texto trata (Sobre qual assunto?);</li> <li>- ao conteúdo apresentado no texto (O quê?);</li> <li>- às pressuposições de conhecimento feitas pelo autor (O que não?);</li> <li>- à estruturação do texto (Em qual ordem?);</li> <li>- aos elementos não linguísticos acompanhados do texto (Utilizando quais elementos não verbais?);</li> <li>- às características lexicais (com quais palavras?).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora com base em Nord (2016).

Com base nos estudos teóricos fornecidos pela abordagem processual da tradução e pelos aspectos processuais da tradução intermodal, apresentaremos, nas próximas seções, a coleta e a análise dos dados referentes ao processo de tradução do português escrito para a Libras em vídeo. Sucederemos, então, à apresentação da metodologia empregada para a realização desta pesquisa e, logo, à análise dos dados processuais da tradução intermodal.

## 6 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Antes de criar o desenho experimental para coleta de dados processuais, fizemos uma reflexão teórica para a identificação e análise dos aspectos gerais que envolvem a tradução do português escrito para a Libras sinalizada, ou seja, a língua-em-uso, a qual precisa ser devidamente registrada em vídeo. Vimos que os processos tradutórios, que partem da língua vocal-auditiva escrita tendo como produto final uma língua gestual-visual registrada em vídeo, exigem habilidades de leitura de textos escritos, assim como habilidade de produção de LS, de *performance* corporal, e de uso da tecnologia, dentre outras, assim como explicado nas seções anteriores.

Alves (2004, p. 186) menciona que os recursos tecnológicos vêm mudando a perspectiva a respeito da tradução e contribuído de forma significativa para o avanço das pesquisas sobre o processo tradutório, já que, inclusive, as tecnologias incorporaram modificações nas práticas tradutórias, alterando-as. Alves explica que os tradutores experientes incorporam ferramentas tecnológicas, pois

[...] os sistemas de memória de tradução configuram, portanto, uma variável adicional recente que aporta mudanças significativas na forma como seres humanos segmentam e processam o texto para fins de uma tradução. Investigar de forma empírico experimental como o uso de sistemas de memória de tradução afeta o processo de tradução cresce, portanto, em importância para os pesquisadores interessados na vertente processual dos Estudos da Tradução. (ALVES, 2004, p. 187).

Embora, nesta tese, não se aborde os sistemas de memória de tradução nem seu uso durante o processo tradutório, interessa-me analisar como os TASO segmentam e processam o texto escrito em português, empregam recursos tecnológicos e recorrem a ferramentas de apoio externo com a finalidade de apoiar a tradução para a Libras em vídeo, assim como de que forma lidam com a questão da modalidade e com os aspectos extralinguísticos durante a TI não escrita.

Portanto, a pesquisa empírico-experimental, aqui proposta, parte de um desenho específico à coleta de dados processuais por meio do registro da realização da tarefa de tradução, seguida dos protocolos verbais retrospectivos (também denominados protocolos de pensamento em voz alta — *Think Aloud Protocols* — TAP's), que nos possibilitará ter acesso à descrição do indivíduo, do que ele pensou e realizou durante a tarefa (GERLOFF, 1987).

Além desses dados processuais registrados em vídeo (gravação da realização da tarefa), dos Protocolos Verbais e do TA em Libras, nos apoiaremos também em um questionário,

aplicado antes da tarefa, e em uma entrevista semiestruturada. Assim, por meio da triangulação desses dados poderemos ampliar nossas possibilidades de análise. Segundo Alves (2001, p. 72), a técnica de triangulação apresenta-se “como uma alternativa metodológica para pesquisas empírico-experimentais em tradução que almejam explicitar e descrever com objetividade as características processuais do processo de tradução, sem, porém, desprezar sua natureza subjetiva”. Esperamos ter uma melhor visão dos aspectos processuais, cognitivos e operacionais, que envolvem a tradução de português-Libras, nesse caso, do português escrito para a Libras sinalizada registrada em vídeo.

Para a coleta dos dados (tarefa e entrevista), é necessário realizar filmagens, assim como ocorrerá com o registro dos TAP's. Portanto, a filmagem é indispensável. Teremos diversos dados em vídeo: (i) o TA em Libras; (ii) a realização da tarefa; (iii) as entrevistas; e (iv) os protocolos, já que todos envolvem a imagem dos TASO, mesmo porque a Libras exige que o corpo do tradutor e do intérprete se apresente como língua (QUADROS, SOUZA, 2008).<sup>21</sup>

Durante as entrevistas e os protocolos verbais retrospectivos os participantes podem relatar suas experiências tradutórias: nosso objetivo é poder entender como eles lidam com as dificuldades encontradas, como tomam as decisões, de que maneira elegem uma dada solução em detrimento de outras, bem como sua compreensão, suas motivações, seus desafios e suas estratégias, dentre outros aspectos que marcam os processos tradutórios entre a escrita em português e a Libras em uso.

Para a transcrição desses dados registrados em vídeo, usamos o *software* ELAN<sup>22</sup>, que é uma ferramenta para informatização de dados, já adotado por um grande número de pesquisadores da linguagem, inclusive os de línguas de sinais. O ELAN permite que se tenha uma visão dos dados como um todo e que eles possam ser abordados e explorados por diferentes vieses (MCCLEARY, VIOTTI, 2007; MCCLEARY, VIOTTI, LEITE, 2010; QUADROS, PIZZIO, REZENDE, 2009). Ele serve para transcrever os dados e é muito útil para as pesquisas com línguas de sinais, segundo as considerações de pesquisadores da área de Libras que tem que realizar a transcrição ou construir corpora de dados (MCCLEARY, VIOTTI, LEITE, 2010;

---

<sup>21</sup> É importante, dizer que, atendendo às questões éticas da pesquisa, os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e de liberação do direito de imagem. Certificado de apresentação para Apreciação Ética: 75211317.2.0000.0121

<sup>22</sup> Disponível para *download* de forma gratuita em: <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>>. Neste *site*, encontram-se também todas as informações sobre o *software*, bem como seus manuais.

QUADROS, PIZZIO, 2007). Entendo, assim como Nicoloso (2015, p. 170) que

por meio da transcrição ou anotação é possível investigar os diversos níveis de análise de uma determinada língua. Especificamente, no caso de línguas de sinais, em que o estudo linguístico é recente em comparação com as demais línguas orais, encontrar um sistema de transcrição que contemple suas propriedades é imprescindível.

## 6.1 O PLANEJAMENTO DA COLETA DE DADOS: DEFININDO O DESENHO-EXPERIMENTAL

Diante de poucas pesquisas no Brasil sobre a tradução do português escrito para Libras, nossa preocupação é realizar um estudo empírico, numa abordagem processual, que possa contribuir com o entendimento de como os TASO se comportam durante a tradução. Não queremos somente fazer uma comparação entre o TF em português escrito e o TA em Libras registrado em vídeo. Queremos ir além, mapeando o processo tradutório e buscando saber o que passa na mente dos TASO, ou seja, quais são os aspectos operacionais — intrínsecos à realização da tarefa de tradução — e cognitivos — referentes às demandas de âmbito cognitivo: decisões, atenção, monitoramento etc. — que interferem no desempenho dos TASO e no processo de tradução.

Assim, a construção do desenho experimental desta pesquisa baseou-se em outras pesquisas sobre processos tradutórios/ interpretativos, principalmente naquelas realizadas entre línguas de modalidade vocal-auditiva e gestual-visual (NICOLOSO, 2010, 2015; RODRIGUES, 2013). Além disso, consideramos também as pesquisas voltadas a refletir sobre questões que envolvem a coleta de dados processuais (ALVES, 2001, 2004; GONÇALVES, 2001; RODRIGUES, 2002; dentre outros).

O esboço inicial do desenho experimental considerou a especificidade da tradução entre a escrita do português e a Libras em vídeo e envolveu a definição de: (i) o perfil dos participantes; (ii) o TF; (iii) a tarefa e suas etapas; (iv) as formas de produção e registro dos dados (filmagem da tarefa, gravação da tela do *notebook* usado durante a tradução e coleta dos TAP's com sua filmagem); bem, como (v) as formas de transcrição e análise dos dados processuais.

Após esse esboço inicial, foi realizada uma primeira coleta de dados, no modelo de uma pesquisa-piloto, com o objetivo de verificar possíveis falhas do desenho experimental e realizar

ajustes, antes da coleta de dados para a pesquisa propriamente dita. Com os dados preliminares foi possível aperfeiçoar o desenho experimental para que fosse mais adequado à coleta e à análise do tipo específico de dados coletados.

Para essa pesquisa-piloto, contamos com a participação de uma dupla de tradutoras-atrizes ouvintes, dados que foram incorporados a nossa análise (a qual corresponderá a dupla B). A seguir, descreveremos a construção do desenho experimental da pesquisa e a construção dos instrumentos de coleta de dados (questionário e entrevista).

### **6.1.1 Os participantes**

Após a definição do desenho experimental, foi realizada a seleção de seis tradutores-atores (TASO) de português-Libras, os quais foram organizados em três duplas:

- **DUPLA A:** dois tradutores-atores surdos;
- **DUPLA B:** dois tradutores-atores ouvintes;
- **DUPLA C:** um tradutor-ator surdo e outro tradutor-ator ouvinte.

Os critérios utilizados para a escolha dos participantes foram os seguintes:

- possuir formação em nível superior;
- possuir mais de cinco anos de atuação profissional como tradutor e/ou intérprete de línguas de sinais;
- considerar que possui experiência em tradução de português escrito para a Libras em vídeo;
- possuir pelo menos um trabalho de tradução publicado e/ou veiculado;
- ter idade entre 25 e 45 anos, numa tentativa de minimizarmos possíveis impactos da variável idade.

Com esses critérios, foi possível selecionar profissionais experientes na área de TI de português escrito para a Libras em vídeo. Portanto, contamos com três duplas de TASO: dupla A (formada por surdos), dupla B (formada por ouvintes) e dupla C (formada por um surdo e um ouvinte).

É importante reiterar que diferentemente da tradução entre a escrita de duas línguas vocais-auditivas ou mesmo entre sistemas de escrita de línguas gestuais-visuais, a tradução que é foco de nossa pesquisa envolve a escrita do português e a Libras em vídeo. Souza (2010, p. 121) discorre sobre o tradutor-ator surdo e seu papel, explicando que

tem-se que os tradutores são atores que, depois de pensar sobre o texto na língua fonte (escrita) e elaborar o texto na língua alvo (espaço-visual) com seus pares, posicionam-se diante de uma câmera de vídeo e gravam a tradução. Nesse sentido, eles reiteram que fizeram uso de termo tradutor-ator para se referirem “à impossibilidade de separar o texto de sua expressão corporal em Sinais”, ou como Novak (2005) menciona de modo ainda mais afim a essa identificação, que “não há como separar o texto de sua performance”.

Nesse sentido, há a *performance* corporal do tradutor, ou seja, sua encenação, assim como ocorre com atores, portanto, como explica Rodrigues (2013, p. 47),

a interpretação e a tradução para a LS [língua de sinais] envolvem a manifestação do corpo do ILS [intérprete de língua de sinais] diante do público. Essa presença e visibilidade físicas devem-se à modalidade gesto-visual da língua de sinais, a qual faz com que, na interpretação e na tradução para a LS, o texto não possa ser separado de sua *encenação* [...].

Assim como Souza (2010), Rodrigues (2013) explica que o tradutor intermodal, ao traduzir do português escrito para a Libras sinalizada (que não está escrita, mas, sim, em seu uso corporal), necessitará apresentar-se fisicamente por meio de um processo de encenação, já que o resultado de seu trabalho será a gravação em vídeo em Libras, na modalidade gestual-visual.

Também pode haver diferenças entre os participantes que compõem as duplas. Por exemplo, o momento de aquisição ou aprendizado da Libras, contando, que os participantes podem ter se desenvolvido em contato com a Libras, participação na comunidade surda, adquirindo as duas línguas, português e Libras, simultaneamente, em um processo natural ou não. Além disso, teremos diferentes formações e trajetórias profissionais.

O perfil dos participantes da pesquisa com base nos dados fornecidos pelos participantes, evidenciando alguns aspectos: gênero, idade, aprendizado/ aquisição da Libras, formação acadêmica (graduação e pós-graduação), experiência com filmagem e edição (noções básicas de cunho declarativo) e experiência em interpretação ou atuação profissional (desde quando?) serão apresentados em um quadro. Para nomear os participantes, a fim de garantir sigilo das identidades, usaremos letras: “TAS” para tradutores-atores surdos e “TAO” para tradutores-atores ouvintes.

### 6.1.2 O texto fonte

O TF é o resumo de um artigo acadêmico publicado nos Anais<sup>23</sup> do IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, promovido pela UFSC. O título do texto é *A Tradução de Obras Literárias em Língua Brasileira de Sinais – antropomorfismo em foco*. Ele está publicado em português e é de autoria de Betty Lopes<sup>24</sup>. Apresentamos o resumo, a seguir:

Hoje no Brasil, a educação de surdos caminha com a perspectiva de uma Educação Bilíngue (Língua Portuguesa x Língua Brasileira de Sinais), cuja proposta foi aprovada no Congresso Nacional. Um dos grandes desafios da educação de surdos é a contribuição de materiais didáticos, que coloque a criança surda em contato com o conhecimento existente em sua língua. Dentre os materiais didáticos encontramos diversas obras literárias infantis traduzidas para a Libras como narrativas, contos, fábulas e poesias. A literatura surda vem ganhando destaque na comunidade surda, com o avanço da tecnologia, com o registro de vídeos, dando possibilidades a novas pesquisas acadêmicas nos campos da linguística e estudos da tradução. Com essas produções em vídeo tornou-se possível investigar nas traduções em Libras, as estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos. O objeto de análise nesse trabalho é a fábula “Os três porquinhos”, apresentada em três vídeos: LSB (1999), INES (2007) e no youtube (2011). A análise desses materiais tem como objetivo investigar os vídeos de obras literárias infantis em Libras e analisar as estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos. A metodologia consistiu em análise detalhada dos vídeos, comparando as diferentes estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos nos quatro personagens da história (três porquinhos e lobo mau) e o antropomorfismo cultural do Ser Surdo nos personagens do último vídeo, com exemplos de elementos surdos como comportamentos surdos, uso da língua de sinais e tradições surdas. Essa pesquisa foi feita baseando-se nos estudos de antropomorfismo de Sutton-Spence e Napoli (2010). E com essa análise do uso do antropomorfismo utilizado pelos tradutores/atores surdos foi possível ver o leque de possibilidades para o uso do antropomorfismo do Ser culturalmente Surdo e a contribuição dos tradutores/atores surdos com sua experiência cultural surda.

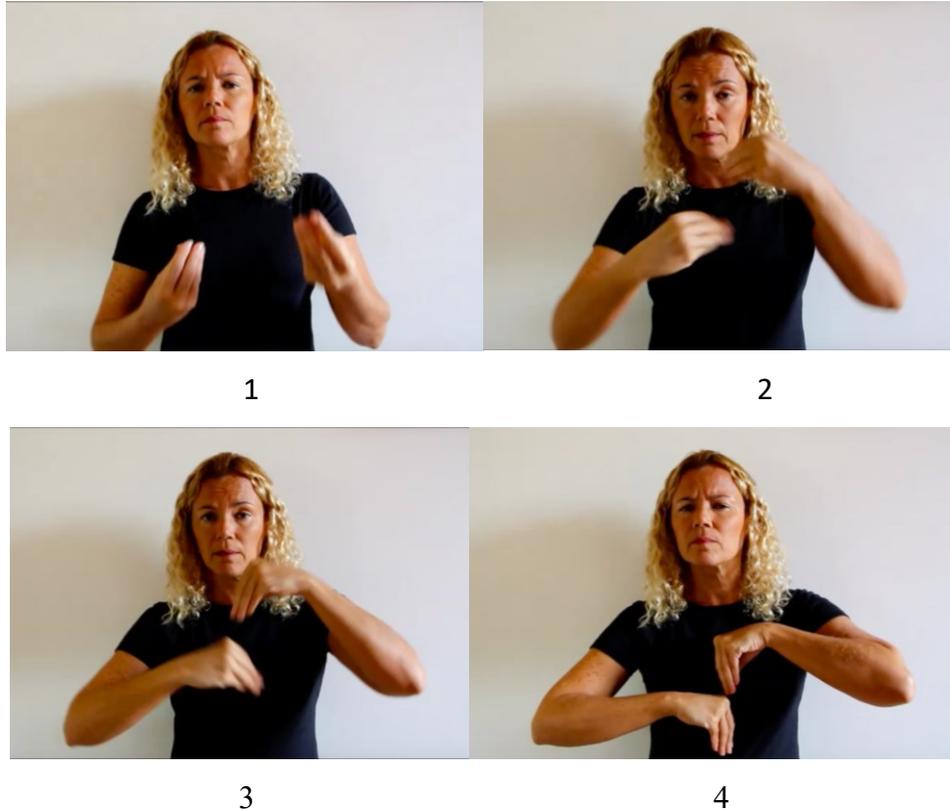
**Figura 5 – Sinal de antropomorfismo<sup>25</sup> da autora Betty Lopes:**

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2953.pdf>>

<sup>24</sup> Betty Lopes L’Astorina de Andrade é doutora surda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET, da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e concursada da UFRJ.

<sup>25</sup> Segundo o artigo da autora Betty Lopes, conforme aos estudos de Sutton-Spence e Napoli (2010), *Antropomorfismo* significa dar características humanas a animais ou objetos inanimados. Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2953.pdf>>



Fonte: a autora, a partir da disponibilização por Betty Lopes de um vídeo de seu arquivo pessoal, 2020.

Este resumo será traduzido pelos TASO para a Libras e registrado em vídeo. A seguir, caracterizamos o TF com base em suas características, as quais estão relacionadas ao seu gênero textual: resumo acadêmico, bem como na identificação prévia de possíveis problemas de tradução que possam ser enfrentados pelos TASO durante a realização da tarefa.

O resumo é composto por 288 palavras e será mais bem analisado para que se possam indicar: (i) sua estruturação formal como resumo acadêmico ou *homotópico*; e (ii) os possíveis problemas e desafios de tradução que exijam mais dos TASO.

Para a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2003), o resumo é uma apresentação concisa dos pontos que se revelam como mais importantes de um documento. Ele é classificado em três tipos: resumo crítico, resumo indicativo e resumo informativo. Em relação a esse último tipo específico de resumo, que acompanha o artigo acadêmico-científico, é importante dizer que é produzido com um propósito comunicativo definido e com a função específica: ele deve trazer o principal objetivo do artigo, suas frases devem ser objetivas e se deve evitar o emprego de muitas frases subordinadas para que não dificulte sua leitura.

Além disso, o resumo introduz o tema, identifica o objetivo do texto, descreve o método

empregado, cita os resultados e comenta as conclusões a que se chegou. Esse elemento pré-textual que compõe uma pesquisa científica ou mesmo um artigo acadêmico-científico é conhecido como *homotópico*, pois tem o objetivo de apresentar dados da pesquisa ou do artigo de forma concisa, tendo como função principal oferecer uma síntese de informações capaz de permitir que leitores, estudantes e pesquisadores, o utilizem como um instrumento de seleção prévia de matérias de leitura e fonte de pesquisa, por exemplo.

Segundo Lima (2004, p. 89), sua função é “permitir ao leitor decidir se o conteúdo do texto, cuja descrição apresenta, lhe interessa, ou não, sendo, portanto, utilizado como critério de decisão para a leitura completa do texto original. É por isso que a sua colocação antes do texto original é a preferida e a mais usada”.

### 6.1.3 A tarefa

Como tarefa foi solicitado às duplas — dupla A (tradutores-atores surdos), dupla B (tradutores-atores ouvintes) e dupla C (tradutor-ator surdo e tradutor-ator ouvinte) — que traduzam o resumo apresentado acima. A proposta era que a tradução fosse realizada em um estúdio com a duração máxima de quatro horas, incluindo-se a fase de orientação, produção, revisão e edição final.

Para a realização da tarefa, foram dadas as seguintes instruções: (1) o texto é um resumo do artigo acadêmico sobre *A Tradução de Obras Literárias em Língua Brasileira de Sinais – antropomorfismo em foco*; (2) o resumo que será traduzido deverá ser entregue em uma gravação em Libras, devidamente editada e finalizada; (3) vocês podem utilizar o *notebook* com acesso à *internet* para buscar qualquer auxílio de que necessitem, inclusive contatar outras pessoas; e (4) após finalizado, o TA será salvo no *Google Drive*.

Após as instruções, os participantes trabalharam no espaço determinado para a sinalização do texto com acesso ao *notebook* e às filmadoras. Os TASO também foram orientados com relação à filmagem da tradução com a finalidade de definir uma iluminação adequada e o enquadre de filmagens: (i) no plano vertical – cerca de um palmo sobre a cabeça até a altura um pouco abaixo da cintura; e (ii) no plano horizontal – a distância dos antebraços estendidos na altura dos ombros e mãos abertas para sinalizar.

### 6.1.4 A coleta de dados

Após a relatar acima a definição dos perfis dos participantes de cada uma das duplas e a tarefa determinada, vamos apresentar a coleta de dados. A coleta de dados foi composta por um roteiro e por etapas.

Primeiramente, durante a coleta de dados foi necessário seguir um roteiro: (1) explicação detalhada aos participantes da dupla de como seria a tarefa; (2) leitura e assinatura do termo de consentimento, deixando claro que são voluntários e que podem desistir da participação na pesquisa a qualquer momento; (3) disponibilização do TF, de materiais para anotações e de todos os equipamentos necessários à realização da tarefa de tradução; (4) realização da tarefa de tradução do TF para Libras e registro de todo o processo em vídeo; e (5) apresentação do TA em Libras e coleta dos TAP's retrospectivos.

Para a coleta, prescreveram-se quatro etapas distintas: 1. **Etapa A** – Fase de Orientação; 2. **Etapa B** – Fase de Gravação; 3. **Etapa C** – Fase de Revisão e Edição e 4. **Etapa D** – Protocolos Verbais Retrospectivos (TAP's) e Entrevista.

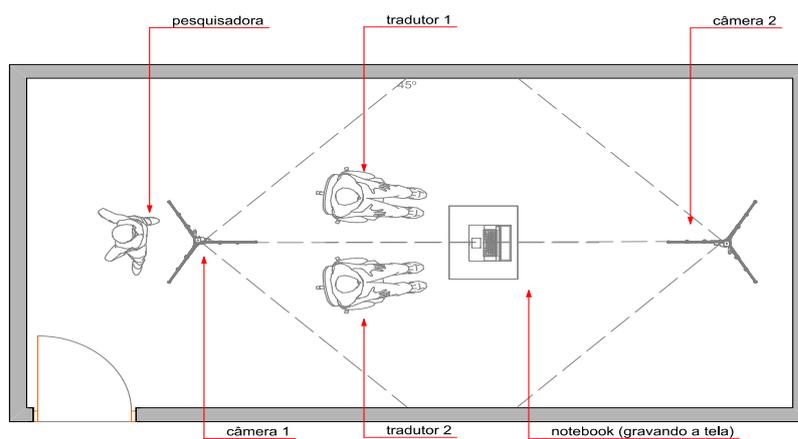
Para implementar o processo de coleta de dados, foram utilizadas três filmadoras com tripés, posicionadas de forma diferente em cada uma das etapas; também foi necessário usar um *notebook* para que os participantes pudessem se dedicar à atividade de tradução do TF para a Libras, assim como os demais recursos tecnológicos presentes no estúdio (parede azul para filmagem; câmera filmadora, 4 iluminadores no teto como *softbox*, um tipo de dispositivo fotográfico de iluminação). Vejamos a seguir a disposição dos equipamentos em cada uma das etapas<sup>26</sup>.

1. **Etapa A: Fase de Orientação** – Orientações sobre todo o processo (os TASO assistem ao vídeo no *notebook*, com todas as informações detalhadas sobre a pesquisa e a realização da tarefa, e assinam o termo de consentimento — TCLE).

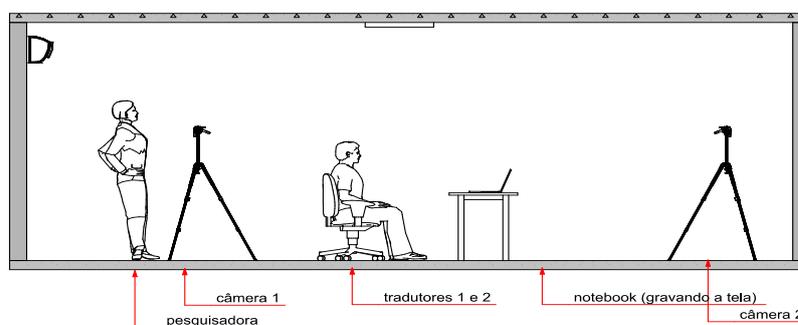
**Figura 6 – Etapa A**

---

<sup>26</sup> As ilustrações de cada uma das etapas foram plantadas pela minha irmã surda, arquiteta Thatiana Fleury Avelar Skaf, residente em Caldas Novas, Goiás.



planta layout A  
Escala 1:50



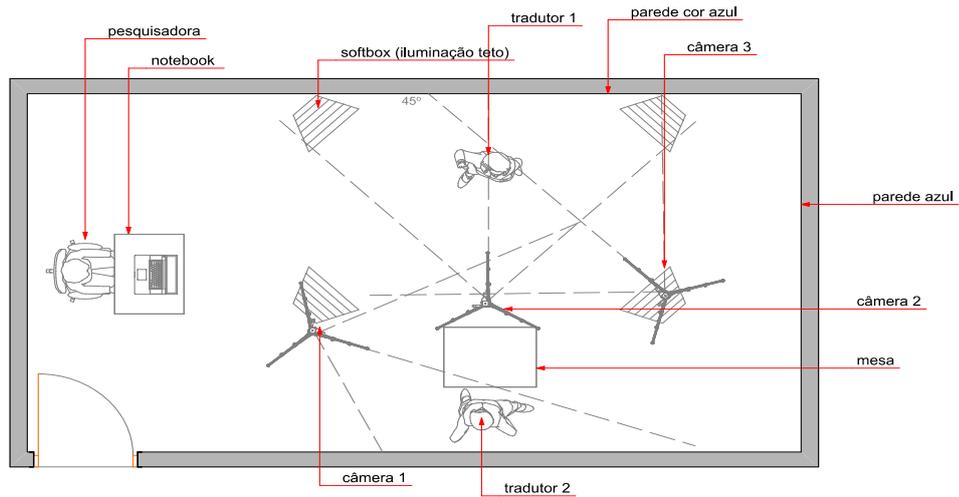
vista A  
Escala 1:50

Fonte: a autora.

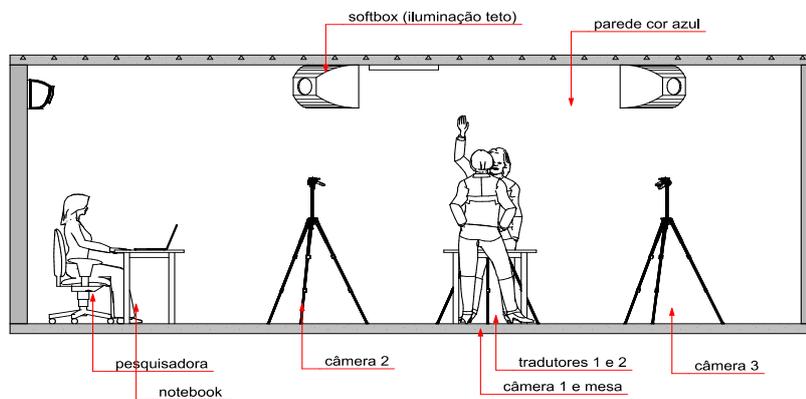
2. **Etapa B – Fase de Redação:** incluindo-se a fase de orientação, produção, revisão e edição — disponibilização do TF, tradução de texto para Libras e gravação de filmagem.

As fases de orientação e produção inicial da tradução foram gravadas, mas não têm um posicionamento fixo dos participantes. A imagem abaixo se refere ao registro da produção, como representado na Figura 7.

**Figura 7 – Etapa B**



planta layout B  
Escala 1:50

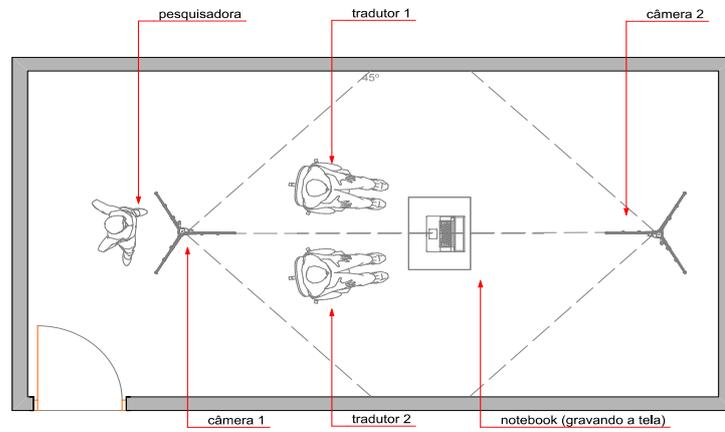


vista B  
Escala 1:50

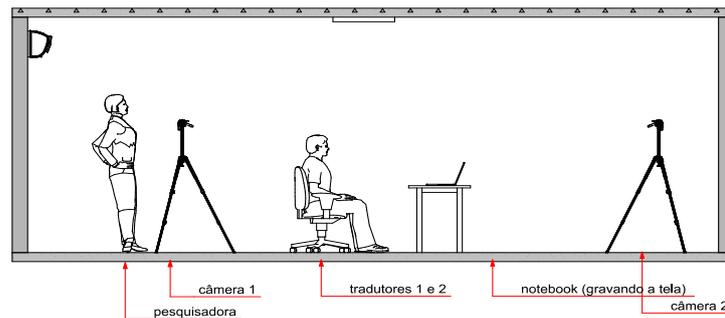
Fonte: a autora.

- 3. Etapa C – Fase de Revisão e Edição:** após terminar a gravação da tradução de texto para Libras na filmagem, os TASO finalizam revisando sua gravação e editando para vídeo pronto. Durante o uso do *notebook* há um programa instalado que fica gravando a tela.

**Figura 8 – Etapa C**



planta layout A  
Escala 1:50

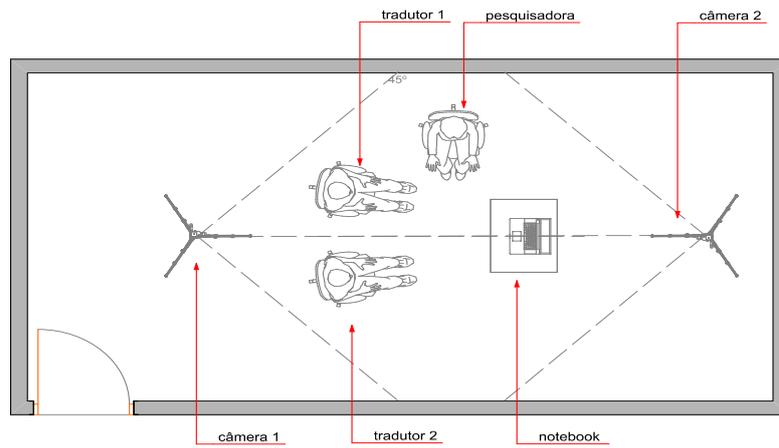


vista A  
Escala 1:50

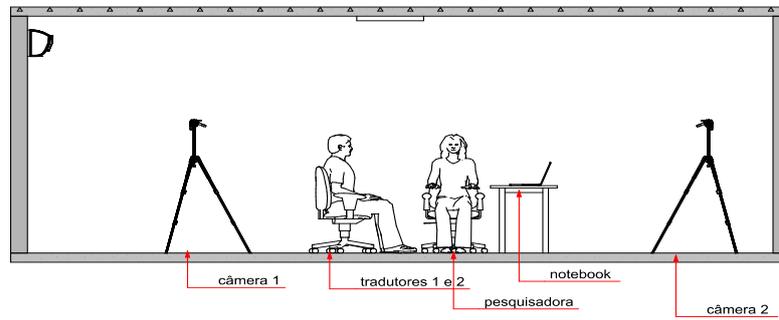
Fonte: a autora.

- 4. Etapa D – Protocolos Verbais Retrospectivos (TAP's) e Entrevista:** apresentação do TA com coleta de TAP's. Outra segunda parte, a entrevista semiestruturada individualmente visando à identificação mais detalhada do perfil dos TASO.

Figura 9 – Etapa D, primeira parte, coleta dos TAP's



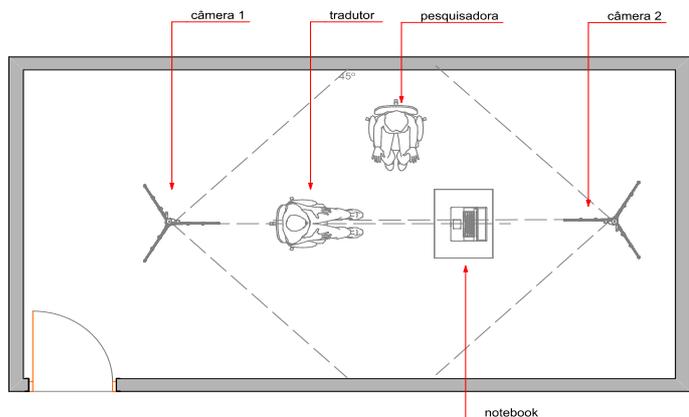
planta layout D  
Escala 1:50



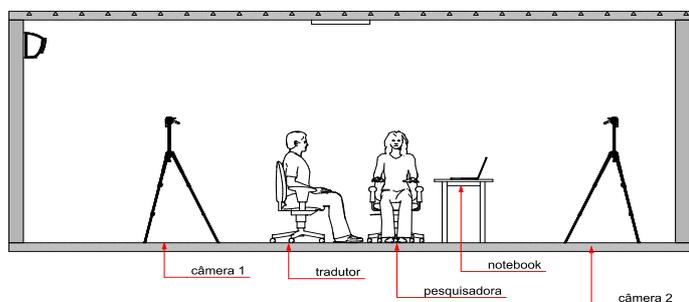
vista D  
Escala 1:50

Fonte: a autora.

**Figura 10 – Etapa D, segunda parte, entrevista**



planta layout D  
Escala 1:50



vista D  
Escala 1:50

Fonte: a autora.

### 6.1.5 A transcrição dos dados – ELAN

Na primeira metade do século XX, temos o início do processo de informatização da transcrição de dados linguísticos. Nessa época, os pesquisadores começaram a usar as novas tecnologias para registro, transcrição e análise de dados em áudio. Até a década de 1990, os pesquisadores reconheciam a importância do registro dos dados gravados por meio de uma transcrição em forma escrita. Entretanto, com os avanços tecnológicos e, inclusive, com a tecnologia digital, passou-se a questionar “em que medida a escrita continuará ou não a

desempenhar um papel central nas análises linguísticas nos próximos anos” (MCCLEARY, VIOTTI, LEITE, 2010, p. 266).

De qualquer maneira, a transcrição de dados com uso de sistemas de escrita é uma importante ferramenta que o pesquisador dispõe para uma observação mais detalhada dos dados, a qual contribui para que ele possa, desde a fase inicial de sua análise, ver aspectos linguísticos que antes não percebia. Além disso, o uso de recursos de escrita, de sistemas alfabéticos, como sistemas de transcrição, favorece a padronização dos dados linguísticos e sua representação de maneira mais simples e compreensível à comunidade científica, por exemplo.

No caso dos dados linguísticos decorrentes de línguas de modalidade vocal-auditiva, sua transcrição e representação são realizadas com base em seu sistema fonológico apresentado por meio de sistemas alfabéticos correspondentes com adaptações feitas de acordo com a língua e/ou os objetivos da pesquisa. Entretanto, no caso das LS a questão é mais complexa. Segundo Brito (2010, p. 211), “analisar e transcrever uma língua de sinais é uma tarefa difícil, pois o modo de expressão são movimentos de mãos executados no espaço próximo ao corpo, complementados por expressões faciais e atitudes — é *a priori* menos sequencial do que a fala”.

As LS possuem propriedades gestuais e espaciais que interferem em sua estruturação fonológica e morfológica, em sua sintaxe, em seu sistema pronominal e em sua concordância verbal. São línguas de modalidade gestual-visual e, portanto, a questão que temos é: como transcrever nossos dados em LS de maneira satisfatória para a análise que propomos? Fazemos essa questão, considerando que ainda não existe um sistema de escrita de LS, com o devido reconhecimento e circulação social, que sirva como base de um sistema de transcrição mais apropriado para essa modalidade de língua.

É importante mencionar que, desde meados dos anos 1960, têm sido apresentadas várias propostas de representação das línguas de sinais por sistemas de escrita capazes de fixar os sinais em uma imagem gráfica e estática padronizada. Esses sistemas propostos são variados e

vão desde aqueles que são mais codificados/analíticos, como o sistema de William Stokoe (STOKOE, 1978; STOKOE, CASTERLINE, CRONEBERG, 1965), até aqueles que são mais gráficos/icônicos, como o sistema de SignWriting, de Valerie Sutton (1996), ambos baseados em traços (ou parâmetros) distintivos (MARTIN, 2000). (MCCLEARY, VIOTTI, LEITE, 2010, p. 266-7).

Considerando toda essa problemática que envolve a transcrição dos dados em LS,

utilizaremos um sistema de glosas<sup>27</sup> adaptado (uso de palavras em português, no nosso caso, grafadas em maiúsculo, como forma de representar e se referir ao sinal manual que teria o sentido correspondente), que inclui algumas marcas não manuais, registradas por meio de alguns códigos convencionais, assim como características sintáticas espaciais, quando for o caso. Alguns pesquisadores brasileiros que abordam a tradução e a interpretação para a LS, tais como Nicoloso (2010, 2015) e Rodrigues (2013), por exemplo, fizeram o mesmo.

Para isso, seguimos um sistema adaptado a partir da proposta do Identificador de Sinais utilizado na UFSC, o qual vem sendo desenvolvido pela professora Ronice Quadros em conjunto com outros pesquisadores. Portanto, nos baseamos no manual de transcrição do *Corpus Libras Inventário Nacional*, elaborado pela professora Ronice Muller de Quadros e sua equipe, em sua versão de 2017.

Esses pesquisadores, tais como Nicoloso (2010, 2015) e Rodrigues (2013), utilizaram para a transcrição dos dados o ELAN, assim como fazemos nesta pesquisa. Concordamos com Rodrigues (2013, p. 108) quando ele afirma que o uso do ELAN serve para “potencializar a transcrição, padronização e informatização dos dados, bem como a flexibilidade em sua exploração”. Para Nicoloso, o ELAN

permite mostrar o tempo associado às cenas transcritas e é de fácil relação entre as diferentes informações, permitindo um número limitado de notações determinado pelo pesquisador e exporta os registros como documentos de texto. Por meio deste sistema, o pesquisador é capaz de visualizar, simultaneamente, diferentes blocos de informações como, por exemplo, áudio, vídeos, glosas, transcrições do texto, o contexto, diversas anotações, entre outros aspectos que se queira analisar. Este sistema permite, inclusive, abrir um vídeo no tamanho da tela inteira facilitando a visualização de detalhes. Os vídeos, por sua vez, podem ser rodados em diversas velocidades facilitando a análise do que se pretende observar. (NICOLOSO, 2015, p. 173-4).

Uma rápida análise das pesquisas sobre tradução e interpretação de línguas de sinais no Brasil, permite-nos avaliar que, no momento, o uso de um sistema adaptado de glosas junto ao ELAN permite a visualização e a transcrição simultânea de gravações de LS em vídeo, assim

---

<sup>27</sup> Para Rodrigues (2013, p. 105), “esses sistemas são conhecidos por alguns como sistemas de glosas ou de notação em palavras. Eles adotam letras e palavras grafadas em maiúsculo (usadas para representar os sinais) acompanhadas por códigos, palavras, letras e números sobrescritos ou subscritos para representar marcações não manuais, quantificação, usos do espaço, etc.”.

como de outros dados em vídeo que são necessários aos aspectos que serão analisados, os quais podem ser organizados, alinhados e visualizados de acordo com o objetivo do pesquisador (BARBOSA, 2014; CASTRO, 2012; LUCHI, 2013; NICOLOSO, 2010, 2015; RODRIGUES, 2013; SILVA, 2013).

Para esta pesquisa, é extremamente importante o *software* ELAN. Ele é uma ferramenta adotada por um grande número de pesquisas com *corpora* de línguas de sinais que trabalha com transcrição de dados Libras/Português (MCCLEARY, VIOTTI, LEITE, 2010). Uma ferramenta muito importante para transcrição de dados linguísticos em geral que representa os registros: vídeos, textos, traduções etc. Ele foi desenvolvido pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck, em Nijmegen, na Holanda, e possibilita criação, edição, visualização e busca das anotações com base na transcrição de dados de vídeo e áudio. Foi projetado para a análise de línguas, inclusive da LS e de gestos, mas pode ser usado por todos que precisem registrar dados de vídeo e/ ou áudio, para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes (QUADROS, PIZZIO, 2009; RODRIGUES, 2013).

Portanto, é uma ferramenta útil para transcrever os sinais ou suas glosas através de dados em vídeos. O ELAN permite a inserção de vídeos produzidos em LS e o registro de sua transcrição por meio de diferentes trilhas, possuindo diversas ferramentas. As transcrições servem para pesquisas e outros trabalhos científicos que poderão colaborar com um conhecimento mais profundo sobre LS. É possível criar linhas paralelas à linha da glosa, para registrar as marcações não manuais e seu escopo, as trilhas (MCCLEARY, VIOTTI, LEITE, 2010; RODRIGUES, 2013)

Vejamos um exemplo de uso de um sistema de glosas, utilizado por Segala (2010) em sua dissertação, no qual o autor demonstra o seu trabalho quando era tradutor-ator surdo traduzindo um verbete da disciplina História da Educação de Surdos, do curso de Letras-Libras da UFSC, o qual está disponível no Ambiente Virtual de Ensino deste curso.

Em Português: “Investigar: Pesquisar, procurar saber, seguir os vestígios de..., indagar cuidadosamente a partir dos indícios.”

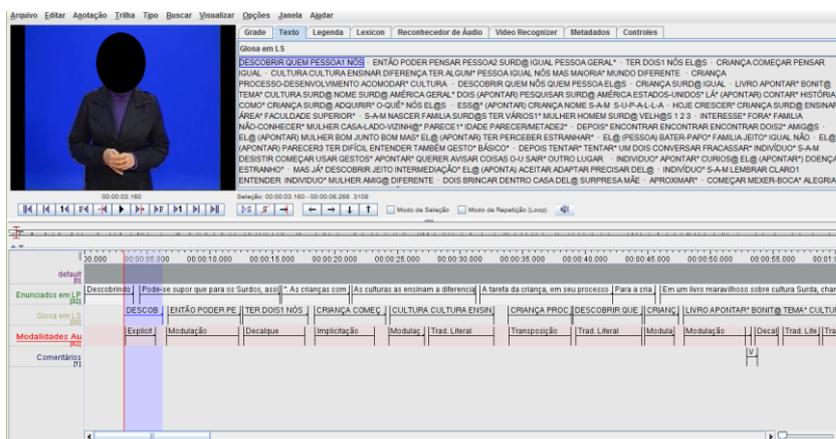
Em glosas: [PALAVRA NOME DELE I-N-V-E-S-T-I-G-A-R SINAL (SINALIZA O SINAL DE INVESTIGAR) ESTE PALAVRA I-N-V-E-S-T-I-G-A-R ESTE O-QUE-É EXEMPLO IGUAL NÓS PESQUISAR ANALISAR DESCOBRIR PESQUISAR DESCOBRIR PESQUISAR DESCOBRIR]

Uma questão importante é que não existe uma relação exata entre as palavras usadas nas glosas e o sinal que ela representa. Assim, os sistemas de transcrição, baseados em um sistema de escrita alfabético, são limitados, dentre outros fatores, por sua impossibilidade de registrar as características fonológicas dos sinais de modalidade gestual-visual de forma que possam ser recuperados pelo pesquisador ou o leitor da glosa exatamente da forma por meio da qual eles foram realizados.

Levando em conta os sinônimos (sinais distintos que podem receber a mesma glosa), as variações regionais e microrregionais e os muitos processos fonológicos que podem mudar a forma básica de um sinal na sua produção em contexto, fica claro que a forma com que os sinais aparecem no discurso, muitas vezes, não pode ser recuperada apenas com base nas glosas atribuídas. Além disso, muitas vezes, ao fazer a transcrição de um trecho de discurso sinalizado, o pesquisador traduz o sinal, com base no sentido que o sinal tem naquele contexto de uso específico, embora tal tradução nem sempre aponte univocamente para o sinal que está sendo realizado. (MCCLEARY, VIOTTI, LEITE, 2010, p. 269-70).

Diante de tudo isso e com os devidos cuidados, após fazer algumas reflexões, vimos que é viável utilizarmos o sistema de glosas, enriquecido com os recursos do ELAN, para transcrever os dados de maneira a corresponder aos objetivos da pesquisa. Utilizamos diferentes trilhas no ELAN para transcrever tanto (1) o processo tradutório a partir da gravação da tela do *notebook* quanto (2) o TA final, dentre outros aspectos interessantes à pesquisa. Isso contribuiu com a análise da tradução em Libras em relação ao TF em português, já que podemos criar trilhas para a anotação dos diferentes aspectos que se pretendemos investigar: (i) Enunciado do TF em Português; (ii) Glosas em LS; (iii) Expressões; e (iv) Comentários, etc. Vejamos um exemplo do ELAN da interface do ELAN:

**Figura 11 – Interface do ELAN**



Fonte: Nicoloso (2015, p. 186 – Tela do ELAN com as transcrições em Glosas).

Como se pode observar acima (Figura 11), que apresenta a interface do ELAN, as trilhas se localizam na parte inferior da tela, de acordo com a necessidade, havendo a possibilidade de alterá-las ou não, para que possam contribuir com a investigação do processo de TI. Para caracterizar mais detalhadamente os dados transcritos em cada uma das trilhas, temos que utilizar, para facilitar o processo de transcrição, os repertórios de entrada, denominados como “vocabulários controlados”, pois, entende-se que “a maior parte dessas trilhas é constituída por um repertório fechado e/ou restrito de possibilidades de anotação — exceto quando a trilha apresenta uma gama muito grande de possibilidades, como é o caso das glosas” (LEITE, 2008, p. 145).

Os vocabulários controlados correspondem a um número definido e padronizado de convenções de transcrição que serão empregados na trilha. Conforme Rodrigues explica, “é possível utilizar *vocabulários controlados*, os quais dizem respeito a determinados valores, definidos previamente, que podem ser escolhidos e inseridos mais rapidamente durante a transcrição, tornando-a mais ágil, diante do uso frequente de um determinado valor” (2013, p. 110, grifos do autor).

Antes de inserir um quadro de trilhas do ELAN, descrevemos as convenções de transcrição por cada trilha com sua finalidade.

Para melhor conhecer o TF, procedemos à sua análise e categorização com base na noção de problemas de tradução, proposta pelo Grupo PACTE (HURTADO ALBIR, 2011; 2017), e já apresentada anteriormente nesta tese. De modo geral, eles trabalham basicamente com as seguintes categorias de problemas prototípicos de compreensão (PC) e/ou de reformulação (PR):

- (i) Linguísticos (L) – aspectos lexicais e morfossintáticos;
- (ii) Textuais (T) – questões de coerência, coesão, tipo, gênero e estilo;
- (iii) Extralinguísticos (E) – relacionados a conhecimentos culturais, temáticos, enciclopédicos e de área ou domínio específico;
- (iv) de Intencionalidade (I) – dificuldades para entender informações no texto original (intertextualidade, atos de fala, pressuposições, implicaturas), portanto, *é somente um problema de compreensão; e*

(v) de Encargo de Tradução e de Público-alvo (P) – dificuldades de reformulação do texto alvo de acordo com a finalidade da tradução e com seu público final, portanto, *é somente um problema de reformulação* (HURTADO ALBIR, 2017).

Sabemos que o que é um problema de tradução para um tradutor pode não ser para outro, já que os problemas dependem de diversos fatores, inclusive pessoais. De qualquer maneira, entendemos, assim como já explicado nessa tese, que os problemas de tradução são dificuldades que podem ser linguísticas ou extralinguísticas, dentre outras, as quais o tradutor pode enfrentar durante sua tarefa de tradução. (HURTADO ALBIR, 2011). No que se refere às trilhas destinadas ao TA, à sua produção e à sua análise, decidimos fazer o registro dos enunciados do TA, da tradução em Libras, empregando um sistema de notação em glosas. Ainda em relação ao TA, registramos o processo de produção da tradução, desde o momento em que os TASO receberam o texto alvo até a filmagem e entrega do texto traduzido em sua versão final.

Assim, o programa do ELAN oferece o uso dos vocabulários controlados e de anotações livres. De modo geral, consideramos as seguintes trilhas, com as seguintes características gerais e suas especificações:

**Quadro 7 – Trilhas do ELAN**

<b>Trilha</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Convenções de Transcrição</b>
<b>1. Enunciados do Texto Fonte em Português Escrito</b>	Registro dos enunciados do TF em português escrito, fragmentados de acordo com suas possíveis unidades de tradução, considerando-se sua estruturação gramatical e unidades de sentido.	Registro em português escrito - enunciados do texto fonte com sua devida pontuação.
<b>2. Indicação da estruturação do Texto Fonte em subpartes</b>	Organização das partes do TF de acordo com a estrutura do “gênero textual” (partes: 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7).	<b>1TC</b> (temática e contextualização) <b>2JU</b> (justificativa) <b>3DT</b> (delimitação do tema) <b>4OE</b> (objetivo do estudo) <b>5ME</b> (metodologia empregada) <b>6FT</b> (fundamentação teórica) <b>7CO</b> (conclusão)
<b>3. Identificação de possíveis problemas de tradução no Texto Fonte</b>	Categorização e registro de possíveis problemas de tradução do TF de acordo com seu tipo: PC (L, T, E ou I) e/ou PR (L, T, E ou P).	<b>PC – Problema de compreensão</b> <b>PCL</b> (linguísticos) <b>PCT</b> (textuais) <b>PCE</b> (extralinguísticos) <b>PCI</b> (intencionalidade)

		<p><b>PR – Problema de reformulação</b></p> <p><b>PRL</b> (linguísticos)  <b>PRT</b> (textuais)  <b>PRE</b> (extralinguísticos)  <b>PRP</b> (encargo de tradução e de público alvo)</p>
<b>4. Explicitação dos problemas e comentários</b>	Descrição do tipo de problema identificado, comentários e observações.	Registro em português escrito.
<b>5. Enunciados do Texto Alvo em glosas</b>	Registro dos enunciados do TA (em Libras) por meio de um sistema de notação em glosas adaptado com base no identificador de sinais: <a href="http://www.idsinais.libras.ufsc.br/">http://www.idsinais.libras.ufsc.br/</a> e no manual de transcrição do Corpus de Libras.	<p><b>MAIÚSCULA-TER</b> (transcrição em glosa)  <b>SINAL//</b> (sinal interrompido, não concluído)  <b>FS (P-A-L-A-V-R-A)</b> (datilologia)  <b>SINAL (pronúncia)</b> (sinal junto à pronúncia)  <b>DV(descrição)</b> (verbos descritivos)  <b>IX(referente)</b> (apontação de referentes)  <b>DEM (pronome)</b> (pronomes demonstrativos)  <b>POSS (referente)</b> (pronome possessivo)  <b>&amp;(significado)</b> (descrição de ações gestuais)  <b>E (ID do emblema)</b> (registro de emblemas)  <b>[?]</b> (sinais não muito claros)  <b>XXX</b> (sinal não reconhecido)</p>
<b>6. Identificação de uso de recursos de apoio pelos tradutores</b>	Registro dos recursos de apoio externo e/ou interno usados pelos tradutores-atores durante o processo tradutório.	<p><b>AE – Apoio externo</b></p> <p><b>AEDB</b> (consulta a dicionário bilíngue)  <b>AEDMP</b> (consulta a dicionário monolíngue - Port.)  <b>AEGERP</b> (consulta a glossário especializado - Port.)  <b>AEGERL</b> (consulta a glossário especializado - Libras)  <b>AETPP</b> (consulta a textos paralelos - Port.)  <b>AETPL</b> (consulta a textos paralelos - Libras)  <b>AECT</b> (consulta a colegas tradutores)</p> <p><b>AI – Apoio interno</b></p> <p><b>AIM</b> (evidencia de uso da memória)  <b>AI</b> (evidencia de realização de inferência)</p>
<b>7. Explicitação dos recursos e comentários</b>	Descrição do tipo de recurso acessado e/ou utilizado, comentários e observações.	Registro em português escrito.
<b>8. Comentários e observações gerais</b>	Registro de aspectos importantes à análise do processo tradutório.	Registro em português escrito.

Fonte: a autora – transcrição com base no Manual do NALS e problemas de tradução com base em Hurtado Albir (2011).

É importante explicarmos um pouco sobre o processo de definição das trilhas e dos vocabulários controlados. Acima podemos observar (Quadro 6) que temos seis trilhas e quatro vocabulários controlados no ELAN. Três dessas trilhas são mais descritivas e, portanto,

destinadas basicamente aos comentários e às observações que serão registradas usando o português (Trilhas 3, 4, 6). As demais trilhas se dividem em: **(1) trilhas destinadas ao TF e aos seus aspectos** (Trilhas 1, 2 e 3) – (i) enunciados do TF em português escrito (Trilha 1); (ii) indicação da estruturação do TF em subpartes (Trilha 2) e (iii) identificação de possíveis problemas de tradução no TF (Trilha 3) – e **(2) trilhas destinadas ao TA, à sua produção e à sua análise** (Trilhas 5 e 6) – (iv) enunciados do TA em glosas (Trilha 5).

Em relação às trilhas destinadas ao TF e aos seus aspectos, temos que uma das primeiras características que se destaca é o fato de nosso TF ser de um gênero específico (resumo acadêmico, chamado *homotópico*), o qual demanda, por exemplo, que os TASO tenham habilidades e conhecimentos sobre como esse gênero textual tem sido apresentado em LS.<sup>28</sup> Considerando o gênero textual de nosso TF, decidimos não só inserir seus enunciados no ELAN (Trilha 1), mas, também organizá-los conforme a estrutura que os resumos acadêmicos, homotópicos, possuem: temática e contextualização; justificativa; delimitação do tema; objetivo do estudo; metodologia empregada; fundamentação teórica e conclusão (Trilha 2).

## 6.2 A CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Além da coleta de dados processuais por meio da realização da tarefa de tradução e sua filmagem, seguida do registro dos TAP's, utilizamos dois instrumentos de coleta de dados: um questionário e uma entrevista semiestruturada, como mencionamos anteriormente. O questionário foi pensando para desempenhar duas funções específicas: (i) selecionar os potenciais participantes da pesquisa; e (ii) permitir a construção do perfil de TASO. E a entrevista semiestruturada foi elaborada com o intuito de permitir o aprofundamento do perfil dos participantes e a possibilidade de um diálogo entre pesquisadora e participante, após a coleta dos dados processuais.

### 6.2.1 O questionário

---

<sup>28</sup> No YouTube encontramos alguns exemplos de resumos homotópicos traduzidos para a Libras, os quais compõem um volume especial da Revista Cadernos de Tradução: <<https://www.youtube.com/channel/UCP2MbnZZHjh2Zb4DUadTXkA>>.

O questionário usado na pesquisa foi construído com o recurso de Formulários do Google (*Google Forms*), uma ferramenta on-line disponibilizada gratuitamente, que permite a escolha de diferentes opções de perguntas, desde aquelas mais simples de múltipla escolha até aquelas que envolvem listas suspensas e escalas lineares. Esse tipo de questionário permite que se envie por e-mail um *link* em que ele pode ser acessado e respondido pelos possíveis participantes. Além disso, as respostas são coletadas de forma organizada e automática, inclusive com informações e gráficos que vão sendo atualizados em tempo real. Entendemos, assim como Alves (2001, p. 79), que os questionários

são um importante instrumento de coleta de dados e que os procedimentos relativos ao uso de questionários estruturados são simples e de aplicação direta. “Submete-se ao informante um questionário previamente elaborado, estipulando, ou não, um tempo determinado para a execução da tarefa. Os questionários são estruturados de tal forma que garantam ao pesquisador um determinado controle sobre as respostas procuradas. [...] Estas decisões são importantes quando da elaboração dos questionários estruturados pois terão repercussões diretas sobre a qualidade dos dados coletados e, posteriormente, sobre sua análise.

O questionário permite ter acesso ao perfil geral dos TASO e, portanto, conhecer e selecionar aqueles que têm um perfil adequado para participar da pesquisa. Além disso, ao favorecer a construção dos perfis dos participantes, ele oferece elementos capazes de auxiliar a análise de dados. O questionário foi nomeado com o título prévio do projeto desta tese: “A tradução de texto acadêmico para a Língua Brasileira de Sinais (Libras): Aspectos Processuais da Tradução Intermodal”.

Subdividimos o questionário em quatro partes específicas: (1) Perfil – com sete perguntas, sendo uma aberta; (2) Formação – com quatro perguntas, sendo uma aberta, a qual está direcionada somente àqueles com pós-graduação (única pergunta que não é de resposta obrigatória em todo o questionário); (3) Experiência – com nove perguntas, sendo uma delas aberta; e (4) Concepções – com seis questões, sendo quatro delas questões abertas. Ele foi disponibilizado no seguinte endereço <<https://goo.gl/forms/6BnLl6Z4ZqJoPvEv1>>. Cada uma das partes que compõem o questionário tem funções específicas, como indicado a seguir:

**Quadro 8 – O questionário e suas partes**

<b>Parte</b>	<b>Descrição</b>
<b>(1) Perfil</b>	As perguntas dessa primeira parte têm o objetivo de favorecer o conhecimento do perfil pessoal do respondente. Após a pergunta inicial – se o respondente é surdo ou ouvinte –, perguntamos sobre o nome, a data de nascimento, a primeira língua, a aquisição/aprendizado da Libras e a preferência de se traduzir individualmente ou em dupla.
<b>(2) Formação</b>	O foco das perguntas dessa segunda parte está no perfil de formação do respondente. Perguntamos sobre a formação acadêmica, a grande área da graduação e a formação específica como tradutor e/ou intérprete de português-Libras.
<b>(3) Experiência</b>	Essa terceira parte é a mais extensa, mesmo porque nos interessa conhecer o perfil profissional do respondente em relação à sua experiência. As perguntas são sobre o tempo de atuação como tradutor e, também, como intérprete de português-Libras, os contextos em que já atuou como intérprete, os tipos de texto que já traduziu, se o respondente se considera preparado para traduzir certos tipos de texto, a avaliação que faz de suas habilidades de filmagem e edição, a frequência com que realiza trabalhos de tradução e os recursos de apoio externo que utiliza.
<b>(4) Concepções</b>	Essa última parte é a que mais possui questões abertas. Isso ocorre pelo seu caráter mais subjetivo e, portanto, sua impossibilidade de ser feita a partir de opções pré-estabelecidas. A função dessa parte é nos oferecer um pouco das visões e concepções que o respondente possui sobre o que é a tradução e a interpretação de/para línguas de sinais, sobre sua visão de uma competência tradutória geral em contraposição a uma específica e sua percepção e concepção do impacto da direcionalidade em tradução.

Fonte: a autora.

Enfim, os dados coletados, por meio desse questionário de vinte e seis perguntas, serviram de base para a apresentação dos participantes a partir das seguintes categorias que definem seu perfil: (i) identidade como ouvinte ou surdo; (ii) gênero; (iii) idade; (iv) aprendizado/ aquisição da Libras; (v) formação acadêmica (graduação e pós-graduação); (vi) experiência com filmagem e edição (noções básicas de cunho declarativo); e (vii) experiência em interpretação ou atuação profissional (desde quando?).

## 7 ANÁLISE DE DADOS – ATUAÇÃO DE TASO DE PORTUGUÊS-LIBRAS

Com a finalização da análise preliminar de dados da pesquisa-piloto e os ajustes decorrentes das sugestões significativas dos membros da banca de qualificação, concluímos os procedimentos metodológicos e, por sua vez, o desenho experimental que seria responsável pela coleta de dados com mais duas duplas de tradutores-atores e tradutoras-atrizes, os quais apresentaremos abaixo.

### 7.1 O PERFIL DOS PARTICIPANTES: TRÊS DUPLAS DE TASO DE PORTUGUÊS-LIBRAS:

O perfil dos participantes das três duplas, nomeadas aqui como dupla A: tradutores-atores surdos; dupla B: tradutores-atores ouvintes e dupla C: um tradutor-ator surdo e outro tradutor-ator ouvinte, foi construído com base nas informações coletadas nas respostas conseguidas por meio do questionário on-line do *Google Forms* e, também, de alguns dados fornecidos durante a entrevista.

De maneira geral, organizamos o perfil a partir dos dados referentes: ao gênero, à idade, ao aprendizado/ aquisição da Libras, à formação acadêmica (graduação e pós-graduação), à experiência com filmagem, à experiência em interpretação (desde quando e em que contextos), à experiência em tradução (desde quando e de que tipos de texto) e à tradução e/ou interpretação publicadas, assim como já mencionamos antes.

O questionário on-line por meio do *Google Forms* foi aplicado para mais de vinte e dois tradutores (doze ouvintes e doze surdos), dentro e fora da UFSC, por meio do envio do *link* do questionário (<https://goo.gl/forms/FIq2fGvEmH2PrUE52>). Responderam por e-mail, nove tradutores-ouvintes e os sete tradutores-surdos. A partir disso, selecionamos três homens: dois surdos e um ouvinte, e três mulheres: duas ouvintes e uma surda, e organizamos três duplas.

Para a seleção das três duplas, consideramos, além dos critérios gerais de perfil estabelecidos para a escolha dos participantes da pesquisa, a facilidade de acesso e contato com elas, o fato de já terem experiência no trabalho como duplas e, também, sua disponibilidade e interesse em participar dessa fase da pesquisa. Assim, após verificar que as três duplas cumpriam os critérios gerais de perfil — ensino superior completo; experiência em tradução de

português escrito para Libras em vídeo; trabalhos de tradução publicados e idade entre 25 e 45 anos — procedemos a coleta de dados.

Para nomear as três duplas de participantes, a fim de garantir sigilo das identidades, usaremos, como citado antes: “TAS” para tradutores-atores surdos e “TAO” para tradutores-atores ouvintes, ou seja, dupla A: TAS1 e TAS2 (dois tradutores-atores surdos); dupla B: TAO3 (tradutor-ator ouvinte) e TAO4 (tradutora-atriz ouvinte); e dupla C: TAS5 (tradutora-atriz surda) e TAO6 (tradutora-atriz ouvinte). Antes da coleta de dados, os participantes receberam os esclarecimentos referentes ao Comitê de Ética, estando cientes de necessidade de concordar com a pesquisa e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Além disso, foram informadas que a realização e, por sua vez, o registro da tarefa envolve o uso de sua imagem, a qual poderia ser apresentada na tese, mas sem mostrar o rosto, apenas o corpo.

Consideramos relevante apresentar os dados das três duplas de participantes em um quadro com todas as respostas dadas por cada integrante das três duplas A, B e C, como forma de fornecer uma visão geral do perfil que pode ser traçado com questionário.

**Quadro 9 – Perfil dos TASO**

<b>Gênero</b>	TAS1 TAS2 TAO3	Masculino
	TAO4 TAS3 TAO6	Feminino
<b>Libras é sua</b>	TAS1	Primeira Língua
	TAS2 TAO3 TAO4 TAS5 TAO6	Segunda Língua
	TAS1	44
	TAS2	29

(o questionário aplicado do ano 2018)	<b>TAO3</b>	34
	<b>TAO4</b>	27
	<b>TAS5</b>	37
	<b>TAO6</b>	34
<b>Aprendizado/Aquisição de Língua de Sinais</b>	<b>TAS1</b>	Entre 10 e 15 anos de idade
	<b>TAS2</b> <b>TAS5</b> <b>TAO6</b>	Depois dos 21 anos de idade
	<b>TAO3</b> <b>TAO4</b>	Entre 16 e 20 anos de idade
<b>Formação Acadêmica</b>	<b>TAS1</b>	Pós-Graduação – Doutorado
	<b>TAS2</b> <b>TAO4</b>	Graduação (No momento, estou fazendo mestrado nos Estudos da Tradução)
	<b>TAO3</b>	Graduação
	<b>TAS5</b>	Pós-Graduação – Mestrado (Linguística)
	<b>TAO6</b>	Pós-Graduação – Mestrado (Mestrado em Estudos da Tradução)
<b>Grande área da Graduação</b>	<b>TAS1</b>	Ciências Humanas
	<b>TAS2</b> <b>TAO4</b> <b>TAS5</b> <b>TAO6</b>	Linguística, Letras e Artes
	<b>TAO3</b>	Multidisciplinar
<b>Formação Específica como tradutor e/ou intérprete de Libras-Português</b>	<b>TAS1</b>	Pós-Graduação-Doutorado em Estudos da Tradução/ Linguística Aplicada - Tradução
	<b>TAS2</b>	Mestrando, na resposta anterior e ProLibras.
	<b>TAO3</b> <b>TAO4</b>	Graduação em Letras Libras Bacharelado, Tradução e Intepretação Libras-Português
	<b>TAS5</b>	Não fez nenhum curso.
	<b>TAO6</b>	Cursos livres em entidades representativas dos surdos/ Cursos de Extensão Universitária/ Curso Profissionalizante em Tradução e Interpretação de Libras-Português/ Graduação em Letras Libras Bacharelado, Tradução e Interpretação Libras-Português/ Pós-Graduação – Mestrado em Estudos da Tradução/ Linguística Aplicada – Tradução.

<b>Experiência como INTÉRPRETE de Línguas de Sinais</b>	<b>TAS1</b>	Entre 1 e 5 anos
	<b>TAS2</b> <b>TAO4</b>	Entre 6 e 10 anos
	<b>TAO3</b> <b>TAS5</b> <b>TAO6</b>	Mais de 10 anos
<b>Experiência como TRADUTOR de Língua de Sinais</b>	<b>TAS1</b> <b>TAS5</b>	Mais de 10 anos
	<b>TAS2</b> <b>TAO3</b> <b>TAO6</b>	Entre 6 e 10 anos
	<b>TAO4</b>	Entre 1 e 5 anos
<b>Contextos em que já atuou como INTÉRPRETE de Língua de Sinais</b>	<b>TAS1</b>	Contextos Familiares/ Educacionais/ Midiáticos/ Conferência.
	<b>TAS2</b>	Contextos Jurídicos/ de Saúde/ Educacionais/ Midiáticos/ de Conferência/ Empresariais.
	<b>TAO3</b>	Contextos familiares/ Jurídicos/ de Saúde/ Religiosos/ Educacionais/ Midiáticos/ de Conferência/ Empresariais/ Políticos.
	<b>TAO4</b>	Contextos Religiosos/ Educacionais/ Midiáticos/ de Conferência/ Empresariais/ Políticos.
	<b>TAS5</b>	Contextos familiares/ de Saúde/ Midiáticos.
	<b>TAO6</b>	Contextos familiares/ Jurídicos/ de Saúde/ Religiosos/ Educacionais/ Midiáticos/ de Conferência/ Empresariais/ Políticos/ Outra: Artístico-Culturais.
<b>Tipos de textos com os quais trabalhou como TRADUTOR de Língua de Sinais</b>	<b>TAS1</b>	Textos Jurídicos/ Educacionais/ Literários/ Midiáticos/ Religiosos.
	<b>TAS2</b>	Textos Jurídicos/ Informativos/ Administrativos/ Científicos/ Educacionais/ Literários/ Digitais/ Midiáticos.
	<b>TAO3</b>	Textos Jurídicos/ Informativos/ Administrativos/ Científicos/ Educacionais/ Literários/ Digitais/ Midiáticos/ Publicitários/ Musicais.
	<b>TAO4</b>	Textos Jurídicos/ Informativos/ Administrativos/ Científicos/ Educacionais/ Digitais/ Midiáticos/ Publicitários.
	<b>TAS5</b>	Textos Educacionais/ Digitais/ Outra: Editais.

	<b>TAO6</b>	Textos Jurídicos/ Administrativos/ Científicos/ Educacionais/ Literários/ Digitais/ Midiáticos/ Publicitários/ Musicais.
<b>Quais tipos de texto você NÃO se sente preparado para traduzir?</b>	<b>TAS1</b>	Textos Científicos/ Musicais
	<b>TAS2</b> <b>TAO6</b>	Textos Religiosos
	<b>TAO3</b>	Textos Jurídicos
	<b>TAO4</b>	Textos Literários
	<b>TAS5</b>	Textos Midiáticos/ Musicais/ Religiosos
<b>Explique sua resposta anterior</b>	<b>TAS1</b>	Foi parte mais difícil traduzir teses, dissertação, artigo.
	<b>TAS2</b>	Porque não tenho uma religião e não faço as traduções religiosas.
	<b>TAO3</b>	A linguagem é complicada... elaborada para excluir e confundir. Aliás, há algum tempo li uma reportagem sobre um juiz que resolveu redigir os documentos oficiais em linguagem coloquial para todos tivessem acesso. Achei isso fantástico. Portanto, não gosto e não estou preparado para atuar nesse contexto, eu não entenderia os enunciados de uma sessão, por exemplo.
	<b>TAO4</b>	Acho que meu corpo não é artístico para a área literária.
	<b>TAS5</b>	Talvez porque eu não trabalhei nessa área ainda.
	<b>TAO6</b>	Textos Religiosos são textos que possuo menos competência referencial, mas não significa necessariamente que me sinta menos preparada para atuar com esse tipo de texto de forma geral. Se me forem ofertadas condições (técnicas, metodológicas, etc.) para realização do trabalho, irei me sentir preparada para atuar com qualquer tipo de texto.
<b>Em relação à filmagem e edição de vídeos em Libras, você considera que suas habilidades são</b>	<b>TAS1</b> <b>TAO4</b> <b>TAO6</b>	Satisfatórias
	<b>TAS2</b> <b>TAO3</b>	Muito satisfatórias
	<b>TAS5</b>	Indiferente
	<b>TAS1</b> <b>TAS2</b> <b>TAO3</b> <b>TAO4</b> <b>TAS5</b> <b>TAO6</b>	Mensalmente

<p><b>Quando está TRADUZINDO do português escrito para a Libras em vídeo, quais os recursos e apoios externos você utiliza?</b></p>	<b>TAS1</b>	Consulta a outros colegas tradutores e/ou interpretes/ Consulta a amigos surdos/ Consulta a amigos ouvintes/ Consulta a outras traduções de textos paralelos/ Consulta a especialistas na temática do texto/ Busca de informações no Google.
	<b>TAS2</b>	Dicionários monolíngues de português/ Consulta a outros colegas tradutores e/ou interpretes/ Consulta a amigos surdos/ Consulta a amigos ouvintes/ Consulta a outras traduções de textos paralelos/ Consulta a especialistas na temática do texto/ Busca de informações no Google.
	<b>TAO3</b>	Dicionários monolíngues de português/ Dicionários bilíngues Português-Libras/ Glossários em Libras/ Consulta a outros colegas tradutores e/ou interpretes/ Consulta a amigos surdos/ Consulta a amigos ouvintes/ Consulta a especialistas na temática do texto/ Busca de informações no Google.
	<b>TAO4</b>	Glossários em Libras/ Consulta a outros colegas tradutores e/ou interpretes/ Consulta a amigos surdos/ Consulta a amigos ouvintes/ Consulta a especialistas na temática do texto/ Busca de informações no Google.
	<b>TAS5</b>	Glossários em Libras/ Consulta a outros colegas tradutores e/ou interpretes/ Consulta a amigos ouvintes/ Busca de informações no Google.
	<b>TAO6</b>	Dicionários monolíngues de português/ Dicionários bilíngues Português-Libras/ Glossários em Libras/ Consulta a outros colegas tradutores e/ou interpretes/ Consulta a amigos surdos/ Consulta a amigos ouvintes/ Consultas a outras traduções de textos paralelos/ Consulta a especialistas na temática do texto/ Busca de informações no Google/ Outra: Costumo utilizar todos os recursos acima listados, porém, não necessariamente ao mesmo tempo e/ou em todas os trabalhos de tradução que realizo. O uso desses recursos vai variar conforme a tradução proposta e depender do texto, línguas envolvidas, direção, forma de registro, contextos, condições de trabalho, etc.
<p><b>Como você prefere TRADUZIR?</b></p>	<b>TAS1</b> <b>TAS5</b>	Em dupla
	<b>TAS2</b> <b>TAO3</b> <b>TAO4</b> <b>TAO6</b>	Em equipe
	<b>TAS1</b>	Gosto de trabalhar com dupla ou equipe, compartilhar as ideias e organizar os sinais, conforme o texto adequado para tradução padronizada.
	<b>TAS2</b>	Dois cérebros trabalham melhor do que um. Quanto mais, melhor ainda.
	<b>TAO6</b>	
<p><b>Explique sua resposta anterior</b></p>	<b>TAS1</b>	Gosto de trabalhar com dupla ou equipe, compartilhar as ideias e organizar os sinais, conforme o texto adequado para tradução padronizada.
	<b>TAS2</b>	Dois cérebros trabalham melhor do que um. Quanto mais, melhor ainda.

	<b>TAO3</b>	Um surdo e um ouvinte para ajudar. Surdo para adequar a língua da chegada e ouvinte para resolver as transferências do sentido.
	<b>TAO4</b>	A tradução não é apenas o momento de gravação em Libras. Ela acontece no momento do estudo e na revisão, então, sempre é bom ter colegas para trocar.
	<b>TAS5</b>	O supervisor acompanha a minha tradução verificando a clareza da mensagem que preciso passar.
	<b>TAO6</b>	Em dupla ou em equipe. Mais de um profissional envolvido no processo tradutório significa conhecimento especializado mais abrangente e diferentes competências específicas disponíveis, assim como a possibilidade de atuação de apoio e consulta entre profissionais bilíngues falantes nativos das línguas envolvidas.
<b>Defina com suas palavras: INTERPRETAÇÃO de/para língua de sinais</b>	<b>TAS1</b>	Interpretação se envolve subjetividade.
	<b>TAS2</b>	Interpretação é ter as competências tradutórias especificamente na interpretação simultânea ou consecutiva, diferentemente da tradução.
	<b>TAO3</b>	A interpretação é efêmera, seu consumo é instantâneo e caso o interprete sinalize o mesmo conteúdo duas vezes, cada enunciado seria distinto, mesmo que os sinais fossem “pronunciados” da mesma forma e sequência. Considero interpretação quando há a transferência do conteúdo em uma língua/ cultura para outra, cujo consumo do produto deste trabalho por parte do público alvo é instantâneo. Mesmo que a sinalização seja gravada, ainda sim, isso seria uma interpretação gravada, pois não houve um trabalho de revisão.
	<b>TAO4</b>	Processamento linguístico, tradutório e referencial em tempo real.
	<b>TAS5</b>	É uma prática de curto prazo que deve ser realizado na intermediação de uma língua fonte para a língua alvo. Como essa prática é de curto prazo, não há muito chances de rever o conteúdo, procurar ajuda ou pesquisar.
	<b>TAO6</b>	Ato ou efeito de interpretar.
<b>Defina com suas palavras: TRADUÇÃO de/para língua de sinais</b>	<b>TAS1</b>	Pode ocorrer tradução cultural e literal.
	<b>TAS2</b>	Para fazer uma tradução de melhor qualidade, é preciso ter uma equipe que saiba trabalhar junto, desde que tenha um surdo na equipe.
	<b>TAO3</b>	Produção textual registrada, gravada ou grafada, da transferência do conteúdo em uma língua para outra sendo que o tradutor se autoavalia ou é avaliado pelo revisor, outro tradutor, e há possibilidade de refazer o mesmo trabalho corrigindo partes da primeira gravação.
	<b>TAO4</b>	Processamento linguístico, tradutor e referencial com mais tempo.

	<b>TAS5</b>	É uma prática de longo prazo, que permite que você consulte outras fontes para melhorar a qualidade do seu trabalho de uma língua fonte para a língua alvo. Por a longo prazo, permite que você pesquise, estude, analise e traduza.
	<b>TAO6</b>	Ato ou efeito de traduzir.
<p><b>Leia a seguinte afirmação: “Qualquer intérprete de Língua de Sinais possui habilidades, conhecimentos e competência para atuar como TRADUTOR de qualquer tipo de texto”.</b></p> <p><b>Agora responda: Essa AFIRMAÇÃO é VERDADEIRA?</b></p>	<b>TAS1</b>	Sim
	<b>TAS2</b> <b>TAO3</b> <b>TAO4</b> <b>TAS5</b>	Não
	<b>TAO6</b>	Parcialmente.
<p><b>Explique sua resposta anterior</b></p>	<b>TAS1</b>	Pois o conhecimento prévio dos conteúdos que leva respeito ao profissional cuja formação lhe habilitará e trabalha junto com surdos, cabe o intérprete desenvolvendo melhor trabalho de tradução (pois já adquiriu conhecimento cultural de língua de sinais).
	<b>TAS2</b>	Porque, na minha opinião, a tradução e a interpretação podem ter as suas similares, mas tem as suas diferenças funções também.
	<b>TAO3</b>	É preciso se acostumar e aprender a interagir com a câmera. Acho que esse é o principal desafio. Fora isso, as competências necessárias são muito semelhantes.
	<b>TAO4</b>	Seria interessante se cada profissional tivesse a sua área de afinidade e especialidade, evitando assim a formação generalista.
	<b>TAS5</b>	Depende muito do profissional. Alguns podem não ser aptos nas duas habilidades ou apenas em uma delas. Ou ainda, ser mais qualificado em uma habilidade e menos na outra, por exemplo, 70% em uma habilidade e 30% na outra.
	<b>TAO6</b>	Uma vez ofertada condições mínimas para realização do trabalho, qualquer profissional que seja devidamente capacitado, que tenha conhecimento especializado, que tenha competência (linguística, tradutória, metodológica, etc.) e que seja bilíngue, poderá traduzir ou interpretar qualquer tipo de texto.
<p><b>Você considera mais fácil TRADUZIR da Libras em vídeo para o Português escrito ou do</b></p>	<b>TAS1</b> <b>TAS2</b> <b>TAO3</b> <b>TAO4</b>	Do português escrito para Libras em vídeo.

<b>Português escrito para Libras em vídeo?</b>	<b>TAS5</b>	
	<b>TAO6</b>	Não importa a direção da tradução, é igual para mim.
<b>Explique o porquê de sua resposta anterior</b>	<b>TAS1</b>	L2 tem conhecimento o português e L1 fácil para traduzir para Libras.
	<b>TAS2</b>	Porque eu posso traduzir para minha língua de “conforto” facilmente.
	<b>TAO3</b>	O português possui um escopo enorme e inúmeras ferramentas de pesquisa para se entender o texto fonte e o mais difícil no processo de tradução é a compreensão deste. O sentido inverso se complica quando um surdo apresenta um sinal que não tenho como pesquisar.
	<b>TAO4</b>	A modalidade em que atuo com mais frequência.
	<b>TAS5</b>	Não sou apta para fazer tradução da Libras para o Português escrito. Talvez Libras para a língua falada.
	<b>TAO6</b>	A facilidade e/ou dificuldade dependerá das condições que terei para realizar a tradução. Porém, por ser o português a minha primeira língua (L1), me sinto mais CONFORTÁVEL em realizar traduções na direção: Libras-Português.

Fonte: a autora a partir dos dados coletados no questionário.

Em síntese, no quadro acima, vemos o perfil das duplas de TASO. Observamos que TAS1, TAO3, TAO4 aprenderam Libras com menos idade do que outros. TAS1, TAS5, TAO6 possuem uma formação concluída em nível de mestrado e doutorado (linguística e tradução), sendo que alguns como TAO3, TAO4 e TAO6 fizeram curso de Letras-Libras bacharelado, tradução e interpretação de português-Libras, também outros cursos de extensão, específicos em tradução e interpretação de português-Libras, tendo uma experiência de mais de dez anos. Em diálogo com os profissionais, ficamos sabendo que eles(as) têm atuado por muito tempo diretamente com a tradução do português escrito para a Libras em vídeo e que isso, inclusive, tem sido uma de suas principais atividades profissionais. É interessante notar que TAS2 e TAS5 relataram ter aprendido a Libras quando jovens.

Vemos algo interessante em relação à experiência dos TASO, embora, possuam experiência tanto em interpretação quanto tradução, pelo menos, com destaque para a interpretação, TAO3, TAS5, TAO6 apontam possuir mais de dez anos de experiência como intérprete do que outros, e com destaque para a tradução, TAS1, TAO5, apontam possuir mais de dez anos de experiência como tradutor, e outros TAS2, TAO3, TAO6 indicam que têm entre seis e dez anos. Há uma diferença significativa entre o tempo de experiência como intérprete e como tradutor nos profissionais, fato que confirma a preponderância da atuação como intérprete

sobre a como tradutor.

No que se refere aos contextos de atuação, temos que os TASO atuaram diversos contextos, tais como os familiares, educacionais, midiáticos e outros, sendo que TAS5 não atuou contextos familiares, de saúde e midiáticos. Outros pontos comuns são a experiência com a tradução de textos e a preferência pelo trabalho entre tradutores(as) surdos(as) e tradutores(as) ouvintes, conforme nos quadros, temos que tradutores(as) surdos(as) atuam menos contextos do que ouvintes, citando assim, tradutores(as) surdos(as) atuaram os contextos familiares, educacionais, midiáticos, conferência, jurídicos, de saúde, empresariais. E tradutores(as) ouvintes atuaram mais em contextos religiosos, políticos e artístico-culturais.

Desse modo, os tradutores(as) surdos(as) demonstram sua preocupação com os conhecimentos da área ou domínio específico, explicando que não se sentem preparados para trabalhar com a tradução dos textos fora das áreas que demandam conhecimento especializado, como contextos científicos, musicais e religiosos. Vejamos algumas falas: TAS1 – “Foi parte mais difícil traduzir teses, dissertação, artigo”; e TAS2 – “Porque não tenho uma religião e não faço as traduções religiosas”.

Quanto aos(as) tradutores(as) ouvintes, vemos que não se sentem preparados com contextos jurídicos, literários e religiosos. Vejamos os motivos: TAO4 – “Acho que meu corpo não é artístico para a área literária”; e TAO6 – “Textos religiosos são textos que possuo menos competência referencial, mas não significa necessariamente que me sinta menos preparada para atuar com esse tipo de texto de forma geral. Se me forem ofertadas condições (técnicas, metodológicas etc.) para realização do trabalho, irei me sentir preparada para atuar com qualquer tipo de texto”.

Eles(as), tradutores(as) surdos(as) e ouvintes, destacando que um profissional possui competência para atuar e traduzir com qualquer tipo de texto, devido à necessidade de conhecimentos e habilidades para áreas específicas. Vale mencionar que os conhecimentos temáticos, de área ou de domínio específico compõem a competência tradutória. Como apontado por Hurtado Albir (2005, p. 23), são componentes da competência tradutória “conhecimentos linguísticos, textuais, temáticos, culturais, de documentação, capacidade de transferência etc.”.

O trabalho em dupla ou mesmo em equipe é um aspecto importante à atividade

interpretativa e à tradutória, já que, na prática, a maioria dos profissionais intérpretes e tradutores de Libras prefere traduzir com equipe, mais do que em dupla, desenvolvendo esse trabalho compartilhado. O trabalho em equipe traz uma série de benefícios tanto ao profissional quanto à qualidade de seu trabalho. Dentre suas vantagens, podemos dizer, por exemplo, que na interpretação, o trabalho em equipe ajuda operativa e cognitivamente ao possibilitar o revezamento, ao contribuir com a solução de problemas de interpretação e ao favorecer a identificação de possíveis falhas e/ ou equívocos interpretativos. Já na tradução, temos a possibilidade de um processo mais reflexivo com a ampliação das possibilidades de compreensão e de reformulação dos textos, assim como de seu refinamento, como foi apontado pelos participantes: “Dois cérebros trabalham melhor do que um. Quanto mais, melhor ainda” (TAS2); “Em dupla ou equipe. Mais de um profissional envolvido no processo tradutório significa conhecimento especializado mais abrangente e diferentes competências específicas disponíveis, assim como a possibilidade de atuação de apoio e consulta entre profissionais bilíngues falantes nativos das línguas envolvidas” (TAO6).

Apesar de possuírem experiência em tradução de/para as línguas de sinais, a qual exige o uso da tecnologia para o registro da LS em vídeo, os(as) tradutores(as) surdos(as) e os(as) tradutores(as) ouvintes destacam que suas habilidades de filmagem e edição de vídeos são satisfatórias. É interessante notar que esses(as) tradutores(as) surdos(as) e ouvintes conseguem ter potencial pela filmagem e edição de suas traduções para a Libras em vídeo. Nesse sentido, esse aspecto não é prejudicial à qualidade da atuação de TASO, já que o apoio de um profissional devidamente capacitado garante a qualidade do vídeo com a tradução final. Abordam nesse assunto, que o papel do tradutor e do revisor são distintos (o que diferencia o tradutor do revisor, é que o revisor é encarregado de revisar material produzido com o intuito de conferir-lhe a correção e clareza), se a dupla ou em equipe traduz junta, o ideal é que o revisor seja uma terceira pessoa. É preciso lutar por condições de trabalho junto aos contratantes, como a contratação de revisores, cinegrafistas e editores de vídeo. Considere-se como Silva (2013, p. 122),

a importância de um trabalho em conjunto desenvolvido por profissionais envolvendo tradutores-atores, equipe técnica em geral (cinegrafista, editor etc.), revisores e consultores sinalizantes. [...] Os campos de estudo que compartilham saberes sobre a linguagem audiovisual, cinematográfica e semiótica, começam gradativamente serem visitados e transitados pelos pesquisadores dos estudos envolvendo línguas sinalizadas, uma vez que o vídeo enquanto registro da língua de sinais engloba necessariamente todos esses aspectos sobre a visualidade de ferramentas em interface com a visualidade da língua.

Assim como os demais tradutores de línguas vocais-auditivas, os(as) tradutores(as) de/para as línguas de sinais valem-se dos recursos de apoio externo disponíveis para auxiliar o processo tradutório, ou seja, estratégias da busca de auxílios externos (dicionários, glossários em libras, consulta a colegas tradutores e amigos, consulta a amigos surdos e ouvintes, uso de textos paralelos, consulta a especialistas e buscas no Google). Isso se confirma nas respostas dos TASO. Infere-se que o apoio externo favorece a condução do processo tradutório contribuindo com uma tradução bem-sucedida. Exceto no caso de TAS5 que não consulta amigos surdos, e, sim, amigos ouvintes.

No que se refere à direcionalidade da tradução, temos que, embora os TAS1, TAS2, TAO3, TAO4 e TAS5 tenham indicado que consideram mais fácil traduzir em direção à escrita de sua língua materna, como no caso, do português escrito para Libras em vídeo. Já para TAO6 “não importa a direção da tradução, é igual para mim”, como sua tradução em direção à sua segunda língua, a Libras sinalizada. Nos primeiros TASO, citados acima, há indicação de porque “eu posso traduzir para minha língua de ‘conforto’ facilmente” (TAS2); ou seja, em direção a L1 (para surdos), traduzir de português escrito para Libras em vídeo; TAO3 explica que “o português possui um escopo enorme e inúmeras ferramentas de pesquisa para se entender o texto fonte e o mais difícil no processo de tradução é a compreensão deste. O sentido inverso se complica quando um surdo apresenta um sinal que não tenho como pesquisar.”, por isso, ele prefere traduzir do português escrito para a Libras em vídeo.

Em continuidade, a TAO6 afirma não ter preferência de direcionalidade de tradução de português escrito para a Libras em vídeo ou vice-versa, segundo ela: “a facilidade e/ ou dificuldade dependerá das condições que terei para realizar a tradução. Porém, por ser o português a minha primeira língua (L1), me sinto mais confortável em realizar traduções na tradução: Libras-Português”.

De qualquer maneira, vale notar que temos tanto uma situação de tradução direta, da segunda língua para a primeira (de L2 para L1, de B para A), especialmente no caso dos surdos, quanto de inversa (de L1 para L2, de A para B), no caso dos ouvintes. Independentemente da direção, podemos dizer que a tradução, assim como a interpretação, do português para a Libras são vistas como a direção mais comum, a qual vem sendo realizada tanto por surdos quanto por

ouvintes. Entretanto, existem diversos tradutores ouvintes que preferem atuar na direcionalidade inversa, de sua primeira língua para a segunda. Rodrigues (2018c) fala sobre a direcionalidade inversa,

é interessante entendermos que um conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos se relaciona à direcionalidade do processo interpretativo intermodal. Questões históricas e sociais fizeram com que a interpretação da língua oral para a de sinais fosse mais demandada e, portanto, se tornasse mais comum. Devido a isso, muitos intérpretes intermodais, principalmente os novatos, preferem interpretar de sua L1 (primeira língua, língua oral, língua A) para sua L2 (segunda língua, língua de sinais, língua B) (RODRIGUES, 2018c, p. 124).

É relevante notarmos as definições dadas para a tradução e interpretação de LS. Ambos os TASO relatam as diferenças e semelhanças entre a definição de interpretação e de tradução. Sobre a interpretação, TAO4 indica ser o “processamento linguístico, tradutório e referencial em tempo real”; e TAO6 afirma que a interpretação seria o “ato ou efeito de interpretar” em oposição a tradução que seria “ato ou efeito de traduzir”. Outros tradutores também indicaram a diferença entre a tradução e a interpretação. TAS5 revela que a interpretação na prática é de curto prazo, devendo a ser realizada na intermediação de uma língua fonte para a língua alvo, enquanto a tradução é a prática de longo prazo, com possibilidade de consulta a outras fontes para melhor qualidade do trabalho de uma língua fonte para a língua alvo. TAO3 indica que na interpretação há a transferência do conteúdo de uma língua/cultura para outra, não havendo um trabalho de revisão, em contrapartida, na tradução há transferência do conteúdo em uma língua para outra ocorrendo a revisão por parte do mesmo tradutor ou pelo revisor, outro tradutor. Eles e outros tradutores mencionam diretamente a tradução como uma operação textual, tradução cultural, literal e/ou cognitiva. Enfatizando as condições operacionais da tradução (tempo, contexto e/ou recursos) como elementos diferenciadores entre a tradução, propriamente dita, e a interpretação.

Alguns aspectos em relação à aplicação do questionário merecem destaque aqui. O primeiro deles diz respeito às respostas dadas pelos TASO na pergunta sobre a frequência em que realiza esses “trabalhos” de tradução do português escrito para a Libras em vídeo. Na validação do questionário, os tradutores indicaram que realizam esses “trabalhos” mensalmente. Entretanto, como sabemos que, em alguns casos, uma das principais atividades profissionais é a tradução do português escrito para a Libras em vídeo. Conversamos sobre essa questão com aqueles que participaram da pilotagem do questionário e vimos que possivelmente eles interpretaram “trabalho” como uma atividade para além de sua principal atividade profissional, a qual se constitui como um encargo específico de tradução. Devido a isso,

decidimos retirar a palavra “trabalho” da questão, a qual passou a: “Com que frequência você realiza a TRADUÇÃO do português escrito para a Libras?”

Outra alteração realizada refere-se ao acréscimo de mais uma opção na questão sobre qual a direção da tradução, português escrito para a Libras em vídeo, se considera mais fácil. Agora existem três opções de resposta, a saber: (i) do português escrito para Libras em vídeo; (ii) da Libras em vídeo para o Português escrito; e (iii) não importa a direção da tradução, é igual para mim. Apesar de, às respostas do questionário, não haver “da Libras em vídeo para o Português escrito”. Todos os tradutores consideraram mais fácil traduzir “do português escrito para Libras em vídeo”, pela prática.

Após a validação do questionário, e antes de sua aplicação as duplas, decidimos também colocar os títulos nas partes e enumerar todas as questões, com o intuito de aprimorar sua organização. Além disso, alteramos a ordem da questão referente à preferência de se trabalhar individualmente, em dupla ou em equipe, que passou da 17ª posição para a 6ª posição no questionário. A questão aberta posterior a ela e que a acompanha, também foi movida.

## 7.2 O TEXTO-FONTE: GÊNERO, PROBLEMAS DE TRADUÇÃO E DESAFIOS

Nessa parte, realizamos uma análise do TF, buscando conhecer os possíveis problemas e desafios de tradução presentes nele, assim como os termos e conceito que exijam mais dos TASO. Entendemos que o TF utilizado é uma produção linguístico-textual que se caracteriza por suas propriedades sociocomunicativas particulares e, portanto, faz parte do gênero textual “resumo acadêmico” (Quadro 9).

### **Quadro 10 – Estruturação do TF a partir dos elementos do seu gênero textual**

---

#### **(1) temática e contextualização**

---

Hoje no Brasil, a educação de surdos caminha com a perspectiva de uma Educação Bilíngue (Língua Portuguesa x Língua Brasileira de Sinais), cuja proposta foi aprovada no Congresso Nacional. Um dos grandes desafios da educação de surdos é a contribuição de materiais didáticos, que coloque a criança surda em contato com o conhecimento existente em sua língua. Dentre os materiais didáticos encontramos diversas obras literárias infantis traduzidas para a Libras como narrativas, contos, fábulas e poesias.

---

### (2) justificativa

A literatura surda vem ganhando destaque na comunidade surda, com o avanço da tecnologia, com o registro de vídeos, dando possibilidades a novas pesquisas acadêmicas nos campos da linguística e estudos da tradução.

### (3) delimitação do tema

Com essas produções em vídeo tornou-se possível investigar nas traduções em Libras, as estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos. O objeto de análise nesse trabalho é a fábula “Os três porquinhos”, apresentada em três vídeos: LSB (1999), INES (2007) e no youtube (2011).

### (4) objetivo do estudo

A análise desses materiais tem como objetivo investigar os vídeos de obras literárias infantis em Libras e analisar as estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos.

### (5) a metodologia empregada

A metodologia consistiu em análise detalhada dos vídeos, comparando as diferentes estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos nos quatro personagens da história (três porquinhos e lobo mau) e o antropomorfismo cultural do Ser Surdo nos personagens do último vídeo, com exemplos de elementos surdos como comportamentos surdos, uso da língua de sinais e tradições surdas.

### (6) fundamentação teórica

Essa pesquisa foi feita baseando-se nos estudos de antropomorfismo de Sutton-Spence e Napoli (2010).

### (7) a conclusão

E com essa análise do uso do antropomorfismo utilizado pelos tradutores/atores surdos foi possível ver o leque de possibilidades para o uso do antropomorfismo do Ser culturalmente Surdo e a contribuição dos tradutores/atores surdos com sua experiência cultural surda.

Fonte: a autora.

Quanto à análise textual, consideramos importante verificar quais seriam os fatores extratextuais e intratextuais que podem nos ajudar a compreender esse gênero “resumo acadêmico” do TF utilizado. Nord (2016, p. 75) sugere que se considerem alguns fatores extratextuais e intratextuais. Vejamos um quadro analítico construído com base na autora citada (Quadro 10).

**Quadro 11 – Fatores extratextuais e intratextuais do TF**

#### FATORES EXTRATEXTUAIS

*Autor ou emissor do texto (quem?):* Betty Lopes, acadêmica e pesquisadora surda.

*Intenção do autor (para quê?):* construir um resumo acadêmico para acompanhar seu artigo, sintetizando os seguintes elementos: tema, justificativa, objetivo, metodologia, fundamentação teórica e conclusão.

*Público para o qual o texto é direcionado (para quem?):* público acadêmico (educadores, estudantes, pesquisadores, tradutores etc.) e demais pessoas interessadas.

*Meio ou canal pelo qual o texto é comunicado (por qual meio?):* anais de um Congresso acadêmico, disponível on-line na internet.

*Lugar (em qual lugar?):* Brasil – site de um congresso brasileiro sobre tradução e interpretação de português-Libras (<http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2953.pdf>).

*Tempo de produção e recepção do texto (quando?):* produzido para o evento realizado em novembro de 2014 com sua publicação nos Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, UFSC.

*Motivo da comunicação (por quê?):* compartilhar uma pesquisa com a comunidade acadêmica.

*Respeito à função que o texto pode alcançar (com qual função textual):* Informativa – oferecer uma síntese de informações sobre o conteúdo do artigo que capaz de permitir que leitores, estudantes e pesquisadores, conheçam previamente o conteúdo do artigo.

---

### FATORES INTRATEXTUAIS

*Tema de que o texto trata (sobre qual assunto?):* síntese da pesquisa que abordou a tradução da fábula “Os três porquinhos” para a Libras com o intuito de analisar as estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos.

*Conteúdo apresentado no texto (o quê?):* temática e contextualização da pesquisa, delimitação do tema, justificativa, objetivo, metodologia empregada, fundamentação teórica e conclusão.

*Pressuposições de conhecimento feitas pelo autor (o que não?):* o autor espera que seu leitor saiba o que Libras, educação bilíngue, literatura surda, a fábula “Os três porquinhos” e os conceitos de antropomorfismo, cultura surda, Ser surdo e Ser culturalmente surdo.

*Estruturação do texto (em qual ordem?):* (1) temática e contextualização da pesquisa a partir da realidade brasileira, (2) justificativa da pesquisa, (3) delimitação do tema, (4) objetivo da pesquisa, (5) metodologia empregada, (6) fundamentação teórica e (7) conclusão.

*Elementos não linguísticos acompanhados do texto (utilizando quais elementos não verbais?):* Há sim, pois embora o resumo não faça uso de gestos, músicas ou imagens; temos símbolos gráficos característicos da escrita, tais como parêntesis, barras, aspas, pontos, vírgulas e o uso do “x” com significado de *versus*. Também, há um “s” maiúsculo em Ser Surdo.

*Características lexicais (com quais palavras?):* 288 palavras – verbos, substantivos, artigos, preposições, adjetivos, advérbios e numerais.

---

Fonte: a autora, a partir de Nord (2016).

Com esse olhar sobre o TF, podemos melhor compreender sua organização textual e, portanto, prever quais são os elementos estruturais, intratextuais e extratextuais, com os quais os TASO participantes da pesquisa precisam lidar durante seu processo de compreensão do TF em português escrito e, também, de construção do TA em Libras. Para ampliar nossa reflexão sobre o TF, vamos abordar agora os possíveis problemas de tradução e os desafios que, provavelmente, os TASO encontraram em seu processo de tradução. Ao abordar os problemas de tradução, Hurtado Albir remete-nos às definições de Nord. Nas palavras de Hurtado Albir (2011, p. 282),

Nord (1988) é um dos autores que aborda explicitamente a questão dos problemas de tradução. Esta autora faz uma diferenciação entre problema e dificuldade de tradução. Define o problema da tradução como: “Um problema é objetivo que todo tradutor (independentemente de seu nível de competência e das condições técnicas de seu trabalho) deve resolver no decurso de uma tarefa de tradução específica.” As dificuldades de tradução, por outro lado, “são subjetivas e têm a ver com o próprio tradutor e suas condições particulares de trabalho”.<sup>29</sup>

Neste trecho, vemos uma proposta de distinção entre problemas de tradução, os quais são objetivos e, portanto, podem ser identificados no TF, e dificuldades de tradução que, diferentemente do problema, está marcada pela individualidade de cada tradutor, ou seja, é subjetiva, já que o tradutor pode reconhecer uma dificuldade durante o processo de tradução em função de questões linguísticas, culturais ou mesmo de sua CT. Adotaremos essa diferenciação no sentido de podermos identificar as questões presentes no TF que exigem uma solução por parte dos TASO, as quais definimos como problemas de tradução. Nessa perspectiva, os TASO podem ter ou não dificuldades de solucionar esses problemas, tomando decisões e empregando estratégias. Considera-se que dificuldades seriam de quatro tipos:

- (1) as específicas do texto, referentes ao grau de compreensão do texto original e que podem ser encontradas a partir da análise textual de fatores intratextuais;
- (2) as que dependem do tradutor, que existem inclusive para o tradutor ideal com plena competência, ainda que a experiência o tenha ensinado a superá-las;
- (3) as pragmáticas, referentes a natureza do fazer tradutório; e (4) as técnicas, relacionadas a especificidade temática do texto. (HURTADO ALBIR, 2011, p. 282).<sup>30</sup>

Em relação aos possíveis problemas de tradução, com base na categorização proposta por Hurtado Albir (2011), os identificamos no TF, considerando que os TASO precisam empregar as determinadas estratégias para lidar com cada um deles. Essa categorização também é registrada no ELAN considerando-se o seguinte: (i) Problemas de compreensão (linguísticos, textuais, extralinguísticos e de intencionalidade); e (ii) Problemas de reformulação (linguísticos, textuais, extralinguísticos e de encargo de tradução e público-alvo).

---

<sup>29</sup> No original: “Nord (1988) es uno de los autores que aborda explicitamente la cuestion de los problemas de traducción. Esta autora efectua la diferencia entre problema y dificultad de traducción. Define el problema de traducción como: ‘Un problema objetivo que todo traductor (independentemente do su nivel de competencia y de las condiciones técnicas de su trabajo) debe resolver en el transcurso de una tarea de traducción determinada.’ Las dificultades de traducción, en cambio, ‘on subjetivas y tienen que ver con el propio traductor y sus condiciones de trabajo particulares’”.

<sup>30</sup> No original: 1) las específicas del texto, que están relacionadas con el grado de comprensibilidad del texto original y que pueden descubrirse repasando los factores intratextuales del análisis textual; 2) Las que dependen del traductor, que existen incluso para el traductor ideal con plena competencia, aunque la experiencia le haya enseñado a superarlas; 3) Las pragmáticas, que están relacionadas con la naturaleza de la tarea traductora; 4) Las técnicas, que están relacionadas con la especificidad del tema de que trata el texto.

Considerando essas visões acerca de problemas e dificuldades de tradução, pode-se concluir que todos os TASO, durante a realização da tarefa de tradução do resumo acadêmico em português escrito para a Libras em vídeo, têm que lidar com diferentes problemas e dificuldades textuais, pragmáticas, pessoais, culturais, linguísticas e intermodais (tanto em relação à diferença de modalidade das línguas quanto à diferença entre a modalidade *escrita* do português e a *sinalizada* da Libras) e, inclusive, superá-las. Portanto, vejamos alguns possíveis problemas de tradução que identificamos no TF (Quadro 11).

#### Quadro 12 – Categorização de possíveis problemas de tradução

---

[Hoje no Brasil, a educação de surdos caminha com a perspectiva de uma Educação Bilingue (**Língua Portuguesa x Língua Brasileira de Sinais**) (01 PRT), cuja proposta foi aprovada no Congresso Nacional. Um dos grandes desafios da educação de surdos é a contribuição de materiais didáticos, que coloque a criança surda em contato com o conhecimento existente em sua língua. Dentre os materiais didáticos encontramos diversas obras literárias infantis traduzidas para a Libras como **narrativas, contos, fábulas e poesias** (01 PCL PCT/ PRL PRE). A literatura surda vem ganhando destaque na comunidade surda, com o avanço da tecnologia, com o registro de vídeos, dando possibilidades a novas pesquisas acadêmicas nos campos da linguística e estudos da tradução. Com essas produções em vídeo tornou-se possível investigar nas traduções em Libras, **as estratégias de antropomorfismo** (02 PCL PCE/ PRL PRE) utilizadas pelos **tradutores/atores** (03 PCI / PRE) surdos. O objeto de análise nesse trabalho é a fábula “Os três porquinhos”, apresentada em três vídeos: **LSB (1999), INES (2007) e no youtube (2011)** (02 PRT). A análise desses materiais tem como objetivo investigar os vídeos de obras literárias infantis em Libras e analisar as **estratégias de antropomorfismo** (04 PCL PCE/ PRL PRE) utilizadas pelos **tradutores/atores** (03 PCI / PRE) surdos. A metodologia consistiu em análise detalhada dos vídeos, comparando as diferentes **estratégias de antropomorfismo** (04 PCL PCE/ PRL PRE) utilizadas pelos **tradutores/atores** (03 PCI / PRE) surdos nos quatro personagens da história (três porquinhos e lobo mau) e o **antropomorfismo cultural do Ser Surdo** (05 PCL PCE/ PRL PRE) nos personagens do último vídeo, com exemplos de elementos surdos como comportamentos surdos, uso da língua de sinais e tradições surdas. Essa pesquisa foi feita baseando-se nos estudos de antropomorfismo de **Sutton-Spence e Napoli (2010)** (03 PRT). E com essa análise do uso do antropomorfismo utilizado pelos **tradutores/atores** (03 PCI / PRE) surdos foi possível ver o leque de possibilidades para o uso do **antropomorfismo do Ser culturalmente Surdo** (05 PCL PCE/ PRL PRE) e a contribuição dos **tradutores/atores** (03 PCI / PRE) surdos com sua experiência cultural surda.] *Todo o texto* (00 PR/ T)

---

Fonte: a autora.

Legenda: PRT – problemas de reformulação textuais, PCL – problemas de compreensão linguísticos, PCT – problemas de compreensão textuais, PRL – problemas de reformulação linguísticos, PRE – problemas de reformulação extralinguísticos, PCE – problemas de compreensão extralinguísticos, PCI – problema de compreensão intencionalidade.

O primeiro ponto que se destaca refere-se à terminologia especializada que o texto emprega. Independente dos conhecimentos ou da competência dos TASO, entendemos que as questões terminológicas são objetivas e precisam ser consideradas. Dentre os aspectos terminológicos, os quais se constituem como problemas linguísticos e/ ou extralinguísticos de

tradução, tanto de compreensão quanto de reformulação, destacamos cinco no TF, como se segue:

- 1) “**narrativas, contos, fábulas e poesias**” – embora se tenha, de modo geral, uma compreensão desses termos, seu uso conjunto remete a uma possível distinção entre eles e, por sua vez, expressa objetivamente tanto um problema linguístico quanto extralinguístico de compreensão e de reformulação. É um problema linguístico, pois exige que se identifiquem os termos correspondentes na LA e é extralinguístico, pois há a necessidade de verificar se esse uso conjunto tem objetivos específicos no campo especializado;
- 2) “**antropomorfismo**” – ainda que seja possível imaginar o que significaria o termo, ele está sendo usado de forma especializada constituindo-se como um problema linguístico e extralinguístico tanto de compreensão quanto de reformulação, já que há necessidade de verificar e/ou identificar a unidade terminológica na LA;
- 3) “**tradutores/atores**” – o termo constitui-se como um problema extralinguístico de reformulação e de intencionalidade, pois é necessário identificar o que esse termo evoca e qual é a intenção da autora do resumo ao utilizá-lo. Além disso, por ter sido grafado com uma barra “/” no lugar de um hífen “-”, o termo pode confundir, já que a “/” significa OU e não E como o “-”. Se quer dizer “tradutores-atores” como um único termo, mas se diz no TF “tradutores ou atores”; tanto faz para tradutoras/atrizes também;
- 4) “**estratégias de antropomorfismo**” – o uso de antropomorfismo como um adjetivo de estratégias constitui uma especificação desse termo e, portanto, apresenta-se como um problema extralinguístico tanto de compreensão quanto de reformulação, já que é preciso entender o que o termo diz e identificar uma possível unidade terminológica correspondente;
- 5) “**antropomorfismo cultural do Ser Surdo**” – temos aqui um termo composto de uso especializado que se constitui em um problema extralinguístico, tanto de compreensão quanto de reformulação, de identificação de uma unidade terminológica correspondente na LA.

Em sequência destacamos que a tradução do resumo acadêmico já representa em si um problema textual de reformulação, já que é necessário conhecer o funcionamento textual de um resumo acadêmico em Libras. Com base nessa questão central, identificamos mais três possíveis problemas textuais de tradução:

- 1) “**Língua Portuguesa x Língua Brasileira de Sinais**” – há um aspecto textual interessante aqui, o uso do “x” *versus*. Esse símbolo pelo contexto parece significar “e”, mas pode ser visto como a presença das duas línguas opondo-se uma a outra. Nesse sentido, é possível pensar que esse símbolo, parte da construção textual, corresponde a um problema textual de reformulação;
- 2) “**LSB (1999), INES (2007), no youtube (2011)**” – são citados quatro vídeos seguidos de suas datas de publicação. Consideramos que há um problema textual de reformulação referente ao como apresentar em Libras esses quatro vídeos com suas respectivas datas, levando em conta a característica do gênero textual, inclusive no que se refere a uma possível padronização;

3) “**Sutton-Spence e Napoli (2010)**” – de maneira semelhante ao problema textual de reformulação apontado acima, temos aqui a necessidade de se indicar a citação dos autores e ano da obra o que demanda, dentre outros, certa padronização, inclusive da maneira de se indicar as datas das publicações no resumo.

É possível que identifiquemos, durante a análise, algumas dificuldades enfrentadas pelos TASO, as quais podem indicar outros problemas de tradução.

### 7.3 A REALIZAÇÃO E O REGISTRO DAS ETAPAS DA TAREFA

A tarefa foi realizada pelas três duplas em espaço reservado, ou seja, em um estúdio de gravação da UFSC, o qual tem uma estrutura adequada à produção de vídeos em Libras: paredes todas pintadas de azul, iluminação etc. As três duplas — dupla A: tradutores-atores surdos; dupla B: tradutores-atores ouvintes e dupla C: uma tradutora-atriz surda e outra tradutora-atriz ouvinte — seguiram todas as etapas previstas para a tarefa, conforme exposto anteriormente. A duração total da coleta de dados foi de, aproximadamente, oito horas no total e realizado em três dias — duas duplas realizaram a tarefa no período matutino e vespertino e a terceira duplas no período vespertino e noturno —, incluindo-se as fases de orientação, produção, revisão e edição final.

Durante a coleta de dados foi necessário seguir um roteiro: (1) explicação detalhada às participantes da dupla de como seria a tarefa; (2) leitura e assinatura do termo de consentimento (TCLE) (ver anexo 1), deixando claros os objetivos da pesquisa, as condições do experimento e o fato de que os participantes são voluntários e que podem desistir da participação na pesquisa a qualquer momento; (3) disponibilização do TF, de materiais para anotações e de todos os equipamentos necessários à realização da tarefa de tradução; (4) realização da tarefa de tradução do TF para Libras e registro de todo o processo em vídeo; (5) apresentação do TA em Libras e coleta dos TAP's retrospectivos; e (6) realização da entrevista semiestruturada.

Para a coleta, seguimos as quatro etapas distintas, explicadas anteriormente: Etapa A – *Fase de Orientação* (nessa fase incluímos todo o processo anterior à realização da tarefa, desde o primeiro contato e aplicação dos questionários até à assinatura do TCLE e as orientações prévias no dia da tarefa, assim como o contato inicial com o TF); Etapa B – *Fase de Redação*

(essa fase diz respeito a todo o processo de tradução, desde a análise detalhada do texto, sua tradução em glosas, sua sinalização e filmagem); Etapa C – *Fase de Revisão e Edição* (essa fase envolve o trabalho com a tradução já filmada, sua revisão e edição); e Etapa D – *Protocolos Verbais Retrospectivos e Entrevista* (coleta dos protocolos, a partir do TF oferecido em vídeo como insumo, *input*, e entrevista).

Para implementar o processo de coleta de dados, utilizamos três filmadoras com tripés, posicionadas de forma diferente em cada uma das etapas. Também foi necessário usar um *notebook* para que as participantes possam se dedicar à atividade de tradução do TF para a Libras, assim como os demais recursos presentes no estúdio (parede azul para filmagem; câmera filmadora, 4 iluminadores com *softbox* – um tipo de dispositivo de iluminação).

É importante registrar que dispomos do apoio de um técnico no estúdio de videoconferência da UFSC (local de gravação de vídeos) no apoio a organização do espaço com a preparação das três filmadoras etc. Entretanto, vale explicar que não havia outro técnico disponível para o suporte na edição, porque os(as) tradutores(as), iriam editar seus próprios vídeos. Além disso, é importante destacar que alguns tradutores da dupla têm experiência na edição de vídeos<sup>31</sup>.

Antes de iniciar o registro da tarefa, passamos as instruções e detalhes do roteiro para a dupla, entregando as duas cópias do artigo, contendo o resumo (o TF), com o título *A Tradução de Obras Literárias em Língua Brasileira de Sinais – antropomorfismo em foco*. Disponibilizamos também papéis (A4), canetas, garrafas de água e lanche para o momento de pausa.

Para a realização da tarefa, foram dadas as seguintes instruções: (1) o texto em português escrito é um resumo de artigo acadêmico sobre *A Tradução de Obras Literárias em Língua Brasileira de Sinais – antropomorfismo em foco*; (2) o resumo traduzido em Libras, devidamente editado e finalizado, deverá ser entregue em arquivo de vídeo; (3) vocês podem utilizar o *notebook* com acesso à internet para buscar qualquer auxílio que necessitarem, inclusive seu celular pessoal (*WhatsApp*) para fazer contato com outras pessoas; e (4) o arquivo contendo a tradução final será salvo no *Google Drive*.

Após as instruções, os(as) participantes estiveram trabalhando no espaço determinado

---

<sup>31</sup> Na pilotagem do desenho experimental contamos com o apoio de uma auxiliar experiente em processos de coleta de dados com línguas de sinais por meio de filmagem, Miriam Royer (surda) pós-graduada em Linguística, bolsista da CAPES e integrante do NALS-UFSC (Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais).

para tradução do texto com acesso ao *notebook* com internet, às filmadoras e a outros materiais comuns do dia a dia (caneta, papel etc.). Os TASO também foram orientados em relação à filmagem da tradução com a finalidade de definir uma iluminação adequada e um bom enquadre de filmagem. Foi sugerido que verificassem bem o melhor enquadramento para a filmagem. Assim pedimos que deixassem pelo menos: (i) no plano vertical – cerca de um palmo sobre a cabeça até a altura um pouco abaixo da cintura; e (ii) no plano horizontal – a distância dos antebraços estendidos na altura dos ombros e mãos abertas para sinalizar.

Após darmos o encargo de tradução, observamos acessos à internet, conforme as duplas foram avançando na leitura do texto. Elas consultaram: (i) Google, (ii) YouTube; (iii) Coleção de Letras-Libras da UFSC; (iv) Glossário de sinais da UFSC, entre outros *sites* (todos estão indicados na próxima seção onde abordamos a gravação da tela do *notebook* usado por cada uma das três duplas). Essas consultas foram motivadas, principalmente, pela busca de termos correspondentes em Libras para antropomorfismo e para fábula. As duplas também realizaram anotações em papel, transcrevendo um resumo de português escrito para um sistema de glosas: “uso de uma interlíngua escrita, uma espécie de ‘glosa’ em português do texto na Língua de Sinais, para apoiar a memória da tradução sinalizada” (QUADROS, SOUZA, 2008, p. 188).

As glosas se referem, de forma geral, ao uso de palavras escritas em português para fazer referência aos sinais da Libras, são usadas como um recurso visual escrito para se estruturar um texto em Libras que será, posteriormente, sinalizado. Como dizem Quadros e Souza (2008, p. 186), “há a necessidade de se ler o texto na estrutura da Libras com palavras do português, ou seja, fazer uso de uma interlíngua escrita, uma ‘glosa’ em português do texto na LS, para dar suporte ao procedimento de tradução”. Do início das glosas à sua finalização, apresentaremos como se deu o registro, incluindo o tempo gasto com a discussão entre a dupla e sua busca por apoio externo por meio de *internet*. Vejamos a realização da coleta de dados (Quadro 12).

#### Quadro 13 - Dupla A: TAS1 e TAS2

---

**1ª Etapa:** A coleta de dados começou às 9h00min., quando os tradutores surdos começaram a estudar o texto-fonte. Usaram a *internet* (apoio externo: consulta na *internet*). Há 3 câmeras filmando (uma em frente, uma ao lado e uma atrás focando o *notebook*). Estão fazendo glosas do resumo do texto fonte no *Word*. Estão discutindo alguns sinais relacionados à tradução do texto fonte. Estão reformulando as estruturas do texto do resumo em estruturas sintáticas em Libras e registrando isso no *Word*. Essa primeira etapa foi concluída às 10h38min.

---

**2ª Etapa:** A filmagem da tradução em Libras teve início às 11h03min. Os tradutores utilizaram uma câmera. Vale mencionar que havia duas câmeras filmando o processo de tradução (uma que os tradutores estão usando e outra que está captando a ação dos dois tradutores). Além da filmadora, os tradutores estão usando outro *notebook* pertencente ao estúdio, o qual está ligado à TV para que possam usar as glosas na tela, funcionando como se fosse um *teleprompter*. TAS1 está sinalizando em Libras de frente à TV, olhando suas glosas, enquanto o outro tradutor, TAS2, está utilizando o *notebook* para controlar a apresentação das glosas no *Word*. Ele também está coordenando a filmagem e observando o desempenho de TAS1. Assim, TAS1 alterna a direção de olhar entre a câmera e as glosas na TV — a câmera está à sua esquerda ao lado da TV que fica à sua direita. Percebe-se que em alguns momentos a necessidade de ficar mudando o olhar para lá e para cá faz com que o tradutor se atrapalhe um pouco em sua dinâmica de sinalização. Em um determinado momento, TAS2 sugeriu ao TAS1 que pudesse imitá-lo como forma de oferecimento de *insumos/feedback* e TAS1 aceitou. Eles adotaram, portanto, uma estratégia específica com o objetivo de aperfeiçoar a dinâmica de registro da tradução. Assim sendo, TAS1 pode ter como referência a sinalização de TAS2, sem ter que se preocupar com a questão de direcionamento do olhar para as glosas na TV e para a câmera, o que contribuiu com a naturalidade da sinalização. TAS2 continua filmando, finalizando o registro da tradução às 11h38min.

**3ª Etapa:** A edição da filmagem para único vídeo pronto teve início às 11h44min., os próprios tradutores foram editar em outro computador do estúdio, usando o programa Adobe Premiere Pro. Nessa fase, TAS2 assumiu a edição, enquanto TAS1 foi acompanhando e auxiliando. Ao final, revisaram tudo e finalizaram com um vídeo editado de 5min. Essa etapa foi concluída às 12h00min., quando salvaram a tradução em um *pen-drive* e a repassaram para *notebook* da pesquisadora.

**4ª Etapa:** Assim que a tradução foi entregue, procedemos à coleta dos TAP's, com duração de 25min., seguida da realização da entrevista semiestruturada, sendo que a entrevista com TAS1 durou 21min.38s. e a entrevista com TAS2 durou 20min.26s. A coleta foi finalizada às 13h40min.

Fonte: a autora.

Esses TASO construíram suas próprias estratégias operacionais para registro da Libras em vídeo, o que confirma o relatado por Oliveira e Silva (2014, p. 102): “cada tradutor tinha autonomia para desenvolver sua própria estratégia de preparação da tradução”, já que, por exemplo, “[...] ainda não há difusão de padrão ou modelo para preparação de tradução de textos no par linguístico (Português-Libras) com o uso de *teleprompter*<sup>32</sup>”, por exemplo. As duplas tinham autonomia para escolher a estratégia de filmagem da tradução que preferisse.

#### Quadro 14 - Dupla B: TAO3 e TAO4

**1ª Etapa:** A coleta de dados teve início às 9h00min., com os tradutores ouvintes começando a estudar o resumo, o texto-fonte. Usaram a *internet* (apoio externo: consulta na *internet*). Estão estudando, discutindo sobre os sinais a serem usados na tradução do resumo. Não escreveram as glosas no papel. TAO3 utilizou a gravação gravar de sua voz em equipamento de áudio para utilizá-la na tradução: *gravou o áudio com as partes do texto-fonte para treinar antes de filmar; após treinar, considerou-se preparado para filmar. Durante a filmagem, continuou utilizando o áudio do texto-fonte*. Ele atestou que faz sua parte do trabalho de tradução gravar o texto-fonte em áudio, embora nem sempre faça isso. Para a tradução do nome da autora, buscaram apoio externo: consultaram colegas tradutores para saber o sinal de Betty Lopes. Com o uso da voz registrada em áudio, se adaptaram e traduziram a partir das referências previamente construídas para a tradução e guardadas na memória, as quais foram ativadas pelo texto-fonte em áudio. TAO4 estava acompanhando tudo e de acordo com TAO3. Essa primeira etapa foi concluída às 9h20min.

<sup>32</sup> *Teleprompter* – As pessoas que trabalham ou lêem em frente das câmeras de TV e utilizam diferentes tipos de *teleprompters* para auxiliar a leitura de seus textos. (CAMPELLO, 2014, p. 164).

**2ª Etapa:** A filmagem da tradução em Libras começou às 9h28min. com a sinalização de TAO3. Há duas câmeras filmando (uma que a dupla está usando e outra ao lado outra que está capturando a ação dos dois tradutores). TAO3 escutou seu áudio em português falado, com as partes do texto-fonte, antes de iniciar a filmagem. TAO4 observou o desempenho dele e corrigiu alguns sinais de TAO3, além de propor alterações, acréscimos e ajuste nas frases. TAO4 também assumiu a filmagem, finalizando o registro da tradução às 10h50min.

---

**3ª Etapa:** A edição da filmagem começou às 11h00min., seguindo até às 11h30min. A edição dos vídeos foi conduzida por TAO3, com o suporte de TAO4. Eles usaram o Adobe Premiere Pro. Durante a edição, TAO3 estava lendo o texto para TAO4 revisar o vídeo traduzido em Libras. Após finalizar, salvaram em um *pen-drive* a tradução em Libras com 4min.

---

**4ª Etapa:** Logo que a tradução foi entregue, procedemos à coleta dos TAP's, com duração de 34min., seguida da realização da entrevista semiestruturada, sendo que a entrevista com TAO3 durou 46min.13s. e a entrevista com TAO4 durou 24min.15S. A coleta foi finalizada às 12h40min.

---

Fonte: a autora.

Os tradutores empregaram uma estratégia de tradução diferente das outras duas duplas, sendo que um tradutor TAO3 foi gravar seu áudio, para depois ouvir sua voz e realizar a sinalização que seria filmada. Portanto, ele optou pelo uso oral (vocal-auditivo) de um suporte à tradução, gravando sua voz e depois ouvindo-a como insumo para a tradução em Libras. Foi um recurso inesperado pela pesquisadora, pois não se imaginava que TAO3 usaria essa ferramenta. Além disso, não havia nenhuma instrução sobre recursos ou ferramentas durante a realização da tarefa. TAO3 mencionou que estava acostumado a trabalhar sozinho usando o áudio com insumo para filmagem em Libras, mas não como equipe. Eles consideraram que o TF era fácil de compreender, já que eram estudantes do curso de Letras-Libras bacharelado, tendo o português como L1. Entretanto, reconheciam ter dificuldade com alguns sinais, e, por exemplo, tiveram que consultar colegas no *WhatsApp* para saber o sinal da autora Betty Lopes entre outros sinais. Eles realizaram a tradução e finalizaram seu vídeo com menos tempo, visto que TAO3 está habituado à edição de vídeos.

#### Quadro 15 - Dupla C: TAS5 e TAO6

**1ª Etapa:** A coleta de dados começou às 14h10min. com a preparação e o estudo do texto-fonte pelas tradutoras. A dupla utilizou o *WhatsApp* como apoio externo: consulta a colegas tradutores em busca de sinais de pessoas, principalmente da professora Rachel Sutton-Spence. Quando estavam quase no final da preparação e estudo do texto-fonte, passaram a treinar em Libras contanto com a apoio da memorização da tradução. Essa primeira etapa foi concluída às 17h25min. Essa dupla passou mais tempo nessa fase.

---

**2ª Etapa:** A filmagem da tradução em Libras teve início às 18h15min. As tradutoras utilizaram uma câmera, sendo que TAS5 ficou na sinalização e TAO6 na câmera. Há 2 câmeras filmando (uma que as tradutoras estão usando e outra que está captando a ação das duas tradutoras). As tradutoras estão usando o *notebook* pertencente ao estúdio ligado à TV para usar glosas na tela, funcionando como se fosse um *teleprompter*. TAS5 está sinalizando em

Libras em frente à TV, olhando suas glosas no *Word*, enquanto a outra tradutora, TAO6, está administrando o *notebook* que envia as glosas no *Word* para o monitor de TV. Além disso, está responsável pela filmagem e observando o desempenho de TAS5. Antes disso, TAS5 comentou que prefere usar as glosas no *teleprompter* pelo hábito que já possui. Segundo ela, usar o monitor de TV atrapalha, pois é necessário coordenar o olhar para TV (à direita) e a câmera (à esquerda, ao lado da TV). Assim, se utilizasse o *teleprompter*, não seria necessário coordenar a direção do olhar. A filmagem da tradução terminou às 18h50min.

---

**3ª Etapa:** Essa fase de edição e revisão dos vídeos foi assumida por TAO6 com o suporte de TAS5. TAO6 está editando os vídeos no programa Adobe Premiere Pro. Durante a edição, decidiram filmar um no trecho, pois notaram que estava faltando em Libras a tradução do “título”. Então, após filmar o título, retornaram à edição. Ao final, revisaram tudo e finalizaram com um vídeo editado com 4min.54s. Essa etapa durou 24min.37s.

---

**4ª Etapa:** Com a tradução entregue, procedemos à coleta dos TAP’s, com duração de 25min.28s, seguida da realização da entrevista semiestruturada, sendo que a entrevista com TAS5 durou 19min.05s. e a entrevista com TAO6 durou 26min.53s. A coleta foi finalizada às 21h00min.

---

Fonte: a autora.

Durante o processo de filmagem, visualização das glosas para a gravação em Libras, observamos momentos de preparação e treinamento, assim como pausas, erros e regravações. Assim, o resultado prévio foi uma série de vídeos cada um deles com um trecho do resumo em Libras. Embora seja uma atividade de filmagem, a tradução para Libras em vídeo envolve uma série de aspectos característicos de processos tradutórios.

É interessante citar uma fala de Quadros, Stumpf e Oliveira (2011, p. 187) sobre esse aspecto. Segundo elas, “[...] inicialmente, essa equipe era chamada de equipe de filmagem, uma vez que a tradução é filmada na Libras. No entanto, percebemos que o processo de tradução do português escrito para a Libras exige uma metodologia específica que foi sendo desenvolvida com a inserção da interpretação e tradução no contexto dos Estudos da Tradução”.

#### 7.4 A GRAVAÇÃO DA TELA DO *NOTEBOOK*

Além de registramos em vídeo os trabalhos dos TASO, realizamos a gravação da tela do *notebook*, o objetivo foi permitir que se identifiquem os recursos utilizados pelas três duplas, assim como a utilização que fazem de seu acesso à *internet* durante processo de tradução.

Como podemos observar, por meio dos dados em vídeos, as três duplas estão em uma mesa com seus equipamentos de trabalho (*notebook*, TF impresso etc.). Assim, para termos acesso ao que os TASO estão fazendo no computador, registramos não só o desenvolvimento da tarefa de tradução em si, mas, também, a tela do *notebook*, como apresentado abaixo.

## 1) Dupla A: os tradutores-atores surdos (TAS1 e TAS2)

O tempo total de gravação da tela da dupla A foi de 1h36min. Entre começo e 2min.41s. iniciais, a dupla A ficou lendo o resumo (TF), bem como o artigo em que ele se localiza, ao mesmo tempo, em que tecia comentários e dialogavam em Libras. A partir dos 02min.42s., a dupla iniciou sua consulta à internet: Google Acadêmico (apoio externo) e Lattes (cnpq.br) da autora do TF. Eles estavam investigando onde foi publicado o artigo. Esse período de busca na *internet* seguiu até a pausa feita às 6min.22s. Aos 06min.23s. a dupla inicia uma discussão sobre “Congresso Nacional”, uma palavra-termo do TF. E, então, consultam o *site*: congressotils.com.br. Essa pesquisa seguiu até 06min.27s. Entretanto, não encontram um sinal específico.

Em seguida, aos 12min.57s., a dupla interagiu, voltando a analisar o TF, anotando, sublinhando, separando os parágrafos numericamente, ainda que não seguindo a mesma ordem em que aparecem no TF: 1, 2, 3, 5, 6, 4, 7. Segundo TAS2, essa organização contribuiria para a organização da estrutura do resumo em Libras, visto que haveria uma diferença em relação ao modo como as ideias estão elencadas no TF. Entre os 12min.58s. e os 16min.24s. a tela ficou pausada, indicando que os tradutores-atores não estavam utilizando o computador. É interessante mencionar que TAS2 já sabia sinal de “antropomorfismo” expressando-o para TAS1, que reproduziu o mesmo sinal (na próxima seção, na tradução do vídeo, será mostrado o sinal).

Aos 14min.24s., TAS2 começou a mostrar seus trechos dos parágrafos separados por números ao TAS1, que indicou estar tudo bem, em razão de que apresentar os nomes de duas autoras (Sutton-Spence e Napoli) soletrados pelo TAS2, no penúltimo parágrafo. Por alguns minutos, mantiveram-se em silêncio lendo o TF. TAS2 combinou com TAS1 que deveria digitar glosas no *Word* para fazer sinalização da tradução.

Aos 16min.24s., vemos na tela gravada que TAS2 abriu no programa de edição de textos, Microsoft Word, um documento em branco, onde colocou o resumo do artigo de Betty Lopes. Assim, ele passou a adaptar o texto de acordo com a tradução que estava sendo produzida. TAS1 e TAS2 foram trabalhando os trechos dos parágrafos e, ao mesmo tempo,

redigindo a tradução em glosas. Eles terminaram quando já havia passado 1h32min., e, por fim, com 1h36min. salvaram o documento da tradução em um *pen-drive* para poder ser usado na TV, que faria a função do *teleprompter*.

## 2) Dupla B: o tradutor-ator ouvinte (TAO3) e a tradutora-atriz ouvinte (TAO4)

O tempo total de gravação da tela da dupla B foi de 24min.11s. No começo, eles falaram vocalmente em sua primeira língua, ou seja, em português, pois são ouvintes, porém, solicitei que pudessem conversar em Libras, por causa do registro em vídeo. Ao ler o TF, TAO3 refere-se ao texto como sendo muito fácil de entender e TAO4 concorda. Segundo eles, não há necessidade de pesquisar na *internet*, a não ser que se queira investigar as palavras-termos centrais. Permaneceram lendo o texto em silêncio até 6min.s.

Aos 4min.46s., TAO3 fez uma pergunta para TAO4, sobre qual seria o sinal do autor Napoli? Ela diz não conhecer. Aos 5min.32s., TAO3 manifesta uma dúvida sobre o sinal de “antropomorfismo” e TAO4 explicitou o sinal “ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO”. Por consequência, TAO3 quis saber se o sinal seria esse mesmo ou não. Então, TAO3 decidiu pesquisar no *notebook* aos 6min.10s., consultando no YouTube “antropomorfismo libras”. Assim, abriu um vídeo em Libras do “I Encontro Estadual de Arte e Cultura Surda” do CIACS (Centro de Integração de Arte e Cultura dos Surdos) que tem como sinalizador o apresentador surdo Nelson Pimenta<sup>33</sup>. Eles assistiram ao vídeo dos 6min.53s. aos 8min.09s., não foram até o final do vídeo, pois pararam de assistir para continuar pesquisando. É importante dizer que descobriram um sinal para antropomorfismo feito pelo professor/poeta surdo inglês Richard Carter (duas mãos semelhantes com a mesma configuração de mão C apontando a direção de local para baixo em frente do peito, movimentando o oposto pra cá e pra lá ou vice-versa), indicado a seguir (Figura 12).

---

<sup>33</sup> Nelson Pimenta de Castro é surdo e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET, professor efetivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, RJ.

**Figura 12 – Sinal para “antropomorfismo”**



Fonte: o professor/poeta surdo inglês Richard Carter no vídeo do apresentador surdo Nelson Pimenta do seu programa CIACS (Centro de Integração de Arte e Cultura dos Surdos, 2015).

Em seguida, TAO3 abriu outro vídeo em Libras ver se encontrava outro sinal para comparar com o que havia encontrado, conforme combinado com TAO4. Assim, continuou a consultar o YouTube e abriu o vídeo: “Tradução e Letramento em Libras-língua portuguesa: um processo em construção na UFPR”, do tradutor de Libras-português Jonatas Medeiros<sup>34</sup>. Assistiram ao vídeo, ampliando sua velocidade, dos 8min.30s. aos 9min.32s. e, novamente, não foram até o final do vídeo, visto não localizarem o sinal para antropomorfismo. Então, consultaram o *site* do “Glossário UFSC”, clicaram em Letras Libras e buscaram a palavra em português: antropomorfismo. No entanto, não obtiveram resultado. Procederam a consulta em outro *site* do YouTube: “antropomorfismo libras”, clicando num vídeo diferente em Libras do CIACS, assistindo o vídeo do Nelson Pimenta dos 10min.18s. aos 12min.16s. Nada obtiveram.

---

<sup>34</sup> Jonathas Rodrigues Medeiros é ouvinte, graduando em Letras - Libras (licenciatura) pela Universidade Federal do Paraná (2015). Tradutor Intérprete de Libras certificado pela UFSC/MEC. Atualmente, é tradutor intérprete na Universidade Federal do Paraná, onde realiza traduções de textos acadêmicos para a língua brasileira de sinais; atua como intérprete do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e demais setores da universidade.

TAO3 e TAO4 retornaram ao assunto do primeiro vídeo do CIACS com o apresentador Nelson Pimenta, no qual havia o mesmo sinal do surdo inglês Richard Carter. Assim, TAO4 disse em Libras a TAO3: “pode ser estratégia apresentar os três: (1) soletrar antropomorfismo; (2) explicar sobre o que é ‘incorporação com animal’ só resumido; e (3) apresentar o sinal do surdo inglês Richard Carter.”.

Contudo, continuaram a pesquisa. TAO3 consultou o *WhatsApp web* aos 12min.46s. Em seguida, voltou a consultar no YouTube: “Betty Lopes”. Tentaram encontrar o sinal, e nada. Neste instante, TAO4 apontou o nome Betty no TF e queria saber sinal. Mudou para outro *site* aos 14min.57s.: “*signpudlle*”, apontando para “*signbank.org*”. Clicou na bandeira do Brasil, seguindo para dicionário e pesquisando: Betty Lopes. Sem resultado.

TAO3 retornou para o *WhatsApp web* aos 16min.39s., entrando no grupo “sinalário” e perguntando qual seria o sinal de Betty Lopes. E, também, mandou a mesma pergunta para outros grupos. Até os 20min.51s., no grupo “manuário”, havia um vídeo de uma moça mostrando o sinal de Betty Lopes (presilha de cabelo ao lado direito da testa). Aos 21min.05s. fizeram uma pausa nas pesquisas na *internet*.

Voltaram à conversa em Libras focando o TF, ensaiando como seria a filmagem. TAO4 questionou TAO3 sobre como utilizar em Libras da palavra-termo do TF: “Educação Bilíngue (Língua Portuguesa x Língua Brasileira de Sinais)”. Apesar disso, TAO3 discorda do uso do sinal “contra” para se referir ao “x”. Segundo ele, o melhor seria apresentar em espaço separado os sinais em Libras: Português (do lado direito) e Libras (do lado esquerdo).

TAO4 solicitou que se pudesse escrever as glosas no *Word* para utilizá-las na TV, porém, TAO3 optou por gravar um áudio. Finalizaram a tradução aos 23min.

### **3) Dupla C: a tradutora-atriz surda (TAS5) e a tradutora-atriz ouvinte (TAO6)**

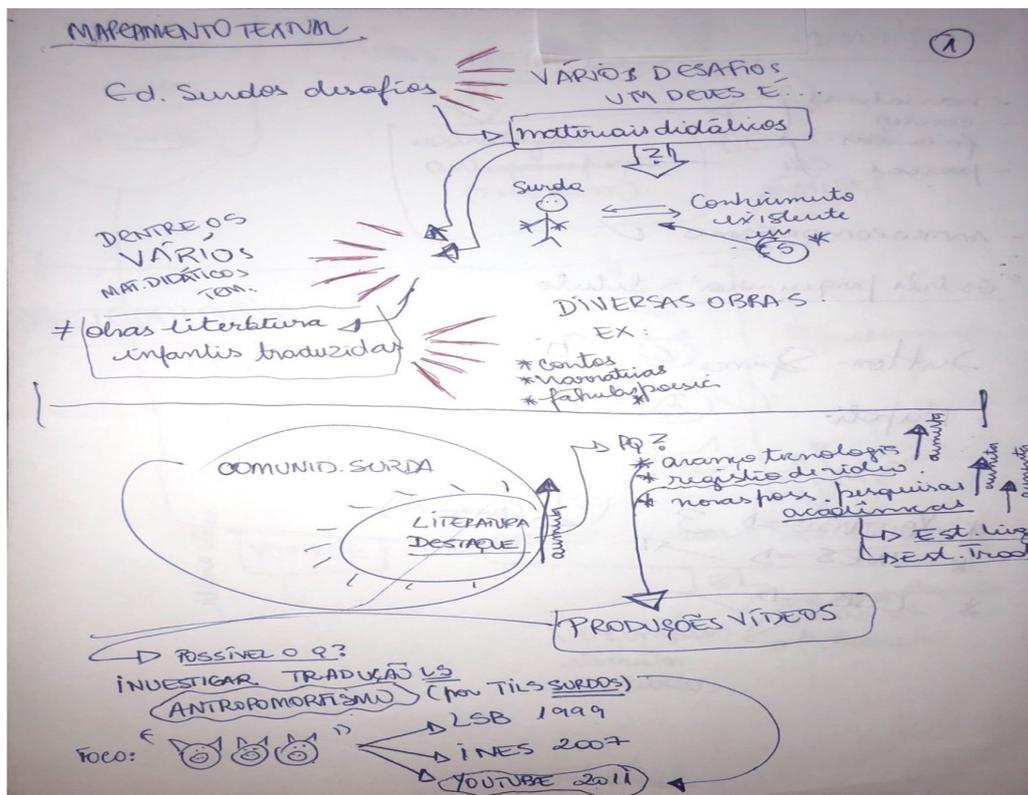
O tempo total de gravação da tela da dupla C foi de 03h45min. O tempo foi bem maior que o das outras duas duplas. Entre começo e 1min.20s. iniciais, a dupla C começa a ler o TF e o artigo. Entre os 1min20s e os 6min. TAO6 se lembrou que existe um vídeo em Libras com o mesmo título do artigo, vídeo da própria autora Betty Lopes no VR-Libras (*site* de Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras). Então, voltaram a ler.

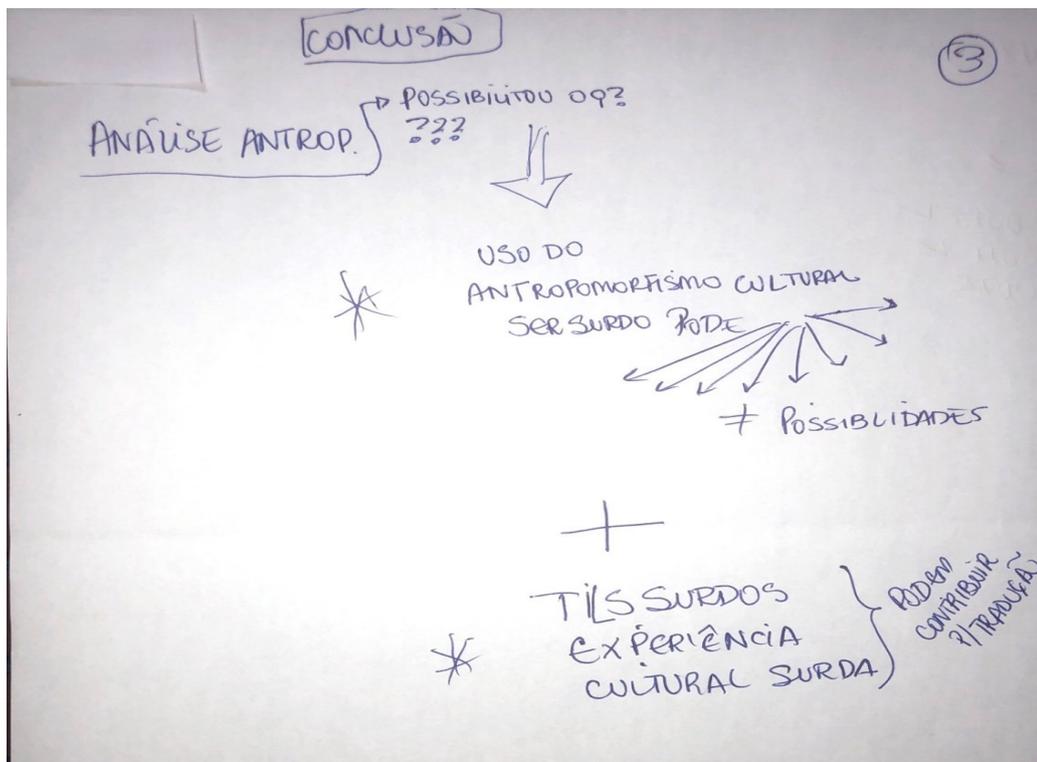
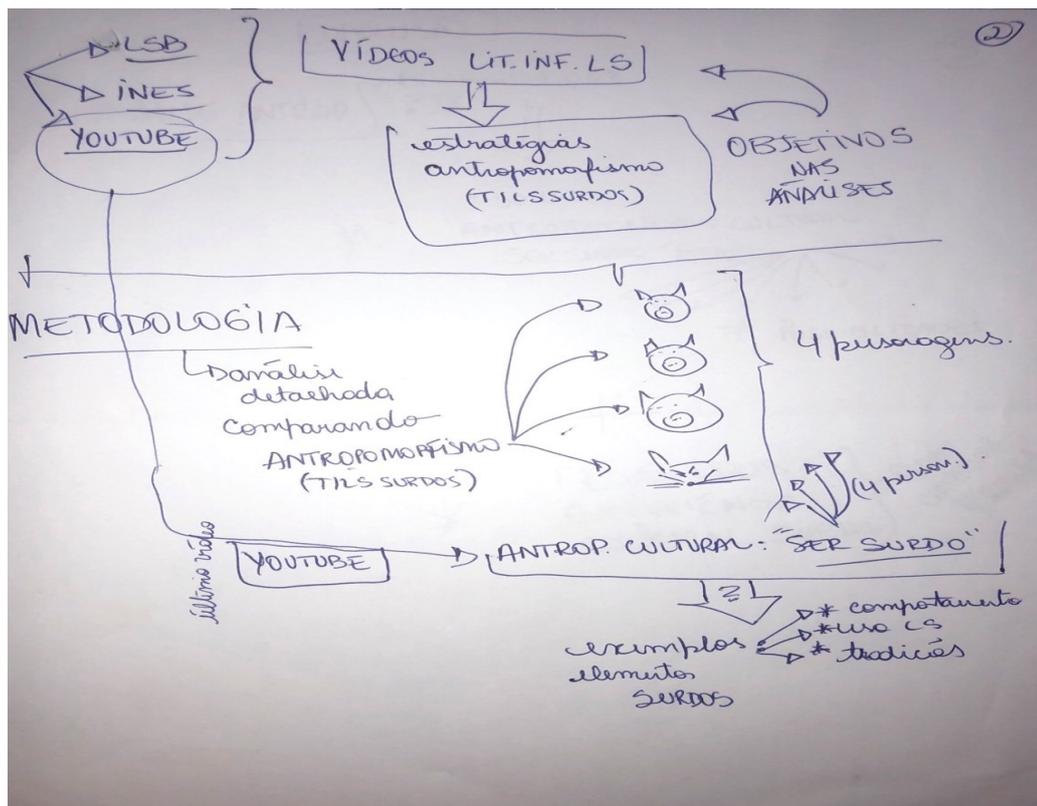
Entre os 06min.08s. e 7min.14s., TAS5 foi consultar o *site* da “Revista Brasileira de

Vídeo Registros em Libras”. Selecionou as edições anteriores e abriu a edição n°. 002/2016 e seguiu abrindo o vídeo do artigo “Análise de produções de literatura e folclore em língua de sinais” de Betty Lopes. TAO6 apontou a palavras “Congresso Nacional” no texto TF, perguntando para TAO5 qual seria o sinal. TAO5 respondeu que sinal do evento “Congresso Nacional” seria o de qualquer evento. No entanto, TAO6 confirmou que o sinal é o local Congresso Nacional de Brasília por dizer que há aprovação de Educação Bilíngue, citando no texto TF, interpretando, que há documento aprovado de Educação Bilíngue como proposta pelo Congresso Nacional e não considerando o evento. Todavia, TAS5 referiu-se ao não descrever a localização, e só dizer “Congresso Nacional”. Todavia, demonstraram ainda estar em dúvida.

TAO6 esboçou uma estrutura da tradução em papel, o que colaborou com o processo de tradução do texto, como ela própria reportou na entrevista: “montei um mapa, que me auxilia na organização e sistematização das ideias do texto; o desenho contribui para que eu evite seguir estritamente as sentenças em Português [...]”. Vejamos o que ela elaborou (Figura 13).

Figura 13 – Mapa estrutural feito por TAO6





Fonte: Produção de TAO6 para auxílio na tradução.

Elas rememoraram o sinal para tradutor-ator e falaram sobre a existência de dois sinais diferentes e sobre qual deles usar. Aos 11min.52s., TAS5 consultou o *site* do periódico Cadernos de Tradução no Portal de Periódicos da UFSC. Procurando no recurso de busca do

periódico por “Libras” e seguindo para artigo “Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral” de Ronice Müller de Quadros e Rimar Romano Segala.

Consultaram novamente o YouTube, buscando por Cadernos de Tradução UFSC, procurando por vídeos com artigos em Libras. Então, abriram o resumo em Libras do artigo de Quadros e Segala, citado acima, assistindo-o por alguns minutos. Então, voltaram ao assunto anterior, retornando ao vídeo da Betty Lopes no *site* do VR-Libras, mas não estava funcionando. Aos 17min.48s., foram para YouTube buscando “sinal ator libras” e “antropomorfismo libras”, no intuito de encontrar o sinal de “tradutor-ator”, assim como o de “antropomorfismo”. Depois, digitaram Betty Lopes na busca do YouTube. Encontraram a dissertação que possui o mesmo título do resumo (TF) no repositório da UFSC.

Na filmagem, vemos que TAO6 sinalizou que mandou mensagem no *WhatsApp* para a professora Rachel Sutton-Spence, professora da UFSC, para saber o sinal de “Napoli” e de “antropomorfismo”. TAO6 recordou o sinal de antropomorfismo, como sendo o sinal de incorporação, pois já havia interpretado a defesa da dissertação de Betty Lopes.

Retomaram para o YouTube buscando o vídeo “três porquinhos libras LSB”, encontrando o vídeo do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, observando os sinais para três porquinhos, com configuração de mão uma mão B girando embaixo encostado no queixo no rosto. Foram consultar mais outros vídeos diferentes para comparar os sinais de “três porquinhos” em Libras.

Em seguida, receberam a resposta da professora Rachel Sutton-Spence que enviou os vídeos dos sinais pelo *WhatsApp*: antropomorfismo, o mesmo sinal que Betty Lopes fez (já apresentamos esse sinal na tese) e Napoli, com sinal entre letras “DJ”. Após isso, voltaram à *internet* procurando o sinal de “fábula”. Aos 38min.13s., TAS5 foi consultar no YouTube “fabula libras”, abrindo o vídeo de Nelson Pimenta: “6 Fábulas de Esopo em Libras”.

Depois, TAS5 voltou a consultar o *site* do VR-Libras, mas não conseguiu acessar os vídeos. Em seguida, aos 39 min., foi para o Google, buscou por “dicionário de libras”, e abriu o “Dicionário Libras – Acessibilidade Brasil”, procurou pelos sinais correspondentes a “conto”, “narrar” e “fábula”, mas não obteve resultado para “fábula”. Ao mesmo tempo, TAO6 estava usando o *WhatsApp* para saber o sinal da Betty Lopes. Então, as duas tradutoras reproduziram o sinal da Betty — com dedo indicador e polegar simulando o prender o cabelo do lado direito

da cabeça, com o movimento de abrir e fechar.

Aos 44min.32s., consultaram no YouTube, buscando por “poesia narrativa fabula libras”, assim, observaram os sinais correspondentes a “conto”, “narrativa” e “personagem”. Observamos que, entre os 44min.32s. e os 47min.48s., pararam de usar a *internet* e retomaram aos estudos do TF, debatendo os sinais para alguns termos do resumo. TAS5 e TAO6 concordaram com sinal referente “ao congresso nacional” que seria o sinal do Congresso Nacional de Brasília, confirmando que não se referia ao sinal correspondente a “evento”.

Aos 47min.48s. min., TAS5 abriu um novo documento no *Word* para registrar as glosas, conforme acordado com TAO6. No decurso disso, discorrem sobre alguns termos do TF e como os escrever em glosas para posterior filmagem do texto em Libras. Enquanto TAS5 registrava as glosas, TAO6 continuou trabalhando com o estudo do texto. Concluíram tudo com tempo de total de preparo para filmagem as 2h26min. Em sequência, TAS5 treinou a sinalização da tradução para Libras com base nas glosas e TAO6 o acompanhou, interagindo, corrigindo e apoiando. Durante esse preparo da sinalização, fizeram uma pausa para retornar à consulta do *site* do Dicionário da Libras – Acessibilidade Libras, procurando pelo sinal referente a “autor”. Vale mencionar que, também, mandaram a mensagem pelo *WhatsApp* para autora do texto-fonte e para outras pessoas, como Nelson Pimenta, com o propósito de saber o sinal para “fábula”.

No final, TAS5 recebeu as respostas de Nelson Pimenta no *WhatsApp* e repetiu a sinalização preparando-se para a filmagem da tradução. Ele havia recebido os sinais referentes a “conto”, “poesia” e “narrativa” e a informação de que não havia um sinal específico para “fábula”, usando-se apenas a soletração. Então, continuaram a preparar a sinalização a partir das glosas do texto fonte. Finalizaram tudo com o total de 3h05min.

**Tabela 1 – Busca de apoio externo, interno e preparação**

DUPLA E TEMPO DE GRAVAÇÃO DA TELA DO NOTEBOOK	APOIO EXTERNO	APOIO INTERNO	PREPARAÇÃO PARA FILMAGEM	TOTAL DE HORAS (tempo gasto)
	<i>Buscas diversas na internet</i>	<i>Reflexões sobre como sinalizar o TF</i>	<i>Conversação, digitação de Glosas no Word e preparação com glosas</i>	
<b>DUPLA A</b> <i>1h36min.</i>	3m.41s	4m.36s	1h15m	1h32m
<b>DUPLA B</b> <i>24min.11s.</i>	14m.09s	3m.02s	1h20mim*	1h43m
<b>DUPLA C</b> <i>3h45min.</i>	16m.46s	29m.52s	2h16m	3h04m

Fonte: a autora.

\*Não houve digitação no Word, apenas preparação da sinalização de alguns termos para memória do TAO3. TAO3 gravou áudio e, ao mesmo tempo, ficou treinando a sinalização. TAO2 foi analisando e apoiando tudo.

**Tabela 2 – Histórico do tempo gasto por três duplas**

<b>DUPLA A 1h32m.</b>	00	01m32s	2m41s	6m22s	12m57s	16m24s	1h32m					
	Leitura	AI	AE	leitura+1sinal*	AI	preparo						
<b>DUPLA B 1h43m.</b>	00	6m10s	9m32s	10m18s	21m05s	23m21s	00	1h43m				
	Leitura	AE	AI	AE	AI	preparo						
<b>DUPLA C 3h04m.</b>	00	01m20s	06m08s	7m14s	11m52s	38m13s	39m28s	40m56s	43m35s	44m32s	47m48s	3h04m
	Leitura	AI+1*	AE	AI	AE	AI+2*	AE	AI+2	AE	AI	preparo	

Fonte: a autora.

Legenda:

Leitura+1 sinal (antropomorfismo).

AI+1 = apoio interno + conversa o com a pesquisadora + leitura.

AI+2 = apoio interno + vídeo no celular.

Vimos que a observa o do processo de tradu o com a tomada de notas por parte da pesquisadora, o registro em vídeo de toda a atua o tradutória das três duplas de TASO e a grava o da tela do *notebook* permitem que se conheça melhor o processo da tradu o e as etapas que o compõem. De modo geral, notamos certo padrão no comportamento das duplas. Primeiramente, temos o contato inicial com o TF, seu processo de compreensão, seguido de sua “pré-tradu o” para Libras por meio de um sistema de glosas. Esse processo contou com a busca de recursos de apoio interno e externo (incluindo o uso da *internet* pelo *notebook* e pelo celular para acesso aos *sites* e redes sociais).

Consideramos os momentos de reflexão sobre o texto e a manifesta o de alguma sinaliza o, expressões de dúvida, como busca de apoio interno, sendo que o apoio externo pode ser facilmente observado por meio de a o dos TASO na *internet*, por exemplo. Assim, de acordo com Alves, Magalhães e Pagano (2013), podemos afirmar que as três duplas se valeram de apoio externo ao consultar *sites* na *internet*, vídeos no YouTube, glossários, literatura técnica especializada, consulta a colegas surdos por meio do *WhatsApp*, entre outros; e, também, contaram com recursos de apoio interno ao recorreram a sua memória, ao seu

conhecimento prévio, aos seus saberes enciclopédicos etc. É importante mencionar que há um intervalo não apresentado na linha do histórico de tempo gasto da dupla B (Tabela 2), pois TAO3 terminar o trabalho conjunto com TAO4, antes de preparar para gravação, levantou-se e saiu andando e pensando sozinho, por isso não indicamos esse intervalo.

Neste caso, observamos que a dupla C conta com maior total de horas gastas para a tradução: 3h45min. Embora se trate de uma dupla composta por uma pessoa surda e uma ouvinte, vale dizer que não acreditamos que o maior tempo decorra de confronto de culturas na tradução, também não tem nada a ver com surdez/ouvir, com o tipo de personalidade ou com o tempo de experiência com tradução. A dupla possui vivências que destacam sua rotina de trabalhar em equipes com surdos e ouvintes, dirigindo o olhar para um ponto determinado à comunidade surda com suas estratégias boas da tradução.

## 7.5 OS PROTOCOLOS VERBAIS RETROSPECTIVOS (TAP's)

Os Protocolos Verbais Retrospectivos (TAP's), de acordo com Ferreira (2019 p. 80), “são uma técnica de coleta de dados que tem como objetivo principal compreender os processos cognitivos. Eles têm sido usados na investigação dos processos tradutórios e interpretativos na área da Libras”. Por isso, esse mecanismo fora empregado nesse trabalho para que a pesquisadora, fosse capaz de melhor inferir como os tradutores lidaram com os problemas de tradução.

Segundo Rodrigues (2015) e Gonçalves (1998) este método de coleta de relatos sobre o que o tradutor acredita ter feito durante a tradução é uma das ferramentas populares empregados pela coleta de dados do processo de tradução com o propósito de se conhecer o que se passa na mente do tradutor enquanto executa sua tarefa tradutória. Assim, tem-se nos protocolos verbais uma importante ferramenta de coleta de dados, pois

os protocolos verbais utilizam-se de manifestações metacognitivas para abordarem processos cognitivos. Essas manifestações metacognitivas, por sua vez, possibilitam a apreensão de algumas importantes características dos processos investigados, as quais, certamente, não seriam percebidas através, apenas, da interação da subjetividade do pesquisador com os produtos finais daqueles processos [cognitivos]. (GONÇALVES, 1998, p. 46).

Nessa tese, os protocolos verbais, coletados após a tarefa concluída de tradução, foram devidamente registrados em vídeo. As três duplas de TASO assistiam aos seus vídeos com a

tradução finalizada, tecendo comentários e observações sobre o processo tradutório, mencionando as dificuldades encontradas, as técnicas e estratégias empregadas, as soluções dos problemas de tradução, os desafios, as decisões tomadas e as escolhas feitas.

Para entender o que são TAP's Livres e TAP's dirigidos, Rodrigues (2015, p. 61) aponta que,

durante os TAP's Livres, o intérprete ficava à vontade para transitar pela interpretação com intervenção mínima do pesquisador, verbalizando aquilo que achava importante mencionar. Já nos TAP's Dirigidos, as verbalizações dos intérpretes foram, também, motivadas pelas perguntas do pesquisador. Assim, os TAP's Dirigidos permitiram que o pesquisador interagisse com o intérprete sobre alguns aspectos importantes à investigação, garantindo que todos os intérpretes, de alguma maneira, se referissem a eles.

Nos TAP's Livres, as três duplas permaneceram à vontade durante a observação do processo tradutório, com a mediação da pesquisadora. Todavia, nos TAP's Dirigidos, as duplas foram motivadas a discutir aspectos pontuais, diante das perguntas proferidas pela pesquisadora. Os TAP's livres e dirigidos permitiram que a pesquisadora interagisse com as três duplas sobre importantes parâmetros da tradução.

Os TAP's dirigidos da dupla A tiveram uma duração total de 25 minutos, da dupla B de 34 minutos e da dupla C uma extensão de 25 minutos e 28 segundos. Após os TAP's dirigidos realizou-se uma entrevista com as três duplas, sendo que cada integrante foi questionado individualmente.

**Tabela 3 – TAP's por cada participante com duração**

		<b>TAP's dirigidos (duplas)</b>	<b>TAP's livres (individual)</b>
<b>DUPLA A</b>	TAS1	25min.	21min.38s.
	TAS2		20min.26s.
<b>DUPLA B</b>	TAO3	34min.	46min.13s.
	TAO4		24min.15s.
<b>DUPLA C</b>	TAS5	25min.28s.	19min.05s.
	TAO6		26min.53s.

Fonte: a autora.

A coleta dos dados em TAP's dirigidos podem ser organizados primeiramente em relatos em que houve um direcionamento à identificação dos possíveis problemas de tradução sob os aspectos linguísticos (termos de difícil compreensão, aspectos gramaticais, entre outros), aspectos contextuais (uso de sinais distintos alinhados ou não ao contexto) e aspectos culturais (adaptação da sinalização à cultura surda, entre outros). Ainda, definimos se tais fatores acarretariam em problemas de compreensão (o tradutor não entende algum ponto do texto fonte), em problemas de re-expressão/ reformulação (o tradutor compreende o texto, mas tem dificuldades para expressá-lo na outra língua) e problemas de compreensão e de re-expressão/ reformulação (o tradutor tem dificuldade tanto de compreender quanto de expressar na outra língua). A seguir, apresentamos os dados dos TAP's dirigidos<sup>35</sup>:

#### Quadro 16 – TAP 1: Dupla A: os dois tradutores-atores surdos TAS1 e TAS2

**Pesquisadora:** *Serão dois momentos diferentes. Agora, eu acho importante vocês manifestarem como foi desenvolvido o trabalho de tradução. Vocês encontraram dificuldade com os termos do texto, com os aspectos linguísticos, culturais, contextuais? Sentiram-se confortáveis em realizar a transposição das ideias? Empreenderam buscas para identificar alguns sinais? Fiquem à vontade para comentar.*

**TAS1:** Não encontrei dificuldade nas palavras do texto escrito. Contudo, em alguns momentos foi preciso a substituição de termos por outros, a fim de que a sinalização fosse mais cultural em relação às estratégias de tradução desse gênero textual. Às vezes, o surdo pode ler o texto, mas, ao sinalizar, exprime um Português sinalizado. Para evitar essa situação, ao encontrar uma palavra, é preciso pensar em um termo em sinais que o uso seja adequado. Também, coincidentemente, nós dois organizamos o texto em blocos, para, então, fazer as alterações entre eles. TAS2, por que você procedeu assim?

**TAS2:** Porque eu, ao organizar o texto em blocos, fiz alterações entre as partes, de modo que houvesse maior coesão textual à estrutura da língua de sinais e que o público entenda claramente a sinalização. Se houvesse um acompanhamento da estrutura do Português, não seria favorável à Libras, já que o modo de coesão nas duas línguas é distinto.

**TAS1:** Uma diferença é a visualidade. O Português escrito não é visual e cultural em sua estrutura, enquanto a língua de sinais é. Por exemplo, o excerto “esta pesquisa, cuja base teórica do antropomorfismo é de Sutton e Napoli” está disposto no texto apenas ao fim da ideia. Na língua de sinais, para os surdos, é interessante que esta informação seja apresentada no início, assumindo sentido a outros trechos posteriores. Esse é um exemplo de inversão da ordem de informações que fizemos para a sinalização. Acho que essa é uma estratégia quanto à estrutura linguística visual, diferindo-se da estrutura linguística de um texto escrito.

**TAS2:** Nesse termo “congresso nacional”.

**TAS1:** Sim. A depender do contexto, quando leio um texto em Português com essa palavra, já associo ao órgão parlamentar em Brasília. Contudo, nesse texto, o significado não é esse. Seria o evento científico acadêmico, mas faltou inserir congresso nacional de tradução e interpretação”. Por isso é importante o trabalho em dupla, para compartilharmos informações diante de cada perspectiva. Por vezes, lidamos com vícios linguísticos, ao estar acostumado com uma palavra e vinculá-la, literalmente, a um único significado.

**Pesquisadora:** *Bom exemplo em que o contexto é diferente. Isso seria um problema de compreensão e reformulação distintos.*

**TAS1:** Sim, uma questão de compreensão e produção, mas, obviamente, se houvesse tempo, durante a sinalização, eu poderia perceber que o sinal não está encaixando no contexto. Entretanto, TAS2 foi mais perspicaz e detectou

<sup>35</sup> Os TAP's dirigidos foram traduzidos da Libras em vídeo para o Português escrito com auxílio do profissional tradutor e interprete ouvinte Eduardo Andrade Gomes da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

antes a significação para essa palavra. Foi bom o trabalho em dupla, pois se eu estivesse sozinho, demoraria para perceber.

**Pesquisadora:** Certo. Vamos assistir ao vídeo. Você, TAS1, disse que é importante o *feedback*, correto?

**TAS1:** Sempre é melhor reproduzir o que a outra pessoa sinaliza. Se não há essa possibilidade, outro recurso é o *teleprompter*, em que a direção do olhar se mantém fixa e o texto vai surgindo na tela. Pode ser que haja algum erro e, por isso, a necessidade de repetição. Entretanto, a presença de um texto imóvel em uma posição e a câmera em outra é mais difícil, pois o olhar será desviado. Em interpretações, o olhar é centrado a um ponto. Ainda, o aquecimento na sinalização para se sentir mais natural também é bom. TAS2 sugeriu o *feedback*, se conservando na mesma direção da câmera, o que facilitou. Novamente, desse modo, com o *feedback*, é melhor.

**TAS2:** A estratégia que ele utiliza é o *feedback*, o *teleprompter*. Eu estou acostumado a memorizar. Ler várias vezes o material até memorizá-lo e, assim, sinalizar.

**Pesquisadora:** Sozinho?

**TAS2:** Estou habituado a trabalhar sozinho, mesmo já tendo atuado em equipe. Contudo, os trabalhos nos quais sou convidado são sempre particulares.

**TAS1:** Durante a sua atuação, você pausa para ler um trecho, memorizá-lo e depois sinalizar? Por partes? Feito isso, faz a edição do material?

**TAS2:** Sim. Estou acostumado a trabalhar sozinho e, às vezes, em equipe com amigos tradutores surdos. Todavia, a grande parcela dos trabalhos solicitados é para atuar sozinho, porque os contratantes não aceitam pagar dois tradutores.

**TAS1:** Eu encaro de duas maneiras a atuação como tradutor. Se for sozinho, sinto-me mais livre para estudar o texto, preparar o material, pesquisar termos, gravar a sinalização. O trabalho em dupla permite a mim maior segurança e respaldo para um bom andamento, a partir de comentários do colega. Caso o trabalho seja sozinho, mostro a alguém para saber a opinião de um terceiro.

**TAS2:** Eu também faço isso.

**TAS1:** O trabalho individual é melhor, porém é importante uma segunda opinião. O trabalho em dupla, como nós fizemos, é mais seguro e menos duvidoso, uma vez que existe mais de uma perspectiva do texto, da sinalização e da edição, favorecendo a um processo mais rápido de execução da tarefa. Realizando-a sozinho, é mais demorado, pois, ao término, solicita-se a alguém para verificar o que foi produzido.

**Pesquisadora:** Vocês podem me auxiliar sem saber se há algo diferente ou não no material.

**TAS1:** Nesse trecho faltou uma parte da palavra “antropomorfismo”.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Como você encontrou esse sinal, “ANTROPOMORFISMO”?

**TAS2:** Eu aprendi na disciplina de Literatura.

**TAS1:** Sim, com a professora Rachel Sutton-Spence.

**Pesquisadora:** É mais seguro saber se foi criado ou utilizado por outras pessoas.

**TAS1:** Sei de disciplinas da Rachel Sutton-Spence, eu já conhecia o sinal.

**TAS2:** Rachel Sutton-Spence, da Fernanda Machado.

**TAS1:** Eu faço uma busca mais alinhada ao meio acadêmico. Às vezes, fico com dúvida se a referência ao autor seria com datilografia ou sinal, no caso da Betty. Por exemplo, Napoli tem sinal, mas eu não sei. Então, é melhor empregar a datilografia. Poderíamos ter feito a datilografia para Sutton-Spence e o sinal dela, e datilografia para Napoli.

**TAS2:** Ao ler o texto e perceber que os nomes de autores são recorrentes, a minha estratégia é procurar o sinal para tal. Por exemplo, na primeira vez, realizar datilologia para Betty Lopes acrescido do sinal. Posteriormente, utilizar o sinal diretamente. Nesse caso, a Betty é conhecida, então se usasse apenas o sinal, todos saberiam. Um ponto negativo é determinado nome recorrente no texto e que não saibamos o sinal, precisando utilizar a datilologia sempre. Assim, procuro descobrir o sinal no YouTube, perguntando às pessoas pessoalmente ou em grupos de *WhatsApp*, para facilitar a sinalização.

**Pesquisadora:** *Eu participava de um grupo, há muito tempo, quando realizava trabalhos de tradução, mas precisávamos inventar os sinais de maneira mais icônica. TAS2 cita que geralmente pergunta às pessoas, isso é bom, mas antigamente não havia essa facilidade. Por isso, criávamos os sinais.*

**Pesquisadora:** *Esse trecho não foi sinalizado? (Educação Bilíngue Língua Portuguesa X Língua Brasileira de Sinais)*

**TAS2:** Foi omitido os termos “Libras” e “Português”. Houve somente a sinalização de “Educação Bilíngue”.

**TAS2:** Nós retiramos, pois cita educação de surdos e educação bilíngue. Então seria somente esse sinal, “bilíngue”. Não precisa mencionar Português e Libras. As pesquisas na área da tradução também são bilíngues.

**TAS1:** Os quatro itens marcados (narrativas, contos, fábulas e poesias) necessitam de datilologia para afirmar qual o tipo de pesquisa foi desenvolvido.

**TAS2:** Ao final, quando comentar sobre fábula, a informação já foi mencionada anteriormente.

**Pesquisadora:** *Também é bom apresentar para o público aprender o sinal.*

**TAS1:** São feitas datilologia para “narrativa”, “conto”.

**TAS1:** Olhe a produção desse sinal, interessante.

**TAS1:** Perceba o direcionamento do corpo para as marcações espaciais. Isso é relevante.

**Pesquisadora:** *É como se fosse uma vírgula, uma pontuação para a organização.*

**TAS1:** Sim, é.

**TAS1:** Ao sinalizar “gravação” dessa forma, a minha intenção era marcar a referência. Foi uma espécie de complementação que eu fiz.

**Pesquisadora:** *Dependendo do texto, é necessário um rigor formal ou não. Por exemplo, avaliações de vestibulares é um material formal. Na tarefa desse texto, há uma liberdade maior.*

**TAS2:** A minha opinião é que o público consiga entender o vídeo. Apenas isso. Se produzir uma sinalização altamente formal, as pessoas não entenderão.

**TAS1:** Cada sinalização possui um caráter mais formal ou informal. Todavia, é preciso um equilíbrio para que quaisquer públicos possam compreender.

**TAS2:** É isso. Por isso, às vezes eu traduzo um texto e utilizo “então”. Por exemplo, em Português, termos como, “porém”, “mas”, “portanto” são empregados para produzir esse efeito que comentamos.

**TAS1:** Usei esse dedo para referenciar nomes, dentre outros.

**TAS1:** A posição da datilologia e dos sinais a frente do corpo é importante. Na edição isso pode ser avistado também. Esse vídeo poderia ser sinalizado novamente da mesma maneira em que está, a fim de corrigir esses pequenos detalhes.

**TAS1:** A expressão fácil também é importante como no exemplo da “análise”.

**TAS1:** Nas minhas glosas eu sempre insiro o símbolo “+”, que significa a quantidade de vezes em que o sinal será apresentado. Como nós discutimos, o sinal “muito” pode trazer um Português sinalizado e suprimir movimentos. Assim, seria pertinente acrescentarmos nuances da Libras como NOSSA! UAU, ESTUDAR-ESTUDAR-ESTUDAR, bem como classificadores.

**TAS1:** Há a repetição das histórias como três porquinhos, lobo mau. No texto há um parêntese. É aqui que se localiza a repetição.

**TAS1:** Repetição dos sinais “diferente”.

**TAS2:** Está certo, pois evoca mais detalhes para que o público entenda melhor.

**TAS1:** Poderia ser só uma vez.

**TAS2:** Não. É melhor a repetição.

**TAS1:** Como é mais de uma imagem, usar o sinal para “diferente” mais de uma vez, pode ser adequado mesmo, para não parecer que é singular.

**TAS2:** É melhor utilizar as imagens e o sinal “diferente” mais de uma vez, como estratégia para representar melhor a ideia.

**Pesquisadora:** *Gostei bastante do material de vocês pelas expressões, movimentação do corpo.*

**TAS1:** O direcionamento do olhar foi fixo, devido ao apoio dele com o *feedback*.

**TAS2:** Nós nunca havíamos trabalhado junto em tradução antes. Aliás, já uma vez, porém um texto muito curto.

**TAS1:** O nosso trabalho em dupla funcionou, pois, a tradução é um ofício que exige um período de tempo para a preparação e alteração na ordem do texto, pesquisa de sinais, discussão, escolhas lexicais. A produção do material deveria ser cerca de, no mínimo, duas ou três horas após o início da organização e, no máximo, cinco ou seis horas.

**TAS2:** Além disso, conhecer o modo de trabalho dos tradutores. Afinal, foi a primeira vez que atuamos juntos.

**Pesquisadora:** *É um bom momento para o compartilhamento de informações.*

**TAS2:** Você disse que outra dupla já está entrosada a trabalhar juntas, enquanto nós dois aqui foi a primeira vez. A experiência foi boa e creio que, caso continuemos a trabalhar juntos, a nossa maneira de traduzir melhorará muito.

**TAS1:** É uma questão de costume com o trabalho.

Fonte: a autora a partir dos dados coletados.

#### **Quadro 17 – TAP 2: Dupla B: o tradutor-ator ouvinte TAO3 e a tradutora-atriz ouvinte TAO4**

**Pesquisadora:** *Tudo bem? Agora conversaremos sobre o vídeo. Eu gostei do material produzido por vocês. Como se sentiram durante o trabalho de tradução? Houve dificuldade em relação às palavras? Como encontraram os sinais desses termos, por exemplo, “antropomorfismo”? Ocorreu algum entrave na produção, na compreensão? Vocês também podem assistir ao vídeo traduzido e apontar algo que acreditem ser relevante. Podem começar.*

**TAO4:** O resumo do texto da Betty é fácil. Não houve problema terminológico, exceto quanto ao termo “antropomorfismo”, em que tivemos que convencionar o sinal. Realizamos uma busca na internet, Youtube, mas não encontramos esse sinal. Havia um sinal da BSL (língua de sinais britânica, que acharam sinal através do inglês surdo no site de INES, do Rio de Janeiro).

**TAO4:** Nós cogitamos a utilizar o sinal dessa língua como um empréstimo, mas resolvemos convencionar um sinal nosso, ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO (sinal de antropomorfismo).

**TAO3:** Você conhece aquele surdo que esteve aqui para falar sobre poesia em sinais? Então, encontramos um vídeo dele no Youtube e, pela sinalização, o sinal usado parecia ser semelhante ao conceito do antropomorfismo. Não sei ao certo se era BSL ou uma hibridez entre ASL e Sinais Internacionais, enfim. Como não ficou muito claro, achamos melhor não empregar esse sinal. Assim, convencionamos o nosso para que ficasse mais claro, ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO. Para apresentar esse termo, pensamos se seria melhor proceder com a

datilologia junta ou não. Após discussão, optamos por, na primeira vez em que o termo surgisse, realizar a datilologia de modo mais lento e claro, junto com o sinal.

**TAO4:** Primeiro no título. Em função das estratégias da autora Barbosa, pensamos que a expansão não ficaria muito bom. Logo, no corpo do texto, na primeira vez em que a palavra apareceu, houve a datilologia e o sinal.

**TAO3:** A expansão é um procedimento para maximizar o contexto do assunto abordado. Seria uma maneira de explicar também.

**TAO4:** É uma das várias estratégias de tradução proposta pela Barbosa.

**TAO3:** Por exemplo, se em sua pesquisa você analisar como ocorreu o apoio, no título, se eu estivesse atuando sozinho, faria essa expansão, ao acrescentar informações explicativas a ele. TAO4, enquanto apoio, sugeriu evitar a expansão, uma vez que ficaria muito longo, o que não é recomendado. De fato, está certa. No seio do texto, seria possível complementar as informações em relação ao termo “antropomorfismo”.

*Pesquisadora: Você sabia, inventou o sinal para “antropomorfismo”?*

**TAO3:** Eu conheço o significado, mas não sei o sinal.

**TAO4:** Eu conheço o conceito, mas o sinal não.

**TAO3:** Eu conheço o conceito, a partir da área de filosofia ou história, no Egito, terra das pirâmides, em que havia corpo de humano e cabeça de animais como lobo, jacaré etc. Então, traçando uma adaptação à área da literatura e ao estudo que já tive, embora não muito profundo, fiz uma inferência.

**TAO4:** Eu conheço a área da literatura em narrativas, histórias, fábulas, contos na qual esse termo surge.

**TAO3:** Ela conhece mais dos aportes teóricos que eu. Não sei a diferença entre narrativa e conto e perguntei a ela, pois conto é um gênero textual e narrativa é uma maneira de contar.

*Pesquisadora: Qual sinal você usa?*

**TAO3:** Às vezes, uso o mesmo sinal para os dois, narrativa e conto. Por exemplo “contação de histórias”, o sinal é o mesmo que “narrativa”. Para diferenciar na sinalização, nós definimos que seria o sinal para “narrativa” e para conto seria datilologia e o sinal “narrativa”.

**TAO4:** Também houve algumas dúvidas relacionadas à escrita em Português da Betty. Por exemplo em “Língua Portuguesa X Língua Brasileira de Sinais”. Esse “x” parece uma contraposição, mas nós conversamos e sabemos que, pelo texto, o significado não é esse, oposição. Seria a citação das duas línguas.

**TAO3:** No texto da Betty, o modo como ela e o orientador escreveram, colocaram esse “x”. Contudo o mais apropriado seria o uso de outro símbolo, a barra “/”. O “x” carrega a ideia de contraposição.

**TAO4:** Briga. O “x” possui uma marca forte de combate.

*Pesquisadora: Vi no vídeo. Vocês sinalizaram “Libras Português”*

**TAO3:** Sim. Eu nunca vi usarem algum sinal entre “Libras Português” nessa situação. A marcação que ocorre é no tronco um pouco inclinado para um lado e para o outro.

**TAO3:** Nesse trecho é dito “desafio para organizar materiais”. Então pensei em como seria melhor “criar materiais”, “fazer materiais”. TAO4, enquanto apoio, sugeriu essa versão “organizar materiais”. Eu cheguei a pensar em inserir “o que” também, mas ela disse que assim seria informal. Pense em sinalizar “desafio o que organizar materiais”. No caso, esse gênero textual é um resumo e não caberia esse acréscimo com “o que”, sendo o material mais enxuto mesmo.

*Pesquisadora: Isso dependerá do tipo de texto. Em algumas situações, pode incrementar informações, mas esse, sendo acadêmico, vocês refletiram bem.*

**TAO4:** Por exemplo, em textos maiores, na introdução, é possível inserir informações como “o que”. Nesse caso, é um resumo. Assim, por ser curto e para manter a sua fluidez, seria melhor evitar.

**TAO3:** Na verdade, não é necessário o uso do sinal “o que”, mas é algo inerente aos surdos e da Libras.

---

**TAO4:** “O que” parece um vício e estratégia de interpretação para aguardar o recebimento de mais informações a serem transpostas. Outros desses vícios seria “então”, “como”.

---

**TAO3:** Nessa passagem (apontando no vídeo) eu tive um pouco de dúvida em sinalizar “L1 dele criança surda”, com a marcação no espaço da criança. Seria “L1 dele Libras” ou “L1 Libras dele”.

---

***Pesquisadora:** É possível entender das duas formas.*

---

**TAO3:** Hum, eu fico pensando de acordo com a sintaxe, já que, assim como a Libras, no Português também é factível alternar a ordem dos termos na sentença. Nós dois, na preparação, combinamos uma forma de sinalização para esse enunciado. Contudo, no momento da gravação, eu inverti. O nosso combinado era “L1 dele Libras”, mas no vídeo sinalizei “L1 Libras dele”. Eu não sei qual seria a maneira correta.

---

**TAO4:** O importante, primeiramente, é marcar o referente no espaço, no caso “criança”. Feito isso, a sequência desses sinais “Libras dele” ou “dele Libras”, as duas funcionam.

---

**TAO3:** A minha dúvida é em relação a sintaxe da língua. O melhor seria “Libras dele” ou “dele Libras”.

---

**TAO3:** Nesse trecho, a TAO4, como apoio, sugeriu não repetir o sinal “pesquisa”, que já tinha sido utilizado. Assim, ela indicou outro sinal.

---

**TAO4:** Aqui nós resolvemos convencionar “marca continuada” dos atores, pois isso implica em uma distinção de perspectiva, sendo que alguns autores concordam e outros não.

---

***Pesquisadora:** Eu utilizo tradutor-ator.*

---

**TAO3:** Complementando à fala da TAO4, eu comecei a empregar a palavra “intérprete”, sendo “tradutor/intérprete”. O termo “intérprete” seria pelo fato de a pessoa gravar o vídeo. Assim, ao vislumbrar esse termo “tradutor/intérprete”, assume-se que haverá gravação. Apenas “tradutor”, “tradução” seria o momento da preparação da dupla, por exemplo, pois, “ator” assemelha-se a filme em que a pessoa incorpora personagens, assim como o intérprete quando está produzindo o enunciado de outro emissor. Em nosso caso, a Betty escreveu o texto e eu incorporei os dizeres dela ao sinalizar o material. Sei que o termo “ator” pode ser aplicado, porém tenho percebido o uso de “intérprete”.

---

***Pesquisadora:** Entendo, mas o Saulo Xavier me explicou que o termo “tradutor-ator” está associado à gravação, diferentemente de “tradutor/intérprete”.*

---

**TAO4:** Não. São áreas distintas.

---

***Pesquisadora:** Sim, mas a Ronice Quadros já explicou que há um aporte teórico em que “tradutor/intérprete” é indissociável. Isso porque mesmo que ele desenvolva a atividade de interpretação, a tradução estará inerente a ele também. Contudo, a interpretação sinalizada é uma modalidade oral em que o profissional está presente fisicamente. O “tradutor-ator” seria a atuação à frente da câmera. Se não houver filmagem, é um “tradutor/intérprete”. O antropomorfismo está vinculado a essa incorporação de em vídeos, por isso o uso da nomenclatura “tradutor-ator”. O Nelson Pimenta também empregou esse termo várias vezes.*

---

**TAO4:** Eu não concordo com essa perspectiva.

---

***Pesquisadora:** Há um ator, Novak, que comenta que a filmagem está atrelada ao ator.*

---

**TAO4:** É uma distinção entre as nossas perspectivas teóricas.

---

**TAO3:** Na verdade, intérpretes em contextos de shows, música, filmagens, assumem o mesmo sentido que atores. Por exemplo, no meio ouvinte, dizem que cantores como Ivete, entre outros, ao reproduzirem a música de alguém que escreveu, são intérpretes. Não é um processo tradutório, a não ser que fosse intralingual, aliás, não. É apenas a reprodução de um material que outra pessoa escreveu, seguindo da mesma forma. O único adendo feito é quanto a prosódia, melodia, é considerado como um intérprete. Por isso esse conceito torna-se complicado. Perspectivas distintas.

---

**TAO3:** Nesse trecho eu também tenho dúvida quanto ao termo “ser surdo”. Nós dois fomos conversando na preparação e eu imaginei o “S” maiúsculo, para “Surdo”, em função de um viés antropológico, porém como expressar a forma em língua de sinais? No texto é perceptível essa distinção com letra maiúscula, mas como versar para a Libras? Precisaria acrescentar muitas informações e esse texto é um resumo. Vai sinalizar com datilologia e mostrar um “S”? Não acho apropriado. TAO4 disse que o Rodrigo Rosso sinaliza muito o “ser” em datilologia. Então, ok. Resolvido.

***Pesquisadora:** Poderia usar a datilologia para “ser”, com um viés mais forte.*

**TAO3:** Nós discutimos a respeito de qual sinal usar para “tradição”, se como “tradicional” ou “costume”. TAO4 achou melhor o sinal “costume”, mas eu comentei que o termo correto é “tradição”. Optei por seguir a linha no Português, aproximando a ideia de “tradicional”.

***Pesquisadora:** Independente do sinal, é preciso entender o sentido.*

**TAO4:** para mim, o sinal “costume” se enquadraria melhor. TAO3 quem preferiu usar o sinal “tradicional”.

**TAO3:** Os dois sinais poderiam ser aplicados, porém “tradicional” implique, ao contexto, em uma ideia mais consolidada. O “costume” é algo mais trivial e comum. Em minha concepção, se o surdo ler o texto em Português e identificar a palavra “tradição”, ele associará melhor a “tradicional”, sinal que ele já conhece. Caso ele leia o texto e assista ao vídeo com o sinal “costume”, o surdo poderia não reconhecer a informação.

***Pesquisadora:** Você (TAO3) disse que alterou um pouco a estrutura do texto.*

**TAO3:** Sim, apenas em um parágrafo que eu circulei, veja. Não seria possível eu acompanhar o áudio em português na mesma estrutura. Eu sempre reorganizo sintaticamente as sentenças, mas a estrutura do texto em si, para ser alterada, é mais complicado. Para isso eu teria que gravar o áudio com a alteração ou memorizá-la. Por isso, para evitar mais trabalho, eu treino o trecho antes. Foi um pequeno excerto, pois esse texto é um resumo.

***Pesquisadora:** Você sabe que a produção em sinais é importante para o público entender, certo? Então, você não seguiu estritamente o texto, né?*

**TAO4:** Não. Não houve Português sinalizado.

**TAO3:** O conteúdo está presente em ambos os textos, em Português e em Libras, mas a organização das sentenças sofreu algumas mudanças.

**TAO4:** Isso é tradução, na qual há reorganização e o conteúdo é conservado. Português sinalizado seria sinais na sequência do Português.

**TAO3:** O uso do espaço é primordial, pois, às vezes, em Português explica “isso (apontar)”, mas em Libras seria “isso (apontar) explicar”. Assim, as marcações no espaço são evidenciadas e, depois, efetua a referência.

**TAO3:** No trecho “pesquisa base teórica” o sinal “pesquisa teórica dele” foi empregado para não causar repetição em outra enunciação que discorria sobre o cerne da pesquisa. Após esse acordo, sinalizei eu sinalizei “pesquisa teórica pessoa dele”, mas percebi que a ideia não estava completa. Por isso, para tentar solucionar essa questão, sinalizei “pesquisa base teórica pesquisa dele”.

**TAO3:** Algo que corre na tradução também é que as pessoas estão acostumadas com a oralidade e não possuem certa perspectiva visual 3d quanto ao distanciamento e conjuntura quadrimensional da língua. No momento da gravação, não é assim, parece em formato 2d, pois dependendo da forma como o sinal é realizado, o espectador não vai compreender. O sinal “pesquisa”, a mão dominante pode ficar escondida atrás da passiva. Para contornar essa situação, pode trocar as mãos, mas é preciso prática para perceber isso.

**TAO4:** Às vezes, eu percebo que o corpo não está em posicionamento alinhado, mas um pouco para o lado diante da câmera, o que pode favorecer à visualização dos sinais.

**TAO3:** Em todo o vídeo produzido os referentes são marcados no espaço para evitar confusão. Por exemplo, do lado direito, é “pesquisa” “pesquisadores”, “passado”, pois é o local para traçar uma linha histórica, enfim. Algo geral é feito no centro do espaço neutro como “análise”, “materiais”, “vários”. Posteriormente, a fala é retomada e, quando especificada, é referendada no lado esquerdo e assim sucessivamente.

---

**TAO4:** Há autores que, no momento não me recordo, no âmbito dos Estudos da Tradução, mencionam o fato de não existir erros na tradução, mas problemas tradutórios que podem ser retificados. Seriam estratégias e escolhas empreendidas pelos tradutores, acerca da perspectiva que adota.

---

*Pesquisadora:* Interessante as suas expressões faciais, gostei. Parece que está animado (apontado TAO3).

---

**TAO3:** Eu fico um pouco indeciso quanto ao uso dessas expressões, pois acho que TAO4 é mais séria.

---

**TAO4:** TAO3 fez muito acréscimos de informações, mas eu fui suprimindo para deixar a sinalização mais simples possível. Por isso, foi imprescindível regravar algumas vezes.

---

**TAO3:** Em alguns momentos em que eu sinalizava, percebia que era necessário adicionar informações para que a mensagem ficasse mais clara, porém TAO4 não concordava. Então, eu repetia a sinalização da forma mais simples possível e estava compreensível. Realmente falta um retorno para que eu evite esse acréscimo sistemático de informações e fique mais seguro.

---

**TAO4:** Por exemplo, em “último vídeo”, ele utilizou um sinal para “último” e depois fez novamente outro sinal para “último”. Não era necessário, uma vez que a informação já tinha sido apresentada.

---

**TAO3:** Sim, fez dois sinais para “último”, de acordo com a sinalização que elaborei. O primeiro “último” foi desnecessário. Assim, acatei a sugestão de TAO4.

---

Fonte: a autora a partir dos dados coletados.

### **Quadro 18 – TAP 3: Dupla C: a tradutora-atriz surda TAS5 e a tradutora-atriz ouvinte TAO6**

---

*Pesquisadora:* Agora iniciaremos o momento dos TAP's. Eu gostei da produção de vocês e pretendo saber como se sentiram em realizar essa tarefa de tradução. Foi difícil? Como se saíram quanto às terminologias, à estrutura sintática? Conseguiram efetuar a transposição cultural do texto? Vocês também podem assistir ao vídeo produzido e, detectar nele, alguma passagem em que houve dificuldade. Como a dupla trabalhou para pesquisar sinais como o “antropomorfismo”, dentre outros.

---

**TAS5:** Eu achei simples, pois estou acostumada com textos acadêmicos. Às vezes, em determinado momento, o entendimento textual pode não ser muito claro e, por isso, discutimos para afinar a compreensão, já que podemos ter perspectivas distintas do material. Por exemplo, o trecho “o crescimento da comunidade surda” estava um pouco confuso, mas depois entendi melhor. TAO6 me questionou o que era “congresso nacional” e eu não associei ao órgão parlamentar em Brasília, o que seria o correto pelo contexto de proposição a educação bilíngue. De imediato pensei que fosse congresso acadêmico. Ela perguntou a mim também o sinal de determinada palavra e eu não lembrava. Acessamos o site da Revista Brasileira de Vídeo-Registro da UFSC e encontramos em um artigo da Betty, acessamos também materiais de tradução no Youtube, encaminhamos mensagens e o Nelson Pimenta<sup>36</sup> respondeu, pesquisamos em dicionário, dentre outros.

---

*Pesquisadora:* Qual?

---

**TAS5:** Essa (apontou quatro itens: narrativas, contos, fábulas e poesias). Encontramos quatro sinais, mas não havia um oficial para “fábula”. O Nelson Pimenta fez datilologia. A Fernanda Machado<sup>37</sup> usa um sinal, mas ela não nos respondeu até hoje. O sinal para “antropomorfismo” nós pesquisamos.

---

**TAO6:** Sim, eu lembro desse sinal, pois eu interpretei a defesa de mestrado da Betty e lembro de ela usar algo semelhante ao que sinalizamos. Então, eu mandei uma mensagem para a Rachel Sutton-Spence e aproveitei para saber com precisão qual era a configuração e movimento certo do sinal dela. Também perguntei a ela o sinal da

---

<sup>36</sup> O tradutor/interprete surdo Nelson Pimenta de Castro é professor e pesquisador do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES).

<sup>37</sup> Fernanda de Araújo Machado é poetista surda, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

autora Napoli que já publicou com a Rachel. Em suma, os sinais pesquisados foram ANTROPOMORFISMO, RACHEL e NAPOLI.

**TAS5:** “Eu comecei a trabalhar”. Ela disse que o sinal não estava bom. Então pensamos em outro e pesquisamos na internet os sinônimos para essa palavra e encontramos “diversos”.

**TAO6:** Não. Em meio a lista de sinônimos para “trabalho” tinha “produção”. Eu queria essa palavra e você preferia “trabalho”. TAS5 queria dizer “tradução literatura Libras” e pensou que seria melhor algo geral. Então usou “diversos”, o que foi apropriado.

**TAS5:** Ela queria usar o sinal para antropomorfismo diretamente. Eu disse que não. Quando o termo surge pela primeira vez é preciso empregar a datilologia e o sinal para apresenta-lo. A partir daí, pode usar somente o sinal.

**TAO6:** Eu pensei em utilizar o sinal logo, pois o título é muito extenso para acrescentar datilologia também. Assim, no título, seria apenas o sinal e, no texto, quando o termo surgisse pela primeira vez, acrescentaria a datilologia e o sinal. Às vezes a pessoa pode olhar o título e não reconhecer o sinal, o que a obrigaria a assistir ao resumo inteiro para entender.

**TAS5:** Para esse termo, alguns sinais não seriam apropriados, compondo um leque de variantes linguística.

**TAO6:** Nesse trecho é interessante inserir legenda, mas na edição não foi possível. Também adicionar o termo “título”, “autor”, as palavras em datilologia. Por isso a legenda se encaixa como um reforço para a pessoa acompanhar a sinalização. Sabemos que isso parece uma repetição de informações e talvez não precisaria, porém é um suporte a quem está assistindo, sobretudo em meio acadêmico.

**TAS5:** É uma espécie de ênfase. Penso que seria os quatro sinais e a “fábula” dos três porquinhos, além da referência dos tipos de vídeos encontrados, o nome dos autores como base teórica.

**TAS5:** Nesse vídeo provisório a direção do meu olhar está em movimento, por conta do texto. Se fosse um produto real, seria necessário o teleprompter para que o texto fosse surgindo e o meu olhar se preservasse fixo à câmera, assim como jornalistas fazem. Se houvesse memorização, poderia ocorrer várias falhas. Por isso, para evitar essa situação e o trabalho fluir mais rapidamente, gosto de mim mesma elaborar as glosas, pensar na estrutura da Libras, e seguir o texto no teleprompter. Penso que assim é mais fácil.

**TAO6:** Se o texto está no teleprompter, pode ser feito sem interrupções, o que não influencia na edição. Esse vídeo acomodou várias etapas, mas a sorte é que ela se manteve em mesma posição, praticamente, devido a experiência que já possui. Por isso que, ao assistir ao vídeo, não se nota os cortes que foram efetuados. Em outros materiais, o posicionamento pode ser alterado e, ao assistir ao vídeo, é perceptível. Desse modo, o uso ou não desse recurso tecnológico, o teleprompter, influenciará a edição, outra etapa que demanda de tecnologia no processo de tradução.

**Pesquisadora:** *Nesse caso, vocês sabem Libras e o Português. O que significa isso (apontou: Língua Portuguesa X Língua Brasileira de Sinais)?*

**TAO6:** Discutimos bastante a esse respeito.

**TAS5:** Realmente, explique você.

**TAO6:** Houve discussão, pois ela começou a usar um sinal. Como foi mesmo?

**TAS5:** Usei “Tradução da Língua Portuguesa X Libras”.

**Pesquisadora:** *Não era “educação bilíngue”?*

**TAO6:** Não foi “tradução”.

**TAS5:** Sim. “Educação bilíngue Língua Portuguesa X Libras”. TAO6 não gostou desse “X”.

**TAO6:** Eu pensei diferente. Ao assistir ao vídeo com o “X”, não achei compatível. A autora, Betty, escreve no texto como “X”, mas nós sabemos que a educação bilíngue não seria representada dessa maneira, pois esse símbolo carrega a ideia de versus/contraposição. Seria se Português versus Libras e não é assim que funciona. O correto seria o uso de uma barra “/” ou “Português e Libras”. Nós pensamos que a autora, por ter o Português como segunda língua, talvez tenha se confundido ao colocar “X”, embora entendemos que a intenção dela no texto não é a de contraposição. Nesse caso ela cometeu um erro no texto e nós corrigiríamos tal equívoco? De certa forma, parece que sim, mas nós pensamos em outra saída para não utilizar o “X” para evitar a ideia de contrassenso.

Assim, optamos por omitir esse símbolo e destacar o movimento do tronco de uma língua a outra, trazendo uma concepção mais geral, não significando que seja uma oposição e nem uma junção. Dessa forma, a omissão empregada é positiva, pois talvez o “X” poderia levar a outra concepção a quem assistisse ao material.

---

***Pesquisadora:** Boa estratégia de vocês em preocupar-se com o público alvo, de maneira que a informação fique mais clara culturalmente aos surdos.*

---

**TAO6:** Pessoas ouvintes, ao lerem o texto, podem pensar que a autora se confundiu em inserir o “X”, pois todos sabem que a educação bilíngue não traz uma contraposição entre o Português e a Libras.

---

***Pesquisadora:** Sim, mas se fizer um sinal nesse formato, o público pode estranhar essa oposição, sendo que, na verdade, o bilinguismo não é assim.*

---

**TAS5:** É, mas o entendimento não é apenas esse, mas também como se as línguas estivessem competindo.

---

**TAO6:** Eu penso também a respeito da variação linguística que pode existir ao público que estará assistindo. Ela usa um sinal para “porco”, mas existem outros também. Então fomos pesquisar qual sinal estava sendo usado em materiais produzidos pelo INES, dentre outros. Por isso perguntei a você, pesquisadora, quem seria o público alvo. Os alunos da UFG em Goiás? Qual o sinal para “porco” se usa lá? Eu sei que a maioria das pessoas conhecem as variantes de sinal para “porco”, pois são sinais comuns e usuais. Houve outro sinal também que pensamos a respeito das variantes.

---

***Pesquisadora:** É uma possibilidade também de quem não conhece o sinal aprender uma variante para ele. O importante é a compreensão do conteúdo.*

---

**TAS5:** É válido frisar que se eu utilizar um sinal que outra região usa e não é habitual para mim, não consigo me apropriar com naturalidade para sinalizar. Terei muitas falhas e precisarei gravar várias vezes.

---

**TAO6:** A primeira coisa que eu sempre faço é ler o texto para entender a ideia geral e depois estou acostumada a produzir algo semelhante a um mapa com desenhos, para eu entender a estrutura por blocos. Eu percebo que ela usa a palavra “diversos”, “diversidade, dentre outras. Por exemplo “vários desafios”, “vários materiais”, “várias literaturas”. Por isso pensei em sinais alternativos para esse “vários” como a mão estendida e ir apontando para cada dedo, evitando usar sempre o mesmo sinal.

---

**TAS5:** Sim, isso causa repetição. Melhor outros sinais alternativos.

---

**TAS5:** O uso sistemático do espaço é importante, por meio de anáforas, fazendo apontamentos e referência de determinada ideia em um espaço demarcado com o tronco também. Isso porque se for uma sinalização centrada em um único espaço, não fica clara.

---

**TAO6:** Quando faço tradução em casa sozinha, não consigo me ver sinalizando, o que é diferente da escrita, uma vez que vou lendo e se não achar coerente, apago e reescrevo. Assim, nós duas trabalhando em dupla, podemos sinalizar e uma observar e complementar a outra como um feedback. Logo, ao surgir uma sinalização interessante, imediatamente é registrada em glosa.

---

**TAS5:** No texto não tem marcação como um, dois, três, mas uso esse parâmetro da boia para dar ênfase e marcação à ideia, pois à frente do texto essa informação é retomada ao dizer que a metodologia da pesquisa se pautou em três grupos amostrais, sendo que o último deles possui um maior antropomorfismo cultural do surdo. O texto escrito está em uma estrutura vertical, enquanto a sinalização em Libras apresenta uma disposição horizontal-espacial. Ainda, a datilologia ou o número tem um local específico a ser feito, seja na região lateral próxima à cabeça, seja na altura do tronco. No trecho anterior do vídeo eu fiz o “três” um pouco na frente do rosto.

---

***Pesquisadora:** Houve dificuldade no termo “ser surdo”?*

---

**TAS5:** Eu uso como “sinal direcionado a mim surdo”.

---

***Pesquisadora:** Esse termo “tradição”, parece que possui o mesmo significado de “costume”.*

---

**TAS5:** Mesmo sinal de “tradicional”

---

---

**TAO6:** Você tinha pensando como “geração” também.

---

**TAS5:** Sim, mas esse que usei acho que é melhor. Costume está inserido na ideia de tradição.

---

**TAO6:** É importante considerar que, por vezes, a estrutura será diferente e não é recomendado associar uma palavra a um sinal literalmente. Isso se assemelha a um intérprete que produz Português sinalizado ou uma pessoa surda sinalizando e na interpretação de vocalização ser emitidas palavras soltas, impossibilitando a coesão e coerência das ideias. Por isso, às vezes, é bom se desprender da estrutura e pensar mais no geral, no significado, exibindo uma sinalização clara, coesa e coerente. O mesmo ocorre com informações repetidas, essas podem ser omitidas, pois anteriormente já foram mencionadas. Por exemplo, em LBS, INES e Youtube, pode ser citada uma vez e depois retomar o discurso, mas pode-se pensar que houve acréscimo ou não de informações. Entretanto, não é isso. Apenas está organizando a ideia para a Libras. Como são estruturas linguísticas diferentes, é passível a existência de alteração na sequência de informações.

---

**TAS5:** Sim, adiantando termos que estavam mais a frente no texto. Isso não acontece apenas nesse texto, mas em qualquer tradução para que a ideia seja evidenciada mais claramente.

---

**Pesquisadora:** *É bom que vocês saibam disso, pois é um problema de produção e compreensão. O importante é que a sinalização esteja clara.*

---

**TAO6:** Algumas pessoas podem pensar que em textos acadêmicos é assim, mas não. É notório que um texto acadêmico tem uma densidade de informações maior e precisaria ser de difícil compreensão. Pode ser claro. A tradução necessita ser clara.

---

Fonte: a autora a partir dos dados coletados.

Os dados explanados pelas três duplas nos protocolos verbais — TAP’s dirigidos — foram gratificantes ao verificar a experiência dos envolvidos no processo tradutório. Essas três duplas citaram não ter encontrado muitas dificuldades para traduzir o texto, visto que possuem certa familiaridade com tradução de textos acadêmicos.

Atentamos para as menções das duplas no que tange a reflexão sobre alguns itens lexicais presentes no resumo, como: (i) Congresso Nacional; (ii) Educação Bilíngue (Língua Portuguesa X Língua Brasileira de Sinais); (iii) narrativas, contos, fábulas e poesias; e (iv) antropomorfismo.

Sob esse viés, a dupla A relatou entendimento de que “Congresso Nacional” se situa como o conhecido evento acadêmico, o Congresso Nacional de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, enquanto as duas duplas B e C relacionaram esse termo ao órgão constitucional de Brasília. No tocante a Educação Bilíngue (Língua Portuguesa X Língua Brasileira de Sinais), as três duplas argumentaram que não sinalizaram “X”, e, sim, “Educação Bilíngue Libras e Português”, sendo que a marcação dos sinais “Libras” e “Português” foram manifestadas em certa inclinação do tronco do sinalizante. Nesse caso, a dupla A omitiu os termos “Libras” e “Português”, produzindo, somente, “Educação Bilíngue”. A justificativa para tal escolha se deve ao fato do público saber que se trata de duas línguas. Para os quatro itens: narrativas, contos, fábulas e poesias, a dupla A soletrou os termos e, então, depois apresentou

os sinais. Já a dupla B, soletrou “narrativa” e manifestou, complementarmente, o mesmo sinal para “conto”. A dupla C sinalizou “narrativa”, soletrou e sinalizou “conto” em sinal semelhante ao de “narrativa”, mas soletraram também “fábula” sem apresentar seu sinal, pelo fato de não se lembrarem do referido sinal.

Outro ponto salientado pelos tradutores foi o termo “antropomorfismo”. A dupla A relatou saber o sinal, por participação na disciplina de Literatura ministrada professora Rachel Sutton-Spence (UFSC). A dupla B, por saber o conceito, mas não lembrar o sinal que tem sido empregado, o convencionou como “ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO”. As tradutoras da dupla C encaminharam uma mensagem no aplicativo *WhatsApp* para a professora Rachel Sutton-Spence perguntando qual o sinal correto do termo “antropomorfismo” e obtiveram o retorno com o sinal correspondente e utilizado pela própria autora do resumo a ser traduzido, Betty Lopes. A fim de evidenciar qual o sinal usado pelas duplas, o sinal será apresentado.

Concluída a apresentação dos dados dos TAP’s por meio desses relatos, apresentamos, a seguir, a entrevista semiestruturada feita individualmente com as três duplas de TASO.

## 7.6 OS DADOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista semiestruturada com os TASO foi aplicada para possibilitar um melhor conhecimento do perfil de cada um deles, assim como as respectivas percepções acerca do processo tradutório vivenciado. Estabelecemos as seguintes questões:

### **Quadro 19 – A entrevista: suas questões**

- 
- 1- Você considera mais difícil traduzir da Libras em vídeo para o Português escrito ou do Português escrito para a Libras em vídeo? Por quê?
  - 2- Como foi para você realizar essa atividade de tradução de um texto escrito em português (um resumo acadêmico) para um texto em Libras registrado em vídeo? Quais as dificuldades você encontrou durante esse trabalho?
  - 3- Poder assistir sua tradução em vídeo e falar sobre ela (o porquê de suas escolhas, seu desempenho etc.) por meio dos protocolos verbais (TAP's) foi uma experiência boa para você? Você considera que esse momento de parar para rever a tradução é importante para que o tradutor pense melhor sobre o resultado do seu trabalho, sobre suas escolhas e as motivações de suas decisões?
  - 4- Quais são as (os) habilidades e conhecimentos que você considera indispensáveis para que algum possa traduzir do português escrito para a Libras em vídeo, nesse caso um resumo acadêmico?
  - 5- Você está mais acostumado a trabalhar sozinho ou em equipe? Qual considera melhor? Por quê?
-

---

6- Como foi para você essa experiência de realizar uma tradução em dupla do português para a Libras? Como vocês se organizaram durante a tarefa, tomaram as decisões sobre como traduzir etc? Houve alguma divisão de tarefas? Como ela foi feita?

7- Sabemos que esse tipo de tradução que vocês fizeram tem sido definido como uma tradução intermodal Português Escrito-Libras. Como você descreveria esse processo de tradução? (O que ele tem de diferente dos demais tipos de tradução que você conhece, por exemplo, da tradução entre dois textos escritos)?

---

Fonte: a autora.

As questões da entrevista seguem os mesmos princípios de elaboração dos questionários estruturados no que se refere ao perfil geral dos participantes, permitindo que conheçamos um pouco mais sobre eles. Entretanto, a entrevista semiestruturada, ao estabelecer o diálogo da pesquisadora com os participantes, após a realização da tarefa, tem o enfoque específico de possibilitar que o participante relate sua experiência com a atividade tradutória proposta: “Tradução do Português escrito para Libras em vídeo de um resumo acadêmico”.

A entrevista nos fornece mais dados de ordem qualitativa sobre o processo tradutório vivenciado, possibilitando que tenhamos informações complementares sobre a tradução intermodal para a nossa análise, tanto no que se refere à questão da prática profissional, quanto aos aspectos teóricos que envolvem a formação e a atuação do tradutor e do intérprete de português-Libras. Nesse sentido, o questionário e a entrevista servem como um “procedimento de natureza complementar” à triangulação dos dados e à sua análise (ALVES, 2001, p. 80).

As perguntas pensadas para a entrevista foram escritas, primeiramente, em Português e então, traduzidas em Libras por mim, filmadas e exibidas às três duplas, A, B e C. Com a filmagem das perguntas, temos uma entrevista semiestruturada em Libras que fora apresentada a todos os participantes. Com base nessas questões pré-definidas estabelecemos que o diálogo com os participantes também ocorresse em Libras, uma vez que esta é a primeira língua da pesquisadora surda que conduziu o procedimento. Todo o conteúdo dessa interação referente às sete questões foi registrado em vídeo. As respostas das entrevistas<sup>38</sup> (ver anexo 2) das três duplas dos TASO foram traduzidas da Libras para o Português escrito<sup>39</sup>.

Com relação à primeira questão, sobre dificuldades em traduzir da Libras em vídeo para o Português escrito ou vice-versa, temos o seguinte:

---

<sup>38</sup> Ver anexo 2 – as respostas completas das questões da entrevista pelos participantes.

<sup>39</sup> Assim como já mencionado acima, contamos com o auxílio do profissional tradutor e intérprete ouvinte Eduardo Andrade Gomes da UFJF.

**Quadro 20 – Respostas à questão 01 da entrevista semiestruturada.**

<b>Você considera mais difícil traduzir da Libras em vídeo para o Português escrito ou do Português escrito para a Libras em vídeo? Por quê?</b>	
<b>TAS1</b>	Quanto à tradução da Libras para o Português, é um processo difícil, pois a Libras é a minha primeira língua, ao passo que o Português, em modalidade escrita, a segunda. Contudo, é possível realizar a tradução, uma vez que compreendo a ideia do discurso sinalizado e, assim, transponho para o Português escrito. A dificuldade do processo está na correção e revisão do Português para a forma culta.
<b>TAS2</b>	Eu sinto mais dificuldade na tradução da Libras para o Português escrito, mas dependerá do gênero textual.
<b>TAO3</b>	Para mim, a maior facilidade concentra-se na tradução escrita para a Libras, pois já possuo anos de experiência com essa direção. Na tradução para o Português escrito, ao acompanhar a sinalização em Libras e não conhecer um sinal, eu vou pesquisar como? Se ocorrer algo assim na interpretação, com o <i>feedback</i> , eu posso perguntar, entender o sinal e continuar o trabalho de vocalização. Em vídeo, não é possível proceder dessa maneira, já que não há contato com a pessoa.
<b>TAO4</b>	Para mim, acho mais fácil, devido ao costume e maior apropriação, a tradução do Português para a Libras em vídeo. No caso da tradução da Libras em vídeo para o Português escrito acho mais difícil, por não ter o hábito e, principalmente, se for necessário que eu insira como legenda.
<b>TAS5</b>	Eu não tenho experiência ainda em traduzir da Libras para o Português escrito. Por isso não tenho parâmetro de comparação. Eu sempre trabalhei na tradução do Português escrito para a Libras.
<b>TAO6</b>	Não houve extrema dificuldade nas atividades. Sinto-me mais confortável em traduzir da Libras para o Português escrito, o que não significa que a outra direção seja mais difícil. Não vejo dificuldade em ambas as direções, pois consigo trabalhar em dupla, realizar buscas com outras pessoas, utilizar os aparatos tecnológicos etc.

Fonte: a autora, a partir dos dados das entrevistas.

Todos os TASO responderam à consideração de que a maior dificuldade se centrava na direcionalidade de tradução da Libras em vídeo para o Português escrito. TAO6 é uma exceção ao dizer que não encontra dificuldade, pois é o trabalho dela atuar nas duas direções tradutórias, do Português escrito para a Libras e da Libras para o Português escrito. Todavia, a tradutora pontua que sente mais conforto e segurança em traduzir para o Português escrito, uma vez que esta língua de chegada é a sua primeira língua, embora possua fluência na Libras. Ainda menciona outros aspectos que, se atendidos, afastam uma possível dificuldade no processo, como o contato com outras as pessoas, ou não possuir a *internet*, enquanto realiza consulta com outros tradutores e uso de aparatos tecnológicos. Os demais TASO acreditam ter mais domínio da tradução do Português escrito para Libras, por estarem acostumados a trabalhar nessa

direção. TAS5 comenta não ter experiência em traduzir da Libras para o Português escrito, portanto, trabalhou especificamente na tradução de textos do Português escrito para a Libras. TAO3 relatou sua dificuldade em traduzir da Libras para o Português escrito, pelo fato de não haver um contato sistemático com a pessoa do vídeo. Por outro lado, acompanhando a sinalização em Libras em um processo interpretativo, segundo a participante, além do *feedback* de outro colega, poderia interromper e perguntar o significado do sinal, por exemplo.

Um segundo questionamento apresentado aos tradutores(as)-atores(atrizes) refere-se à realização da atividade de tradução e as possíveis dificuldades encontradas nesse processo. Adiante observamos as respostas dadas por eles:

**Quadro 21 – Respostas à questão 02 da entrevista semiestruturada.**

<b>Como foi para você realizar essa atividade de tradução de um texto escrito em português (um resumo acadêmico) para um texto em Libras registrado em vídeo? Quais as dificuldades você encontrou durante esse trabalho?</b>	
<b>TAS1</b>	No texto em Português dessa tarefa, ao lê-lo, percebo que não é difícil, porém, o único impasse é a forma de montá-lo, ou seja, reorganizar alguns trechos, mediante o contexto. Isso porque, em sua estruturação original, parece que, em certos períodos, há repetição de ideias. Assim, é melhor retirar as recorrências, evitando que tais repetições surjam no enunciado em Libras. Logo, do ponto de vista linguístico, isso tornaria o texto traduzido mais econômico. Ajustar essas estruturas implica em um maior tempo despendido. Quanto as palavras contidas no texto em Português, são claras e de fácil compreensão. Este trabalho de tradução desenvolvido demandou tempo.
<b>TAS2</b>	Senti-me tranquilo. Foi a primeira vez que TAS1 e eu fizemos um trabalho dessa natureza juntos. Com o TAS1, por ser a primeira vez, nós interagimos para analisarmos qual o método de cada um. Ele gosta de montar glosas e usar o teleprompter. No meu caso, já tenho o hábito de trabalhar de outra maneira, com memorização. Sendo assim, penso que é importante ler atentamente para entender bem a ideia do texto e memorizá-lo. Dessa forma a produção consegue abarcar melhor o uso de expressões não-manuais, classificadores, melhor direcionamento e posicionamento no espaço, dentre outros benefícios. Não encontrei dificuldades no texto, pois, como eu disse, sempre consigo resolver os problemas. Por exemplo, no trecho “congresso nacional”, o que se trata? Conhecendo o significado, por uma busca na internet, tal problema está solucionado. Outro exemplo “antropomorfismo”, eu já sei, pois cursei disciplinas anteriormente que abordavam esse assunto.
<b>TAO3</b>	Recebi o texto acadêmico, porém simples, e após a leitura, entendi claramente as ideias. Alguns outros textos apresentam terminologias específicas que eu não conheço. O texto dessa tarefa apresenta a palavra “antropomorfismo”, mas acho que ele possui outro conceito que não seja referente à literatura, mas à mitologia egípcia e os animais que a compunham, enfim. Nesse caso, da literatura, relaciona-se a incorporação, e eu já conheço o resumo da Betty Lopes e a pesquisa de doutorado alinhada a essa temática. Não tive muita dificuldade no processo, apenas uma questão voltada a estruturação sintática em um parágrafo, o quinto, eu acho, no qual foi preciso alterar a sequência. Primeiramente, eu gravei o texto em áudio, seguindo a estrutura sintática do Português, mas com a inserção e elaboração por meio dos sinais, não sendo muito diferente. Por vezes é difícil controlar o acréscimo de informações em um viés mais artístico. Foi bom trabalhar com a TAO4, pois ela me corrigiu nos momentos em que eu inseria novas informações ao texto.

TAO4	Durante a entrevista TAP livre, eu já respondi a essa questão. O referido texto, resumo de autoria da Betty Lopes, estava fácil e tranquilo, não possuindo terminologias complexas, apenas uma, “antropomorfismo”, cuja dificuldade foi encontrar o sinal para tal. Nomes dos autores também, não sei se era mulher ou homem, tinha que utilizar a datilografia, assim como foi feito com a palavra citada anteriormente. O TAO3 é muito rápido, nossa! Nós lemos o texto ao mesmo tempo e, ao término, ele já queria gravar. Então eu disse para aguardar, sendo que ainda não havíamos discutido nada a respeito do material. Desse modo debatemos um pouco quanto aos sinais a serem empregados, por exemplo. Ao gravar, ele não quis treinar antes, preferindo realizar a tarefa logo. Foi um procedimento rápido, pois ele já possui experiência, diferente da minha, que levo mais tempo para organizar mentalmente o material, ler atentamente, treinar a sinalização para, posteriormente, gravar.
TAS5	Dificuldades quanto a impossibilidade de realizar a tarefa não houve, apenas àqueles referentes a quais sinais utilizar corretamente, sinais dos autores que eu não conheço, às vezes até sei o sinal, mas não me recordo com precisão e não posso traduzir de qualquer forma. Então preciso pesquisar ou perguntar a outras pessoas qual o sinal correto. No geral são essas, não havendo dificuldades extremas.
TAO6	Eu gostei da atividade, pois trabalhei junto à TAS5 em outras oportunidades e gosto bastante da forma como ela conduz o trabalho. Ela é bilíngue, entende claramente o texto em Português, é receptiva quanto à comentários, já que é possível trabalhar com pessoas que não aceitam sugestões. A TAS5 desenvolve o trabalho da forma dela, eu do meu, e conseguimos nos articular facilmente. Foi um trabalho satisfatório, com mais pontos positivos do que negativos. Ela, enquanto surda, sabe bem Libras e Português, conseguiu entender o texto para interagirmos, é madura. Em relação a trabalhos acadêmicos, já tenho essa experiência, principalmente na tradução de Libras para Português escrito, mas também na direção inversa. A dificuldade linguística em relação ao texto, em termos a serem traduzidos e a relação entre a TAS5 e eu, não houve. Com o tempo fui percebendo que não era para se prender às palavras, mas as ideias eram o mais importante, o que o autor queria dizer com aquela mensagem. Com isso, fui mantendo maior autonomia e menos dependência ao texto fonte e percebendo que quando há repetição de informações, por exemplo, seria possível suprimir esse trecho. A TAS5, não, está acostumada a seguir fixamente o texto, mas nos respeitamos e fomos alcançando um equilíbrio para caminhar com o trabalho da melhor maneira possível, não havendo prejuízos para ambas.

Fonte: a autora, a partir dos dados das entrevistas.

Em geral, os TASO apontam a facilidade em compreender e traduzir o texto fonte, que se trata de um resumo acadêmico. Todos apreciaram satisfatoriamente o trabalho de tradução. Conforme as respostas acima, de acordo com a questão, os TASO solucionaram suas dificuldades. TAS5 elenca algumas que, no geral, são semelhantes a outros tradutores.

Em seguida, como os participantes foram levados a assistir a própria tradução feita e a relatar aspectos do desempenho, as escolhas lexicais e tradutórias feitas, perguntamos sobre essa experiência. As respostas estão esboçadas no quadro:

**Quadro 22 – Respostas à questão 03 da entrevista semiestruturada.**

<p><b>Poder assistir sua tradução em vídeo e falar sobre ela (o porquê de suas escolhas, seu desempenho etc.) por meio dos protocolos verbais (TAP's) foi uma experiência boa para você? Você considera que esse momento de parar para rever a tradução é importante para que o tradutor pense melhor sobre o resultado do seu trabalho, sobre suas escolhas e as motivações de suas decisões?</b></p>	
TAS1	<p>Eu sou muito flexível, mas essa postura depende do tradutor. Eu interajo, compartilho ideias, mas há outras pessoas que são mais intransigentes e se acham os detentores da razão. O trabalho que desenvolvi em dupla foi tranquilo. Em relação à seleção de sinais e a organização textual, é preciso conhecer primeiramente o texto em Português, no meu caso, por possuir certa experiência cultural e ser uma pessoa bilíngue com conhecimentos dessa língua. Se não possuísse esse conhecimento, a todo momento precisaria recorrer a pessoas para conseguir suporte. Contudo, o ideal seria que ambos os tradutores possuam pleno domínio das duas línguas, Português e Libras, facilitando o andamento e agilidade do trabalho. Caso haja conhecimento precário de algum deles em alguma das línguas, seria necessário convocar uma terceira pessoa para auxiliar, o que poderia comprometer o fluxo do processo.</p>
TAS2	<p>Sim, é importante, pois no momento da preparação e depois com a gravação, inclusive, o TAS1 disse para sinalizar de modo imediato e completo. Eu não aprovei, pois prefiro organizar o texto em blocos e ir sinalizando aos poucos. Como ponto negativo em relação aos TAP's, a orientação era que fosse feita uma vez, ok, culminando em uma possível gravação de todo o teor corretamente. Contudo, se fosse possível, após toda a gravação, assistir ao material produzido permitiria recortar e substituir eventuais trechos, possibilitando maior qualidade na interpretação. Por isso, é melhor gravar por trechos para posterior recorte e substituição, se necessário.</p>
TAO3	<p>Eu sei que há documentos e estratégias de estudo para conhecermos como se deu o processo da nossa tradução. Eu já havia explicado, mas a gravação não foi efetivada. Vou tentar lembrar. Eu não uso TAP's após as traduções, embora saiba que exista. Estou acostumado a desenvolver o processo em parceria com algum intérprete junto a mim em formato de feedback e apoio. Em cada parágrafo a ser traduzido, por exemplo, no primeiro bloco, algumas pessoas têm o costume prévio de treinar a sinalização, elaborar as glosas, etapa com maior demanda de tempo, e depois, para gravar, é mais rápido, ao seguir a preparação feita. Contudo, eu não gosto muito desse procedimento, pois ao seguir as glosas, parece que se culmina em uma sinalização robotizada, não possibilitando uma sequência prosódica. Desse modo, eu prefiro fragmentar o texto em blocos, estudar cada um deles com um colega e, ao sinalizar, esse apoio vai avaliando se está bom ou não. Essa gravação sistemática em várias partes e, até mesmo repetitivas, podem ser chamadas de relatos, uma vez que há uma interação com o colega de apoio quanto a reflexão do texto e a sua produção em língua de sinais. A revisão não é feita ao término da gravação de todo o texto, mas de forma processual, por partes. Ontem foi interessante, pois ao fim de todo o trabalho de sinalização, da edição e consolidação do produto textual entregue, no momento em que nós três conversamos e assistimos ao vídeo produzido, encontramos alguns itens que eu me lembro que houve discussões para tal a respeito das dificuldades, na tentativa de solucionar esses problemas.</p>
TAO4	<p>Interessante, eu lembro que estudei no curso Letras-Libras bacharelado a respeito dos TAP's. Sim, acho pertinente, após a realização da tradução e da etapa de revisão, haver o momento para tecer comentários sobre a tradução feita. Nesse caso eu fiz o papel de tradutora de apoio e nunca havia comentado a respeito da atuação nesse perfil, pois eu sempre fui a produtora dos discursos na tradução e, agora, tenho a oportunidade de ver esse processo por uma outra perspectiva. Na ocasião os comentários são para detalhar o processo, dizer sobre as escolhas e estratégias tradutórias realizadas.</p>
TAS5	<p>Às vezes, durante a sinalização, as pessoas se perdem e não sabem se já emitiram ou não determinado sinal que seja importante para o contexto, sendo a gravação um suporte para auxiliar na verificação. É relevante sempre estar acompanhando o vídeo para conferir, pois se</p>

	deixar a gravação finalizar por completo e, apenas ao término detectar um eventual equívoco, será necessário gravar tudo novamente. Assim, é válido ir acompanhando, por blocos, se está tudo de acordo. O mesmo acontece com a escrita, se errar, apaga e refaz imediatamente.
<b>TAO6</b>	Sim, foi uma ótima experiência. Eu vi o vídeo e lembrei do que ocorreu, pois, às vezes, realizamos todas as etapas e, ao visualizar o produto, recordamos do que pode ter causado algum incômodo durante o processo. Esse feedback é importante. TAS5 e eu combinamos que seria melhor ela, por ser surda, gravar. Com o feedback eu acompanhava a sinalização dela, pedia para repetir, e, em algumas ocasiões, eu reproduzia para ela observar o que estava produzindo. Isso ocorre como no processo de tradução da Libras para o Português escrito, em que eu vejo o que eu estou expressando. Logo, o trabalho de duas pessoas ou mais é válido também para a revisão. Por isso todas as essas etapas, obviamente, são importantes. Após o término da gravação da tradução, acompanhando o vídeo produzido e consentido com tal, ao passar-se anos, acessando esse material novamente, deparamos com algo que não gostamos. Parece que isso acontece por conta da maturidade que vamos adquirindo, mas é bom ver o processo. É como eu havia dito anteriormente, por conta da modalidade oral da Libras, não conseguimos visualizar o que foi sinalizado. Portanto, é importante assistir várias vezes à gravação.

Fonte: a autora, a partir dos dados das entrevistas.

Atentamos que TAO3, TAO4 e TAO6 possuem conhecimentos sobre os protocolos verbais (TAP's), por terem cursado o bacharelado em Letras com habilitação em Libras, graduação esta que contempla disciplinas relacionadas à teorização e prática, além de estágios em tradução e interpretação de português/Libras. Contudo, TAO3 informa que não tem o hábito de utilizar os TAP's como percebe-se no excerto “*Eu não uso TAP's após as traduções, embora saiba que exista. Estou acostumado a desenvolver o processo em parceria com algum intérprete junto a mim em formato de feedback e apoio*”. O posicionamento do referido tradutor revela sua preferência por outros métodos como a gravação com um colega em formato *feedback*. Nota-se a evolução dos trabalhos no tocante à competência tradutória intermodal, por meio dos comentários, apontamentos, decisões tomadas e estratégias empregadas para a execução da atividade e explanada nos relatos deles.

Ao serem questionados sobre as habilidades e conhecimentos indispensáveis na tradução do Português escrito para a Libras em vídeo de um resumo acadêmico, os TASO comentaram:

**Quadro 23 – Respostas à questão 04 da entrevista semiestruturada.**

---

**Quais são as (os) habilidades e conhecimentos que você considera indispensáveis para que algum possa traduzir do português escrito para a Libras em vídeo, nesse caso um resumo acadêmico?**

---

<b>TAS1</b>	Enquanto habilidades, penso que é preciso (i) boa aparência, (ii) apresentação quanto a vestimenta, pele e cabelo, para que fique mais nítido, (iii) um ritmo de sinalização natural e apropriado, não sendo truncado, (iv) sinalização clara com uso adequado das configurações de mão e das marcações espaciais, (v) conhecimento quanto ao direcionamento e marcação coesiva e sintática durante a sinalização, de modo que não seja algo mecanizado e nem descompassado. Este último item é o principal deles, bastante necessário, assim como todos os outros citados. O conhecimento linguístico do Português e da Libras também são importantes. Esses pontos seriam a base para o trabalho.
<b>TAS2</b>	É importante, a competência tradutória, o fato de ser bilíngue. Segue o que a Hurtado já apresentou como subcompetências. Ainda, saber como resolver os problemas, por exemplo, realizando buscas na internet por sinais, também contatar amigos e sanar dúvidas com eles, pessoas que conheçam a área em questão, precisando, novamente, resolver os problemas. Ainda, necessita saber manusear bem os aparatos tecnológicos como internet, estratégias de gravação em si, saber em como proceder quanto ao tempo, por exemplo. Quando eu comecei a trabalhar com tradução foi bastante exaustivo, gravando o conteúdo direto ou mesmo em bloco, mas não tinha uma delimitação exata dos fragmentos para a edição. Penso que, ao longo do tempo, essas habilidades vão crescendo, melhorando e, com isso, é possível realizar as atividades de tradução mais rápido.
<b>TAO3</b>	Competência tradutória, em saber como transpor as informações de uma língua a outra. É difícil mensurar um equilíbrio nessa transposição, para que não seja excessiva e nem insuficiente. Por exemplo, João Gabriel <sup>40</sup> e eu já trabalhamos juntos em outra tradução e ele me orientou quanto a isso. Eu pensava que seria necessário apresentar um produto extremamente adaptado, aproximando-se de uma pureza da língua de sinais. Por outro lado, a sinalização dele seguia o texto em Português, o que era reflexo da inserção dos surdos em meio à comunidade ouvinte e isso influenciaria de alguma forma, sobretudo em textos acadêmicos, como é o resumo traduzido nessa tarefa. Por vezes eu tenho vontade de fazer uma releitura e afastar-me do texto fonte. Na atividade de ontem a TAO4 me corrigiu quanto a isso, pois eu adicionava muitas informações. Outra competência importante é a linguística quanto a fluência nas línguas, mas essa competência não é, necessariamente relevante, pois uma pessoa que não seja sinalizante, mas ator profissional, por exemplo, pode incorporar e treinar a sinalização. No entanto, se o indivíduo possui essa competência, linguística, o trabalho desenvolve mais rapidamente. O problema do andamento das atividades é o tempo em que elas são realizadas.
<b>TAO4</b>	Eu compactuo com a Hurtado Albir quanto as três principais competências, sendo (i) a tradutória, na qual abarca os procedimentos para a realização de uma tradução, (ii) a linguística, englobando o conhecimento sintático das duas línguas, nesse caso, a Libras e o Português, e (iii) a referencial, envolvendo o conhecimento da área em questão. Por exemplo, se houver dois gêneros textuais distintos como poesia e o acadêmico, o tradutor precisa saber dimensionar essas competências, como a postura corporal, já que a poesia permite maior movimentação, enquanto o acadêmico é mais formal e monótono, evitando a distorção entre eles. Eu creio que uma quarta competência também é importante, denominada técnica, pois, durante uma gravação, o tradutor necessita saber dimensionar o enquadramento, seja aproximando ou distanciando, a iluminação, o foco da câmera, a edição do vídeo, mesmo que possa haver profissionais para essa função como há aqui na UFSC. Nesse quesito, edição, deixo muito a desejar, só sei manipular o programa Movie Maker. O TAO3 sabe manusear com bastante qualidade as edições por meio do Adobe. Assim, penso que, além das três competências citadas por Albir, a técnica, que reporta à gravação e edição de vídeos, também seria importante. A competência tradutória seria o procedimento da tradução, evitando o uso de Português sinalizado e sendo fiel às línguas. A competência linguística seria o conhecimento sintático do Português e da Libras e a competência referencial o conhecimento a respeito do texto a ser traduzido.

<sup>40</sup> O tradutor e interprete surdo João Gabriel Duarte Ferreira é doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

TAS5	No caso de habilidades e conhecimentos, é importante que se tenha (i) fluência, (ii) saber a estrutura específica da Libras, (iii) conhecer o texto, (iv) evitar a dependência excessiva ao texto para não produzir uma versão em Português sinalizado, o que não se configura como tradução, (v) ser um agente capaz de levar claramente a mensagem. Se uma pessoa ler um texto e sentir muita dificuldade de entendimento, ela desiste. O mesmo ocorre com o vídeo. Por isso é importante que ele esteja o mais claro possível para favorecer a compreensão do público. Não adianta, portanto, produzir algo que seja muito difícil o entendimento.
TAO6	Penso que a principal base para o desenvolvimento do trabalho é o fato de serem bilíngues fluentes. Conhecerem bem as duas línguas e suas estruturas. Todavia, apenas competência linguística não é suficiente, necessita conhecer como é o processo de tradução, quais estratégias utilizar, entender que omissões não são sinônimos de algo negativo, são escolhas tradutórias. Por meio de experiências, conhecimentos teóricos sobre tradução, sobre linguística, obviamente. Tais conhecimentos alinhados diretamente à prática. Ainda, conhecimentos metodológicos em como fazer a tradução. Por exemplo, você nos encaminhou uma tarefa que teríamos que gravar a tradução. Logo, precisaríamos de conhecimento tecnológico e técnico. Eu sei manusear a câmera que iria registrar a gravação em Libras. Esse registro é permitido pela tecnologia. A pessoa precisa saber manipular esses instrumentos e não ficar dependente de funcionários para filmagens e edições. Certamente não são procedimentos de extrema qualidade, como algum profissional que curse faculdade de cinema e aprenda conhecimentos específicos da área, porém preciso saber o mínimo para efetuar meu trabalho. Nesse sentido, seriam os conhecimentos linguísticos, de tradução, de metodologia para a tradução, os passos para lidar com os dispositivos tecnológicos.

Fonte: a autora, a partir dos dados das entrevistas.

Os comentários proferidos são proveitosos e significativos, principalmente os de TAS2, TAO3 e TAO4 ao citarem Hurtado Albir (2011; 2017) apresentando os seis componentes do atual modelo do Grupo PACTE que constituem a competência tradutória, a saber as subcompetências bilíngue; extralinguística; de conhecimentos sobre tradução; instrumental e estratégica e os componentes psicofisiológicos. Desta feita, percebe-se que os TASO possuem saberes relacionados a esses componentes. É interessante mencionar que Rodrigues (2018a) propõe a existência ou necessidade de uma possível competência tradutória intermodal.

A quinta questão tende abordar o trabalho e atuação dos TASO de maneira individual ou em equipe. As respostas são vislumbradas em:

**Quadro 24 – Respostas à questão 05 da entrevista semiestruturada.**

<b>Você está mais acostumado a trabalhar sozinho ou em equipe? Qual considera melhor? Por quê?</b>	
TAS1	Sim, foi uma ótima experiência o trabalho em equipe. Bem tranquilo em que ambos tinham opiniões contundentes. Eu gosto de trabalhar em equipe, seja um, seja dois, seja três, seja quatro membros, pois existe a possibilidade do compartilhamento. Já o trabalho sozinho eu gosto de realizar de maneira individual, no momento da leitura do texto, da preparação para a sinalização, a gravação dessa e posterior revisão e correção, o que leva mais tempo. Na

	<p>atuação em equipe há uma rapidez e segurança maior, devido a integração entre os componentes.</p>
<b>TAS2</b>	<p>Na verdade, ao longo desse tempo, estou mais habituado a trabalhar sozinho. Sempre digo que é melhor trabalhar em equipe com duas ou três pessoas, mas a maior parte dos contratantes dizem que é caro, só pagariam um tradutor. Por isso, acostumei-me assim, trabalhando sozinho. Contudo, às vezes, após eu realizar meu trabalho individualmente, mostro a algumas pessoas e pergunto a elas se está bom ou não. Prefiro trabalhar em equipe, seja com surdos, seja com ouvintes, na qual o principal critério é que todos saibam as duas línguas, o Português e a língua de sinais. Em certas ocasiões é bom trabalhar com ouvintes, pois cada um pode ter uma compreensão diferenciada do texto e assim, pergunto aos ouvintes se o meu entendimento está compatível ou não e interagirmos.</p>
<b>TAO3</b>	<p>Eu expliquei anteriormente que o trabalho em equipe é difícil, mas é melhor. Já me ocorreu trabalhar sozinho e depois algumas pessoas avaliarem dizendo que estava ótimo, mas com algumas ressalvas. Sempre há falhas que são identificadas, mesmo se o trabalho for realizado em equipe, porém, nesse formato, essas falhas tendem a ser em menor quantidade, sobretudo se este grupo por composto por tradutores surdos. A pouco tempo eu comecei a trabalhar em equipe com tradutores surdos, como o João Gabriel, dentre outros, e quero continuar. Sempre que há uma atuação nesse formato, eu os chamo, pois trazem maior segurança a mim e eu posso ajudá-los a se habituar cada vez mais com a área e consolidá-la. Na minha opinião, a equipe de tradutores precisaria de três membros, dois ouvintes para também avaliar a sinalização, sobretudo em relação ao conteúdo do texto fonte transposto para a Libras, já que os ouvintes conseguem acompanhar o áudio gravado, por exemplo. O tradutor surdo é importante também para acompanhar a sinalização, não o conteúdo em si, mas as nuances da língua de sinais, a prosódia, a sintaxe. Cada um dos tradutores estaria imbuído de papéis diferentes no trabalho.</p>
<b>TAO4</b>	<p>Estou acostumada a trabalhar em equipe, mas não com muitos membros, cerca de dois, uma dupla. Há uma pessoa que sempre trabalha comigo e, mesmo que não possa atuar, peço a ela que me ajude. Penso que assim é melhor do que trabalhar sozinho, pois permite uma outra perspectiva e apoio, principalmente no enquadramento no momento das gravações, e também, que saiba Libras para dar um feedback quanto a sinalização como configurações de mão. Se o tradutor sair do local delimitado para a gravação para conferir a câmera, por exemplo, o foco será alterado. Além disso, o apoio é bom para observar a sinalização, se houve esquecimento de algum sinal. Caso contrário, esse fato pode ser constatado apenas na finalização do vídeo, o que implicará em nova gravação na íntegra. Assim, o tradutor de apoio é importante.</p>
<b>TAS5</b>	<p>Estou acostumada a trabalhar em dupla, sendo eu e uma pessoa como apoio linguístico, como a TAO6 atuou. Por vezes pode surgir alguma dúvida em relação ao entendimento do texto e, assim, a interação é importante. No momento da gravação, a pessoa como apoio vai realizando a revisão e percebendo se a mensagem está sendo clara ou não. Caso não esteja, se precisar, retornar ao estudo do texto e à discussão sobre ele. Eu já tentei trabalhar sozinha, por ser uma demanda de trabalho urgente e um prazo estipulado, não havendo outras pessoas disponíveis. Então, eu gravei sozinha, encaminhei o material à revisão e ficou bom, pois havia poucas falhas, uma vez que eu estudei o conteúdo e a cada gravação dos blocos eu revia a sinalização. O processo em dupla é semelhante a esse, porém é mais rápido do que sozinha.</p>
<b>TAO6</b>	<p>Eu estou mais habituada a trabalhar sozinha. Atuar em uma equipe grande, composta por vários membros, com mais de três, eu não tenho essa experiência. Aliás, tenho, mas não funciona, não foi produtivo. Ocorreu em um trabalho de revisão, e que a pessoa surda redigiu em Português, sua segunda língua, e eu revisei uma parte, pois eu iria viajar em férias, e depois outros membros foram revisando por fragmentos também. Enfim, o resultado final não foi satisfatório, pois parece que cada um tem à sua maneira de escrever e o trabalho não foi realizado pela equipe coesa, ao mesmo tempo. Na tradução do Português escrito para a Libras o máximo de pessoas como equipe que já trabalhei foram três. Obviamente, o trabalho em equipe é melhor, pois é possível maior interação, mais segurança. Meu trabalho com a TAS5 foi bom, mas eu sei que não poderia perguntar a um terceiro, apenas mensagens</p>

	do WhatsApp já que ambas não sabíamos determinado sinal e, então, tentamos buscar com outras pessoas. Sabemos que pessoas externas não compõem a equipe de tradução, mas é importante poder contatar outras pessoas.
--	--

Fonte: a autora, a partir dos dados das entrevistas.

Todos os TASO consideram que seja melhor trabalhar em equipe no processo gravação e de tradução do Português escrito para a Libras em vídeo, por permitir um estudo conjunto, bem como uma outra perspectiva de discussão dos termos científicos do texto-fonte, e o apoio por feedback entre os membros, na qual um tradutor esteja em frente às câmeras sinalizando e o outro acompanhando para que opine e retifique o que julgar necessário. Nesse relato, os TASO dizem estar habituados a trabalhar sozinhos, o que gera a construção de um método próprio de trabalho. No entanto, TAS5 cita que, mesmo atuando sozinha e apresentando poucas falhas na versão final, a demanda urgente de trabalho impõe um prazo curto para a entrega do produto. Mesmo assim defende o processo em dupla por ser mais rápido e seguro. TAS5 e TAO6 destacam algumas dificuldades como o desconhecimento de termos técnicos e de conceitos, solucionados por conta de contato com professores e amigos no *WhatsApp*.

No próximo questionamento, solicita-se comentários um tanto quanto detalhados a respeito de todo o processo empreendido, em relação à organização e divisão das etapas para a produção da tradução. Os dados são:

**Quadro 25 – Respostas à questão 06 da entrevista semiestruturada.**

**Como foi para você essa experiência de realizar uma tradução em dupla do português para a Libras? Como vocês se organizaram durante a tarefa, tomaram as decisões sobre como traduzir etc.? Houve alguma divisão de tarefas? Como ela foi feita?**

<b>TAS1</b>	Primeiramente, eu nunca leio o texto em Português e, imediatamente, sinalizo. Ninguém faz assim. Pela minha experiência, o primeiro passo é ler o texto em Português, entender o que ele quer dizer. Posteriormente, organizá-lo em trechos fragmentados e resumir cada um deles. Feito isso, estruturar e reorganizar a ordem do texto, agora em Libras, fixo aos fragmentos predefinidos anteriormente. Em seguida, dispor o texto iniciando a etapa de seleção, substituição e supressão de palavras que eventualmente possa ocorrer, por meio das glosas. Por exemplo, acrescentar “+++” como significado para o sinal PRODUÇÃO e a quantidade de vezes que surge naquele momento, três vezes, no caso. A palavra “muito” ser substituída pelo sinal NOSSA! com expressão de intensidade. Essas siglas para a notação em glosas auxiliam nesse processo. Adiante, com o texto a ser traduzido já estruturado, eu gravo a sinalização e outra pessoa atua como revisor/avaliador. Um problema é que aqui não tem o teleprompter, que pode auxiliar nessa etapa. Então, eu prefiro que alguém sinalize o que está no texto e eu reproduzo como espelho. Em suma, esses foram os passos para a efetuar a tradução. Sim, há a edição do material.
-------------	---

<b>TAS2</b>	<p>Conforme eu mencionei antes, TAS1 e eu nunca havíamos trabalhado juntos. Inicialmente, nós combinamos que cada um leria o texto, faria eventuais anotações a respeito. Nós temos a mesma consciência, seria uma espécie de metodologia semelhante de trabalho, ao fragmentar o texto em blocos e, posteriormente, fazer alterações entre os trechos, articular os possíveis sinais a serem usados. Também discutimos qual seria a melhor sequência nessa alteração dos trechos, por meio do notebook, ao sinalizar, o que seria mais compatível ou não. Não houve qualquer tipo de conflito durante a tarefa, transcorrendo tudo muito bem. No momento da gravação, eu não sabia como era a dinâmica e o jeito do TAS1 para gravar, se era o texto no teleprompter, uso de glosas ou feedback. Eu estou acostumado a memorizar o texto. Ele, então, começou a sinalizar lendo o texto, mas não estava sendo um procedimento bom e eu percebi menos expressões, menos uso de classificadores, menos movimentação e marcação espacial. Diante da situação, perguntei a ele se queria o molde espelho (feedback), e aceitou. Assim, todo o trabalho foi conduzido dessa forma. Posteriormente, às vezes, eu corrigia, pedia para refazer. Quando finalizou, eu fiz a edição rapidamente. E, dessa forma o material produzido foi entregue.</p>
<b>TAO3</b>	<p>Naturalmente eu assumi a função de sinalizante e ela de apoio, pois nós já nos conhecemos e trabalhamos juntos. Devido a minha prática, desenvolvo o trabalho mais rápido e ela é ótima para dar o suporte. A meu ver, ela apresentou uma evolução rápida e notória na Libras. Apesar de sermos colegas na época da graduação e ela ter formado realmente, produzindo o TCC, algo que eu não fiz, por isso ainda não formei, atualmente ela está mais consciente. Isso contribui para o nosso trabalho, pois a TAO4 acrescenta orientações teóricas. Inicialmente, ao receber o texto, começamos a ler e a fazer anotações e marcações no texto, as comparamos, pesquisamos os sinais referentes às palavras identificadas e convencionamos sinais para ANTROPOMORFISMO e da autora, Betty Lopes. Por exemplo, o sinal TRADICIONAL, a princípio não era um problema de tradução, pois já conhecíamos o termo. Entretanto, no momento da sinalização dos blocos, acho que por volta do quarto ou quinto, percebemos que, diante do contexto, seria uma questão a se pensar quanto a esse sinal. Lemos o texto, realizamos a extração terminológica referente a dois itens que possuíam dificuldade para nós. Então, pesquisamos, encontramos e convencionamos sinais. Segmentamos o texto e o título e começamos a gravar. Já posicionado no local de gravação, treinei um pouco a sinalização, fui gravando e sempre que não estava tão bom, ela apontava até encontrar a gravação adequada para o trecho em questão. Finalizada a gravação de todos os trechos, eu fiz a edição do material, por já ter essa prática e costume. Assim, na edição, aproximei um pouco a imagem e conduzi uma estruturação e padronização vermelha no enquadramento do vídeo. Posteriormente, assistimos ao vídeo e estava tudo correto.</p>
<b>TAO4</b>	<p>Gosto mais de trabalhar em dupla. Geralmente sou eu quem assume a sinalização dos vídeos e, por isso, não atuo como apoio. Por isso essa experiência, como apoio, em outra perspectiva, foi boa, além de trabalhar com o TAO3, que possui bastante experiência profissional e ótima qualidade nas traduções. Durante o trabalho, nós não definimos qual papel cada um assumiria, necessariamente, foi algo que fluiu naturalmente. Primeiramente, recebemos o texto e ambos começamos a lê-lo individualmente. Feito assim, com uma caneta, marcamos termos no texto que seriam problemáticos ou que não conhecíamos o sinal. Então, discutimos a respeito dos conceitos em questão, convencionamos algum sinal e ele começou a treinar a sinalização já posicionado no local de gravação. Para atuar como apoio, dirigi-me à frente da câmera. Por fim, houve a edição do vídeo, na qual o próprio TAO3 assumiu, e assistimos ao material finalizado. Nesse momento o TAO3 leu o texto em voz alta e eu, ao ouvir, fui acompanhando a sinalização para avaliar também o ritmo e a simultaneidade das ideias, a fim de identificar se havia algum aspecto a ser alterado.</p>
<b>TAS5</b>	<p>A TAO6 e eu já temos experiência em trabalharmos juntas. Normalmente, eu recebo o texto com antecedência e preparo, individualmente, em casa, ou em outro momento, a glosa. No dia em que será realizada a gravação, eu encontro, um pouco antes, a pessoa que será minha parceira, para conversarmos a respeito do texto e das glosas também. Feito isso, começo a gravar. Nesse momento, durante a sinalização, a parceira vai acompanhando e se não estiver entendendo a sinalização, nós reorganizamos o material (as glosas no documento word) e gravo novamente. A pessoa que assume o apoio linguístico irá interagir comigo após a elaboração das glosas, pois, primeiramente, eu preciso fazer a minha preparação, a partir do</p>

	meu estudo e do meu modo de sinalizar, para, então, o apoio visualizar se ficou bom ou não. Nessa fase é que poderá auxiliar-me quanto aos sinais que seriam melhor empregados ou não e corrigir. Não tenho o hábito de sentar com a pessoa e construir juntas a sinalização, pois cada uma possui sua maneira de sinalizar. Por isso, preparo individualmente e depois a pessoa como apoio faz a avaliação.
<b>TAO6</b>	Essa experiência foi boa e positiva. Nós duas já trabalhamos juntas em outras ocasiões e, intuitivamente, devido a experiência que ela possui na sinalização de editais, é quem gravaria a tradução dessa tarefa, por ser surda e possuir a Libras como primeira língua. Se não houvesse outra pessoa, aí sim, eu sinalizaria, por ser ouvinte fluente em Libras. Contudo, se há um surdo ao menos na equipe de tradutores, é importante que ele assuma esse papel. Ela começou a ler o texto geral e eu também, cada uma da sua maneira, fomos marcando palavras e partes no texto. Eu li primeiro e montei um mapa, que me auxilia na organização e sistematização das ideias do texto. O desenho também contribui para que eu evite seguir estritamente as sentenças em Português, fugindo assim da estrutura e conteúdo das palavras, mas isso é um procedimento meu, quem olha não entende. A TAS5 então pensou em elaborar as glosas. Após essa etapa de preparação, começamos a discutir o texto e, depois, de maneira natural, sem qualquer definição pré-estabelecida, como a gravação, por exemplo. Depois a TAS5 veio e, no vídeo, fomos fazendo a revisão do material e, por detectarmos algo, ela gravou de novo. Por termos trabalhado juntas na tradução de editais em outras oportunidades, já temos um ritmo próprio. Por exemplo, a TAS5 sinalizando e eu atrás da câmera acompanhando e percebi que ela se atrapalhou um pouco e, imediatamente, após o término, ela olhou para mim para saber se deu certo e eu disse que não, precisando regravar. Por isso eu digo que já temos essa afinidade, nosso ritmo.

Fonte: a autora, a partir dos dados das entrevistas

Como podemos ver, o trabalho de tradução das três duplas A (TAS1 e TAS2), B (TAO3 e TAO4) e C (TAS5 e TAO6) foi produtivo do ponto de vista deles. Eles entendem ter alcançado o objetivo de produzir o material solicitado, concluindo a edição dos seus vídeos. Entretanto, é interessante perceber um método diferenciado entre as duplas, como em A, na qual TAS1 sinalizou baseado no *feedback/referência* promovido por TAS2, por não estar disponível o *teleprompter*, com base nas glosas organizadas em trechos dos textos, de modo a garantir maior segurança durante a gravação. Por outro lado, TAS2 menciona estar habituado a memorizar os blocos da tradução preparada para filmagem. Na dupla B, TAO3 gravou sua organização do texto em áudio e depois sinalizou a partir do material gravado em voz, como observa-se em “desenvolvo o trabalho mais rápido e ela, TAO4, ótima para dar o suporte”. Atuando como apoio, TAO4 validou a gravação de TAO3, não sendo necessário o uso de outros recursos tecnológicos, o que está vinculado ao fato de já se conhecerem bem e terem experiência como dupla de trabalho. Na dupla C, TAS5 afirma que seu método de trabalho é uso de glosas exibidas no *teleprompter*. Contudo, no momento da gravação, como não havia essa ferramenta, optou por visualizar as glosas em documento *Word*, com o apoio linguístico de TAO6. Neste momento, TAO6 mantinha-se bem atenta à sinalização de TAS5 para ratificar o produto ou

mesmo detectar possíveis erros ou equívocos. O procedimento utilizado por TAO6 consiste na elaboração de um mapa para organizar e sistematizar as ideias do texto.

Finalizando a entrevista, os TASO foram indagados quanto a uma definição, com suas palavras, para tradução intermodal Português Escrito-Libras. Segundo eles, trata-se:

**Quadro 26 – Respostas à questão 07 da entrevista semiestruturada.**

<b>Sabemos que esse tipo tem tradução que vocês fizeram tem sido definido como uma tradução intermodal Português Escrito-Libras. Como você descreveria esse processo de tradução? (O que ele tem de diferente dos demais tipos de tradução que você conhece, por exemplo, da tradução entre dois textos escritos)?</b>	
<b>TAS1</b>	O termo intermodal, de modo geral, se refere a uma tradução de alguma coisa à outra que são iguais e possuem uma equivalência. A alteração seria na questão cultural das línguas envolvidas. Por exemplo, na tradução de Sinais Internacionais para a Libras há equivalência de termos, mas uma distinção a pontos culturais relacionada ao público e à língua. Assim, tendo a Libras como língua alvo, o tradutor tende a exercer uma sinalização mais próxima ao entendimento desse público. Às vezes, pode-se optar por um outro sinal, mesmo havendo equivalência. É como acontece com textos em Inglês escrito ao serem traduzidos para o Português escrito. Esse processo não se limita a equivalência de termos, mas o atributo cultural precisa ser considerado. Um bom tradutor necessita estar munido de indícios bilíngues e culturais. A cultura é algo importante que permite o trânsito entre os textos, mantendo a sua equivalência de sentidos. Isso é imprescindível que o tradutor saiba.
<b>TAS2</b>	Bem, a minha pesquisa de mestrado é um pouco parecida com essa questão e se baseia, especificamente, no processo dos tipos de tradução e também de interpretação. A tradução do Português escrito para Libras ou vice-versa é chamada intermodal, pois as modalidades e as línguas são diferentes. A Libras é uma língua visual-espacial e o texto está em uma língua oral-auditiva, mas em modalidade escrita. Se houver um processo de tradução de Libras para outra língua de sinais é um processo intramodal, pois são da mesma modalidade. Se for de Libras para Libras, continua sendo intramodal, porém intralingual, enquanto de Libras para ASL, além de intramodal é interlingual. Tradução do Português para a Libras é um processo intermodal e interlingual, uma vez que são línguas e modalidades distintas. Existe uma teoria referente ao Português oral ou Libras. Não, veja bem, por exemplo, a tradução do Português oral para o Português escrito também é uma diferença de modalidade. Assim, de modo superficial, o Português apresenta duas modalidades diferentes, a oralidade e a escrita. No caso da Libras acontece o mesmo. Se houver uma tradução do signwriting para o Português escrito é um processo intermodal, devido as dissemelhantes modalidades e línguas. Isso é um pouco confuso, mas dialoga com uma teoria.
<b>TAO3</b>	É a transposição de uma língua visual, com característica simultânea, para uma vocal, que possui um viés sequencial. Existe a questão do oral, verbal, escrita que tem uma definição. A minha percepção é que a intermodalidade está ligada à modalidade das línguas como o Português que é vocal-auditivo e a Libras gestual-visual. Retomado a ideia de oral e escrita verbal, a língua de sinais não teria o verbal, pois é escrito. Existe o signwriting, mas não é muito difundido e as pessoas não conhecem. Eu gosto bastante dessa escrita, mas a maioria das pessoas não o conhecem, infelizmente. No caso dessa questão, em como cotejar o processo entre línguas vocais, entre línguas vocais e de sinais, eu não tenho experiência em atuação intramodal de línguas vocais. Por isso não tenho base para comparar os processos. A intermodalidade eu sei, já que é a minha área de atuação. Acho que a intramodalidade existe há muitos anos, desde Roma, Egito, já existia intérpretes, talvez não tradutores. O processo intermodal com línguas de sinais faz pouco tempo, ainda está engatinhando. Assim, se torna difícil estabelecer analogia entre esses processos. Sempre há tendências nos estudos linguísticos a equiparar a língua de sinais com Português, porém o Português já

	possui muitos anos de registro e documentação enquanto a língua de sinais é recente e a sua documentação em vídeos está se iniciando, com o Youtube.
<b>TAO4</b>	Independente de qual seja o tipo de tradução, a intermodal apresenta diferenças, já que a modalidade é distinta, do texto escrito para a Libras. A forma de registro também é diferenciada, se for ambos em textos escritos, sendo registrada no papel, o que torna mais fácil, por exemplo. Na tradução da Libras para o Português escrito é preciso saber a quarta competência que mencionei, a técnica, na qual todos os detalhes da edição, da gravação deva ser levada em conta. Na tradução intramodal sempre será importante a cultura, o público. A intermodalidade demanda maior acurácia visual e corporal.
<b>TAS5</b>	O conhecimento a esse processo é como eu comentei anteriormente, considerando a importância da fluência. É de uma língua para outra com modalidades distintas. Por exemplo, Libras para a escrita. Língua de Sinais para língua escrita ou vice-versa. Se for um texto escrito para outro escrito, possuem a mesma modalidade, sendo intramodal. Oral/vocal para oral/vocal também. Não, essa seria a interpretação em vocalização, e tradução escrita.
<b>TAO6</b>	Pesquisas e estudos sobre o trabalho da tradução de Libras em vídeo para o Português escrito ou vice-versa dizem que são processos intermodais, pois lidam com duas modalidades diferentes. Lembra? Eu havia dito que o principal desafio para mim é a modalidade. O Português é uma língua de modalidade oral-auditiva e a Libras de modalidade visual-gestual, além da modalidade de uso das línguas, sendo uma escrita e a outra em registro de vídeo. O Carlos Rodrigues <sup>41</sup> tem artigos com pesquisas que abordam essa temática e também a competência tradutória intermodal. A Ronice Quadros <sup>42</sup> e o Rimar Segala <sup>43</sup> também comentam, principalmente o Rimar em sua dissertação defendida há muitos anos a respeito da tradução intermodal. A explicação do processo é essa, além das línguas de modalidades diferentes, o registro delas também é distinto. Intramodalidade seria as duas línguas em registro escrito.

Fonte: a autora, a partir dos dados das entrevistas.

Devido aos anos de experiência em tradução e interpretação de línguas de sinais, bem como à sua formação profissional, os TASO discorreram bem quanto aos conceitos e à diferença entre a tradução intermodal (línguas de modalidades diferentes como vocal-auditiva e gestual-visual, além da modalidade de uso das línguas escrita e oral) e a tradução intramodal (línguas por modalidades diferentes, assim, de escrita para escrita ou gestual-visual para gestual-visual). TAO6 cita outros autores da área como Carlos Rodrigues, Ronice Quadros e Rimar Segala. Por outro lado, contrastivamente, TAS1 apresentou uma concepção diferenciada, apontando, de modo geral, que “o termo intermodal se refere a uma tradução de alguma coisa à outra que são iguais e possuem uma equivalência, “[...] é como acontece com textos em inglês escrito ao serem traduzidos para o português escrito”. Diante da explícita incerteza, buscamos

<sup>41</sup> Carlos Henrique Rodrigues, professor e pesquisador ouvinte da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>42</sup> Ronice Muller de Quadros, professora e pesquisadora ouvinte da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>43</sup> Rimar Ramalho Segala, professor e pesquisador surdo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

esclarecer em Ferreira (2019, p. 52-53), baseado em Rodrigues (2018b), que nos processos tradutórios intermodais, há três categorias em relação ao caráter do produto:

1) *Tradução intermodal escrita* – tradução que tem como produto final um texto escrito, que envolve tanto sistemas de escrita de língua vocal como de língua de sinais (e.g. SW, Elis e SEL) e é passível de uma produção prévia e um registro automático;

2) *Tradução intermodal não escrita* – tradução que tem como produto final um texto registrado em vídeo e/ou áudio, que não envolve sistemas de escrita e é passível de produção prévia ao conhecimento do público, não possuindo registro automático<sup>44</sup>;

3) *Tradução intermodal “híbrida”* – tradução que envolve uma forma híbrida, ou seja, que mescla características de tradução e interpretação aproximando-se da tradução/interpretação à prima vista (i.e., da língua de sinais imediatamente para a escrita do português ou da língua de sinais escrita imediatamente para o português oral ou ainda do português escrito imediatamente em língua de sinais). E nos processos interpretativos intermodais, há dois processos diferentes, conforme a direcionalidade: *senalização* (i.e., da língua vocal para a de sinais) e *vocalização* (i.e., da língua de sinais para a vocal).

A entrevista nos permite conhecer bem melhor o perfil dos TASO participantes da pesquisa. Na subseção seguinte, temos a análise proposta para esta tese, triangulando os dados que possuímos com o objetivo de apresentar as características operacionais e cognitivas do processo tradutório de um gênero específico — resumo acadêmico — do português escrito para a Libras em vídeo. Com isso, esperamos analisar as estratégias empregadas na solução dos problemas e nas tomadas de decisão e como isso se relaciona ou não a um conjunto coerente de normas aplicadas por esse grupo específico de profissionais. Portanto, com os dados dos TAP’s, da gravação da tela e da entrevista, podemos entender um pouco melhor os aspectos gerais do processo de tradução.

## 7.7 TRIANGULAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Possuímos os seguintes dados em vídeo: (i) a filmagem da dupla durante a tarefa de tradução; (ii) a gravação da tela do *notebook*; (iii) os TAP’s; (iv) a entrevista; e (v) o TA (texto alvo) em Libras. Além desses dados, temos as informações coletados por meio dos (vi) questionários. Considerando esses dados variados, analisamos aqui alguns pontos que

---

<sup>44</sup> Segundo Ferreira (2019, p. 52), para o autor, o registro automático seria o fato de o processo pressupor e não poder ser realizado sem o necessário registro do texto alvo. Nesse caso, o processo só existe por meio de seu registro, já que o registro constitui o processo em si.

consideramos importantes para a discussão dos aspectos que envolvem o TA produzido com base nos dados coletados. Relembrando sobre a triangulação, Rodrigues (2013, p. 77),

existem diversas maneiras de se realizar a triangulação em uma pesquisa: a triangulação de dados (envolve a coleta de dados em diferentes tempos, espaços e populações), a triangulação do pesquisador (envolve múltiplos pesquisadores investigando um mesmo fenômeno), a triangulação teórica (envolve o uso de mais de uma teoria na interpretação de um fenômeno) e a triangulação metodológica (envolve o uso de mais de um método para se investigar o fenômeno).

Neste campo de análise de dados, a triangulação foi relacionada a coleta de diferentes tipos de dados qualitativos: os dados resultados entre protocolos verbais, além de dados processuais registrados em vídeos, entrevistas. Assim, esses dados estão sendo interligados para que se pode conhecer o processo tradutório do português escrito para a Libras em vídeo, analisando-se trechos do resumo acadêmico em relação com tipos de problemas e estratégias da tradução.

Este processo de aproximação dos dados envolveu a organização do conteúdo dos questionários e o assistir a todos os dados em vídeos, desde os vídeos das três duplas de TASO trabalhando a tradução até o vídeo do TA com a tradução feita pelas três duplas A, B e C (dupla A: tradutores-atores surdos; dupla B: tradutor-ator e tradutora-atriz ouvintes e dupla C: tradutora-atriz surda e tradutora-atriz ouvinte). A partir disso, transcrevemos os vídeos no ELAN.

Durante o contato com os vídeos, fui observando os aspectos linguísticos (sinais/palavras empregados, estruturas gramaticais, sintáticas etc.); aspectos contextuais (está contextualizando ou fora do contexto etc.); aspectos culturais (características dos grupos, usos culturais, questões extralinguísticas etc.); e também problemas de tradução: problemas de compreensão (o tradutor não entende algum aspecto do TF); problemas da reformulação (o tradutor compreende o texto, mas tem dificuldades para expressá-lo na outra língua); problemas de compreensão e produção (o tradutor tem dificuldade tanto de compreender quanto de expressar na outra língua). Além disso, fui tentando ver as estratégias empregadas pelas três duplas A, B e C.

Para além, dos dados acima citados, temos um dado que consideramos importante e que pode ajudar em nossas reflexões e análises do processo tradutório do português escrito para a

Libras em vídeo: as glosas que a dupla A e dupla C produziram em papel e as da dupla B, registrada em áudio. Esses dados evidenciam aspectos do processo de construção do TA, de sua pré-tradução, assim como estratégias de registrado da Libras em vídeo na produção da tradução final.

Durante o processo de tradução e transcrição das glosas<sup>45</sup> (anexo 3) no ELAN, registramos alguns aspectos do texto, como já mencionamos acima, e seguiremos apresentando as traduções feitas por cada dupla:

**Quadro 27 – A tradução da Temática e Contextualização**

<b>TRILHAS DO ELAN</b>	<b>TRECHOS DO RESUMO ACADÊMICO</b> <b>Trecho 1</b>
<b>Enunciados do Texto Fonte em Português Escrito</b>	<i>Hoje no Brasil, a educação de surdos caminha com a perspectiva de uma Educação Bilíngue (Língua Portuguesa x Língua Brasileira de Sinais), cuja proposta foi aprovada no Congresso Nacional. Um dos grandes desafios da educação de surdos é a contribuição de materiais didáticos, que coloque a criança surda em contato com o conhecimento existente em sua língua. Dentre os materiais didáticos encontramos diversas obras literárias infantis traduzidas para a Libras como narrativas, contos, fábulas e poesias.</i>
<b>Indicação da estruturação do Texto Fonte em subpartes</b>	1 - Temática e Contextualização
<b>Identificação de possíveis problemas de tradução no Texto Fonte</b>	PRT (Língua Portuguesa x Língua Brasileira de Sinais) PCL PCT PRL PRE (narrativas, contos, fábulas e poesias).
<b>Explicitação dos problemas e comentários</b>	Há um aspecto textual interessante aqui, o uso do “x” (Língua Portuguesa x Língua Brasileira de Sinais) <i>versus</i> . Esse símbolo pelo contexto parece significar “e” ou “contra como competição”, mas pode ser visto como a presença das duas línguas opondo-se uma a outra. Nesse sentido, é possível pensar que esse símbolo, parte da construção textual, corresponde a um problema textual de reformulação.
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas</b>  <b>DUPLA A – TAS1</b>	PROPOSTA · APROVAR · CONGRESSO · TRADUÇÃO · INTERPRETAÇÃO · AQUI (UFSC) · ANO · 2014 · MOSTRAR · PESQUISA · APRESENTAR · O QUE? · SOBRE · HOJE · (PAUSA) · VIVO · HOJE · BRASIL · AQUI · EU · EDUCAÇÃO · SURDO · IX (APONTAR ESSE) · DENTRO · TER · PERSPECTIVA · DENTRO · EDUCAÇÃO · BILÍNGUE · PRINCIPAL · (PAUSA) · DENTRO · EDUCAÇÃO · SURDO · TER · DESAFIO (repetir mais vezes) · (PAUSA) · PARA MIM · PESQUISA · ESCOLHER · UM · DESAFIO · PRINCIPAL · SOBRE · O QUE? · MATERIAL · DIDÁTICO · (PAUSA) · DENTRO · MATERIAL · DIDÁTICO · TER · ESCOLHER (repetir mais vezes) · PRINCIPAL · LITERATURA · INFANTIL · (PAUSA) · IX (APONTAR ESSE) · IX (APONTAR QUATRO DEDOS) · IX (APONTAR PRIMEIRO DEDO INDICADOR) · ARTE · F-A-B-U-L-A-S · IX (APONTAR SEGUNDO DEDO) · C-O-N-T-O · CONTO · RESUMIDO · IX

<sup>45</sup> Seguir em anexo 3 – Os três textos-alvos completos das traduções transcritas feitas pelas três duplas A, B e C.

	(APONTAR TERCEIRO DEDO) · POESIA · P-O-E-S-I-A · IX (APONTAR QUARTO DEDO) · NARRATIVA (MESMO SINAL DE CONTO) · N-A-R-R-A-T-I-V-A · IX (APONTAR QUATRO DEDOS) · PRINCIPAL · CONTEXTO · ÁREA · INFANTIL · SURDA · SABER · LIBRAS · TAMBÉM · CONHECIMENTO · ÁREA · LITERATURA · (PAUSA)
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas</b>  <b>DUPLA B – TAO3</b>	HOJE · BRASIL · XXX (direcionar) · EDUCAÇÃO · SURDO · PERSPECTIVA · EDUCAÇÃO · BILÍNGUE · PORTUGUÊS · LIBRAS · (PAUSA) · CAMINHAR/DIRECIONAR · DEL@ · PROPOSTA · DAR · CONGRESSO NACIONAL (BRASÍLIA) · APROVAÇÃO · (PAUSA) · DESAFIO · ÁREA · EDUCAÇÃO · SURDO · PLANEJAR · MATERIAL · DIDÁTICO · CONSEGUIR · DAR · CRIANÇA · SURDA · ADQUIRIR · CONHECIMENTO · JÁ · PRONTO · L1 · LIBRAS · DELA (criança surda) · (PAUSA) · MATERIAIS (repetir mais vezes) · DIDÁTICOS (repetir mais vezes) · VÁRIOS · TER · LIVRO · LITERATURA · PRÓPRIO · INFANTIL · TRADUZIDOS · XXX (obras) · EXEMPLO · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · NARRATIVA · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · NARRATIVA C-O-N-T-O · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · FÁBULA · IX (APONTAR) QUARTO DEDO · POESIA ·
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas</b>  <b>DUPLA C – TAS5</b>	HOJE · BRASIL · EDUCAÇÃO · SURDO · CAMINHAR · FOCO · EDUCAÇÃO BILÍNGUE · O QUE? · PORTUGUÊS · LIBRAS · IX (APONTAR ESSE) · PROPOSTA · JÁ · APROVAR · PASSADO · DENTRO · CONGRESSO NACIONAL · LÁ · BRASÍLIA · (PAUSA) · EDUCAÇÃO · SURDO · TER · IX (APONTAR) TODOS DEDOS DA MÃO · DESAFIOS · UM · ÁREA · MATERIAL · DIDÁTICO · AJUDAR · DESENVOLVER · INTERAÇÃO · CRIANÇAS · SURDAS · ADQUIRIR · CONHECER · COISAS/ VÁRIOS · JÁ · EXPERIÊNCIA · VIVIDA · DENTRO · PRÓPRIO · DEL@ · LÍNGUA · (PAUSA) · MATERIAL · DIDÁTICO · DENTRO · TER · VÁRIOS · LITERATURA · SURDA · IX (APONTAR ESSE) · ADAPTAR · PORTUGUÊS · ADPTADO · LIBRAS · EXEMPLO · IX (APONTAR) QUATRO DEDOS · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · N-A-R-R-A-T-I-V-A · SINAL · NARRATIVA · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · C-O-N-T-O · SINAL · HISTÓRIA+NARRATIVA (CONTO) · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · F-A-B-U-L-A-S · IX (APONTAR) QUARTO DEDO · P-O-E-S-I-A-S · SINAL · POESIA · (PAUSA)
<b>Comentários e observações gerais</b>	<p>TAS1 não apresentou “Educação Bilíngue Língua Portuguesa Libras”, pois já explicou que as duas línguas se referem o mesmo termo, então, só apresentou “Educação Bilíngue”. Ele se apresentou “Congresso Nacional” que é do Evento Congresso Tradução e Interpretação de Língua de Sinais da UFSC, quando pesquisou e achou esse trabalho publicado pelo Anais 2014, veja um link: <a href="http://www.congressotils.com.br/anais/anais2014.html">http://www.congressotils.com.br/anais/anais2014.html</a> . Outro sobre “narrativas, contos, fábulas e poesias”, esse tradutor apresentou sinalizando “arte (que não havia no texto fonte), junto com conto, fábula, poesia e por último, narrativa”, no entanto, não conseguiu achar sinal de fábula, ao invés de soletrá-la.</p> <p>TAO3 apresentou “Educação Bilíngue Português Libras”, e não usou “x”, pois já justificou. Ele apresentou “Congresso Nacional” no local de Congresso Nacional de Brasília. E outro, sobre “narrativas, contos, fábulas e poesias”, esse tradutor esclareceu apresentando com esses mesmos sinais.</p> <p>TAS5 também já justificou que não usa “x”, e sim, apresentar naturalmente Educação Bilíngue Português Libras. Ela também, “Congresso Nacional” no local de Congresso Nacional de Brasília. E outro, sobre “narrativas, contos, fábulas e poesias”, essa tradutora também clarificou apresentando esses sinais, mas devido à falta de sinalizar fábula também, ao invés de soletrá-la.</p> <p>O que tem “(pausa)”? É finalizando a frase como ponto, apresenta com mãos fechadas, também, fica fácil para edição do vídeo.</p>

Fonte: a autora, a partir dos dados do TA.

Durante os TAP's, esses três tradutores e suas duplas comentaram logo no início do resumo o uso do “x”, como uma explicação do que seria a Educação Bilíngue, “Língua Portuguesa x Língua Brasileira de Sinais”. Ao analisar o resumo com o objetivo de identificar possíveis problemas de tradução, identificamos, assim, como apontado pelos tradutores, que da forma como aparece no texto, ele parece mais significar “e” indicando a presença das duas línguas na educação, que a oposição de uma língua a outra. Vemos que como solução, a dupla A não apresentou essas línguas, optando apenas por sinalizar Educação Bilíngue, como uma forma de generalização, de uso de um conceito que pressupõe o conhecimento prévio do público da tradução.

Embora não vejamos isso como um problema de compreensão, entendemos que a forma de apresentar o TA em Libras exige uma tomada de decisão, já que implica na maneira como o público compreenderá a Educação Bilíngue mencionada no TF. Sobre isso, os tradutores que optaram por sinalizar “Português E Libras”, não precisaram usar “e”, mas, sim, outros recursos de construção do texto em LS com a localização espacial dos sinais para “Português Libras”. A preocupação central aqui é o público-alvo acadêmico, a maneira como ele compreenderá a tradução em Libras. Esse assunto evidencia a influência que os tradutores podem ter sobre o texto, no que se refere às suas concepções e visões pessoais. Portanto, a tradução é um processo de escolhas e tomada de decisão, na maioria dos casos, refletidas e conscientes.

**Quadro 28 – A tradução da Justificativa**

<b>TRILHAS DO ELAN</b>	<b>TRECHOS DO RESUMO ACADÊMICO</b> <b>Trecho 2</b>
<b>Enunciados do Texto Fonte em Português Escrito</b>	<i>A literatura surda vem ganhando destaque na comunidade surda, com o avanço da tecnologia, com o registro de vídeos, dando possibilidades a novas pesquisas acadêmicas nos campos da linguística e estudos da tradução.</i>
<b>Indicação da estruturação do Texto Fonte em subpartes</b>	2 - Justificativa
<b>Identificação de possíveis problemas de</b>	PCL PCT PCE (literatura surda, tecnologia, vídeos, linguística e estudos de tradução) PRL PRT PRE (literatura surda, tecnologia, vídeos, linguística e estudos de tradução)

<b>tradução no Texto Fonte</b>	
<b>Explicitação dos problemas e comentários</b>	Tradutores empregam para resolver esses problemas de compreensão tanto quanto aos problemas de reformulação seu conhecimento e suas estratégias da tradução, parece não haver nenhuma dificuldade.
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA A – TAS1</b>	LITERATURA · SURDA · CRESCER MAIS (lado a lado) · IMPORTANTE · COMUNIDADE · SURDA · IX (APONTAR ESSE) · ÁREA · POR CAUSA · AUTONOMIA OU PRÓPRIA · TECNOLOGIA · TECNOLOGIA (repetir 2x) · FILMAGEM · LIBRAS (apresentação corporal) · FILMAGEM · TER · IX (APONTAR ESSE) · ABRIR · ESPAÇO · PESSOAS (2x) · ACADÊMICAS · LINGUISTICA · TRADUÇÃO · PESQUISAR · LITERATURA · ÁREA · SURDA · POR ISSO · FILMAR VIDEO · IX (APONTAR VÍDEO) · (PAUSA)
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA B – TAO3</b>	LITERATURA · SURDA · CRESCER mais/ AUMENTAR · COMUNIDADE · SURDA · APROVEITAR · PORQUE · TECNOLOGIA · AVANÇADA · DAR · VÍDEOS (repetir mais) · REGISTROS · APOIAR · PESQUISA · ACADÊMICA · ÁREA · LINGUÍSTICA · TAMBÉM · ESTUDOS · TRADUÇÃO · (PAUSA)
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA C – TAS5</b>	LITERATURA · SURDA · DESENVOLVER · CRESCER/AUMENTAR · DENTRO · COMUNIDADE · SURDA · POR CAUSA · TECNOLOGIA · AVANÇADA · TAMBÉM · GRAVAR · VÍDEOS (repetir mais) · REGISTROS · (PAUSA) · IX (APONTAR ESSE) · AJUDAR · ÁREA · PESQUISA · ACADÊMICA · POSSÍVEL · PERCEBER · LIGADO/ CONECTADO · ÁREA · LINGUÍSTICA · TAMBÉM · CONECTADO · ÁREA · ESTUDOS · TRADUÇÃO · (PAUSA)
<b>Comentários e observações gerais</b>	Como se pode observar, as traduções feitas foram claras, mas não literais, seguindo uma forma acadêmica. Quando citamos “Libras (apresentação corporal)”, é do TAS1 que estava dizendo apresentar bem Libras durante ação em frente de filmadora gravando. Também, apresentou sinais diferentes entre filmagem (filmar) e vídeo.  Outros tradutores TAO3 e TAS5 sinalizaram alguns sinais idênticos.

Fonte: a autora, a partir dos dados do TA.

Ao observarmos os problemas de compreensão e de reformulação — linguísticos, textuais, extralinguísticos —, notamos, através de TAP’s, que esses parecem lidar bem com eles, sem desafios terminológicos por exemplo. Ao traduzir esse trecho correspondente à justificativa, portanto, seguem tranquilamente, tendo mais questões extralinguísticas (culturais). É possível afirmar que adaptaram bem com a sinalização sobre tecnologias, explorando o espaço e separando as áreas diferentes, a da linguística e a dos ET.

Um tradutor TAO3 e uma tradutora TAS5 apresentaram a tradução com soluções bem parecidas, até com o uso de alguns sinais idênticos, como, por exemplo, os referentes a “literatura surda”, a “tecnologia avançada” e a “registros”, enquanto TAS1 traduziu bem mais

culturalmente com uso de mais termos em sinais, repetidos e com apontação, como, por exemplo, os referentes a “tecnologia”, a “filmagem”, a “acadêmico linguística tradução pesquisar literatura área”, “filmar vídeo”, uma estratégias visando à compreensão do público.

**Quadro 29 – A tradução da delimitação do tema**

TRILHAS DO ELAN	TRECHOS DO RESUMO ACADÊMICO Trecho 3
<b>Enunciados do Texto Fonte em Português Escrito</b>	<i>Com essas produções em vídeo tornou-se possível investigar nas traduções em Libras, as estratégias de <b>antropomorfismo</b> utilizadas pelos tradutores/atores surdos. O objeto de análise nesse trabalho é a fábula “Os três porquinhos”, apresentada em três vídeos: LSB (1999), INES (2007) e no youtube (2011).</i>
<b>Indicação da estruturação do Texto Fonte em subpartes</b>	3 – Delimitação do Tema
<b>Identificação de possíveis problemas de tradução no Texto Fonte</b>	PCL PCE PRL PRE (estratégias de antropomorfismo) PCI PRE (tradutores/atores) PRT (LSB 1999, INES 2007 e no youtube 2011)
<b>Explicação dos problemas e comentários</b>	<p>Ainda que seja possível imaginar o que significaria o termo (estratégia de antropomorfismo), ele está sendo usado de forma especializada constituindo-se como um problema linguístico e extralinguístico tanto de compreensão quanto de reformulação, já que há necessidade de verificar e/ou identificar a unidade terminológica na LA; o uso de antropomorfismo como um adjetivo de estratégias constitui uma especificação desse termo e, portanto, apresenta-se como um problema extralinguístico tanto de compreensão quanto de reformulação, já que é preciso entender o que o termo diz e identificar uma possível unidade terminológica correspondente.</p> <p>O termo (tradutores/atores surdos) constitui-se como um problema extralinguístico de reformulação e de intencionalidade, pois é necessário identificar o que esse termo evoca e qual é a intenção da autora do resumo ao utilizá-lo. Além disso, por ter sido grafado com uma barra “/” no lugar de um hífen “-”, o termo pode confundir, já que a “/” significa OU e não E como o “-”. Se quer dizer “tradutores-atores” como um único termo, mas se diz no TF “tradutores ou atores”.</p> <p>São citados três vídeos seguidos (LSB, INES e youtube) e suas datas de publicação. Consideramos que há um problema textual de reformulação referente ao como apresentar em Libras esses três vídeos com suas respectivas datas, levando em conta a característica do gênero textual, inclusive no que se refere a uma possível padronização.</p>
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas</b>  <b>DUPLA A</b>	PRODUZIR · VÁRIOS · VÍDEOS · ÁREA · PESSOAS (2x) · CONSEGUIR · PESQUISA · PRINCIPAL · O QUE? · VÍDEOS · TRADUÇÃO (vídeos traduzidos) · PESQUISAR · O QUE? · PESSOAS (mais vezes) · TRADUTORES · SURDOS · FILMAR VÍDEO · LIBRAS (apresentação corporal) · (PAUSA) · ÁREA · PESSOAS · CONSEGUIR · PESQUISA · PESSOAS (mais vezes) · SURDOS · TRADUTORES · PESQUISAR · PRINCIPAL · O QUE? · COMO · USAR · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO · (PAUSA) · ENTÃO · ESCOLHER (repetir 3x) · TRÊS · VÍDEOS · IX (APONTAR) TRÊS DIFERENTES · MAS · MESMO · TEMA · F-A-

	B-U-L-A-S · (PAUSA) · TEMA · NOME · TRÊS · PORCOS · (PAUSA) · VÍDEOS · IX (APONTAR) TRÊS · CADA (repetir 3x cada dedo) · IX (APONTAR PRIMEIRO DEDO) · EMPRESA · LSB · ANO · 1999 · IX (APONTAR SEGUNDO DEDO) · INES · I-N-E-S · ANO · 2007 · IX (APONTAR TERCEIRO DEDO) · YOUTUBE · Y-O-U-T-U-B-E · ANO · 2011 · (PAUSA)
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA B</b>	VÍDEOS · LIBRAS · POSSÍVEL · INVESTIGAR · TRADUÇÃO · LIBRAS · COMO · USAR · ESTRATÉGIA · A-N-T-R-O-P-O-M-O-R-F-I-S-M-O · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO (antropomorfismo) · AUTONOMIA · PESSOA · SURDA · TRADUTOR/ ATOR (sinalizou "tradutor" barra "ator") · (PAUSA) · AGORA · PESQUISA · ANALISAR · MATERIAL · SOBRE · FÁBULA · TRÊS · PORCOS · TRADUZIR · VÍDEO · IX (APONTAR) TRÊS · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · LSB · ANO · 1999 · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · INES · ANO · 2007 · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · YOUTUBE · ANO · 2011 · (PAUSA) ·
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA C</b>	POR CAUSA · IX (APONTAR ESSE) · CRIAR (repetir 2x) · VÍDEOS · AJUDAR · PESQUISAS (repetir mais vezes) · MAIS · FOCO · PESSOAS (3x) · TRADUTORES/ ATORES · SURDO · COMO · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO · (PAUSA) · FOCO · PRÓPRIA · PESQUISA · ANALISAR · VÍDEO · F-A-B-U-L-A · TEMA · TRÊS · PORCOS · TER · IX (APONTAR) TRÊS · VÍDEOS (repetir 3x) · IX (APONTAR) TRÊS · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · L-S-B · ANO · 1999 · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · INES · ANO · 2007 · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · YOUTUBE · ANO · 2011 · (PAUSA)
<b>Comentários e observações gerais</b>	TAS1 sinalizou “pessoas tradutores surdos” referente ao sinal do termo “tradutores/atores surdos”, e não apresentou nenhum “atores”. Ele notou que há mais tradutores/atores no TF, então, sinalizou “pessoas (mais vezes) tradutores surdos”. TAO3 sinalizou “pessoa surda tradutor/ator” referente ao sinal do termo “tradutores/atores surdos”, que falou pelo contrário apresentando ao primeiro sobre pessoa surda e depois seguida para tradutor barra ator. Sinalizou uma vez, “pessoa surda tradutor/ator”, não se importou com plural. TAS5 sinalizou “pessoas tradutores atores surdos” sem usar barra, acompanhando o mesmo termo no texto fonte, pois sabe, que não tem obrigação na estrutura da Libras por usar acento hífen ou barra, só a escrita. Sinalizou “pessoas (3x) tradutores atores surdo”, obedecendo ao termo na TF. Esses tradutores sinalizaram os sinais diferentes do mesmo termo do antropomorfismo. Em seguida abaixo, mostramos as fotos dos sinais.

Fonte: a autora, a partir dos dados do TA.

Durante os relatos, as três duplas mencionaram que assim que tiveram o primeiro contato com o TF, identificaram alguns termos que não sabiam como seriam feitos em Libras. Partiram, então, para uma pesquisa na *internet* à procura de sinais que correspondessem a essas palavras. O principal termo apontado pela DUPLA B como um problema de tradução foi “antropomorfismo”. Entendemos que esse termo está sendo usado de forma especializada.

Como explicamos acima, ao identificarmos os possíveis problemas de tradução, esse termo representa um problema linguístico e extralinguístico, tanto de compreensão quanto de reformulação, já que exige que os TASO entendam o que ele significa e busquem por uma terminologia específica em Libras.

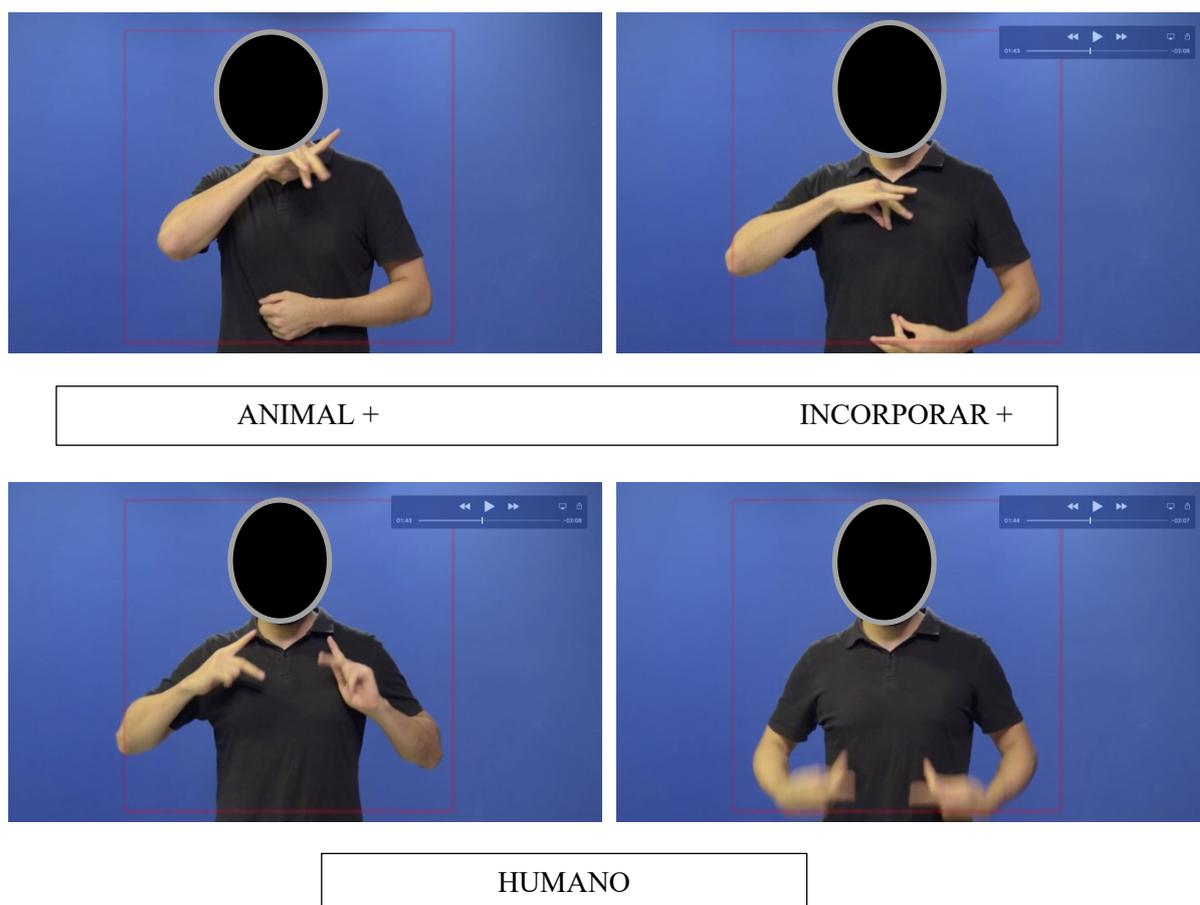
A dupla A já sabia o sinal para “antropomorfismo”, conforme falado por eles nos relatos. A dupla B relatou não saber o sinal, mas ter conhecimento do significado do termo, assim, procurou na *internet* e não conseguiu a resposta. Então, sinalizou “ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO (antropomorfismo)”. E a dupla C perguntou para a orientadora da autora do TF, passando a certificar-se de qual seria o sinal correto, a dupla fez o mesmo com o sinal da Betty Lopes. Vemos que o termo “antropomorfismo” foi mais um problema de reformulação que de compreensão. Diante do problema, eles buscaram apoio externo com a consulta na *internet* para falar com colegas, acessar textos paralelos, verificar dicionários, etc. De maneira geral, as duplas conseguiram rapidamente solucionar o problema, empregando diferentes estratégias. Vejamos os sinais diferentes para “antropomorfismo” que as três duplas apresentaram:

**Figura 14 – DUPLA A – TAS1: sinal INCORPORAR:**



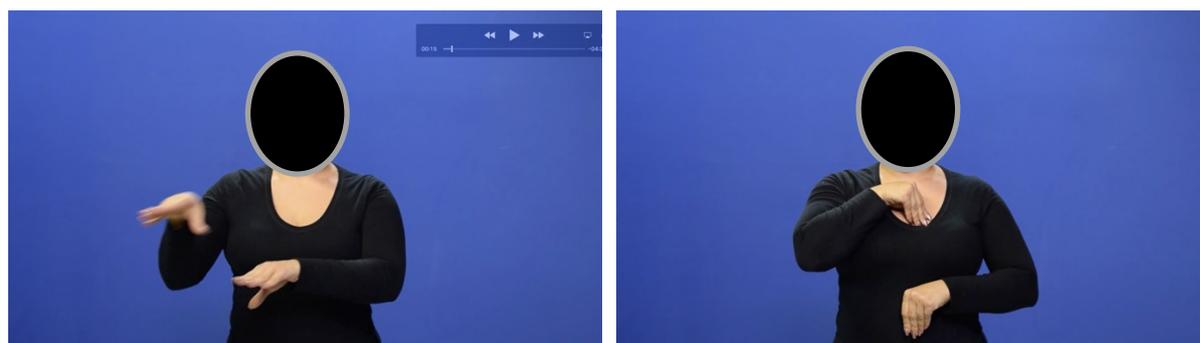
Fonte: a autora com o registro de trechos dos dados

**Figura 15 – DUPLA B – TAO3: sinal ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO:**



Fonte: a autora com o registro de trechos dos dados.

**Figura 16 – DUPLA C – TAS5: sinal ANTROPOMORFISMO:**



Fonte: a autora com o registro de trechos dos dados.

Na reformulação em Libras, as três duplas usaram primeiro, a datilologia da palavra, ou seja, realizaram um empréstimo da palavra por meio de sua soletração [A-N-T-R-O-P-O-M-O-R-F-I-S-M-O] e, em seguida, empregaram um sinal diferente em Libras. Essas duplas buscaram

manter a soletração manual da palavra em português seguida do sinal em Libras para facilitar a compreensão do público-alvo, já que o termo é especializado. Essa estratégia — manter a palavra em português junto ao seu sinal em Libras — pode contribuir com a compreensão do público em relação ao termo originalmente utilizado, permitindo que ele busque, para uma melhor compreensão, o significado da palavra e/ ou do sinal.

**Quadro 30 – A tradução do objetivo do estudo**

<b>TRILHAS DO ELAN</b>	<b>TRECHOS DO RESUMO ACADÊMICO</b> <b>Trecho 4</b>
<b>Enunciados do Texto Fonte em Português Escrito</b>	<i>A análise desses materiais tem como objetivo investigar os vídeos de obras literárias infantis em Libras e analisar as estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos.</i>
<b>Indicação da estruturação do Texto Fonte em subpartes</b>	4 – Objetivo do Estudo
<b>Identificação de possíveis problemas de tradução no Texto Fonte</b>	PCL PCE PRL PRE (estratégias de antropomorfismo) PCI PRE (tradutores/atores)
<b>Explicação dos problemas e comentários</b>	Ainda que seja possível imaginar o que significaria o termo (estratégias de antropomorfismo), ele está sendo usado de forma especializada constituindo-se como um problema linguístico e extralinguístico tanto de compreensão quanto de reformulação, já que há necessidade de verificar e/ ou identificar a unidade terminológica na LA; o uso de antropomorfismo como um adjetivo de estratégias constitui uma especificação desse termo e, portanto, apresenta-se como um problema extralinguístico tanto de compreensão quanto de reformulação, já que é preciso entender o que o termo diz e identificar uma possível unidade terminológica correspondente.
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA A</b>	ANALISAR · TRÊS · IX (APONTAR) TRÊS · VÍDEOS · TER · CONTEXTO OU LIGADO · TEORIA · BÁSICA · PESQUISA · ESTUDOS (repetir 3x) · SOBRE · ANTROPOMORFISMO · PESSOA QUEM? · AUTORA · S-U-T-T-O-N · S-U-T-T-O-N -- S-P-E-N-C-E · IX (APONTAR SEGUNDO DEDO) · N-A-P-O-L-I · ANO · 2010 · PESSOAS · DUAS · TEORIA · PODER · AJUDAR-ME · PESQUISA · METODOLÓGICA · (PAUSA)
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA B</b>	MATERIAL · VÍDEO · IX (APONTAR) TRÊS · ANÁLISES · PORQUE · PESQUISA · OBJETIVO · INVESTIGAR · COMO · LITERATURA · LIBRAS · PROPRIA · INFANTIL · DESCOBRIR · COMO · USAR · ESTRATÉGIA · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · AUTONOMA · PESSOA · SURDA · TRADUTOR/ ATOR · (PAUSA)

<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA C</b>	OBJETIVO · ANÁLISE · IX (APONTAR) TRES · VÍDEOS · QUAL? · (PAUSA) · PESQUISAR · DENTRO · VÍDEO · LIBRAS · VÁRIOS · LITERATURA · INFANTIL · PERCEBER · PESSOAS (3x) · TRADUTORES/ ATORES · SURDO · COMO · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO · (PAUSA)
<b>Comentários e observações gerais</b>	<p>Como podemos observar, que TAS1 e sua colega como dupla, estudaram e trocaram pouco os trechos para estrutura melhor da Libras, por isso, se apresentaram quanto antes sobre soletração das duas autoras (que é da outra parte, próximos trechos 5 e 6, em seguida). Preferiram a soletrar as duas autoras, pois não sabem qual é sinal de batismo da autora Napoli, e queriam padronizar a soletrar por duas autoras.</p> <p>TAO3 sinalizou “autônoma pessoa surda tradutor-ator”, explicando que é do mesmo como próprio tradutor-ator surdo que tem feito de usar as estratégias do antropomorfismo.</p> <p>TAS5 se diz o mesmo termo do TAO3, sobre “tradutores-atores surdos”.</p>

Fonte: a autora, a partir dos dados do TA.

Conforme a explicitação da tradução realizada e os comentários acima, ao corresponder com problemas de compreensão e de reformulação, após analisar os TAP’s, vimos que esses tradutores TAS1 e TAS2 resolveram alterar os trechos, seguindo a ordem inversa (exceto a conclusão), e buscando, desta maneira, valorizar a estrutura sintática própria da Libras. Talvez seja esse um aspecto pragmático que está atrelado ao TA que visa ajustar-se à compreensão do público-alvo. Não há a tradução do objetivo do estudo para esses tradutores aqui, e, sim, para próximos trechos no quadro a seguir. Entre suas escolhas, decidiram padronizar os nomes de autores utilizando a soletração manual, mesmo sabendo os sinais de batismo de Sutton-Spence, motivados talvez pelo gênero textual e pela busca de um texto mais formal academicamente.

Os tradutores das duplas B e C traduziram de modo semelhante o trecho do objetivo do estudo, apresentando, entretanto, sinais diferentes para o termo específico “antropomorfismo”. Nesta parte, identificaram o problema linguístico referente a esse termo, mas buscaram, por suas competências metodológicas e estratégicas, aplicadas ao apoio externo, pelo termo na *internet* e, também, fizeram contato com colegas pelo *WhatsApp* para saber do sinal. Esses tradutores traduziram o trecho com a sinalização da “autonomia” relacionada aos “tradutores/atores” e a dupla C seguiu um caminho diferente, sinalizando diretamente “pessoas (3x repetidos) tradutor ator”.

Quadro 31 – Tradução da Metodologia e Fundamentação teórica

TRILHAS DO ELAN	TRECHOS DO RESUMO ACADÊMICO Trecho 5 e Trecho 6
<b>Enunciados do Texto Fonte em Português Escrito</b>	<p><i>A metodologia consistiu em análise detalhada dos vídeos, comparando as diferentes estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos nos quatro personagens da história (três porquinhos e lobo mau) e o antropomorfismo cultural do Ser Surdo nos personagens do último vídeo, com exemplos de elementos surdos como comportamentos surdos, uso da língua de sinais e tradições surdas.</i></p> <p><i>Essa pesquisa foi feita baseando-se nos estudos de antropomorfismo de Sutton-Spence e Napoli (2010).</i></p>
<b>Indicação da estruturação do Texto Fonte em subpartes</b>	<p>5 – A metodologia empregada</p> <p>6 – Fundamentação teórica</p>
<b>Identificação de possíveis problemas de tradução no Texto Fonte</b>	<p>PCL PCE PRL PRE (estratégias de antropomorfismo)</p> <p>PCI PRE (tradutores/atores)</p> <p>PRT (Sutton-Spence e Napoli 2010)</p>
<b>Explicitação dos problemas e comentários</b>	<p>De maneira semelhante ao problema textual de reformulação apontado acima, temos aqui a necessidade de se indicar a citação dos autores e ano da obra o que demanda, dentre outros, certa padronização, inclusive da maneira de se indicar as datas das publicações no resumo.</p>
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA A</b>	<p><i>(antes, havia metade do trecho anterior, misturado e adaptado)</i></p> <p>TRÊS · VÍDEOS (repetir 3x) · MESMO · TEMA · TRÊS · PORCOS · HISTÓRIA · TER · QUATRO · P-E-R-S-O-N-A-G-E-N-S IX (APONTAR) QUATRO DEDOS · IX (APONTAR PRIMEIRO) PORCO · IX (APONTAR SEGUNDO) PORCO · IX (APONTAR TERCEIRO) PORCO · IX (APONTAR QUARTO) LOBO MAU · IX (APONTAR TODOS) QUATRO · CENA (repetir 3x) · VÍDEOS (repetir 3x) · METODOLOGIA · COMO? · COMPARAR (repetir 3x) · CADA (repetir mais vezes) · PESSOAS (3x) · TRADUTORES · SURDOS · USAR · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO (INCORPORAR) · CADA (repetir 2x) · DIFERENTE (repetir 3x) · (PAUSA) · VÍDEO · IX (APONTAR) TRÊS · ÚLTIMO · IX (APONTAR TERCEIRO) · PERSONAGENS (3x) · P-E-R-S-O-N-A-G-E-N-S (+ sinal) · ADAPTAR · ANTROPOMORFISMO (INCORPORAR) · JEITO · PRÓPRIO · SURDO · CULTURA · SURDA · FLUENTE LIBRAS · COSTUME · SURDO · PRÓPRIO · (PAUSA)</p>
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA B</b>	<p>METODOLOGIA · COMO? · VÍDEO · ASSISTIR CENAS · ESTUDAR · DETALHES · TER · PERSONAGENS · IX (APONTAR) TRÊS · PORCOS · IX (APONTAR) QUARTO DEDO · LOBO MAU · QUER · SABER · COMO? · VÍDEO · IX (APONTAR) TRÊS · DIFERENTES (repetir 3 x de cima para baixo) · USAR · ESTRATÉGIA · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · AUTONOMA · PESSOA · SURDA · TRADUTOR/ ATOR · (PAUSA) · TAMBÉM · ÚLTIMO · VÍDEO · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · FOCO · TER · DIFERENÇA · O QUE? · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · PRÓPRIA · CULTURA · S-E-R · SURDO · TER · IX (APONTAR DEDOS NA MÃO) VÁRIOS · ACRÉSCIMO · O QUE? · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · COMPORTAMENTO · SURDO · IX (APONTAR)</p>

	SEGUNDO DEDO · LIBRAS · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · TRADIÇÃO · SURDO · (PAUSA) · AGORA · PESQUISA · BASE · TEORIA · PESQUISAR · SOBRE · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · DEL@S · PESSOA (repetir 2x) · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · S-U-T-T-O-N S-P-E-N-C-E · (sinal Sutton-Spence) · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · N-A-P-O-L-I · ANO · 2010 · (PAUSA)
<p><b>Enunciados do Texto Alvo em glosas</b></p> <p><b>DUPLA C</b></p>	METODOLOGIA · COMO? · (PAUSA) · IX (APONTAR) TRÊS · VÍDEOS · (PAUSA) · VÍDEO · L-S-B · VÍDEO · INES · VÍDEO · YOUTUBE · ANALISAR · DETALHES · COMO · PESSOAS (3x) · TRADUTORES/ ATORES · SURDO · COMO · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO · IX (APONTAR) QUATRO DEDOS · PERSONAGENS · DENTRO · HISTÓRIA · (PAUSA) · QUATRO, IX (APONTAR) TRÊS PRIMEIRO · PORCOS · IX (APONTAR) QUARTO DEDO · LOBO MAU · (PAUSA) · ÚLTIMO · VÍDEO · YOUTUBE · TER · IX (APONTAR) QUATRO DEDOS · PERSONAGENS · MAIS · FOCO · ANTROPOMORFISMO · CULTURAL · PRÓPRIA · IDENTIDADE · SER (SINAL) · SURDO · (PAUSA) · TER · IX (APONTAR) CADA DEDO NA MÃO · EXEMPLO · SURDO · COMPORTAMENTO · LIBRAS · TAMBÉM · TRADIÇÃO · SURDO · (PAUSA) · BASE · TEORIA · PRÓPRIA · PESQUISA · PESSOAS (2x) · AUTORAS · IX (APONTAR) PRIMEIRO · S-U-T-T-O-N S-P-E-N-C-E · SINAL · (sinal Sutton-Spence) · IX (APONTAR) SEGUNDO · JUNTO · N-A-P-O-L-I · SINAL · (sinal Napoli) · ANO · 2010 · (PAUSA)
<p><b>Comentários e observações gerais</b></p>	<p>Esses tradutores empregaram estratégias específicas em sua tradução para TA, bem semelhante e pouco adaptado como TAS1 sinalizou com mais detalhes de explicação no final do trecho, enquanto outros dois tradutores sinalizaram formalmente. TAS1, já falamos dele no quadro anterior, sobre soletração das duas autoras Sutton-Spence e Napoli.</p> <p>TAO3 sinalizou soletrando Sutton-Spence junto com sinal de batismo, mas não obteve resultado sobre outra autora Napoli, só soletrando mesmo.</p> <p>TAS5 e sua colega, como dupla, perguntaram para a professora Sutton-Spence (que trabalha na UFSC) no <i>WhatsApp</i>, conforme explicado no TAP's, para saber sinais de batismo da autora Napoli, que trabalhou junto com Sutton-Spence, por isso que conseguiram soletrar e sinal das duas autoras.</p>

Fonte: a autora, a partir dos dados do TA.

Vemos que algumas das estratégias empregadas por cada dupla são diferentes, enquanto o TAS1 explicou mais detalhadamente a parte final desse trecho, TAO3 e TAS5, traduziram mais formalmente o trecho. Eles buscaram apoio externo na *internet* para saber os sinais certos sobre a história de “três porquinhos, lobo mau”, e, também, sobre outro termo “tradição”. Havia relatos sobre isso nas entrevistas com três duplas e nos TAP's.

Outro ponto interessante é a reformulação de Sutton-Spence e Napoli 2010. Sabemos que a dupla A já tinha soletrado de modo padronizado essas autoras em Libras assim como o ano. A dupla B só tinha soletrado Napoli, por não ter conhecimento o sinal de batismo dela, mas apresentado o sinal de batismo e a soletração de Sutton-Spence, seguida do ano. Enquanto

a dupla C, foi totalmente diferente, empregou os sinais de batismo de Sutton-Spence e de Napoli, seguido do ano. Vale mencionar que isso resulta do uso de apoio externo, já que recorreram a colegas e a própria Sutton-Spence, através do *WhatsApp*. Assim, sua solução evidencia não apenas uma tomada de decisão, mas habilidades ligadas à administração dos recursos de apoio externo no processo tradutório com sucesso.

**Quadro 32 – Tradução da conclusão**

<b>TRILHAS DO ELAN</b>	<b>TRECHOS DO RESUMO ACADÊMICO</b> <b>Trecho 7</b>
<b>Enunciados do Texto Fonte em Português Escrito</b>	<i>E com essa análise do uso do antropomorfismo utilizado pelos tradutores/atores surdos foi possível ver o leque de possibilidades para o uso do antropomorfismo do Ser culturalmente Surdo e a contribuição dos tradutores/atores surdos com sua experiência cultural surda.</i>
<b>Indicação da estruturação do Texto Fonte em subpartes</b>	7 – Conclusão
<b>Identificação de possíveis problemas de tradução no Texto Fonte</b>	PCL PCE PRL PRE (uso do antropomorfismo do Ser culturalmente Surdo) PCI PRE (tradutores/atores)
<b>Explicitação dos problemas e comentários</b>	Temos aqui um termo composto de uso especializado (uso do antropomorfismo do Ser culturalmente Surdo) que se constitui em um problema extralinguístico, tanto de compreensão quanto de reformulação, de identificação de uma unidade terminológico correspondente na LA.
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA A</b>	CONCLUSÃO · ANÁLISE · PERCEBER · POSSÍVEL · TRADUTOR · SURDO · TER · XXX (LEQUE - VÁRIOS) · ESTRATÉGIA · USO · ANTROPOMORFISMO · POR CAUSA · JEITO · CULTURA · SURDA · TAMBÉM · COMPLEMENTAR · ANOS (ANTES ATÉ HOJE) · EXPERIÊNCIAS · PRÓPRIA · CULTURA · SURDA · (PAUSA)
<b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA B</b>	ANALISAR · COMO · USAR · ESTRATÉGIA · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · AUTONOMA · PESSOA · SURDA · TRADUTOR/ ATOR · CONSEGUIR · PERCEBER · COMO · POSSÍVEL · USAR · ESTRATÉGIA · VÁRIOS (LEQUE) · PRÓPRIO · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · CULTURA · S-E-R · SURDO · TAMBÉM · COMO · PESSOAS (repetir 3x) · SURDO · TRADUTOR/ ATOR · CONSEGUIR · EXPERIÊNCIAS · MUITO ANOS (ANTES ATÉ HOJE) · PRODUZIR (apresentação corporal). · (PAUSA)

<p><b>Enunciados do Texto Alvo em glosas DUPLA C</b></p>	<p>IX (APONTAR) DUAS AUTORAS · ESTUDAR · PROFUNDO · ANTROPOMORFISMO · (PAUSA) · IX (APONTAR ESSE) · ANALISAR · PESSOAS (3x) · TRADUTORES/ ATORES · SURDO · COMO · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO · AJUDAR · PERCEPÇÃO · POSSÍVEL · ABRIR · USAR · ANTROPOMORFISMO · SER (SINAL) · SURDO · CULTURA · TAMBÉM · AJUDAR · INTERAÇÃO · OUTROS · PESSOAS (2X) · TRADUTORES/ ATORES · SURDO · POR CAUSA · EXPERIÊNCIAS · DELES · CULTURA · SURDA · (PAUSA)</p>
<p><b>Comentários e observações gerais</b></p>	<p>Esses tradutores TASI e TAO3 se apresentaram sinal “vários” por termo de leque. O termo “Ser culturalmente Surdo”, TASI se apresentou “própria cultura surda”; TAO3 se apresentou soletrando “cultura S-E-R surdo”; e TAS5 se apresentou sinalizando “Ser (sinal) surdo cultura”. Eles fizeram isso por tradução cultural, para a comunidade surda.</p>

Fonte: a autora, a partir dos dados do TA

Por fim, a tradução entre as duplas no trecho da conclusão, retoma o termo “antropomorfismo” acrescentando a ele “do Ser culturalmente Surdo”. Cada dupla fez opções diferentes. A dupla A sinalizou “uso antropomorfismo jeito cultura surda”, a segunda dupla B sinalizou e continuou soletrando “próprio ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO cultura S-E-R surdo” e a terceira dupla C sinalizou “ser” como considerando por sinal igualmente “qual é seu sinal?” e, então, continuou apresentando “usar antropomorfismo ser (sinal) surdo cultura”. Pode-se considerar que as duplas mobilizaram seus conhecimentos biculturais e temáticos, relacionados a competência extralinguística.

**Tabela 4 – Total de sinais e duração do TA**

	TAS1	TAO3	TAS5
<b>SINAIS</b>	305	263	301
<b>Duração</b>	5 min.11s.	3min.51s.	4min.54s.

Fonte: a autora com dados do ELAN

Como podemos notar, a dupla A (TAS1) sinalizou o texto-alvo em Libras com um total de 305 sinais e com a duração de 5min11s.; a dupla B (TAO3) teve um total de 263 sinais e duração de 3min51s.; e a dupla C (TAS5) um total de 301 sinais e duração de 4min.54s. Comparando tudo isso, podemos dizer que a variação entre as traduções está entre cerca de 4 e 5 minutos, com a média de geral de cerca de 60 sinais por minuto. É possível observar,

entretanto, que a dupla A (TAS1 e TAS3), de surdos, e a dupla C (TAS5 e TAO6), com uma surda e uma ouvinte, traduziram de forma diferente da dupla B (TAO3 e TAO4), de ouvintes, já que as duplas A e C oferecem mais explicitações e informações durante sua sinalização, o que faz o texto ficar um pouco mais extenso e detalhado.

Percebemos que os TASO evidenciaram possuir CT, fato corroborado, não somente pelo resultado final visto no TA, mas pelos comentários feitos durante os relatos e as respostas à entrevista. É interessante notar que eles também evidenciaram certo conhecimento do contexto acadêmico e, por sua vez, do gênero textual que estavam a traduzir.

Vimos que os TASO se empenharam na tradução realizada e evidenciaram também competência tradutória intermodal (RODRIGUES, 2018a), sendo hábeis com a tradução da modalidade vocal-auditiva para a gestual-visual, bem como da modalidade escrita para a sinalizada em Libras. Assim como destaca Rodrigues (2018a), eles exploram os dispositivos linguísticos específicos das línguas de sinais na construção de um texto coerente e coeso em Libras, de modo que o texto corresponda ao público surdo acadêmico. Portanto, os tradutores evidenciaram possuir “conhecimentos e habilidades necessários tanto à exploração corporal dos dispositivos linguísticos específicos das línguas de sinais, durante a sinalização” vinculados “à habilidade de se administrar a possibilidade de sobreposição das línguas de maneira vantajosa”. (RODRIGUES, 2018a, p. 310).

Enfim, os TASO desenvolveram a tradução intermodal, realizando a análise do processo de tradução intermodal de um texto acadêmico em português escrito para a Libras em vídeo, com vistas à compreensão do processo intermodal e dos elementos necessários a uma tradução capaz de atender às atuais demandas da comunidade surda. Conforme vimos nas respostas deles na entrevista, eles(as) consideram que o fato de o TF ser um resumo acadêmico facilita a tradução, ainda que haja certa dificuldade terminológica da área. Desse modo, a tradução realizada por eles, pode ser vista como uma tradução intermodal cultural, já que não apenas traduziram entre línguas (português e Libras), mas, sim, entre modalidades (vocal-auditiva e gestual-visual, escrita e oral) e entre culturas (cultura escrita com foco na academia majoritariamente ouvinte e cultura surda com foco no público-surdo acadêmico).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se as discussões realizadas, nesta tese, pode-se concluir que todo o processo de construção da pesquisa, incluindo o planejamento, a coleta, a transcrição e a análise dos dados, foi complexo, exigindo a conclusão de diversas etapas que pudessem nos ajudar a inferir as possíveis respostas para as perguntas lançadas inicialmente na proposta de pesquisa. O problema traçado para esta pesquisa diz respeito à análise de problemas de tradução e, por sua vez, das estratégias tradutórias observadas por meio de aspectos processuais da tradução intermodal, realizada por três duplas de TASO — três surdos e três ouvintes, distribuídos da seguinte maneira: dupla A (formada por surdos), dupla B (formada por ouvintes) e dupla C (formada por uma pessoa surda e uma ouvinte).

O intuito foi compreender o processo intermodal de tradução e os elementos necessários a uma tradução capaz de atender às atuais demandas das comunidades surdas, observando estratégias empregadas e uma possível norma de tradução. E, portanto, responder a seguinte questão de pesquisa: quais estratégias os TASO empregam durante o processo de tradução intermodal, do português escrito para a Libras em vídeo, e de que forma essas estratégias estabelecem um conjunto coerente de normas aplicadas por esse grupo específico de profissionais?

As características gerais do processo tradutório intermodal do português escrito para Libras do TASO foram orientadas às etapas do processo tradutório: fase de orientação, fase de tradução, fase de filmagem, fase de revisão e edição. Os TASO prepararam seus estudos do TF do resumo acadêmico, discutiram com sua dupla, elaborando seus atos tradutórios, sabendo de suas competências, segundo dito pela participante TAO4 na entrevista: *“as três principais competências, sendo (i) a tradutória, na qual abarca os procedimentos para a realização de uma tradução, (ii) a linguística, englobando o conhecimento sintático das duas línguas, nesse caso, a Libras e o Português, e (iii) a referencial, envolvendo o conhecimento da área em questão. Por exemplo, se houver dois gêneros textuais distintos como poesia e o acadêmico, o tradutor precisa saber dimensionar essas competências, como a postura corporal já que a poesia permite maior movimentação, enquanto o acadêmico é formal e monótono, evitando a distorção entre eles. Eu creio que uma quarta competência também é importante, denominada*

*técnica, pois, durante uma gravação, o tradutor necessita saber dimensionar o enquadramento, seja, aproximando ou distanciando, a iluminação, o foco da câmera, a edição do vídeo, mesmo que possa haver profissionais para essa função como há aqui na UFSC*". E por outra participante surda TAS5: *"No caso de habilidades e conhecimentos, é importante que se tenha (i) fluência, (ii) saber a estrutura específica da Libras, (iii) conhecer o texto, (iv) evitar a dependência excessiva ao texto para não produzir uma versão em Português sinalizado, o que não se configura como tradução, (v) ser um agente capaz de levar claramente a mensagem. Se uma pessoa ler um texto e sentir muito dificuldade de entendimento, ela desiste. O mesmo ocorre com o vídeo. Por isso, é importante que ele esteja o mais claro possível para favorecer a compreensão do público. Não adianta, portanto, produzir algo que seja muito difícil o entendimento"*. Quanto às etapas, as três duplas foram muito competentes ao planejar e realizar a tarefa. Posso dizer que aprendemos muito com essas duplas, não só pelo modo como conduziram o processo tradutório intermodal, mas por suas respostas nos protocolos e na entrevista.

Considerando os objetivos da pesquisa, conseguimos identificar aspectos dos processos de *tradução intermodal não escrita* de um gênero acadêmico para a Libras em vídeo e compreender as características desse processo tradutório que tem como TF o português escrito e como TA a Libras sinalizada, apresentando diversos dados em tabelas e quadros, também, seguidos de comentários, percepções, análises, inferências e conclusões. Como presumimos, diante dos problemas de tradução, os TASO recorreram a estratégias de tradução intermodal tanto registradas no TA como vistas durante o processo de preparação da tradução, tradução propriamente dita, com registro em vídeo e edição final.

Os elementos e os aspectos gerais referentes à tradução do texto acadêmico em relação às suas características específicas, evidenciam que as línguas de sinais, no caso a Libras, em seus mecanismos espaciais e corporais de produção, favorecem a simultaneidade e adaptação cultural dessas línguas para seu caráter mais sintético, para o enriquecimento dos sinais com estruturais gramaticais etc. Podemos dizer que, de maneira geral, os tradutores-atores trabalham com o texto, buscando seus sentidos e significados que estão em uma língua e cultura, em um gênero acadêmico específico, para reconstruí-los em outra língua e com os meios de outra cultura: uma reformulação interlinguística-intermodal com vistas à comunicação. Contudo, foram notados seus elementos da tradução com um processo comunicativo, interpretativo, cognitivo, social e textual que trabalharam com sentidos compartilhados entre textos em diferentes línguas, inclusive considerando à modalidade dessas línguas (vocal-auditiva e

gestual-visual) e o modo em que estão sendo utilizadas (escrito e sinalizado). Ou de outro modo, como transcreveram Segala (2010), Souza (2010) e Rodrigues e Sutton (2020), ao abordar a tradução interlinguística-intermodal das três duplas com sua questão de *performance* corporal e os aspectos visuais e culturais das comunidades surdas, temo que as três duplas percorrem o processo final tradutório-intermodal com base em seus elementos: linguísticos e textuais, extralinguísticos e culturais, cognitivos, sendo que se utilizaram dos elementos da modalidade escrita do TF em português e exploraram os recursos específicos da modalidade gestual-visual em Libras em vídeo.

Essa pesquisa, portanto, contribui com elementos relacionados ao estudo de problemas de tradução e de estratégias tradutórias, sendo capaz de contribuir com outros profissionais de tradução e interpretação de português-Libras, surdos e ouvintes, inclusive com os cursos de formação para tradutores e intérpretes intermodais de línguas de sinais.

Portanto, após essas considerações iniciais, partindo do questionamento e da análise de dados, vimos que o fato dos TASO participantes da pesquisa serem experientes e profissionais, atuando por anos na tradução de textos de português escrito para Libras sinalizada em vídeo, faz com que lidem com a diferença de modalidade entre línguas de forma satisfatória, gerando um TA coerente e coeso em Libras. Por conseguinte, inferimos que eles possuem CT, inclusive a intermodal, responsável por guiá-los durante sua atuação tradutória que exige habilidades corporais de uso e exploração do espaço de sinalização. Nesse sentido, é possível afirmar que tanto tradutores-atores surdos quanto tradutores-atores ouvintes podem adquirir e desenvolver CT no par linguístico português escrito-Libras sinalizada em vídeo.

No decorrer de todo o processo de construção do desenho experimental de coleta de dados para a pesquisa, também por meio de pesquisa piloto, até a apresentação de aspectos referentes à análise e transcrição dos dados, vimos que o monitoramento da tradução se relaciona não apenas ao fluxo de produção do TA — o momento de registro da Libras em vídeo —, mas a todo processo de tradução intermodal que se inicia no momento do primeiro contato da dupla com o TF. Por isso, os dados coletados e a análise proposta enfocam todo o processo, incluindo o estudo do texto e indo até a edição do vídeo em Libras, registrando as etapas distintas. A primeira etapa com estudo do TF durou mais tempo e contou com acesso à internet, registro em glosas, uso de recursos de apoio externo etc.

Quanto às técnicas e estratégias empregadas de tradução pelos TASO, tanto durante a pré-tradução, nos surpreenderam resultando um ótimo trabalho pelo seu conhecimento, como aponta Waquil (2017) afirmando que é possível focar as estratégias empregadas pelos TASO, trabalhando ao longo do dia do processo de tradução, a partir da identificação de problemas, e por sua vez, de reconhecimento dos meios pelos os quais os TASO solucionaram suas tarefas acompanhando com etapas, tudo certo. Vimos estratégias importantes como procedimentos para resolver os problemas ou atingir o objetivo tradutório de tornar o texto acessível à comunidade surda. As técnicas usadas referem-se ao modo como os TASO aplicam certo método comunicativo sobre TF para o adaptar para Libras, escrevendo as glosas no *Word*, encaminhando para a tradução da filmagem, ou mesmo usando áudio para gravação. Alguns TASO realizaram algumas tarefas diferentes, por exemplo, citando um participante surdo TAS2, que disse: *“foi importante no momento de preparação e depois com a gravação, inclusive o TAS1 para sinalizar de modo imediato e completo seguindo os blocos de glosas, mas eu não aprovei, pois prefiro organizar o texto (glosas) em blocos e fazer feedback sinalizando aos poucos. Deu certo com TAS1”*. Foi uma estratégia do TAS2 optar o *feedback* para ajudar o TAS1 gravando sua apresentação para não perder a sua melhor *performance*, expressão facial e corporal também. Citando outro exemplo do participante TAO3, sobre a decisão tomada e a estratégia empregada: *“estou acostumado a desenvolver o processo em parceira com algum tradutor/intérprete junto a mim em formato de feedback e apoio. Em cada parágrafo a ser traduzido, por exemplo, no primeiro bloco, algumas pessoas têm o costume prévio de treinar a sinalização, elaborar as glosas, etapa com maior demanda de tempo, e depois, para gravar, é mais rápido, ao seguir a preparação feita. Contudo, eu não gosto muito desse procedimento, pois ao seguir as glosas, parece que se culmina em uma sinalização robotizada, não possibilitando uma sequência prosódica. Desse modo, eu prefiro fragmentar o texto em blocos, estudar cada um deles com um colega, e ao sinalizar, esse apoio vai avaliando se está bom ou não”*. Essas estratégias/procedimentos possibilitaram apoiar aos TASO à correção de erros e à melhoria da performance em determinada tarefa, constituindo uma habilidade geral do indivíduo. Por conseguinte, esses TASO tomaram suas decisões ao realizar uma tarefa da tradução, diante de problemas de tradução, empregando uma solução relacionada a dada estratégia.

Assim, em síntese, vimos estratégias distintas nessa etapa inicial em relação aos TAS e os TAO. Enquanto, a segunda dupla de tradutores-atores ouvintes optou por empregar áudio, as outras duplas utilizaram glosas transcritas no *Word*, as quais foram utilizadas na tela da TV

como insumo para a filmagem do TA. É interessante notar que a terceira dupla de TASO, composta por uma surda e outra ouvinte, utilizou mais tempo com as buscas na *internet*, reflexões sobre TF, conversação, preparação com glosas no *Word*, totalizando mais de três horas, um tempo significativamente maior que as duas outras duplas.

Outra contribuição da pesquisa é com relação às questões metodológicas de modo como se operacionalizar uma coleta de dados processuais numa perspectiva empírico-experimental. Assim, destacamos a importância de se considerar a modalidade das línguas que compõem o par linguístico, tanto a modalidade da língua em si (gestual-visual e vocal-auditiva) quanto sua modalidade de uso, a forma como ela se apresenta (escrita ou oral/sinalizada). A sistematização e transcrição dos dados com o ELAN permitiu que eles fossem informatizados, viabilizando a comparação entre o TF e o TA e favorecendo a observação de elementos linguísticos e textuais; extralinguísticos e culturais; e, até mesmo, a inferência de aspectos cognitivos, os quais estão, segundo nossa compreensão, marcados de um lado pela modalidade escrita do TF em português e de outro pela modalidade gestual-visual do TA em Libras.

Essas análises evidenciaram o uso de algumas estratégias empregadas diante de problemas da tradução, tais como dificuldades de linguísticas, extralinguísticas, etc., assim vimos que as estratégias possuem diversas motivações e se concretizam por meio de diferentes performances dos TASO, as quais são dependentes de sua competência linguística, textual, temática, cultural e, conseqüentemente, de transferência.

Dessa maneira, contamos com os protocolos verbais coletados e as respostas dadas durante a entrevista para tentar compreender os aspectos processuais da tradução intermodal em relação às estratégias empregadas pelos TASO durante a atividade tradutória do português escrito para Libras e fazer inferências sobre tal tipo de atividade tradutória não escrita. Nesse sentido, os aspectos destacados durante a pesquisa demonstram que, de fato, existem diversos fatores que interferem no processo de tradução, bem como no de interpretação, inclusive na tradução não escrita para uma língua de sinais registrada em vídeo.

De modo geral, ao considerar a proposta da norma Surda de tradução feita por Stone (2009), podemos dizer que existem as semelhanças e diferenças na abordagem das tarefas e nas etapas da tradução entre TASO. Entretanto, independente disso, eles seguem uma perspectiva de cultural, política e identitária conectada e direcionada à comunidade surda, que possui a

língua de sinais como língua. Esses TASO seguem às normas Surda de tradução em suas conduções do processo tradutório: considerando a língua alvo, suas características e modalidade, como peça autônoma em relação aos dados linguísticos do TF, com base em perspectivas dos ET, dos EI, dos ETILS, da linguística de línguas de sinais, entre outros. Também, pode-se dizer que o trabalho tradutório de sinalização dos TASO se conduz por uma significativa preocupação com povo surdo acadêmico, por sua política de identidade, pela noção centrada na fluência da Libras em relação à informação que apresenta etc. Portanto, esses TASO como bilíngues contribuem com a comunidade surda, fazendo o melhor de seu trabalho tradutório para acadêmicos, ao traduzirem textos acadêmicos escritos em Libras para vídeos. Assim, buscam produzir uma tradução tendo como referência o pensar como outros surdos pensam, contando com a própria experiência na língua de sinais e com sua referência visual de mundo e de veiculação da informação, para construir seu TA inserido na cultura de chegada da Libras.

Enfim, temos que os TASO, tanto os tradutores-atores surdos quanto os tradutores-atores ouvintes, são capazes de trabalhar rumo ao TA e, por sua vez, seguir a norma Surda de tradução (STONE, 2009). Compreendemos que o acesso ao conceito da norma Surda de Tradução de Stone (2009) pode contribuir para a identificação e reconhecimento dessa norma presente para os tradutores-atores surdos e ouvintes, que fora evidenciada em *performances* de tradução, tais como o uso de procedimentos tradutórios desenvolvidos nesta pesquisa, e ainda, com a formação dos tradutores-atores surdos e ouvintes de língua de sinais, que ao, notarem suas características específicas de seu trabalho, podem performatizar procedimentos cada vez mais profissionais, contextualizados, eficientes e competentes.

Nesses termos, uma das possíveis conclusões decorrentes dessa pesquisa é o fomento à releitura profissional dos surdos e ouvintes bilíngues (ou seja, fluentes tanto na Libras quanto no português), considerando-os como atores no sentido de desenvolverem habilidades corporais e performáticas necessárias à produção do texto em Libras em vídeo. Nesse sentido, a *tradução não escrita para a Libras* traz à tona a noção de tradução/interpretação para a língua de sinais como *performance visual*, a qual torna-se um item para descrever a atividade tradutória intermodal desenvolvida pela equipe de surdos e ouvintes para a língua de sinais em vídeo.

Nesse contexto, depois de trilhados os caminhos descritivos em torno de *performances* de tradução intermodal observadas pelos TASO, alcança-se as novas ideias que estimularam o desenvolvimento de um novo olhar sobre a prática tradutória de surdos e ouvintes como equipe,

vislumbrando, inclusive, novas perspectivas de abordagem de CT, com destaque para as habilidades de lidar com a modalidade gestual-visual, inclusive quando registrada em vídeo.

Por fim, podemos afirmar que a despeito dos avanços conquistados com relação às pesquisas dos ETILS, que aquelas voltadas para a área da tradução não escrita para a Libras em vídeo ainda são incipientes e ainda há muito o que fazer e a ser explorado. Num futuro próximo, a metodologia empregada para a coleta de dados dessa pesquisa pode ser aperfeiçoada e replicada contribuindo de alguma forma para que seja possível aumentar o número de pesquisas com o enfoque na tradução do português escrita para a Libras sinalizada em vídeo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, F. Teoria da Relevância e os Estudos da Tradução: perspectivas e desdobramentos. In: ALVES, F. (Org.) **Teoria da Relevância & Tradução: conceituações e aplicações**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.
- ALVES, F. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. (Org.) **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, p. 69-92.
- ALVES, F. **Tradução, Cognição e Tecnologia: investigando a interface entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador**. Cadernos de Tradução, volume 2, n. 14. Florianópolis: UFSC, 2004, pg. 185-209.
- ALVES, F. Esforço Cognitivo e Efeito Contextual em Tradução: Relevância no Desempenho de Tradutores Novatos e Expertos. In: **Revista Linguagem em (Dis)curso**. V. 5, número especial. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem: Unisul, 2005.
- ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. 4.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- ALVES, F.; PAGURA, R. *The interface between written translation and simultaneous interpretation: instances of cognitive management with a special focus on the memory issue*. Proceedings of the XVI WORLD CONGRESS OF THE INTERNATIONAL FEDERATION OF TRANSLATORS: Ideas for a New Century. Vancouver: University of British Columbia, 2002, p.73-80.
- ANDRADE, B. L. **A tradução de obras literárias em língua brasileira de sinais – antroporfismo em foco**. 121 f. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC: Florianópolis, 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**. Informação e documentação - Resumo - Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- AUBERT, F. H. **Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados**. TradTerm. São Paulo: CITRAT/FFLCH-USP, v.5, no.1, 1998, p. 99-128.
- AVELAR, T. F. **A questão da padronização de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC: um estudo descritivo e lexicográfico do sinal ‘cultura’**. 111f. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC: Florianópolis, 2010.
- BAKER, M. Translation studies. In: BAKER, M. (Org.) **Routledge encyclopedia of translation studies**. Londres e Nova York: Routledge, 1998. (277-280).
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos Técnicos da tradução: uma nova proposta**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2004.
- BARBOSA, D. M., **Omissões na interpretação simultânea de conferência: Língua Portuguesa – Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de

Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC: Florianópolis, 2014.

BASSNETT, S. **Estudos de Tradução**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

BRASIL. **Decreto-Lei n.5.626, de 22 de dezembro de 2005**, regulamenta a Lei n. 10436 de 22/04/02 e o art. 18 da Lei 10.098 de 19/12/00.

BRASIL. **Lei n. 10436**, de 22 de abril de 2002.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2ª edição, 2010.

CAMPELLO, A. R. **Intérprete Surdo de Língua de Sinais Brasileira: o novo campo de tradução/ interpretação cultural e seu desafio**. Cadernos da Tradução, nº 33, p. 143-167, Florianópolis: UFSC, 2014.

CASTRO, N. P. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC: Florianópolis, 2012.

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: the spread of ideas in translation theory*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1997.

DOLET, E. “La manière de bien traduire d’une langue en autre” (1540) in: FURLAN, M. (org.), **Antologia bilingue. Clássicos da Teoria da Tradução**. Vol.4. Renascimento, Florianópolis: NUPLITT/UFSC, 2006, p. 195-205.

FERREIRA, J. G. D. **Os intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngua Intramodal Gestual-Visual da ASL para Libras**. 135f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução) – UFSC: Florianópolis, 2019.

GERLOFF, P. Identifying the Unit of analysis in translation: some uses of think-aloud protocol data. In: CLAUS, F.; KASPER, G. (ed.) *Introspection in Second Language Research*. Clevedon; Philadelphia: Multilingual Matters, 1987, p.35-58.

GRBIC, N. Where do we come from? What are we? Where are we going? A bibliometrical analysis of writings and research on sign language interpreting. *The Sign Language Translator & Interpreter*, v.1, n.1, 2007, p.15-51.

GONÇALVES, J.L.V.R. **Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância**. 141f. Dissertação de Mestrado apresentada em Estudos Linguísticos – UFMG: Belo Horizonte, 1998.

GONÇALVES, J.L.V.R. Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. In: PAGANO, A. S. **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. p.13-39.

GONÇALVES, J.L.V.R. Pesquisando a competência tradutória – PACTE. ALBIR, A. H. (ed.). *Researching Translation Competence by PACTE Group*. Amsterdam: John Benjamins, 2017, p. 250-273.

GUERINI, A.; COSTA, W. **Introdução aos estudos de tradução**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2006.

HAND, R.; KREBS, K. (Orgs.). *Journal of Adaption in Film & Performance*, v.1, n.1, 2007, p.3-4.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, [1972], 1988.

HURTADO ALBIR, A. Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. **Competência em Tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.19-58.

HURTADO ALBIR, A. *Traducción y Traductología: Introducción a la Traductología*. Ediciones Cátedra (Grupo Anaya, S.A.), 5ª edición revisada. Madrid: 2011.

HURTADO ALBIR, A. (Ed.). *Researching Translation Competence by PACTE Group*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017.

HURTADO ALBIR, A. **Competência Tradutória e Formação por Competências**. Tradução de Lavínia Teixeira Gomes e Marta Pragana Dantas. Cadernos de Tradução, Florianópolis: UFSC, 2020.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1975.

KEY CONCEPTS. (2009). In: MUNDAY, J. (Ed.). *The Routledge Companion to Translation Studies*. Ed. rev., New York: Routledge, 2009, p.166-240.

KOLLER, W. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg/Wiesbaden: Quelle & Meyer, 1979/1992.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LADMIRAL, Jean-René. **TRADUÇÃO – Teoremas para a tradução**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1979.

LEITE, E. M. C. **Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

LEITE, T. A. de. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP: 2008.

LÖRSCHER, W. *Translation performance, translation process and translation strategies*. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1991.

LUCHI, M. **Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico?** Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, UFSC: Florianópolis, 2013.

MAGALHÃES, J. E. **Sua Majestade, o intérprete: O fascinante mundo da tradução simultânea**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MCBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: are grammatical categories modality-dependent? In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p.329-369.

MCCLEARY, L; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (Org.) **Bilinguismo e Surdez. Questões linguísticas e educacionais**. Goiânia: Câne Editorial, 2007.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. **Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados**. Revista Alfa: São Paulo, n.54, v.1, 2010, p. 265-289.

MOUNIN, Georges. **Os problemas teóricos da tradução**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, 1965.

LIMA, R. L. M. de. **O ensino da redação: como se faz um resumo**. Maceio: UFAL, 2004.

MUNDAY, J. Handbook of Translation Studies. Vol 1. Translation Studies. O’Keeffe, A. and McCarthy, M. (eds.) *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. Routledge. London and New York, 2010.

NICOLOSO, S. **Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC: Florianópolis, 2010.

NICOLOSO, S. **Modalidades de tradução na interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Língua brasileira de sinais: investigando questões de gênero**. 507f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Florianópolis: UFSC, 2015.

NORD, C. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

NOVAK, P. **A política do corpo**. Texto apresentado no V ENCONTRO DE PERFORMANCE DO INSTITUTO HEMISFÉRICO. Belo Horizonte, 2005.

OLIVEIRA, J. S.; SILVA, R. C. Equipe de Tradução do curso de Letras Libras. In.: QUADROS, R. M. (Org.). **Letras Libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

OUSTINOFF, M. **Tradução: história, teorias e métodos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, p. 30-78, 2011.

PAGANO, A. (Org.) **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

PAGANO, A. & VASCONCELLOS, M.L. **Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990**. Revista Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. Vol,19, no esp. São Paulo, 2003.

PAGURA, R. J. Tradução & Interpretação. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. A. **Tradução &: perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Unesp Digital, 2015, p.183-207.

PEREIRA, M. C. P. **Testes de proficiência linguística em língua de sinais: as possibilidades para os intérpretes de Libras**. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos: UNISINOS, 2008.

PEREIRA, M. C. P. **Interpretação Interlíngua: As especificidades da interpretação de Língua de Sinais**. Cadernos de Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina: PGET. XXI, 2008.

PEREIRA, M. C. P. **Produções acadêmicas sobre interpretação de língua de sinais: dissertações e teses como vestígios históricos**. Cadernos de Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina: PGET. XXVI, 2010.

PEREIRA, M. C. P. **A interpretação interlíngua da libras para o português brasileiro: um estudo sobre as formas de tratamento**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC, Florianópolis, 2014.

PYM, A. **Explorando as teorias da tradução**. (Tradução Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri, Juliana Steil). -1. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2017,336 p.

PÖCHHACKER, F. **Introducing interpreting studies**. London: Routledge, 2004.

PÖCHHACKER, F. Issues in Interpreting Studies. In: MUNDAY, J. **The Routledge Companion to Translation Studies**. London: Routledge, 2009, p.128-140.

QUADROS, R. M. **O tradutor e interprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília, 2004.

QUADROS, R. M. & SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso Letras-Libras. In: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos Surdos III**. Série pesquisas. Petrópolis, RJ: Arara-Azul, 2008.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de Sinais Brasileira: Constituição e transcrição dos Corpora. In: SALLES, H. (Org.). **Bilinguismo e Surdez. Questões linguísticas e educacionais**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007, 2009.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais IV**. Texto-base de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004, 221p.

QUADROS, R. M. STUMPF, M., OLIVEIRA, J. “Avaliação de Surdos na Universidade”. In: HEINING, O.; FRONZA, C. (Org.). **Diálogos entre linguística e educação**. Blumenau: Edifurb, v.2, 2011.

RAMOS, C. R. **Tradução cultural: um trabalho para surdos e ouvintes**. Disponível em: <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/06/libras.pdf>>. Publicado em 2004 pelo e-Books da Editora Arara Azul. Acesso em 3 de julho de 2020.

RIGO, N. S. **Tradução de canções de LP para LSB: identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC, 2013.

RODRIGUES, C. H. **Abordagem Processual no Estudo da Tradução: uma meta-análise qualitativa**. Cadernos de Tradução, n.10 v.2, 2002, p.23-57.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. 243 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2013.

RODRIGUES, C. H. **O uso de Protocolos Verbais na investigação do processo de interpretação simultânea do Português para Libras**. Revista Veredas, v. 19, n. 2, 2015.

RODRIGUES, C. H. **Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, n. 57, v. 1, 2018a, p. 287-318.

RODRIGUES, C. H. **Tradução e Língua de Sinais: a modalidade gesto-visual em destaque**. Cadernos de Tradução, UFSC, 2018b. Versão traduzida pelo título: “Translation and Signed Language: Highlighting the Visual-Gestural Modality”.

RODRIGUES, C. H. **Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa**. Revista da Anpoll v. 1, no 44, Florianópolis, 2018c, p. 111-129.

RODRIGUES, C.H., BEER, H. **Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: novo campo disciplinar emergente?** Cad. Trad., Florianópolis, v. 35, nº especial 2, jul-dez, 2015, p. 17-45.

RODRIGUES, C.H., SUTTON-SPENCE, R.L. (Orgs.). **Christopher Stone: Entrevista = interview**. Tradução inglês-português de Vitória Tassara e Hanna Beer; tradução português-Libras João Gabriel Ferreira e Victória Pedroni. Curitiba, PR: Medusa, 2020, 152p.

SÁ, N. R. L. **Cultura, Poder e Educação dos Surdos**. Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SANTOS, S. A. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2013.

SCHÄFFNER, C; ADAB, B. (eds.). *Developing translation competence*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2000.

SEGALA, R. R. **Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. 74 f. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC: Florianópolis, 2010.

SELESKOVITCH, D. *Interpreting for international conferences*. Washington: DC, Pen and Booth, 1978.

SILVA, C. A. A. **Da missão a profissão, produzindo novas experiências da surdez**. APILMS-ANAIS Campo Grande-MS, 2006.

SILVA, A. M. **Análise da participação dos alunos surdos no discurso de sala de aula do Mestrado na UFSC mediada por intérpretes**. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC: Florianópolis, 2013.

SILVA, R. C. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC: Florianópolis, 2013.

SOUZA, S. X. de et al. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras**. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC: Florianópolis, 2010.

STEINER, G. **Depois de Babel: questões de linguagem e tradução**. Curitiba: Editora UFPR, 2005, 533p.

STONE, C. *Towards a Deaf translation norm*. A dissertation submitted to the University of Bristol in accordance with the requirement of the degree of Ph. D. in the Faculty of Law and Social Sciences. June, 2005

STONE, C. *Towards a Deaf translation norm*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2009, 200p.

SUTTON-SPENCE, R., NAPOLI, D. J. *Anthropomorphism in Sign Languages: A Look at Poetry and Storytelling with a Focus on British Sign Language*. Sign Language Studies,

Volume10, Number 4, Summer 2010, pp. 442-475 (Article). Published by Gallaudet University Press DOI: 10.1353/sls.0.0055.

TOURY, G. *Descriptive Translation Studies – And Beyond*. Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins, 1995/2012.

VASCONCELLOS, M. L. B. Mesa-redonda: Tradução e Interpretação de Língua de Sinais na Pós-Graduação. Comunicação: **“O nome e a natureza dos Estudos da Tradução”**: Inserção da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) no campo disciplinar desde a década de 70 até os desdobramentos de 2008. In: I Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, UFSC, Florianópolis-SC, 2008.

VASCONCELLOS, M. L. B. **Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação**: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. Cadernos de Tradução. Florianópolis: UFSC/PGET, 2010, p. 119-143.

VASCONCELLOS, M. L. B.; BARTHOLAMEI, L. J. **Estudos da Tradução I**. Florianópolis: CCE/UFSC, v. 1., 2008.

VENUTI, L. A tradução e a formação de identidades culturais. Tradução de Lenita R. Esteves. In SIGNORINI, I. **Lingua(gem) e Identidade**. Campinas, São Paulo: Fapesp, 1998.

VENUTI, L. **Escândalos de Tradução, por uma ética da diferença**. Tradução de, Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica Stella Tagnin. Bauru, SP, EDUSC, 2002.

WAQUIL, M. L. **Traduzindo “Traducción y Traductologia”**: problemas terminológicos de tradução. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN. A. *The Map: a beginner’s guide to doing research in translation studies*, Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS TRADUTORES

Prezado(a) tradutor(a),

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa *A tradução de textos acadêmicos para a Língua Brasileira de Sinais: aspectos processuais da tradução intermodal*, associada ao Projeto de Doutorado da pesquisadora Thais Fleury Avelar do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros e coorientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues. O objetivo é a descrição e análise de aspectos processuais relacionados à tradução de textos acadêmicos, realizada por surdos e ouvintes, do português escrito para a Libras em vídeo. A pesquisa envolve a coleta de dados por meio da filmagem de uma tarefa de tradução de um texto acadêmico escrito para a Libras, seguida da coleta de protocolos verbais sobre a tarefa realizada, bem como a participação em questionário e entrevista. Esses dados não serão usados para outros fins, salvo a produção da Tese de Doutorado a ser apresentada e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à Tese.

A pesquisa não apresenta riscos. No entanto, caso a sua participação na pesquisa provoque algum tipo de mal-estar, desconforto, constrangimento, sofrimento ou aborrecimento, pedimos que informe imediatamente a pesquisadora. Você pode recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados com o desenvolvimento do estado da arte dos estudos da tradução e interpretação envolvendo a língua brasileira de sinais. A pesquisa servirá como referência futura para a formação de tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais e, possivelmente, para outros tradutores de outras línguas. Vale salientar que essa pesquisa não lhe oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens materiais) e que você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa, você poderá solicitar a indenização conforme a legislação vigente.

Este termo de consentimento livre e esclarecido têm duas vias que devem ser assinadas e rubricadas por você e pelas pesquisadoras. Uma via será arquivada pelas pesquisadoras e a outra

ficará com você para que, caso queira, possa consultar os contatos e seus direitos ao participar desta pesquisa.

Após a conclusão do estudo, as pesquisadoras se comprometem em garantir que você tenha acesso aos resultados da pesquisa, podendo disponibilizar uma via do estudo, se houver interesse.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O CEPSH é um órgão interdisciplinar, deliberativo e educativo, vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, a fim de contribuir no desenvolvimento da pesquisa normatizada pelos padrões éticos.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa, Thaís Fleury Avelar, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução CNS 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Diante dessas informações dadas pelos pesquisadores, estou ciente do que a pesquisa trata e de como será realizada e, também, de que ela não oferece nenhum risco além daqueles desconfortos comuns que podem ocorrer durante a realização de uma tradução: desgaste físico e cognitivo.

Os pesquisadores também deixaram claro que tenho assegurada minha privacidade, a manutenção do sigilo dos dados confidenciais fornecidos, a garantia de quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, antes e durante o seu curso, e a liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, bastando comunicar minha decisão a eles.

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, tradutor(a) de Português-Libras, aceito participar da pesquisa *A tradução de textos acadêmicos para a Língua Brasileira de Sinais: aspectos processuais da tradução intermodal* dos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Doutoranda Thaís Fleury Avelar, Prof. Ronice Müller de Quadros e Prof. Carlos Henrique Rodrigues. Estou ciente de que não receberei nenhuma remuneração e não terei qualquer ônus financeiro (despesa) em função do meu consentimento espontâneo em participar. Portanto, assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, que serão assinadas também pelo pesquisador responsável pelo projeto, sendo que uma via se destina a mim, como participante, e a outra aos pesquisadores.

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura do participante

---

Pesquisadora Thais Fleury Avelar

---

Professora Doutoranda Thaís Fleury Avelar – 48 9 9190-9210 (*whatsapp*) /  
[thaisfleury13@gmail.com](mailto:thaisfleury13@gmail.com)

Professora Dra. Ronice Müller de Quadros – 48 9 8454-4041 (*whatsapp*) /  
[ronice.quadros@ufsc.br](mailto:ronice.quadros@ufsc.br)

Professor Dr. Carlos Henrique Rodrigues – 48 9 9901-1044 (*whatsapp*) /  
[rodriteos@yahoo.com.br](mailto:rodriteos@yahoo.com.br)

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – 48 3721-6647 /  
[secpget@gmail.com](mailto:secpget@gmail.com)

Campus Reitor João David Ferreira Lima, CCE – Prédio B, Sala 301. Trindade,  
Florianópolis/SC, CEP 88040-900

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CESPH) – 48 3721-6094 /  
[cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br)

Pró-Reitoria de Pesquisa, Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, 222, Sala 401, Trindade,  
Florianópolis/SC, CEP 88.040-400

## **ANEXO 2 - A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – TRADUZIDO A LIBRAS DOS PARTICIPANTES NOS VÍDEOS PARA A ESCRITA PORTUGUESA PELO EDUARDO GOMES**

### **1. Você considera mais difícil traduzir da Libras em vídeo para o Português escrito ou do Português escrito para a Libras em vídeo? Por quê?**

**TAS1:** *Nesta pergunta, quanto à tradução da Libras para o Português, é um processo um tanto quanto difícil, pois a Libras é a minha primeira língua, ao passo que o Português, em modalidade escrita, a segunda. Contudo, é possível realizar a tradução, uma vez que compreendo a ideia do discurso sinalizado e, assim, transponho para o Português escrito. A dificuldade do processo está na correção e revisão do Português para a forma culta. Novamente, o entendimento claro do enunciado em Libras e a sua versão para o Português escrito, é algo factível. Já a revisão do conteúdo em Português quanto às escolhas lexicais, ao concatenamento das ideias apropriadas culturalmente aos ouvintes, é um aspecto que gera dificuldade. No geral, captar a mensagem em Libras e traduzir para o Português escrito, é cabível. Fazendo um adendo, para mim, o processo de tradução do Português escrito para a Libras é mais confortável. Entretanto, é necessária uma leitura cuidadosa do texto e caso não conheça algum termo, buscar suporte para compreendê-lo por meio da internet ou com outras pessoas que podem dirimir minhas eventuais dúvidas. A partir do entendimento preciso do texto, então, a tradução para a Libras transcorre facilmente.*

**TAS2:** *Eu sinto mais dificuldade na tradução da Libras para o Português escrito, pois dependerá do gênero textual. Por exemplo, se for o gênero acadêmico, evito, pois é necessário utilizar um discurso formal. A minha língua de maior conforto é a língua de sinais. Por isso consigo traduzir mais facilmente do Português para a Libras.*

**TAO3:** *Para mim, a maior facilidade concentra-se na tradução para a Libras, pois já possuo anos de experiência com essa direção. Antigamente, os surdos não opinavam muito, mantinham-se um tanto quanto inertes, acanhados, como em escolas. Atualmente, com a legislação da Libras, com o crescimento dessa língua em meios midiáticos, os surdos sentem-*

*se mais satisfeitos, confiantes e empoderados para argumentar e, por isso, eu comecei a ter mais experiência com tarefas de vocalização, se comparadas a anos atrás.*

*(pesquisadora pergunta se a tradução para o Português escrito é mais difícil)*

*Para mim, é, pois na tradução para o Português escrito, ao eu acompanhar a sinalização em Libras e não conhecer um sinal, eu vou pesquisar como? Se ocorrer algo assim na interpretação, com o feedback, eu posso perguntar, entender o sinal e continuar o trabalho de vocalização. Em vídeo, não é possível proceder dessa maneira, pois não há contato com a pessoa. Talvez até haja uma forma de encaminhar e-mail, mensagem e perguntar, mas não é sempre assim. Pode ocorrer de eu não conhecer a pessoa, ela ser de outro estado com variação linguística, o que torna a pesquisa do sinal, por exemplo, mais complicada. No caso da tradução do Português para a Libras é mais fácil, dado que eu posso ler o texto e pesquisar no Google, que irá apresentar um leque de definições e explicações. Partindo da Libras, não há um mecanismo de pesquisa como esse. Outra questão que incide em relação a dificuldade na tradução direta é a falta de prática e a normatização mais elevada que paira sobre o Português quanto ao uso de termos específicos e formais no contexto acadêmico. Por exemplo, o termo “importante” possui sinônimos para tal e não é recomendado haver repetição exaustiva de seu uso em um texto. Em Libras, utiliza-se sempre o mesmo sinal, IMPORTANTE.*

**TAO4:** *Para mim, acho mais fácil, devido ao costume e maior apropriação, a tradução do Português para a Libras em vídeo. No caso da tradução da Libras em vídeo para o Português escrito acho mais difícil, por não ter costume e, principalmente, se for necessário que eu insira como legenda. Penso que é duplamente mais trabalhoso e, por isso, não gosto muito dessa direção. Ainda nessa direção, a Libras, por ter sua estrutura visual com configurações de mão, expressões, a transposição dessas para o Português escrito se torna laboriosa, sobretudo se for um texto acadêmico. Por exemplo, um surdo sinalizando, regado a expressões e movimentos, como proceder o tratamento dessas para a tradução em um texto formal? Isso é um ponto mais complicado.*

**TAS5:** *Eu não tenho experiência ainda em traduzir da Libras para o Português escrito. Por isso não tenho parâmetro de comparação. Eu sempre trabalhei na tradução do Português escrito para a Libras.*

**TAO6:** *Não houve extrema dificuldade nas atividades. Sinto-me mais confortável em traduzir da Libras para o Português escrito, o que não significa que a outra direção seja mais difícil.*

(pesquisadora intervém perguntando qual das direções é mais difícil).

*Não vejo dificuldade em ambas as direções, pois consigo trabalhar em dupla, realizar buscas com outras pessoas, utilizar os aparatos tecnológicos, etc. Além disso eu compreendo e produzo bem em Libras e em Português. Talvez o que colocará dificuldade será o prazo para a entrega do produto, se eu não possuir internet ou o contato de outras pessoas que eu posso perguntar algo, dentre outros. Esses fatores podem incidir como dificuldade no processo. Se você fornecer todos os parâmetros favoráveis ao desenvolvimento do trabalho, realizo a tradução em qualquer direção, mas tenho maior conforto da Libras para o Português escrito, pelo fato do Português ser a minha primeira língua e, então produzi-la. Isso não significa que seja mais fácil, porém a mim imprime mais conforto e segurança.*

**2. Como foi para você realizar essa atividade de tradução de um texto escrito em português (um resumo acadêmico) para um texto em Libras registrado em vídeo? Quais as dificuldades você encontrou durante esse trabalho?**

**TAS1:** *No texto em Português dessa tarefa, ao lê-lo, percebo que não é difícil, porém, o único impasse é a forma de montá-lo, ou seja, reorganizar alguns trechos, mediante o contexto. Isso porque, em sua estruturação original, parece que, em certos períodos, há repetição de ideias. Assim, é melhor retirar as recorrências, evitando que tais repetições surjam no enunciado em Libras. Logo, do ponto de vista linguístico, isso tornaria o texto traduzido mais econômico. Ajustar essas estruturas implica em um maior tempo despendido. Quanto as palavras contidas no texto em Português, são claras e de fácil compreensão. Contudo, não havia sinais para identificação das pessoas e, assim, foi preciso utilizar datilologia para tais. Conversei com o TAS2 que em alguns casos como SUTTON-SPENCE, há sinal e, por isso, não precisaria de datilologia. Entretanto, ele disse que seria melhor manter um padrão e realizar datilologia para todos os autores. Eu gostaria de ter feito o sinal acrescido da datilologia, mas ele não concordou e respeitei a posição dele. Basicamente, seria a padronização dos sinais empregados. Este trabalho de tradução desenvolvido demandou tempo.*

OBS: Não foi inserido a interação do entrevistado com a pesquisadora.

**TAS2:** *Senti-me tranquilo. Foi a primeira vez que TASI e eu fizemos um trabalho dessa natureza juntos. Em ocasião anterior já atuamos, mas foi em uma tarefa muito curta. Tenho o costume de realizar esses trabalhos com outras pessoas e flui bem. Com o TASI, por ser a primeira vez, nós interagimos para analisarmos qual o método de cada um. Ele gosta de montar glosas, do uso de teleprompter. No meu caso, já tenho o hábito de trabalhar de outra maneira, com memorização. Leio bastante para entender o texto claramente, todos os seus aspectos, e, então, gravo a sinalização, sendo uma forma mais natural. Eu percebi que o modo como o TASI procede o atrapalha um pouco por ter que se manter fixo na leitura do material. Caso haja uso do teleprompter, das glosas em si, do feedback, enfim, pela experiência adquirida, percebo que, dessa forma, há o uso de menos expressões não-manuais e também menor confusão quanto as marcações espaciais, dentre outros. Por isso, ele precisava sinalizar várias vezes. Sendo assim, penso que é importante ler atentamente para entender bem a ideia do texto e memoriza-lo. Dessa forma a produção consegue abarcar melhor o uso de expressões não-manuais, classificadores, mais direcionamento e posicionamento no espaço, dentre outros benefícios. Por isso, a importância crucial está no entendimento do texto.*

(a pesquisadora pergunta se o tradutor encontrou alguma dificuldade no texto)

*Não encontrei dificuldades no texto, pois, como eu disse, sempre consigo resolver os problemas. Por exemplo, no trecho “congresso nacional”, o que se trata? Conhecendo o significado, por uma busca na internet, tal problema está solucionado. Outro exemplo “antropomorfismo”, eu já sei, pois cursei disciplinas anteriormente que abordavam esse assunto. Já traduzi também alguns textos que eram poemas, literatura, o que me conferem experiência em tal temática. Não senti qualquer dificuldade.*

**TAO3:** *Recebi o texto acadêmico, porém simples, e após a leitura, entendi claramente as ideias. Alguns outros textos apresentam terminologias específicas que eu não conheço. O texto dessa tarefa apresenta a palavra “antropomorfismo”, mas acho que o mesmo possui outro conceito que não seja referente à literatura, mas à mitologia egípcia e os animais que a compunham, enfim. Nesse caso, da literatura, relaciona-se a incorporação, e eu já conheço o resumo da Betty Lopes e a pesquisa de doutorado alinhada a essa temática. Assim, ao ler o texto, a ideia de personificação como os três porquinhos, o lobo mau, o porquinho correndo assustado é clara ao contexto do antropomorfismo. Contudo, em determinados textos acadêmicos, o termo está contido naquele contexto, mas o material aqui entregue é um resumo, de fácil entendimento, na qual as ideias estão compactadas. Não tive muita dificuldade no processo, apenas uma questão voltada a estruturação sintática em um parágrafo, o quinto, eu*

*acho, no qual foi preciso alterar a sequência. Primeiramente, eu gravei em áudio o texto, seguindo a estrutura sintática do Português, mas com a inserção e elaboração por meio dos sinais, não sendo muito diferente. Isso porque é um texto acadêmico, mais próximo ao Português formal, diferentemente de um material literário em língua de sinais. O vernáculo visual, por exemplo, apresenta uma estrutura totalmente própria e rica, sendo extremamente complicado traduzir para o Português. Não é impossível, tudo é passível de tradução, conforme teóricos da área sugerem. Já os textos acadêmicos possuem o objetivo de permitir a clara comunicação. Por vezes é difícil controlar o acréscimo de informações em um viés mais artístico. Foi bom trabalhar com a TAO4, pois ela me corrigiu nos momentos em que eu inseria novas informações ao texto. Eu gostaria de saber como foi o trabalho do TAS2 e do TAS1, pois você disse que o deles teve a duração de 05 minutos e o meu foi de 04, ou seja, 1 minuto a mais no deles.*

*(a pesquisadora explica que a dupla referendada errava e a gravação já estava acontecendo e quando eles utilizaram o método de feedback, o trabalho fluiu.)*

*Sim, mas eu conheço os surdos com quem trabalho em traduções e sempre fazem adendos ao texto para deixá-lo mais claro. Eu, ao sinalizar, tento acompanhar o texto em Português, fazendo as devidas adaptações, obviamente, mas quando os surdos observam minha sinalização e dizem que não ficou muito clara, reproduzem uma forma que poderia ser feita, mas há uma diferença temporal. Exemplificando, em filmes, ao traduzir a fala das personagens, o tempo precisa estar sincronizado, a sinalização não pode ser muito além. Quando a fala se encerra, a sinalização também precisa ser finalizada, acompanhando a fala. Por isso eu sinalizo rápido, já que a fala está sendo proferida rapidamente.*

*(pesquisadora diz que com o texto não tem esse problema)*

*Sim, eu só fiquei curioso em saber como a dupla de tradutores surdos desenvolveu o trabalho, se acrescentaram informações ou não, ampliando o tamanho do texto. Eu gosto de complementar as ideias, mas a TAO4 não permitia e eu acatava. Foi bom isso, ela tem razão. Trata-se de um resumo acadêmico e precisa estar o mais limpo possível, ou não. Não sei, não gosto muito de regras. Fico curioso para saber das variações e possibilidades em executar o mesmo trabalho. Não tive muitas dificuldades, já estou acostumado.*

**TAO4:** (Após sugestão da pesquisadora para que a tradutora observasse seu próprio vídeo, ela disse que atuou mais como apoio e a sua dupla, o Tom, foi quem sinalizou, tendo suas próprias organizações mentais para tal.)

*Durante a entrevista eu já respondi a essa questão. O referido texto, resumo de autoria da Betty Lopes, estava fácil e tranquilo e não possuía terminologias difíceis, apenas uma, “antropomorfismo”, cuja dificuldade foi encontrar o sinal para tal. Nomes dos autores também, não sei se mulher ou homem, tinha que utilizar a datilologia, assim como foi feito com a palavra citada anteriormente. O Tom é muito rápido, nossa, pois nós lemos o texto ao mesmo tempo e, ao término, ele já queria gravar. Então eu disse para aguardar, sendo que ainda não havíamos discutido nada a respeito do texto. Desse modo debatemos um pouco quanto aos sinais a serem empregados, por exemplo. Ao gravar, ele não quis treinar antes, preferindo realizar a tarefa logo. Foi um procedimento rápido, pois ele já possui experiência, diferente da minha, que levo mais tempo para organizar mentalmente o material, ler atentamente, treinar a sinalização para, posteriormente, gravar.*

**TAS5:** *Dificuldades quanto a impossibilidade de realizar a tarefa não houve, apenas àqueles referentes a (i) quais sinais utilizar corretamente, (ii) sinais dos autores que eu não conheço, (iii) às vezes até sei o sinal, mas não me recordo com precisão e não posso traduzir de qualquer forma. Então preciso pesquisar ou perguntar a outras pessoas qual o sinal correto. No geral são essas, não houve dificuldades extremas.*

(a pesquisadora pergunta como a tradutora se sentiu na tarefa)

*Sim, não encontrei dificuldades elevadas, achei tranquilo. É preciso ler o texto, entender claramente as ideias dele, para, então, começar a organizá-lo em blocos e estruturar as ideias mentalmente, uma vez que as glosas impõem limitação quanto ao contexto, o que implica na perda de informações no momento da gravação. Assim, ao fragmentar o texto em blocos, o tradutor consegue se preparar para sinalizar. Isso seria, em analogia, à pontuação de textos escritos e a parágrafos.*

**TAO6:** *Eu gostei da atividade, pois trabalhei junto à TAS5 em outras oportunidades e gosto bastante da forma como ela conduz o trabalho. Ela é bilíngue, entende claramente o texto em Português, é receptiva quanto à comentários, já que é possível trabalhar com pessoas que não aceitam sugestões. A TAS5 desenvolve o trabalho da forma dela, eu do meu, e conseguimos nos articular facilmente. Foi um trabalho satisfatório, com mais pontos positivos do que negativos. Os resultados alcançados no vídeo final foram bons. Ela, enquanto surda, sabe bem Libras e*

*Português, conseguiu entender o texto para interagirmos, é madura. Gosto muito de trabalhar com ela. Em relação a trabalhos acadêmicos, já tenho essa experiência, principalmente na tradução de Libras para Português escrito, mas também na direção inversa. Tenho um trabalho desenvolvido na área acadêmica há anos, pois já fui intérprete e tradutora aqui na UFSC e, com isso, parece que me apropriei, profissionalmente, desse contexto e gênero, suas terminologias. Por isso, ao deparar-me com um texto desse gênero, sinto-me confortável devido a essa proximidade com a área. Se eu receber um texto literário ou de outra área que não tenho tanta afinidade, isso incumbirá dificuldades. Acho que o tempo é uma dificuldade nessa tarefa em específico, pois devido a outros compromissos não estavam sendo possível agendarmos. Eu gostaria de ter feito uma melhor revisão e também eu não conheço bem o programa utilizado para a edição e tive que pedir ao funcionário para colocar legenda, créditos, título, ou ajustar a iluminação, enfim, alguns aspectos mais tecnológicos que poderiam ter sido aprimorados. A dificuldade linguística em relação ao texto, em termos a serem traduzidos e a relação entre a TAS5 e eu, não houve. Quando comecei a atuar como tradutora, há muito tempo, eu tinha receio em realizar omissões, seguia estritamente o texto fonte, relacionando palavras a sinais. Com o tempo fui percebendo que não era para se prender às palavras, mas as ideias eram o mais importante, o que o autor queria dizer com aquela mensagem. Com isso fui mantendo maior autonomia e menos dependência ao texto fonte e percebendo que quando há repetição de informações, por exemplo, seria possível suprimir esse trecho. A TAS5, não, está acostumada a seguir fixamente o texto, mas nos respeitamos e fomos alcançando um equilíbrio para conduzir o trabalho da melhor maneira possível, não havendo prejuízos para ambas.*

**3. Poder assistir sua tradução em vídeo e falar sobre ela (o porquê de suas escolhas, seu desempenho, etc.) por meio dos protocolos verbais (TAP's) foi uma experiência boa para você? Você considera que esse momento de parar para rever a tradução é importante para que o tradutor pense melhor sobre o resultado do seu trabalho, sobre suas escolhas e as motivações de suas decisões?**

**TAS1:** *Eu sou muito flexível, mas essa postura depende do tradutor. Eu interajo, compartilho ideias, mas há outras pessoas que são mais intransigentes e se acham os detentores da razão. O trabalho que desenvolvi em dupla foi tranquilo. Em relação à seleção de sinais e a*

*organização textual, é preciso conhecer primeiramente o texto em Português, no meu caso, por possuir certa experiência cultural e ser uma pessoa bilíngue com conhecimentos dessa língua. Caso não possuísse esse conhecimento, a todo momento precisaria recorrer a pessoas para conseguir suporte. Talvez, seja possível ajustar uma dupla em que um dos tradutores tenha bastante conhecimento do Português e mais dificuldade na Libras e o outro membro saiba medianamente o Português e maior proficiência na Libras. Assim, a dupla pode interagir e desenvolver um bom trabalho. Contudo, o ideal seria que ambos os tradutores possuam pleno domínio das duas línguas, facilitando o andamento e rapidez do trabalho. Caso haja conhecimento precário de algum deles em alguma das línguas, seria necessário convocar uma terceira pessoa para auxiliar, o que poderia comprometer o andamento do processo.*

**TAS2:** *Sim, é importante, pois no momento da preparação e depois com a gravação, inclusive, o TAs1 disse para sinalizar de modo imediato e completo. Eu não aprovei, pois prefiro organizar o texto em blocos e ir sinalizando aos poucos. Como ponto negativo em relação aos TAPs, a orientação era que fosse feita uma vez, ok, precisaria gravar tudo corretamente. Contudo, se fosse possível, após toda a gravação, assistir ao material produzido, daria para recortar e substituir eventuais trechos, permitindo maior qualidade na interpretação. Por isso, é melhor gravar por trechos para posterior recorte e substituição, se necessário.*

(a pesquisadora intervém, explicando que o TAP é o momento quem há o diálogo da dupla de tradutores com a pesquisadora. Ainda pergunta se percebeu ou encontrou algo no vídeo que lhe chamou a atenção.)

*Sim, esse momento é bom. Ao assistir ao vídeo finalizado, eu detectei algumas falhas, que seria possível corrigi-las ao gravar rapidamente esses trechos, devido a organização em blocos.*

**TAO3:** *Eu sei que há documentos e estratégias de estudo para conhecermos como se deu o processo da nossa tradução. Eu já havia explicado, mas a gravação não foi efetivada. Vou tentar lembrar. Eu não uso TAPs após as traduções, embora saiba que exista. Estou acostumado a desenvolver o processo em parceria com algum intérprete junto a mim em formato de feedback e apoio. Em cada parágrafo a ser traduzido, por exemplo, no primeiro bloco, algumas pessoas têm o costume prévio de treinar a sinalização, elaborar as glosas, etapa com maior demanda de tempo, e depois, para gravar, é mais rápido, ao seguir a preparação feita. Contudo, eu não gosto muito desse procedimento, pois ao seguir as glosas, parece que se culmina em uma sinalização robotizada, não possibilitando uma sequência prosódica. Desse modo, eu prefiro fragmentar o texto em blocos, estudar cada um deles com*

*um colega e, ao sinalizar, esse apoio vai avaliando se está bom ou não. Essa gravação sistemática em várias partes e, até mesmo repetitivas, podem ser chamadas de TAPs, uma vez que há uma interação com o colega de apoio quanto a reflexão do texto e a sua produção em língua de sinais. A revisão não é feita ao término da gravação de todo o texto, mas de forma processual, por partes. Ontem foi interessante, pois ao fim de todo o trabalho de sinalização, da edição e consolidação do produto textual entregue, no momento em que nós três conversamos e assistimos ao vídeo produzido, encontramos alguns itens que eu me lembro que houve discussões para tal a respeito das dificuldades, a tentativa de solucionar esses problemas.*

*(a pesquisadora interfere perguntando se foi usado gravação em áudio ontem)*

*Eu sei esse recurso, seria um TAP? Eu expliquei detalhadamente para você os passos de todo o processo, que são os TAPs, para compor a sua pesquisa, mas o nosso trabalho caminhou de maneira natural, um pouco mais enxuto e pontual. Entretanto, o espaço de discussão entre nós três foi válido, pois eu pude explicar e perceber que consigo memorizar bastante informações, mais do que se eu não houvesse os TAPs. Assim, pelo processo, consigo perceber o caminho percorrido.*

*(a pesquisadora comenta que o traduz disse não gostar de glosa e, então, preferir a estudar o parágrafo e treinar a sinalização. Todavia, o mesmo comenta que utilizou o áudio como um recuso na atividade.)*

*Sim. Eu li o parágrafo em Português normalmente com uma boa dicção (pronúncia) e entoação das palavras em voz alta e gravei em áudio. Isso facilita para que depois eu imprimo, na sinalização, prosódia semelhante. Assim, ao ouvir o áudio, sinalizava diversas vezes, seguindo o ritmo da minha voz.*

*(a pesquisadora pergunta se a sinalização já era de fato em Libras)*

*Sim. Realizava a transposição para a Libras diretamente. No entanto, em uma interpretação, a produção é imediata, por isso pode haver falhas. Na tradução, há a oportunidade de rever junto ao colega de apoio e corrigir eventuais equívocos. O referido áudio em Português é o mesmo, porém as versões para a Libras podem ser melhoradas.*

*(a pesquisadora aponta que a tradução possui um tempo maior para ser realizada e a interpretação é simultânea ao texto fonte)*

*Na interpretação, a alteração pode ser feita à medida que novas informações vão surgindo. O que havia se produzido, com falhas ou não, já se passaram, não há como corrigir. Na tradução com gravação, é possível repetir por várias vezes até alcançar um produto adequado.*

**TAO4:** *Interessante, eu lembro que estudei no curso Letras-Libras bacharelado a respeito dos TAPs. Sim, acho pertinente, após a realização da tradução e da etapa de revisão, o momento para tecer comentários sobre a tradução feita. Nesse caso eu fiz o papel de tradutora de apoio e nunca havia comentado a respeito da atuação nesse perfil, pois eu sempre fui a produtora dos discursos na tradução e, agora, tenho a oportunidade de ver esse processo por uma outra perspectiva. Na ocasião os comentários são para detalhar o processo, dizer sobre as escolhas e estratégias tradutórias realizadas.*

**TAS5:** *Às vezes, durante a sinalização, as pessoas se perdem e não sabem se já emitiram ou não determinado sinal que seja importante para o contexto, sendo a gravação um suporte para auxiliar na verificação. É relevante sempre estar acompanhando o vídeo para conferir, pois se deixar a gravação finalizar por completo e, apenas ao término detectar um eventual equívoco, será necessário gravar tudo novamente. Assim, é válido ir acompanhando por blocos se está tudo de acordo. O mesmo acontece com a escrita, se errar, apaga e refaz imediatamente.*

(a pesquisadora questiona se a tradutora gostou da experiência entre as três quanto aos comentários sobre a gravação)

*Sim, foi boa para evidenciar como realizamos o nosso trabalho, quanto ao o que fizemos, o que aconteceu.*

**TAO6:** *Sim, foi uma ótima experiência. Eu vi o vídeo e lembrei do que ocorreu, pois, às vezes, realizamos todas as etapas e, ao ver o produto, recordamos do que pode ter causado algum incômodo durante o processo. Esse feedback é importante. TAS5 e eu combinamos que seria melhor ela, por ser surda, gravar. Com o feedback eu acompanhava a sinalização dela, pedia para repetir, e, em algumas ocasiões, eu reproduzia para ela observar o que estava produzindo. Isso ocorre como no processo de tradução da Libras para o Português escrito, em que eu vejo o que eu estou expressando. No caso da sinalização, o emissor não tem essa possibilidade. Assim, a gravação junto a outra pessoa se torna relevante e, por mais que eu pense que esteja bom, não consigo acompanhar exatamente o que está sendo manifestado. Logo, o trabalho de duas pessoas ou mais é válido também para a revisão. Como eu havia dito antes, nós estávamos cansadas e gravamos primeiro o título “Literatura Libras”, não era “Literatura Surda” e*

*depois houve o momento da edição. Quando observei o vídeo, percebi no título, algo que, até então, nós duas não tínhamos nos atentados. Ela sinalizou eu estava como apoio, mas, naquela ocasião, não percebemos. Por isso todas as essas etapas, obviamente, são importantes. Após o término da gravação da tradução, acompanhado o vídeo produzido e consentido com tal, ao passar-se anos, acessando esse material novamente, deparamos com algo que não gostamos. Parece que isso acontece por conta da maturidade que vamos adquirindo, mas é bom ver o processo. É como eu havia dito anteriormente, por conta da modalidade oral da Libras, não conseguimos ver o que foi sinalizado. Portanto, é importante assistir várias vezes à gravação.*

**4. Quais são as (os) habilidades e conhecimentos que você considera indispensáveis para que algum possa traduzir do português escrito para a Libras em vídeo, nesse caso um resumo acadêmico?**

**TAS1:** *Enquanto habilidades, penso que é preciso (i) boa aparência, (ii) apresentação quanto a vestimenta, pele e cabelo, para que fique claro, (iii) um ritmo de sinalização natural e apropriado, não sendo truncado, (iv) sinalização clara com uso adequado das configurações de mão e das marcações espaciais, (v) conhecimento quanto ao direcionamento e marcação coesiva e sintática durante a sinalização, de modo que não seja algo mecanizado e nem descompassado. Este item é o principal deles, bastante necessário, assim como todos os outros citados. O conhecimento linguístico do Português e da Libras também são importantes. Esses pontos seriam a base para o trabalho.*

**TAS2:** *É importante, agregada a competência tradutória, o fato de ser bilíngue. Segue o que a Hurtado já apresentou como cinco competências. Ainda, saber como resolver os problemas, por exemplo, realizando buscas na internet por sinais, também contatar amigos e sanar dúvidas com eles, pessoas que conheçam a área em questão, precisando, novamente, resolver os problemas. Ainda, necessita saber manusear bem os aparatos tecnológicos como internet, estratégias de gravação em si, saber em como proceder quanto ao tempo, por exemplo. Quando eu comecei a trabalhar com tradução foi bastante exaustivo, pois gravando o conteúdo direto ou mesmo em bloco, mas não tinha uma delimitação exata dos fragmentos para a edição. Penso*

*que, ao longo do tempo, essas habilidades vão crescendo e melhorando e, com isso, é possível realizar as atividades de tradução mais rápido.*

*(a pesquisadora questiona como seria a aparência, a vestimenta)*

*Penso que é importante sempre utilizar vestimenta preta, obviamente. Também não é preciso usar acessórios ou algo do gênero em exagero como brincos grandes, maquiagem forte, dentre outros. Estar apresentável de maneira comum, cabelo preso, camisa preta.*

**TAO3:** *Competência tradutória, em saber como transpor as informações de uma língua a outra. É difícil mensurar um equilíbrio nessa transposição, para que não seja excessiva e nem insuficiente. Por exemplo, João Gabriel<sup>46</sup> e eu já trabalhamos juntos em outra tradução e ele me orientou quanto a isso. Eu pensava que seria necessário apresentar um produto extremamente adaptado, aproximando-se de uma pureza da língua de sinais. Por outro lado, a sinalização dele seguia o texto em Português, o que era reflexo da inserção dos surdos em meio à comunidade ouvinte e isso influenciaria de alguma forma, sobretudo em textos acadêmicos, como é o resumo traduzido nessa tarefa. Por vezes eu tenho vontade de fazer uma releitura e afastar-me do texto fonte. Na atividade de ontem a TAO4 me corrigiu quanto a isso, pois eu adicionava muitas informações. Na graduação em Letras-Libras aqui, em um viés acadêmico, estudei a maneira de equilibrar as ações durante a tradução no tocante a um maior acompanhamento para o público fonte ou alvo, como aborda Lawrence Venuti. Outra competência importante é a linguística quanto a fluência nas línguas, mas essa competência não é, necessariamente, relevante, pois uma pessoa que não seja sinalizante, mas seja um ator profissional, por exemplo, pode incorporar e treinar a sinalização. No entanto, se o indivíduo possui essa competência, linguística, o trabalho desenvolve mais rapidamente. O problema do andamento das atividades é o tempo em que elas são realizadas.*

*(a pesquisadora menciona a possibilidade de uma dupla e tradutores surdos sendo que um deles cursou uma faculdade e o outro não, o que pode refletir nas distintas experiências)*

*Também acontece com pessoas ouvintes. Eu trabalho com vários que possuem menos prática que eu. Desde 2012 já atuo com tradução e outros estão começando agora. Então, eu apoio, pois quero que a equipe de tradutores cresça, já que a maioria é intérprete. Percebo que o meu trabalho é finalizado com maior rapidez, enquanto as pessoas demoram mais e, então, eu dou o suporte a eles. Assim, a competência linguística é importante para facilitar a execução das atividades com maior rapidez. A terceira competência importante é a referencial, que envolve*

---

<sup>46</sup> O tradutor surdo João Gabriel Duarte Ferreira, doutorando na Pós-Graduação dos Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

*o conhecimento da área em que irá atuar. O resumo que você forneceu era uma temática fácil para mim que, ao ler, entendi claramente. Caso fosse um outro texto eu poderia ter dificuldades, sendo necessário pesquisar os termos desconhecidos, diferentemente dos Estados Unidos. Lá eles possuem uma avaliação, semelhante ao PROLIBRAS, que engloba as competências tradutória, linguística e referencial. No Brasil, o exame PROLIBRAS buscava aferir apenas o conhecimento em língua de sinais sem uma relação direta com área específica. Nos Estados Unidos, não. São segmentados por áreas como a médica, jurídica. A sigla dessa avaliação anual é RID. Aqui não temos um exame dessa natureza, inclusive, o PROLIBRAS foi extinto.*

*(a pesquisadora pergunta se o tradutor fez alguma busca na internet sobre o resumo ao lê-lo) Pouco. Só pesquisei o sinal de ANTROPOMORFISMO, o conceito eu já conheço, mas um sinal específico, não. Depois, no momento em que nós três conversamos no TAPs, você perguntou se sabíamos esse sinal e você o representou. O sinal seria esse mesmo? Durante o nosso diálogo, resgatei em minha memória o sinal que uma pessoa já havia sinalizado em uma conversa, mas eu não lembrava. Para a tradução, TAO4 e eu convenciamos ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO.*

*(a pesquisadora disse que já viu a professora Rachel e outra pessoa sinalizar como INCORPORAÇÃO.)*

*Fiquei em dúvida se utilizei a configuração de mão errada. Enfim, outro sinal que tive dificuldade também é sobre autores. A sorte é que todos conhecem e eu pude perguntar o sinal em um grupo de Whatsapp e recebi várias respostas.*

**TAO4:** *Eu compactuo com a Hurtado Albir quanto as três principais competências, sendo (i) a tradutória, na qual abarca os procedimentos para a realização de uma tradução, (ii) a linguística, englobando o conhecimento sintático das duas línguas, nesse caso, a Libras e o Português, e (iii) a referencial, envolvendo o conhecimento da área em questão. Por exemplo, se houver dois gêneros textuais distintos como poesia e o acadêmico, o tradutor precisa saber dimensionar essas competências, como a postura corporal, já que a poesia permite maior movimentação, enquanto o acadêmico é mais formal e monótono, evitando a distorção entre eles. Eu creio que uma quarta competência também é importante, denominada técnica, pois, durante uma gravação, o tradutor necessita saber dimensionar o enquadramento, seja*

*aproximando ou distanciando, a iluminação, o foco da câmera, a edição do vídeo, mesmo que possa haver profissionais para essa função como há aqui na UFSC. Nesse quesito, edição, deixo muito a desejar, só sei manipular o programa Movie Maker. O TAO3 sabe manusear com bastante qualidade as edições por meio do Adobe. Assim, penso que, além das três competências citadas por Albir, a técnica, que reporta à gravação e edição de vídeos, também seria importante. A competência tradutória seria o procedimento da tradução, evitando o uso de Português sinalizado e sendo fiel às línguas, a competência linguística seria o conhecimento sintático do Português e da Libras e a competência referencial o conhecimento a respeito do texto a ser traduzido. Por exemplo, se o resumo se tratar da área da matemática e eu não conhecer a respeito, demandará mais tempo, por precisar pesquisar na internet os conceitos, as terminologias. Se for um texto sobre literatura infantil, pelo meu costume, seria muito mais rápido.*

*(a pesquisadora intervém perguntando sobre a aparência, a vestimenta preta)*

*O uso da roupa preta, sim. Esse item estaria inserido na competência técnica, como prender o cabelo, o uso de acessórios, maquiagem. Se for um gênero acadêmico, é mais formal, enquanto a poesia para crianças permite o uso de mais cores. Assim, devido a cor da pele, no caso de pessoas negras, camisa preta não é recomendado, sendo melhor vestir uma camisa com outra cor para contraste.*

**TAS5:** *No caso de habilidades e conhecimentos, é importante que se tenha (i) fluência, (ii) saber a estrutura específica da Libras, (iii) conhecer o texto, (iv) evitar a dependência excessiva ao texto para não produzir uma versão em Português sinalizado, o que não se configura como tradução, (v) ser um agente capaz de levar claramente a mensagem. Se uma pessoa ler um texto e sentir muita dificuldade de entendimento, ela desiste. O mesmo ocorre com o vídeo. Por isso é importante que ele esteja o mais claro possível para favorecer a compreensão do público. Não adianta, portanto, produzir algo que seja muito difícil o entendimento.*

**TAO6:** *Penso que a principal base para o desenvolvimento do trabalho é o fato de serem bilíngues fluentes. Conhecerem bem as duas línguas e suas estruturas. Todavia, apenas competência linguística não é suficiente, necessita conhecer como é o processo de tradução, quais estratégias utilizar, entender que omissões não são sinônimos de algo negativo, são escolhas tradutórias. Caso surja algum problema de tradução, a minha solução seria a omissão consciente, por exemplo, em situações que as informações estão repetitivas e não haveria prejuízo ao texto. E como eu saberia que tal atitude não comprometeria o significado? Por*

*meio de experiências, conhecimentos teóricos sobre tradução, sobre linguística, obviamente. Tais conhecimentos alinhados diretamente à prática. Ainda, conhecimentos metodológicos em como fazer a tradução. Por exemplo, você nos encaminhou uma tarefa que tínhamos que gravar a tradução. Logo, precisaríamos de conhecimento tecnológico e técnico. Eu sei manusear a câmera que iria registrar a gravação em Libras. Esse registro é permitido pela tecnologia. A pessoa precisa saber manipular esses instrumentos e não ficar dependente de funcionários para filmagens e edições. Certamente não são procedimentos de extrema qualidade, como algum profissional que curse faculdade de cinema e apreenda conhecimentos específicos da área, porém preciso saber o mínimo para efetuar meu trabalho. Nesse sentido, seriam os conhecimentos linguísticos, de tradução, de metodologia para a tradução, os passos para lidar com os dispositivos tecnológicos.*

**5. Você está mais acostumado a trabalhar sozinho ou em equipe? Qual considera melhor?  
Por quê?**

*TAS1: Sim, foi uma ótima experiência o trabalho em equipe. Bem tranquilo em que ambos tinham opiniões contundentes. Eu gosto de trabalhar em equipe, seja um, seja dois, seja três, seja quatro membros, pois existe a possibilidade do compartilhamento. Já o trabalho sozinho eu gosto de realizar de maneira individual, no momento da leitura do texto, da preparação para a sinalização, a gravação dessa e posterior revisão e correção, o que leva mais tempo. A atuação em equipe há uma rapidez e segurança maior, devido a integração entre os componentes. Comparando o trabalho sozinho e em equipe, prefiro em equipe.*

*TAS2: Na verdade, ao longo desse tempo, estou mais habituado a trabalhar sozinho. Sempre digo que é melhor trabalhar em equipe com duas ou três pessoas, mas a maior parte dos contratantes dizem que é caro, só pagariam um tradutor. Por isso, acostumei-me assim, trabalhando sozinho. Contudo, às vezes, após eu realizar meu trabalho individualmente, mostro a algumas pessoas e pergunto a elas se está bom ou não. Prefiro trabalhar em equipe, seja com surdos, seja com ouvintes, na qual o principal critério é que todos saibam as duas línguas, o Português e a língua de sinais. Em certas ocasiões é bom trabalhar com ouvintes, pois cada um pode ter uma compreensão diferenciada do texto e assim, perguntar aos ouvintes*

*se o meu entendimento está compatível ou não e interagirmos. Por exemplo, obras literárias amplamente conhecidas como Harry Potter possui uma equipe de tradução. Seria impossível desenvolver um trabalho dessa natureza sozinho.*

**TAO3:** *Eu expliquei anteriormente que o trabalho em equipe é difícil, mas é melhor. Já me ocorreu trabalhar sozinho e depois algumas pessoas avaliaram dizendo que estava ótimo, mas com algumas ressalvas. Sempre há falhas que são identificadas, mesmo se o trabalho for realizado em equipe, porém, nesse formato, essas falhas tendem a ser em menor quantidade, sobretudo se este grupo for composto por tradutores surdos. A pouco tempo eu comecei a trabalhar em equipe com tradutores surdos, como o João Gabriel, dentre outros, e quero continuar. Sempre que há uma atuação nesse formato, eu os chamo, pois trazem maior segurança a mim e eu posso ajuda-los a se habituar cada vez mais com a área e consolidá-la. Às vezes as pessoas dizem que eu cometi determinada falha, pois não tive contato com surdos. No entanto, como criar esse contato sistemático? Eu tenho minha vida, família, outros compromissos, assim como os surdos também. Obviamente, há períodos em que estou envolvido com a comunidade surda, mas no trabalho, tendo a oportunidade de trabalhar com tradutores surdos, é ótimo, pois eles podem me dar esse retorno, feedback. Na minha opinião, a equipe de tradutores precisaria de três membros, dois ouvintes para também avaliar a sinalização, sobretudo em relação ao conteúdo do texto fonte transposto para a Libras, já que os ouvintes conseguem acompanhar o áudio gravado, por exemplo. O tradutor surdo é importante também para acompanhar a sinalização, não o conteúdo em si, mas as nuances da língua de sinais, a prosódia, a sintaxe. Cada um dos tradutores estaria imbuído de papéis diferentes no trabalho.*

(a pesquisadora pergunta como foi o procedimento de ontem com a TAO4)

*Nós dois somos ouvintes, sabemos Libras, mas faltou um surdo para acompanhar e aprovar ou não a sinalização e comentar a respeito. Devido a nossa experiência, temos suposições, mas não plena certeza como os surdos. Por isso penso que o apoio do tradutor surdo é essencial.*

**TAO4:** *Estou acostumada a trabalhar em equipe, mas não com muitos membros, cerca de dois, uma dupla. Tenho uma pessoa que sempre trabalha comigo e, mesmo que não possa trabalhar, peço a ela que me ajude. Penso que assim é melhor do que trabalhar sozinho, pois permite uma outra perspectiva e apoio, principalmente no enquadramento no momento das gravações, e também, que saiba Libras para dar um feedback quanto a sinalização como configurações de mão. É melhor o trabalho em dupla, pois logo se tem o retorno do apoio. Se o tradutor sair do*

*local delimitado para a gravação para conferir a câmera, por exemplo, o foco será alterado. Além disso, o apoio é bom para observar a sinalização, se houve esquecimento de algum sinal. Caso contrário, esse fato pode ser constatado apenas na finalização do vídeo, o que implicará em nova gravação na íntegra. Assim, o tradutor de apoio é importante. Depende do tipo de câmera que dê para se ver também.*

**TAS5:** *Estou acostumada a trabalhar em dupla, sendo eu e uma pessoa como apoio linguístico, como a TAO6 atuou. Por vezes pode surgir alguma dúvida em relação ao entendimento do texto e, assim, a interação é importante. No momento da gravação, a pessoa como apoio vai realizando a revisão e percebendo se a mensagem está sendo clara ou não. Caso não esteja, se precisar, retornar ao estudo do texto e à discussão sobre o mesmo. Não é sempre necessário proceder assim, pois anterior à gravação, já houve o momento de estudo do texto. Eu já tentei trabalhar sozinha, por ser uma demanda de trabalho urgente e um prazo estipulado, não havendo outras pessoas disponíveis. Então, eu gravei sozinha, encaminhei o material à revisão e ficou bom, pois havia poucas falhas, uma vez que eu estudei o conteúdo e a cada gravação dos blocos, revia a sinalização. O processo em dupla é semelhante a esse, porém é mais rápido do que sozinha.*

**TAO6:** *Eu estou mais habituada a trabalhar sozinha. Atuar em uma equipe grande, composta por vários membros, com mais de três, eu não tenho essa experiência. Aliás, tenho, mas não funciona, não foi produtivo. Ocorreu em um trabalho de revisão, e que a pessoa surda redigiu em Português, sua segunda língua, e eu revisei uma parte, pois eu iria viajar em férias, e depois outros membros foram revisando por fragmentos também. Enfim, o resultado final não foi satisfatório, pois parece que cada um tem à sua maneira de escrever e o trabalho não foi realizado pela equipe coesa, ao mesmo tempo. Na tradução do Português escrito para a Libras o máximo de pessoas como equipe que já trabalhei foram três. Obviamente, o trabalho em equipe é melhor, pois é possível maior interação, mais segurança. Meu trabalho com a TAS5 foi bom, mas eu sei que não poderia perguntar a um terceiro, apenas mensagens do whatsapp já que ambas não sabíamos determinado sinal e, então, tentamos buscar com outras pessoas. Sabemos que pessoas externas não compõem a equipe de tradução, mas é importante poder contatar outras pessoas.*

(a pesquisadora questiona se foi bom o trabalho de apoio entre as tradutoras)

*Sim, pois uma podia complementar e clarear as ideias da outra, acompanhando no texto também. Trabalhando sozinha, temos apenas uma impressão e achamos que está bom. Eu também trabalho como intérprete em contextos artísticos no teatro e, às vezes, eu preciso usar classificadores, expressões não-manuais mais intensas e eu pergunto ao meu esposo surdo como produzir. Ele mostra de maneira natural e imediata algo que, a princípio, parece simples. Digo que ele é meu consultor, pois trabalhamos bem juntos. Há situações também em que ele está escrevendo algo, me mostra e eu digo que não é “de”, e sim “do”, algo simples. Isso ocorre por possuímos maior segurança e conforto em nossas primeiras línguas. Novamente, é melhor trabalhar em equipe.*

**6. Como foi para você essa experiência de realizar uma tradução em dupla do português para a Libras? Como vocês se organizaram durante a tarefa, tomaram as decisões sobre como traduzir, etc.? Houve alguma divisão de tarefas? Como ela foi feita?**

**TAS1:** *Primeiramente, eu nunca leio o texto em Português e, imediatamente, sinalizo. Ninguém faz assim. Pela minha experiência, o primeiro passo é ler o texto em Português, entender o que ele quer dizer. Posteriormente, organizá-lo em trechos fragmentados e resumir cada um deles. Feito isso, estruturar e reorganizar a ordem do texto, agora em Libras, fixo aos fragmentos predefinidos anteriormente. Em seguida, dispor o texto iniciando a etapa de seleção, substituição e supressão de palavras que eventualmente possa ocorrer, por meio das glosas. Por exemplo, acrescentar “+++” como significado para o sinal PRODUÇÃO e a quantidade de vezes que surge naquele momento, três vezes, no caso. A palavra “muito” ser substituída pelo sinal NOSSA! com expressão de intensidade. Essas siglas para a notação em glosas auxiliam nesse processo. Adiante, com o texto a ser traduzido já estruturado, eu gravo a sinalização e outra pessoa atua como revisor/avaliador. Um problema é que aqui não tem o teleprompter, que pode auxiliar nessa etapa. Então, eu prefiro que alguém sinalize o que está no texto e eu reproduzo como espelho. Em suma, esses foram os passos para a efetuar a tradução. Sim, depois há a edição do material.*

**TAS2:** *Conforme eu mencionei antes, TASI e eu nunca havíamos trabalhado juntos. Inicialmente, nós combinamos que cada um leria o texto, faria eventuais anotações a respeito. Nós temos a mesma consciência, seria uma espécie de metodologia semelhante de trabalho, ao fragmentar o texto em blocos e, posteriormente, fazer alterações entre os trechos, articular os*

*possíveis sinais a serem usados. Foi uma coincidência possuímos os mesmos ritos de trabalho. Também discutimos qual seria a melhor sequência nessa alteração dos trechos, por meio do notebook, ao sinalizar, o que seria mais compatível ou não. Não houve qualquer tipo de conflito durante a tarefa, transcorrendo tudo muito bem.*

*(a pesquisadora questiona sobre o que ocorreu depois)*

*Ah, sim. No momento da gravação, eu não sabia como era a dinâmica e o jeito do TASI para gravar, se era o texto no teleprompter, uso de glosas ou feedback. Eu estou acostumado a memorizar o texto. Ele, então, começou a sinalizar lendo o texto, mas não estava sendo um procedimento bom e eu percebi menos expressões, menos uso de classificadores, menos movimentação e marcação espacial. Diante da situação, perguntei a ele se queria o molde espelho (feedback), e aceitou. Assim, todo o trabalho foi conduzido dessa forma. Posteriormente, às vezes, eu corrigia, pedia para refazer. Quando finalizou, eu fiz a edição rapidamente. E, dessa forma o material produzido foi entregue.*

**TAO3:** *Naturalmente eu assumi a função de sinalizante e ela de apoio, pois nós já nos conhecemos e trabalhamos juntos. Devido a minha prática, desenvolvo o trabalho mais rápido e ela é ótima para dar o suporte. A meu ver, ela apresentou uma evolução rápida e notória na Libras. Apesar de sermos colegas na época da graduação e ela ter formado realmente, produzindo o TCC, algo que eu não fiz, por isso ainda não formei, atualmente ela está mais consciente. Isso contribui para o nosso trabalho, pois a TAO4 acrescenta orientações teóricas. Não houve qualquer divisão de funções na tarefa de tradução, ocorreu de modo natural, sendo eu quem iria sinalizar e ela o apoio. Inicialmente, ao receber o texto, começamos a ler e a fazer anotações e marcações no texto, as comparamos, pesquisamos os sinais referentes às palavras identificadas e convencionamos sinais para ANTROPOMORFISMO, Betty Lopes. Por exemplo, o sinal TRADICIONAL, a princípio não era um problema de tradução, pois já conhecíamos o termo. Entretanto, no momento da sinalização dos blocos, acho que por volta do quarto ou quinto, percebemos que, diante do contexto, seria uma questão a se pensar quanto a esse sinal.*

*(a pesquisadora comenta que o tradutor não quis treinar antes a sinalização. Já preferiu gravação direto)*

*A TAO4 falou isso? Ela já conhece o meu procedimento de trabalho. Ela se espantou com a minha atitude?*

(a pesquisadora diz que a TAO4 pensou que o colega iria ler o texto e depois treinar a sinalização durante a gravação)

*Eu acho que ela já conhece minha maneira de trabalhar. Às vezes foi você quem influenciou ao perguntar detalhes e ela ficou sem saber como responder e, pela expressão, você tirou essas conclusões.*

(a pesquisadora comenta que a TAO4 quem disse que ocorreu assim nas etapas do processo de tradução)

*Ela já sabe o meu jeito de conduzir o trabalho. Na verdade, nós já trabalhamos juntos em tarefas de tradução de materiais vocais para a Libras e não do escrito para a Libras.*

(a pesquisadora questiona se após a tradução houve a edição do vídeo)

*Lemos o texto, realizamos a extração terminológica referente a dois itens que possuíam dificuldade para nós. Então, pesquisamos, encontramos e convenciamos sinais. Segmentamos o texto e o título e começamos a gravar. Já posicionado no local de gravação, treinei um pouco a sinalização, fui gravando e sempre que não estava tão bom, ela apontava até finalizar a gravação adequada para o trecho em questão. Feito a tradução do título, então, focamos no primeiro parágrafo e assim sucessivamente, sem se preocupar com os blocos anteriores, mantendo a mente o mais leve possível. Essa é a minha forma de trabalho. Finalizada a gravação de todos os trechos, eu fiz a edição do material, por já ter essa prática e costume. A câmera de gravação estava um tanto quanto longe. Assim, na edição, aproximei um pouco a imagem e conduzi uma estruturação e padronização vermelha no enquadramento do vídeo. Posteriormente, assistimos ao vídeo e estava tudo correto. Essa última verificação avaliativa do vídeo foi apenas um adicional, pois antes, durante as gravações, já havíamos estabelecido esse crivo.*

**TAO4:** *Gosto mais de trabalhar em dupla. Geralmente sou eu quem assume a sinalização dos vídeos e, por isso, não atuo como apoio. Por isso essa experiência, como apoio, em outra perspectiva, foi boa, além de trabalhar com o TAO3, que possui bastante experiência profissional e ótima qualidade nas traduções. Durante o trabalho, nós não definimos qual papel cada um assumiria, necessariamente, foi algo que fluiu naturalmente. Lemos o texto e, ao término, de prontidão, ele já se dispôs a gravar. Então, atuei como tradutora de apoio e foi bom.*

(a pesquisadora pergunta como foi o processo da tradução)

*Primeiramente, recebemos o texto e ambos começamos a lê-lo individualmente. Feito assim, com uma caneta, marcamos termos no texto que seriam problemáticos ou que não conhecíamos o sinal. Então, discutimos a respeito dos conceitos em questão, convenciamos algum sinal e ele começou a treinar a sinalização já posicionado no local de gravação. Para atuar como apoio, dirigi-me à frente da câmera. Por fim, houve a edição do vídeo, na qual o próprio TAO3 assumiu, e assistimos ao material finalizado. Nesse momento o TAO3 leu o texto em voz alta e eu, ao ouvir, fui acompanhando a sinalização para avaliar também o ritmo e a simultaneidade das ideias, a fim de identificar se havia algum aspecto a ser alterado.*

**TAS5:** *A TAO6 e eu já temos experiência em trabalharmos juntas. Normalmente, eu recebo o texto com antecedência e preparo, individualmente, em casa, ou em outro momento, a glosa. No dia em que será realizada a gravação, eu encontro, um pouco antes, a pessoa que será minha parceira, para conversarmos a respeito do texto e das glosas também. Feito isso, começo a gravar. Nesse momento, durante a sinalização, a parceira vai acompanhando e se não estiver entendendo a sinalização, nós reorganizamos o material e gravo novamente. A pessoa que assume o apoio linguístico, irá interagir comigo após a elaboração das glosas, pois, primeiramente eu preciso fazer a minha preparação, a partir do meu estudo e do meu modo de sinalizar, para, então, o apoio visualizar se ficou bom ou não. Nessa fase é que poderá auxiliarme quanto aos sinais que seriam melhor empregados ou não e corrigir. Não tenho o hábito de sentar com a pessoa e construir juntas a sinalização, pois cada uma possui sua maneira de sinalizar. Por isso, preparo individualmente e depois a pessoa como apoio faz a avaliação.*

(a pesquisadora questiona sobre o momento de atuação da dupla)

*Então, foi da mesma forma. Primeiramente eu preparei o material com as glosas e, em seguida, mostrei a ela e fomos revisando e alterando juntas. Depois fui filmar. Esse momento de revisão anterior à gravação é para que haja menos intervenções possíveis durante a filmagem. Às vezes eu mesma percebo alguma falha ou esquecimento na sinalização ou ela também. Após a gravação, foi feita a edição. Eu não sou responsável por essa parte. Sempre eu gravo e depois vou embora, assim como a minha parceira de apoio. Outra pessoa ou equipe tem a função de editar o material. Isso dependerá também de qual o tipo de trabalho. A Natália também não ficou imbuída de segurar a câmera para a gravação. Na verdade, eu trabalho mais na tradução*

*de editais, sendo a equipe composta por quatro pessoas, eu, a sinalizante, outra como apoio linguístico, um responsável pela câmera e edição e outro pela revisão.*

*(a pesquisadora pergunta se o apoio controla o vídeo a ser traduzido)*

*Não, o profissional da câmera é quem faz isso. A pessoa como apoio linguístico só fica olhando a minha sinalização. Ao término da gravação, o apoio olha o vídeo sinalizado completo e pode detectar alguma falha ou não. Finalizado, o material é encaminhado a um revisor, pois a apoio e eu temos a mesma visão do texto. Uma terceira pessoa pode ter outra perspectiva e apontar o que estava equivocado ou ausente na sinalização. Isso é muito bom, pois são comentários de pontos que até então não tínhamos percebido. Assim, a partir desses apontamentos, gravamos novamente. Esse procedimento é para editais, por ser rigoroso. Na tarefa aqui requerida, não há equipe nesse formato e a edição é feita por outra pessoa, pois desconheço os programas a serem utilizados.*

**TAO6:** *Essa experiência foi boa e positiva. Nós duas já trabalhamos juntas em outras ocasiões e, intuitivamente, devido a experiência que ela possui na sinalização de editais, é quem gravaria a tradução dessa tarefa, por ser surda e possuir a Libras como primeira língua. Se não houvesse outra pessoa, aí sim, eu sinalizaria, por ser ouvinte fluente em Libras. Contudo, se há um surdo ao menos na equipe de tradutores, é importante que ele assuma esse papel. Não houve uma delimitação exata do que cada uma iria fazer no trabalho. Ela começou a ler o texto geral e eu também, cada uma da sua maneira, fomos marcando palavras e partes no texto. Eu li primeiro e montei um mapa, que me auxilia na organização e sistematização das ideias do texto. O desenho também contribui para que eu evite seguir estritamente as sentenças em Português, fugindo assim da estrutura e conteúdo das palavras, mas isso é um procedimento meu, quem olha não entende. A TAS5 então pensou em elaborar as glosas. Após essa etapa de preparação, começamos a discutir o texto e, depois, de maneira natural, sem qualquer definição pré-estabelecida, como a gravação, por exemplo. Eu só perguntei, como uma confirmação, se ela iria gravar, pois, a partir de outros trabalhos, ela sempre adotou esse papel e eu atuei como apoio. É melhor assim, pois nos sentimos mais segura e, por ser surda, a Libras é a primeira língua dela.*

*(a pesquisadora pergunta o que foi feito após a gravação)*

*Eu fui para acompanhar a edição, pois eles perguntaram se nós sabíamos. A TAS5 disse que não sabe. Eu sei um pouco e fui participar desse momento. Depois a TAS5 veio e, no vídeo, fomos fazendo a revisão do material e, por detectarmos algo, ela gravou de novo. Por termos trabalhados juntas na tradução de editais em outras oportunidades, já temos um ritmo próprio.*

*Por exemplo, a TAS5 sinalizando e eu atrás da câmera acompanhando e percebi que ela se atrapalhou um pouco e, imediatamente, após o término ela olhou para mim para saber se deu certo e eu disse que não, precisando regravar. Por isso eu digo que já temos essa afinidade, nosso ritmo.*

(a pesquisadora comenta a importância em os tradutores saberem editar)

*Sim, eu sei, mas o programa utilizado aqui não é fácil. Eu sei porque o funcionário daqui me ensinou na época em que trabalhei na UFSC e também o Rodrigo (esposo) já me ensinou em casa. Por exemplo, eu não sei salvar o arquivo, e peço ajuda a ele. Todavia, ao término dessa tarefa, editei o material e o salvei.*

**7. Sabemos que esse tipo tem tradução que vocês fizeram tem sido definido como uma tradução intermodal Português Escrito-Libras. Como você descreveria esse processo de tradução? (O que ele tem de diferente dos demais tipos de tradução que você conhece, por exemplo, da tradução entre dois textos escritos)?**

**TAS1:** *O termo intermodal, de modo geral, se refere a uma tradução de alguma coisa à outra que são iguais e possuem uma equivalência. A alteração seria na questão cultural das línguas envolvidas. Por exemplo, na tradução de Sinais Internacionais para a Libras há equivalência de termos, mas uma distinção a pontos culturais relacionada ao público e à língua. Assim, tendo a Libras como língua alvo, o tradutor tende a exercer uma sinalização mais próxima ao entendimento desse público. Às vezes, pode-se optar por um outro sinal, mesmo havendo equivalência. É como acontece com textos em Inglês escrito ao serem traduzidos para o Português escrito. Esse processo não se limita a equivalência de termos, mas o atributo cultural precisa ser considerado. Um bom tradutor necessita estar munido de indícios bilíngues e culturais. A cultura é algo importante que permite o trânsito entre os textos, mantendo a sua equivalência de sentidos. Isso é imprescindível que o tradutor saiba.*

(Após a intervenção da pesquisadora)

*Sim, escrito, é isso o que eu disse. O texto escrito ser traduzido a Libras, ou vice-versa. Para mim, independente da direção e da modalidade, é importante manter a equivalência, pelos aspectos bilíngues e culturais.*

**TAS2:** *A minha pesquisa de mestrado é referente a essa questão. Eu posso responder mesmo assim?*

(pesquisadora diz que a questão é sobre tradução intermodal, enquanto a pesquisa do tradutor é intramodal).

*Bem, a minha pesquisa de mestrado é um pouco parecida com essa questão e se baseia, especificamente, no processo dos tipos de tradução e também de interpretação. A tradução do Português escrito para Libras ou vice-versa é chamada intermodal, pois as modalidades e as línguas são diferentes. A Libras é uma língua visual-espacial e o texto está em uma língua oral-auditiva, mas em modalidade escrita. Se houver um processo de tradução de Libras para outra língua de sinais é um processo intramodal, pois são da mesma modalidade. Se for de Libras para Libras, continua sendo intramodal, porém intralingual, enquanto de Libras para ASL, além de intramodal é interlingual. Tradução do Português para a Libras é um processo intermodal e interlingual, uma vez que são línguas e modalidades distintas. Existe uma teoria referente ao Português oral ou Libras. Não, veja bem, por exemplo, a tradução do Português oral para o Português escrito também é uma diferença de modalidade. Assim, de modo superficial, o Português apresenta duas modalidades diferentes, a oralidade e a escrita. No caso da Libras acontece o mesmo. Se houver uma tradução do signwriting para o Português escrito é um processo intermodal, devido as dissemelhantes modalidades e línguas. Isso é um pouco confuso, mas dialoga com uma teoria.*

**TAO3:** *É a transposição de uma língua visual, com característica simultânea, para uma vocal, que possui um viés sequencial. Isso porque a língua de sinais faz uso do espaço, em que pode ser feita construções como uma pessoa subindo em uma árvore ou um veículo batendo e se amassando na mesma, enfim. Toda essa estrutura pode ser empregada em uma única imagem como classificadores também. A visualidade permite a inserção de muitas informações e ações conectadas ao mesmo tempo, constituindo um único sinal, imagem, por exemplo. Em Português a fala é sequencial, na qual uma palavra é emitida após a outra, em formato linear, não se erguendo por imagens, mas por sentenças sequenciais.*

(a pesquisadora pergunta ao tradutor se ele acha que a tradução da vocalização para a Libras seria um processo intramodal, já que a intermodalidade envolve alguma das línguas escrita)

*Existe a questão do oral, verbal, escrita que tem uma definição. A minha percepção é que a intermodalidade está ligada à modalidade das línguas como o Português que é vocal-auditivo e a Libras gestual-visual. Retomado a ideia de oral e escrita verbal, a língua de sinais não teria o verbal, pois é escrito. Existe o signwriting, mas não é muito difundido e as pessoas não*

*conhecem. Eu gosto bastante dessa escrita, mas a maioria das pessoas não o conhecem, infelizmente. Contudo, a língua de sinais permite ser gravada, mas, na minha opinião, não há como comparar a Libras em vídeo com texto e Português escrito. Esse texto escrito pode ser equiparado ao signwriting, enquanto a Libras em vídeo à mensagem em áudio. Esse áudio apresenta um formato oral, igual ocorre com a interpretação simultânea e, por conta do registro, pode ser refeito quantas vezes for necessário, assim como a Libras em vídeo. Por isso penso que a comparação a ser feita é entre o áudio e vídeo, e o texto escrito e o signwriting. Há uma diferença, pois o texto escrito não possui expressões e a Libras em vídeo, sim.*

(a pesquisadora interpela se o tradutor sabe que a intermodalidade é a diferença entre modalidade e a intramodalidade a mesma modalidade.)

*Sim. Por exemplo, traduzir da ASL para a Libras, Português para o Inglês.*

(a pesquisadora comenta que isso seria intramodalidade)

*Sim. No caso dessa questão 8, em como cotejar o processo entre línguas vocais, entre línguas vocais e de sinais, eu não tenho experiência em atuação intramodal de línguas vocais. Por isso não tenho base para comparar os processos. A intermodalidade eu sei, já que é a minha área de atuação. Acho que a intramodalidade existe há muitos anos, desde Roma, Egito, já existia intérpretes, talvez não tradutores. O processo intermodal com línguas de sinais faz pouco tempo, ainda está engatinhando. Assim, se torna difícil estabelecer analogia entre esses processos. Sempre há tendências nos estudos linguísticos a equiparar a língua de sinais com Português, porém o Português já possui muitos anos de registro e documentação enquanto a língua de sinais é recente e a sua documentação em vídeos está se iniciando, com o Youtube.*

(a pesquisadora comenta que as línguas de sinais já existem há muitos anos, porém não há registros)

*Sim, é isso. Algo processual.*

**TAO4:** *Independente de qual seja o tipo de tradução, a intermodal apresenta diferenças, já que a modalidade é distinta, do texto escrito para a Libras. A forma de registro também é diferenciada, se for ambos em textos escritos, sendo registrada no papel, o que torna mais fácil, por exemplo. Na tradução da Libras para o Português escrito é preciso saber a quarta competência que mencionei, a técnica, na qual todos os detalhes da edição, da gravação deva*

*ser levada em conta. Na tradução intramodal sempre será importante a cultura, o público. A intermodalidade demanda maior acurácia visual e corporal.*

**TAS5:** *O conhecimento a esse processo é como eu comentei anteriormente, considerando a importância da fluência.*

*(a pesquisadora intervém dizendo que é para explicar sobre a tradução intermodal, o que é) É de uma língua para outra com modalidades distintas. Por exemplo, Libras para a escrita. Língua de Sinais para língua escrita ou vice-versa. Se for um texto escrito para outro escrito, possuem a mesma modalidade, sendo intramodal. Oral/vocal para oral/vocal também. Não, essa seria a interpretação em vocalização, e tradução escrita.*

**TAO6:** *Pesquisas e estudos sobre o trabalho da tradução de Libras em vídeo para o Português escrito ou vice-versa dizem que são processos intermodais, pois lidam com duas modalidades diferentes. Lembra, é havia dito que o principal desafio para mim é a modalidade. O Português é uma língua de modalidade oral-auditiva e a Libras de modalidade visual-gestual, além da modalidade de uso das línguas, sendo uma escrita e a outra em registro de vídeo. O Carlos Rodrigues<sup>47</sup> tem artigos com pesquisas que abordam essa temática e também a competência tradutória intermodal. A Ronice Quadros<sup>48</sup> e o Rimar Segala<sup>49</sup> também comentam, principalmente o Rimar em sua dissertação defendida há muitos anos a respeito da tradução intermodal. A explicação do processo é essa, além das línguas de modalidades diferentes, o registro delas também é distinto. Intramodalidade seria as duas línguas em registro escrito.*

---

<sup>47</sup> Carlos Henrique Rodrigues, professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>48</sup> Ronice Muller de Quadros, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>49</sup> Rimar Ramalho Segala, professor surdo e pesquisador da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

### ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO NO ELAN OS TEXTOS ALVOS (GLOSAS) DA TRADUÇÃO DAS DUPLAS:

#### 1) DUPLA A – TAS1:

TEMA · RESUMO · TRADUÇÃO · LITERATURA · VÁRIOS · FOCO · LIBRAS · SOBRE · PRINCIPAL · 2X ANTROPOMORFISMO · A-N-T-R-O-P-O-R-F-I-S-M-O · SINAL · ANTROPORFISMO · (PAUSA) · AUTORA · PESSOA · B-E-T-T-Y-L-O-P-E-S · SINAL · (sinal Betty) · (PAUSA) · RESUMO · PROPOSTA · APROVAR · CONGRESSO · TRADUÇÃO · INTERPRETAÇÃO · AQUI (UFSC) · ANO · 2014 · MOSTRAR · PESQUISA · APRESENTAR · O QUE? · SOBRE · HOJE · (PAUSA) · VIVO · HOJE · BRASIL · AQUI · EU · EDUCAÇÃO · SURDO · IX (APONTAR ESSE) · DENTRO · TER · PERSPECTIVA · DENTRO · EDUCAÇÃO · BILÍNGUE · PRINCIPAL · (PAUSA) · DENTRO · EDUCAÇÃO · SURDO · TER · DESAFIO (repetir mais vezes) · (PAUSA) · PARA MIM · PESQUISA · ESCOLHER · UM · DESAFIO · PRINCIPAL · SOBRE · O QUE? · MATERIAL · DIDÁTICO · (PAUSA) · DENTRO · MATERIAL · DIDÁTICO · TER · ESCOLHER (repetir mais vezes) · PRINCIPAL · LITERATURA · INFANTIL · (PAUSA) · IX (APONTAR ESSE) · IX (APONTAR QUATRO DEDOS) · IX (APONTAR PRIMEIRO DEDO INDICADOR) · ARTE · F-A-B-U-L-A-S · IX (APONTAR SEGUNDO DEDO) · C-O-N-T-O · CONTO · RESUMIDO · IX (APONTAR TERCEIRO DEDO) · POESIA · P-O-E-S-I-A · IX (APONTAR QUARTO DEDO) · NARRATIVA (MESMO SINAL DE CONTO) · N-A-R-R-A-T-I-V-A · IX (APONTAR QUATRO DEDOS) · PRINCIPAL · CONTEXTO · ÁREA · INFANTIL · SURDA · SABER · LIBRAS · TAMBÉM · CONHECIMENTO · ÁREA · LITERATURA · (PAUSA) · LITERATURA · SURDA · CRESCER MAIS (lado a lado) · IMPORTANTE · COMUNIDADE · SURDA · IX (APONTAR ESSE) · ÁREA · POR CAUSA · AUTONOMIA OU PRÓPRIA · TECNOLOGIA · TECNOLOGIA (repetir 2x) · FILMAGEM · LIBRAS (apresentação corporal) · FILMAGEM · TER · IX (APONTAR ESSE) · ABRIR · ESPAÇO · PESSOAS (2x) · ACADÊMICAS · LINGUISTICA · TRADUÇÃO · PESQUISAR · LITERATURA · ÁREA · SURDA · POR ISSO · FILMAR VIDEO · IX (APONTAR VÍDEO) · (PAUSA) · PRODUZIR · VÁRIOS · VÍDEOS · ÁREA · PESSOAS (2x) · CONSEGUIR · PESQUISA · PRINCIPAL · O QUE? · VÍDEOS · TRADUÇÃO (vídeos traduzidos) · PESQUISAR · O QUE? · PESSOAS (mais vezes) · TRADUTORES · SURDOS · FILMAR VÍDEO · LIBRAS (apresentação corporal) · (PAUSA) · ÁREA · PESSOAS · CONSEGUIR · PESQUISA · PESSOAS (mais vezes) · SURDOS · TRADUTORES · PESQUISAR · PRINCIPAL · O QUE? · COMO · USAR · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO · (PAUSA) · ENTÃO · ESCOLHER (repetir 3x) · TRÊS · VÍDEOS · IX (APONTAR) TRÊS DIFERENTES · MAS · MESMO · TEMA · F-A-B-U-L-A-S · (PAUSA) · TEMA

· NOME · TRÊS · PORCOS · (PAUSA) · VÍDEOS · IX (APONTAR) TRÊS · CADA (repetir 3x cada dedo) · IX (APONTAR PRIMEIRO DEDO) · EMPRESA · LSB · ANO · 1999 · IX (APONTAR SEGUNDO DEDO) · INES · I-N-E-S · ANO · 2007 · IX (APONTAR TERCEIRO DEDO) · YOUTUBE · Y-O-U-T-U-B-E · ANO · 2011 · (PAUSA) · ANALISAR · TRÊS · IX (APONTAR) TRÊS · VÍDEOS · TER · CONTEXTO OU LIGADO · TEORIA · BÁSICA · PESQUISA · ESTUDOS (repetir 3x) · SOBRE · ANTROPOMORFISMO · PESSOA QUEM? · AUTORA · S-U-T-T-O-N · S-U-T-T-O-N -- S-P-E-N-C-E · IX (APONTAR SEGUNDO DEDO) · N-A-P-O-L-I · ANO · 2010 · PESSOAS · DUAS · TEORIA · PODER · AJUDAR-ME · PESQUISA · METODOLÓGICA · (PAUSA) · TRÊS · VÍDEOS (repetir 3x) · MESMO · TEMA · TRÊS · PORCOS · HISTÓRIA · TER · QUATRO · P-E-R-S-O-N-A-G-E-N-S IX (APONTAR) QUATRO DEDOS · IX (APONTAR PRIMEIRO) PORCO · IX (APONTAR SEGUNDO) PORCO · IX (APONTAR TERCEIRO) PORCO · IX (APONTAR QUARTO) LOBO MAU · IX (APONTAR TODOS) QUATRO · CENA (repetir 3x) · VÍDEOS (repetir 3x) · METODOLOGIA · COMO? · COMPARAR (repetir 3x) · CADA (repetir mais vezes) · PESSOAS (3x) · TRADUTORES · SURDOS · USAR · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO (INCORPORAR) · CADA (repetir 2x) · DIFERENTE (repetir 3x) · (PAUSA) · VÍDEO · IX (APONTAR) TRÊS · ÚLTIMO · IX (APONTAR TERCEIRO) · PERSONAGENS (3x) · P-E-R-S-O-N-A-G-E-N-S (+ sinal) · ADAPTAR · ANTROPOMORFISMO (INCORPORAR) · JEITO · PRÓPRIO · SURDO · CULTURA · SURDA · FLUENTE LIBRAS · COSTUME · SURDO · PRÓPRIO · (PAUSA) · CONCLUSÃO · ANÁLISE · PERCEBER · POSSÍVEL · TRADUTOR · SURDO · TER · XXX (LEQUE - VÁRIOS) · ESTRATÉGIA · USO · ANTROPOMORFISMO · POR CAUSA · JEITO · CULTURA · SURDA · TAMBÉM · COMPLEMENTAR · ANOS (ANTES ATÉ HOJE) · EXPERIÊNCIAS · PRÓPRIA · CULTURA · SURDA · (PAUSA) ·

## 2) DUPLA B – TRADUTOR TAO3:

TEMA · (PAUSA) · LIVRO · LITERATURA · TRADUZIR · LIBRAS · (PAUSA) · FOCO · TEMA · A-N-T-R-O-P-O-M-O-R-F-I-S-M-O · (PAUSA) · AUTONOMIA · AUTORA · NOME · B-E-T-T-Y L-O-P-E-S D-E L-A-S-T-O-R-I-N-A A-N-D-R-A-D-E · SINAL · (sinal Betty) · (PAUSA) · UFSC · (PAUSA) · RESUMO · (PAUSA) · HOJE · BRASIL · XXX (direcionar) · EDUCAÇÃO · SURDO · PERSPECTIVA · EDUCAÇÃO · BILÍNGUE · PORTUGUÊS · LIBRAS · (PAUSA) · CAMINHAR/DIRECIONAR · DEL@ · PROPOSTA · DAR · CONGRESSO NACIONAL (BRASÍLIA) · APROVAÇÃO · (PAUSA) · DESAFIO · ÁREA · EDUCAÇÃO · SURDO · PLANEJAR · MATERIAL · DIDÁTICO · CONSEGUIR · DAR · CRIANÇA · SURDA · ADQUIRIR · CONHECIMENTO · JÁ · PRONTO · L1 · LIBRAS · DELA (criança surda) · (PAUSA) · MATERIAIS (repetir mais vezes) · DIDÁTICOS (repetir mais vezes) · VÁRIOS · TER · LIVRO · LITERATURA · PRÓPRIO · INFANTIL · TRADUZIDOS · XXX (obras) · EXEMPLO · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO ·

NARRATIVA · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · NARRATIVA C-O-N-T-O · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · FÁBULA · IX (APONTAR) QUARTO DEDO · POESIA · (PAUSA) · LITERATURA · SURDA · CRESCER mais/ AUMENTAR · COMUNIDADE · SURDA · APROVEITAR · PORQUE · TECNOLOGIA · AVANÇADA · DAR · VÍDEOS (repetir mais) · REGISTROS · APOIAR · PESQUISA · ACADÊMICA · ÁREA · LINGUÍSTICA · TAMBÉM · ESTUDOS · TRADUÇÃO · (PAUSA) · VÍDEOS · LIBRAS · POSSÍVEL · INVESTIGAR · TRADUÇÃO · LIBRAS · COMO · USAR · ESTRATÉGIA · A-N-T-R-O-P-O-M-O-R-F-I-S-M-O · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO (antropomorfismo) · AUTONOMIA · PESSOA · SURDA · TRADUTOR/ ATOR (sinalizou "tradutor" barra "ator") · (PAUSA) · AGORA · PESQUISA · ANALISAR · MATERIAL · SOBRE · FÁBULA · TRÊS · PORCOS · TRADUZIR · VÍDEO · IX (APONTAR) TRÊS · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · LSB · ANO · 1999 · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · INES · ANO · 2007 · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · YOUTUBE · ANO · 2011 · (PAUSA) · MATERIAL · VÍDEO · IX (APONTAR) TRÊS · ANÁLISES · PORQUE · PESQUISA · OBJETIVO · INVESTIGAR · COMO · LITERATURA · LIBRAS · PROPRIA · INFANTIL · DESCOBRIR · COMO · USAR · ESTRATÉGIA · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · AUTONOMA · PESSOA · SURDA · TRADUTOR/ ATOR · (PAUSA) · METODOLOGIA · COMO? · VÍDEO · ASSISTIR CENAS · ESTUDAR · DETALHES · TER · PERSONAGENS · IX (APONTAR) TRÊS · PORCOS · IX (APONTAR) QUARTO DEDO · LOBO MAU · QUER · SABER · COMO? · VÍDEO · IX (APONTAR) TRÊS · DIFERENTES (repetir 3 x de cima para baixo) · USAR · ESTRATÉGIA · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · AUTONOMA · PESSOA · SURDA · TRADUTOR/ ATOR · (PAUSA) · TAMBÉM · ÚLTIMO · VÍDEO · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · FOCO · TER · DIFERENÇA · O QUE? · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · PRÓPRIA · CULTURA · S-E-R · SURDO · TER · IX (APONTAR DEDOS NA MÃO) VÁRIOS · ACRÉSCIMO · O QUE? · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · COMPORTAMENTO · SURDO · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · LIBRAS · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · TRADIÇÃO · SURDO · (PAUSA) · AGORA · PESQUISA · BASE · TEORIA · PESQUISAR · SOBRE · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · DEL@S · PESSOA (repetir 2x) · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · S-U-T-T-O-N S-P-E-N-C-E · (sinal Sutton-Spence) · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · N-A-P-O-L-I · ANO · 2010 · (PAUSA) · ANALISAR · COMO · USAR · ESTRATÉGIA · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · AUTONOMA · PESSOA · SURDA · TRADUTOR/ ATOR · CONSEGUIR · PERCEBER · COMO · POSSÍVEL · USAR · ESTRATÉGIA · VÁRIOS (LEQUE) · PRÓPRIO · ANIMAL+INCORPORAR+HUMANO · CULTURA · S-E-R · SURDO · TAMBÉM · COMO · PESSOAS (repetir 3x) · SURDO · TRADUTOR/ ATOR · CONSEGUIR · EXPERIÊNCIAS · MUITO ANOS (ANTES ATÉ HOJE) · PRODUZIR (apresentação corporal). · (PAUSA)

### 3) DUPLA C – TRADUTORA TAS5:

TEMA · (PAUSA) · TRADUÇÃO · VÁRIOS · LITERATURA · LIBRAS · FOCO · A-N-T-R-O-P-O-M-O-R-F-I-S-M-O · SINAL · ANTROPOMORFISMO · (PAUSA) · AUTONOMA · AUTORA · PESSOA · MULHER · NOME · B-E-T-T-Y L-O-P-E-S L"A-S-T-O-R-I-N-A D-E A-N-D-R-A-D-E · SINAL · (sinal Betty) · CONTEXTO · UFSC · (PAUSA) · TEMA · RESUMO · (PAUSA) · HOJE · BRASIL · EDUCAÇÃO · SURDO · CAMINHAR · FOCO · EDUCAÇÃO BILÍNGUE · O QUE? · PORTUGUÊS · LIBRAS · IX (APONTAR ESSE) · PROPOSTA · JÁ · APROVAR · PASSADO · DENTRO · CONGRESSO NACIONAL · LÁ · BRASÍLIA · (PAUSA) · EDUCAÇÃO · SURDO · TER · IX (APONTAR) TODOS DEDOS DA MÃO · DESAFIOS · UM · ÁREA · MATERIAL · DIDÁTICO · AJUDAR · DESENVOLVER · INTERAÇÃO · CRIANÇAS · SURDAS · ADQUIRIR · CONHECER · COISAS/ VÁRIOS · JÁ · EXPERIÊNCIA · VIVIDA · DENTRO · PRÓPRIO · DEL@ · LÍNGUA · (PAUSA) · MATERIAL · DIDÁTICO · DENTRO · TER · VÁRIOS · LITERATURA · SURDA · IX (APONTAR ESSE) · ADAPTAR · PORTUGUÊS · ADPTADO · LIBRAS · EXEMPLO · IX (APONTAR) QUATRO DEDOS · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · N-A-R-R-A-T-I-V-A · SINAL · NARRATIVA · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · C-O-N-T-O · SINAL · HISTÓRIA+NARRATIVA (CONTO) · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · F-A-B-U-L-A-S · IX (APONTAR) QUARTO DEDO · P-O-E-S-I-A-S · SINAL · POESIA · (PAUSA) · LITERATURA · SURDA · DESENVOLVER · CRESCER/AUMENTAR · DENTRO · COMUNIDADE · SURDA · POR CAUSA · TECNOLOGIA · AVANÇADA · TAMBÉM · GRAVAR · VÍDEOS (repetir mais) · REGISTROS · (PAUSA) · IX (APONTAR ESSE) · AJUDAR · ÁREA · PESQUISA · ACADÊMICA · POSSÍVEL · PERCEBER · LIGADO/ CONECTADO · ÁREA · LINGUÍSTICA · TAMBÉM · CONECTADO · ÁREA · ESTUDOS · TRADUÇÃO · (PAUSA) · POR CAUSA · IX (APONTAR ESSE) · CRIAR (repetir 2x) · VÍDEOS · AJUDAR · PESQUISAS (repetir mais vezes) · MAIS · FOCO · PESSOAS (3x) · TRADUTORES/ ATORES · SURDO · COMO · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO · (PAUSA) · FOCO · PRÓPRIA · PESQUISA · ANALISAR · VÍDEO · F-A-B-U-L-A · TEMA · TRÊS · PORCOS · TER · IX (APONTAR) TRÊS · VÍDEOS (repetir 3x) · IX (APONTAR) TRÊS · IX (APONTAR) PRIMEIRO DEDO · L-S-B · ANO · 1999 · IX (APONTAR) SEGUNDO DEDO · INES · ANO · 2007 · IX (APONTAR) TERCEIRO DEDO · YOUTUBE · ANO · 2011 · (PAUSA) · OBJETIVO · ANÁLISE · IX (APONTAR) TRES · VÍDEOS · QUAL? · (PAUSA) · PESQUISAR · DENTRO · VÍDEO · LIBRAS · VÁRIOS · LITERATURA · INFANTIL · PERCEBER · PESSOAS (3x) · TRADUTORES/ ATORES · SURDO · COMO · ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO · (PAUSA) · METODOLOGIA · COMO? · (PAUSA) · IX (APONTAR) TRÊS · VÍDEOS · (PAUSA) · VÍDEO · L-S-B · VÍDEO · INES · VÍDEO · YOUTUBE · ANALISAR · DETALHES · COMO · PESSOAS (3x) · TRADUTORES/ ATORES · SURDO · COMO · ESTRATÉGIA ·

ANTROPOMORFISMO · IX (APONTAR) QUATRO DEDOS · PERSONAGENS ·  
DENTRO · HISTÓRIA · (PAUSA) · QUATRO, IX (APONTAR) TRÊS PRIMEIRO ·  
PORCOS · IX (APONTAR) QUARTO DEDO · LOBO MAU · (PAUSA) · ÚLTIMO ·  
VÍDEO · YOUTUBE · TER · IX (APONTAR) QUATRO DEDOS · PERSONAGENS ·  
MAIS · FOCO · ANTROPOMORFISMO · CULTURAL · PRÓPRIA · IDENTIDADE  
· SER (SINAL) · SURDO · (PAUSA) · TER · IX (APONTAR) CADA DEDO NA MÃO  
· EXEMPLO · SURDO · COMPORTAMENTO · LIBRAS · TAMBÉM · TRADIÇÃO  
· SURDO · (PAUSA) · BASE · TEORIA · PRÓPRIA · PESQUISA · PESSOAS (2x)  
· AUTORAS · IX (APONTAR) PRIMEIRO · S-U-T-T-O-N S-P-E-N-C-E · SINAL ·  
(sinal Sutton-Spence) · IX (APONTAR) SEGUNDO · JUNTO · N-A-P-O-L-I · SINAL ·  
(sinal Napoli) · ANO · 2010 · (PAUSA) · IX (APONTAR) DUAS AUTORAS ·  
ESTUDAR · PROFUNDO · ANTROPOMORFISMO · (PAUSA) · IX (APONTAR ESSE)  
· ANALISAR · PESSOAS (3x) · TRADUTORES/ ATORES · SURDO · COMO ·  
ESTRATÉGIA · ANTROPOMORFISMO · AJUDAR · PERCEPÇÃO · POSSÍVEL ·  
ABRIR · USAR · ANTROPOMORFISMO · SER (SINAL) · SURDO · CULTURA ·  
TAMBÉM · AJUDAR · INTERAÇÃO · OUTROS · PESSOAS (2X) · TRADUTORES/  
ATORES · SURDO · POR CAUSA · EXPERIÊNCIAS · DELES · CULTURA ·  
SURDA · (PAUSA) ·